



DO ABISMO ÀS ESTRELAS

DITADO PELO ESPÍRITO
VICTOR HUGO

DIVALDO P. FRANCO



DO ABISMO ÀS ESTRELAS

DITADO PELO ESPÍRITO
VICTOR HUGO

DIVALDO P. FRANCO

Franco, Divaldo Pereira, 1927-F825 Do abismo às estrelas, pelo espírito Victor Hugo. Capa de Álvaro Borges. Salvador, Liv. Espírita Alvorada, 1975.

323 p 18,5cm.

1. Espiritismo II. Título

I. Hugo, Victor, CDD: 133.9

DIVALDO P. FRANCO

Do Abismo às Estrelas

Pelo Espírito VICTOR HUGO

Capa de Álvaro Borges

Livraria Espírita "Alvorada" — Editora C.G.C.(M.F.) 15176233/0004-60 - I. E. n.º 05007694-9

SALVADOR - BAHIA 19 7 5 I.º edição

Do I.º ao 15.º milheiro

PREFÁCIO

No momento em que a eutanásia é justificada por eminentes sacerdotes da Medicina, ganhando manchetes sensacionalistas nos periódicos do mundo; durante a vigência de leis que legalizam o aborto em diversos países civilizados da Terra; quando a França encaminha ao Senado um projeto para a interrupção legal da gestação até dez semanas após a concepção sob o aplauso da Câmara dos Deputados e o entusiasmo de homens e mulheres ilustres, revogando a Lei de 1920 que o condenava, e favorecendo o infanticídio; diante da audácia humana que pretende negar à posteridade o direito de nascer ou de renascer na escola terrena, é impossível silenciar as consequências que defluem de tais ignóbeis atitudes, desgraçando os seus autores antes como depois da desencarnação.

Amordaçar a verdade é compactuar com o crime e a mentira.

Aplaudir o erro somente porque este recebe o transitório aval dos homens significa conspurcar a dignidade individual e enxovalhar a inteligência e a cultura da Humanidade.

Por tais razões escrevemos este livro, pensando nos milhões de criaturas que derrapam na direção de graves, desditosos compromissos por falta de advertência oportuna e de segura diretriz a fim de que perseverem no áspero e reto cumprimento dos deveres em relação a si mesmos, à sociedade e à vida.

A quantos se encontram em tal encruzilhada de incertezas e indecisões dedicamos esta Obra.

Victor Hugo

Salvador (Ba.)/ — Natal — 25 de dezembro de 1974

Todos os asteriscos pertencem ao Autor espiritual — Nota da Editora.

PRIMEIRA PARTE

1 SUZETTE-SARA NA ATORMENTADA BUSCA DO CAMINHO DA PAZ

Deixou-se envolver a pouco e pouco. O silêncio penetrou-a lentamente qual se fora um unguento calmante, um bálsamo que a lucilava, fazendo-a experimentar as sensações quase esquecidas de bem-estar da infância louçã que ficara no passado distante.

A nave, habitualmente regorgitante, estava se-mi-deserta, e, não obstante fosse agosto, lufadas frias inabituais sopravam, amarelecendo nos *boulevards* e avenidas as folhas dos velhos castanheiros.

Poucos círios oscilavam débeis luzes nos diversos altares espalhados pela grandiosa Igreja gótica, ora mergulhada em sombras. As imensas rosáceas

não coavam qualquer luminosidade de fora, embora o colorido forte das suas combinações ostentando arte e beleza.

Notre Dame, qual oásis miraculosamente encravado na agitação da *Ile de la cité*, tão próxima à movimentação agitada de *Saint Germain* e seu *Quartier Latin* pela *Pont au Double* e do outro lado do *Hôtel de Ville* pela *pont D'Arcole*, continuava fitando o Palácio da Justiça sombreado pela fuligem dos tempos, significando, no interior do Templo, uma resposta da Fé ao angustiado coração humano.

Às vésperas, as homenagens atraíram àquele nicho as ansiedades de verdadeira multidão de fieis esfaimados por milagres, no torvelinho das mil dores em que se vergastam. A figura esculpida na face de pedra trabalhada, fria e serena, parecia tudo ver, ouvir, compreender em silêncio, levando discretamente aos Ouvidos Divinos os murmúrios dos pedidos, das queixas, das imprecações, sublime intercessor que se fizera em torno das misérias dos seus amados que, jungidos à canga da amargura, se arrastavam na Terra...

Em verdade, somente a devoção ao *Saint Curé D'Ars*¹ a atraía até ali. Nos últimos tempos, preferia, a oração na *Madeleine*, porque, talvez, a antiga atormentada de Magdala, com quem tanto se parecia, a compreendesse melhor, no aflitivo tumulto espiritual em que se agitava, semi-aniquilada.

Acompanhava o deperhecimento das forças, cada dia mais velozmente, resignada, com essa resignação dos que, na desdita, encontram forças para redimir-se, sorvendo o cálice de fel que reconhecem merecer até a última gota...

Cria, sim, reflexionava, na vida mortal. Lamentavelmente despertara mui tarde. . .

As sombras lá fora tornavam o céu de Paris mais cinzento, no tom plúmbeo dos dias outonais, que, todavia, ainda não haviam chegado, mas que se precipitavam antes da época.

Precisava refletir muito, mergulhar nas águas que passavam por baixo das rodas dos moinhos da vida e agora eram só memórias.

Miraculoso poder das recordações! — pensou.

Tudo absorve para devolver repentina, inesperadamente.

Fosse-lhe possível, abriria a alma ao Santo Vianney, o abnegado pastor de quantas mil almas!

Suas apreensões eram garras afiadas que a despedaçavam intimamente. Ambicionava gritar seus remorsos, esses verdugos aos quais o calceta não se pode evadir, por conduzi-los algemados aos painéis das torpes evocações.

Enxugou a lágrima discreta — cristal derretido que escapara do oceano represado da alma, pelo ca-nalículo dos olhos. O lenço de renda em *point, d'Alençon* delicado umedeceu-se, e ela o fitou... Aqueles dedos magros, nodosos, não retratavam, é certo, não diziam das vozes que ficaram abafadas pela sua áspera constrição. Pareciam débeis, e o eram, agora que estavam vencidos pela enfermidade pertinaz que a finava.

Tinha tanto a pensar e não podia concatenar as ideias !

O carrilhão soou a voz de bronze na torre, pés descuidados caminharam ruidosos em volta, ela se agitou, e logo após se recolheu, mergulhando nova-

mente no silêncio, no solilóquio auto-punitivo, desesperado.

Salvai-me ! — bradou de dentro da alma, — Santo *Curé d'Ars!* Ajudai-me, agora, quando eu creio, a reparar, pelo menos a reparar... Essas vossas mãos que abriram olhos fechados e acionaram membros hirtos, que retificaram corpos e almas aturdidos, quais ovelhas tresmalhadas que volveram ao redil, tomai-me, também, e conduzi-me !...

“Em verdade — justificava-se em agonia interior, perante a consciência ora severa, ora compreensiva — eu ignorava a gravidade de todos os meus delitos.”

Logo, todavia, retificou, na dorida reflexão: “Pode alguém dizer que ignora as Leis de Deus?” Sabia que não. Não que as ignorasse; resolvera, desdenhá-las, e, na loucura que a dominava inexorável, permitiu-se

transformar em juiz e carrasco, nunca oferecendo oportunidade à defesa ou mesmo à justificação por parte daquelas suas vítimas em potencial, sem recursos que lhe impedissem praticar crimes contínuos...

A imponderável Justiça de Deus está inscrita no altar de cada consciência, e, mesmo que pareça adormecida ou coberta pelo pó do olvido voluntário, dia surgirá em que assoma das névoas, da poeira e brilha dominadora.

Foi arrancada do solilóquio. Alguém ensaiava no venerável Órgão. Os tubos vibraram no ar, enchendo toda a Igreja de melodia. Acompanhou a música envolvente como se fosse um aroma delicado que flutuasse nos rios do vento e a impregnasse.

A música divina — refletiu — captada pela inspiração dos gênios, não deixa de ser a palavra de

Deus em convite ao homem para conquistar as dúl-cidas regiões da paz.

Lembrou-se, então, do lar distante, do velho castelo quase debruçado sobre o *Loire* preguiçoso, de margens verdes, terra fértil e escura, onde o perfume na atmosfera tinha regime de preferência.

Sem o perceber, saiu pelo pensamento conduzida pelas notas harmoniosas que vibravam sublimes.

Suzette-Sara ! — ouviu na tela mental.

Era a babá bretã que a buscava nos jardins.

A memória desacorrentou recordações e os painéis da infância voltaram à atualidade.

Menina feliz brincava entre os caramanchões e corria nos labirintos de mirtos podados entre o rio e o pátio das carruagens. A música vinha de dentro do lar, vibrando no piano pelos dedos de sua mãe, repetindo sonatas...

— Suzette-Sara!

Assustou-se, e a realidade da Igreja voltou a dominá-la.

Estava perturbada.

A mente se debatia na busca de uma rota que a levasse à paz.

Dom precioso a paz! — voltou a reflexionar. — Somente pode ser valorizada com devido carinho quando se deixa de possuí-la.

Ergueu a cabeça novamente.

A estátua do *Curé d'Ars*, doce e grave, fixava-a com olhar de pedra quase humano.

Doíam-lhe os joelhos. Só então percebeu que estivera em atitude de humilde súplica. Sentou-se e procurou restabelecer a conversação ao som da “Missa

em si menor”, de Bach, que estava sendo ensaiada no Órgão enquanto o coro exercitava as muitas vozes. As notas fluíam do instrumento e das gargantas como harmonias angélicas, transcendentais, dominando todo o espaço do Templo.

A reflexão deve, necessita ser trabalhada. Indispensável exercitar-se.

Não obstante, as grandes dores possuem o poder de precipitar o homem no país silencioso das meditações, qual se fossem alavancas da Divindade para ensejarem ao réprobo o diálogo almejado que precede a decisão última.

Realmente penetrada pela quietude interior, Su-zette-Sara, mais concentrada, adentrou-se na demorada meditação de cujo labor esperava extrair a paz que ambicionava.

Agora que os anos se dobraram incessantes, contínuos, podia verificar como voaram céleres.

Repassando os fatos, que antes se lhe afiguraram demorados, pode experimentar a antevisão da morte, que consegue, como hábil artista, fazer que retornem às paisagens da consciência os miríades de acontecimentos que permanecem esquecidos na sub-consciência, produzindo, quando infelizes, a tragédia intraduzível dos remorsos que infernizam os momentos finais do moribundo, e, quando ditosos, antecipam a ventura do Paraíso.

Verdade é que, no momento, o passado de dores, ansiedades e lutas, lutas acirradas para triunfar, que lhe custaram o alto preço de mil agonias esmagadas ferreamente, se lhe afigurava fúnebre cortejo de fugazes valores.

Sentia-se infeliz, e, sem dúvida, o era.

★

Despertar para a verdade é conduzir o ônus do esclarecimento em forma de fardo. A verdade que liberta, facultando a harmonia da esperança, quando estabelecida em definitivo, inicialmente se afigura e surge constrictiva, tormentosa. Mudança radical de conceitos íntimos e hábitos, impõe vigorosa dieta disciplinante, e, em consequência, duros condicionamentos. Conhecê-la é sofrer, vivê-la significa arrostar imprevisíveis tributos que não podem ser negaceados sob qualquer pretexto.

Parte integrante dos hábitos pretéritos que constituem uma sociedade acomodaticia, arbitraria, ambiciosa, resultante de estruturas ficticias, o homem que empreende o rigoroso programa de lóbrigar a verdade transforma-se em motivo de grave cometi-mento sob as fortes pressões do meio — de fora para dentro — e de si mesmo — nas lutas a travar de dentro para fora.

Cultuando-a, não é factível preservar sequer os resquícios das posições antigas nem permitido con-sorciar as diretrizes novas com as disposições passadas.

Conhecer a verdade é possuir a vida nas rodas incessantes das contínuas transformações sob a angústia de conviver com os que a ignoram, ou preferem desdenhá-la, não, porém, ser-lhes igual, diversificados pelas disposições íntimas.

A verdade tardia, semelhante a ácido na consciência, requeima as memórias nefastas, mas, igual a incêndio renovador, após a destruição do campo pestilento, prepara a paisagem para a primavera da paz.

Somente quando o homem experimenta um grande impacto de amor ou de sofrimento, em êxtase de ventura ou mergulho de aflição, pode escolher, resolver-se a tudo abandonar para recomeçar sob

novos prismas, alicerçando a vida sobre as bases da lúdima decisão de crescer sob qualquer contributo de renúncia.

A verdade, também, é expressão da vida autêntica.

Costuma-se dizer que cada criatura possui a sua verdade. Há, porém, indubitavelmente, a verdade de todos: edificar para a realidade inalterável que é Deus, sob qualquer denominação que se Lhe dê.

★

Pensava nisso, e o demorado cismar era um cravo impedindo a respiração equilibrada e rítmica da orante. Sim, porque refletindo, Suzette-Sara fazia aquela prece que é busca interior, despida de quaisquer atavios do suborno humano, em atitude de nudez legítima aos olhos do seu Senhor.

Sabia o significado da vida que a morte não interrompe nem faz cessar, e temia. Temia-a, porém, por consciência do conhecimento imortal. Enquanto a ignorava, permitia-se asfixiar na ilusão, mergu-lhando-se no fosso profundo das dissipações. Legitimamente, em toda a alucinação de que fora vítima demorada, sabia que se equivocava por desejo natural de adiar a realidade. Ópio cruel, a frivolidade corrompe, enovelando, em ondas de fantasia embriaga-dora que logo se diluem ao império do tempo inflexível, persistente, aquele que lhe cai na rede.

Lutara tenazmente para não aceitar o convite da vida, que jamais silenciou a voz no âmago da consciência — Deus presente em cada criatura!

Amargurada por sucessivas provações, fora-lhe mais viável sucumbir do que lutar, sendo-lhe agora exigido, então, lutar para não sucumbir.

Considerava a morte antes um alívio, uma libertação, ao tempo em que se acomodava aos conceitos materialistas-utilitaristas. Enquanto estudava, conhecera o pensamento de Ernesto Haeckel e nele encontrou cômoda muleta para a ingente ambição de conseguir um tóxico para anular a razão e um vapor anestesiante para a consciência, ante os impositivos das necessidades futuras.

Não se fizera, todavia, consciente em torno do aniquilamento do Espírito, face à destruição do corpo.

Lera memoráveis monografias dos mestres do passado, enquanto na Universidade: Cláudio Bernard, Florens, Curvier, resolvendo-se preferir os fi-siologistas da temática do automatismo fisiológico como do psicológico e nada mais, o que equivale dizer os niilistas!

Nesse clima de cultura coeva e pretérita, a princípio com dificuldade, depois com quase cinismo, dei-xou-se corromper no corpo e na alma.

Depois. . . Ora, depois a vida fora-lhe severa como o é com todos aqueles que a dilapidam, exigindo a justa consideração que ninguém pode subestimar nem desconhecer.

— *Saint Curé d'Ars*, ajudai-me! — voltou a im-precar sem voz, na mente aturdida — Salvai-me! Eu creio e me afervoro. Como sobreviver no báratro em que sobrenado entre destroços e escombros?

As lágrimas abundantes não puderam mais ser contidas e prorrompeu em volumoso pranto.

— Acalme-se, amiga. Coragem! — Falou com doçura u'a mulher de meia idade que a observava, afastada e dela se acercara, delicada, compreensível.

— Eu sei, querida Angélique, retrucou, emocionada, que é indispensável ter paciência e fé, no entanto...

— Poderá haver um milagre — aludiu a inter-locutora —, não se desespere. Confie!

— Não é receio de morrer — asseverou —. Temo não estar em condição de partir... Desculpe--me, benfeitora gentil, desculpe-me.

Angélique a acompanhara à Igreja e quedara-se a distância.

O Templo é lugar de isolamento para a necessária comunhão com Deus, de soledade, a fim de se alcançar a plenitude.

Enfermeira, fizera-se-lhe amiga, digamos sem rebuços, verdadeira benfeitora. Eram suas forças, sua resistência, companheira fiel, eis tudo, ou pelo menos tentava sê-lo.

Muitas foram as circunstâncias que uniram as duas mulheres, ponderáveis fatores, ora irreversíveis.

Suzette dependia enormemente do seu auxílio e Angélique disputava ajudá-la em intercâmbio de confidências e tertúlias incessantes. Todavia, cada uma possuía o seu próprio mundo, esse insondável continente da alma que, mesmo ao desvelá-lo, é impossível fazê-lo integralmente, com clareza real.

Guardavam-se, permitiam-se algumas exceções confidenciais. Receavam-se, isto sim, receavam inconscientemente.

Há ansiedades do coração e abismos da alma que são insondáveis, inenarráveis.

— Vamos, Suzette, é noite. — Advertiu, sensata. — A hora é difícil para o tráfego e devemos che-

gar a casa antes de Julien. Partamos. Retornaremos na próxima semana a este recinto sagrado.

— É hora, sim, boa amiga, — concordou Suzette-Sara. — Não observei como transcorreu célere o tempo da oração...

Havia silêncio em redor. A noite se abatera sem preâmbulos. O vento frio soprava, murmurando triste cantilena.

Amparada, gentilmente, pela amiga, as duas acercaram-se da porta de Notre Dame e demandaram Paris...

2 O CHÂTEAU DE NIESEMBAUM

Suzette-Sara, dama *raffinée*, pertencente ao *grand-monde* parisiense, possuía personalidade forte e apurado gosto. Elegante por constituição estética, aos quarenta anos mantinha o porte altivo e sobranceiro, fruto da rígida educação recebida e das disciplinas espartanas a que se impunha. Os olhos ver-des-esmeralda se destacavam no rosto ovalado, bem proporcionado, sob a auréola dos cabelos louros muito cuidados, que

mantinham a aparência formosa, graças a habilidade de *coiffeurs* caprichosos.

Certamente já se lhe percebiam os sinais da debilidade orgânica decorrentes da enfermidade que a vencia com pertinácia, roubando-lhe a vida.

Doutora em Medicina pela Sorbonne, cuja profissão exercera por quase vinte anos consecutivos, sua capacidade em Obstetrícia e Ginecologia torna-ra-a conhecida no *tout Paris* da feminilidade e do *beau vivant*.

O consultório *confident* na *Avenue de Villiers*, próxima à Place du Brésil, recebia selecionada clientela, que se ufanava de frequentá-lo, graças a sua dedicação, compensada fartamente com estipêndios especiais, raramente declinados.

Sucedia, que, em cada paciente, havia um drama de dor e de falsa vergonha que ela sabia confortar, profissionalmente, liberando dos embaraços perturbadores as pessoas que lhe buscavam a ajuda, angustiadas, lacrimosas.

Sua personalidade *enchanteresse* arrancava do tresvario e do horror as mentes perturbadas, mediante um *sens psychologique* acentuado, que constituía a força da serenidade que sabia exteriorizar.

A convivência diária com as misérias humanas, consequentes das paixões mais acerbadas, que se escondiam na opulência nem sempre conseguida com brio, tornaram-na fria, enrijecendo-lhe o caráter, produzindo-lhe asco e desprezo por aqueles que deveria suportar.

Sorria, colorindo a face, com o sentimento destituído de emoções e escutava os lamentos com disfarçado enfado, que o tempo transformara em estado habitual.

Ambicionara o sacerdócio médico desde pequenina, e tombara irremessivelmente no desdém à profissão, que lhe era o incômodo *au jour le jour* da sobrevivência suntuosa a que se apegava.

Isto, sim, o poder, fascinava-a. Não tinha metas a perseguir, sem embargo a embriaguez dos sentidos, que se lhe tornara um móvel para não sucumbir

em definitivo. Aliás, havia outra razão para a luta, quiçá, a essencial, por ser legítima: Julien-Paul. Amava-o com o ardor de adolescente. E porque o amava até à própria consunção, sofria o látego da amargura, em forma de frustração impiedosa, de que não se conseguia evadir.

Fugindo à sua realidade interior, tentava com forças superlativas preencher o vazio íntimo com o supérfluo de fora, adquirindo adereços, valores, — tesouros para os dias aziagos das emergências infelizes, conforme justificava ao companheiro jovial, que também a amava —, preciosidades que a levavam aos antiquários, às pechinchas e ao “mercado das pulgas”. Esperava tropeçar em peças genuínas, antigas, raras, transformando, a pouco e pouco, o lar em museu.

A vã irrisão que a criatura agasalha: encher as mãos quando está vazio o coração; embebedar-se de ilusão para não acompanhar o claro sol da realidade, e, não obstante entontecido, enfrentar o ardente meio-dia, em refrega de torpe ressaca.

Afirmava seu *parvenu*², mediante aquisição de tapetes de *aubussons* de tonalidades várias, murais de *Lucart*, arrás preciosos, pendentes, mesitas de mármore encravado com gemas trabalhadas, consolos decorados com cristais *bacarat*, substituindo as inocentes *turlutaines*³ juvenis das éclogas, do piano, quando acompanhando, com gorgeios neniosos ou entusiastas, dúcidos ou vibrantes, os acordes que tão bem arrancava do teclado submisso, mediante os quais preenchia os dias, antes da desgraça que se abatera sobre o seu lar, quase destruindo-a...

★

Recuemos no tempo.

Suzette-Sara Furquet de Niesembaum nascera nas cercanias de Nantes, a formosa cidade construída sobre ilhas, no *Ligei• ou Loire Inferior*, onde viveram as tribos *Namnetes*, nos dias das Gálias gloriosas, que precederam as conquistas romanas.

Nantes fora o berço de santos, políticos, literatos, como Domiciano e Rogaciano, o antigo ministro Lamoricière... Ali vivera Ana, que ao se

consociar com Carlos VIII, trouxera para a França, como dote nupcial a Bretanha, em 1491, doação essa que passou a constituir-lhe o nome: Ana da Bretanha.

As margens do Loire, bordadas de *châteaux* diversos entre ulmeiros gigantes, bétulas formosas, freixos e vimeiros são um cartão-postal verde estu-ante da região. Abundando os *rosier-jacqueminot*, as centáureas, as silindras, o ar perenemente aromati-zado e sua Primavera colorida, são um poema de cor e beleza convidando à reflexão, à paz.

O château Niesebaum se erguia vetusto e nobre sobre gramínea salpicada de miosótis e *miguets* variegados, sobranceiro e dominador, enquanto jardins desenhados com caprichos geométricos se derramavam até as margens frescas do Líger.

Fora erguido no século XVI, havendo pertencido a abastada família protestante amparada desde o decreto de Henrique IV, em 13 de abril de 1598. (Edito de Nantes). Posteriormente, quando Luís XIV promulgou a lei de 17 de outubro de 1685, revogando o *Edito de Nantes* e Louvois, organizou as *Dragonadas*, que expulsaram cruelmente os huguenotes da Região, expatriando-os, — de cuja ação insólita resultaram prejuízos imensos para a Coroa e desastrosa política para o rei —, o *château* passou

por sucessivos proprietários até o fim do século XIX, quando Moysés-Felipe Furquet de Niesebaum e sua esposa Charlotte-Sara d'Aiglun de Niesebaum o adquiriram, transferindo-se da turbulência de Paris para a Região, em grande investimento na indústria de fiação, ora florescente.

O Sr. Niesebaum sofrerá dificuldades durante os dias vividos em Paris. Acionista de alto porte do Bnnco M., desesperara-se ante as árduas lutas políticas (jue vicejavam e se demoravam desde 1877, quando Mac Mahon organizou um ministério que deu a presidir ao duque de Broglie, dissolvendo a Assembleia e mandando proceder a novas eleições... Como em 1896 Charlotte-Sara com quem se consociara dois anos antes, estivesse em gestação, resolvera transferir-se para a amena e pacífica região do Loire, experimentando investir seus haveres em tentame novo sem os perigos habituais da Capital.

De ascendência israelita conhecia a insegurança e a incerteza. Aos quarenta anos sucumbira aos encantos de Charlotte, então, com vinte, igualmente descendente de judeus, iniciando um período de paz, que anelava com sofreguidão.

Quando se anunciava a aliança da França com a Rússia, em Paris, nascia, naquele 1897, a primogênita do casal, Suzette-Sara d'Aiglun Furquet de Niesenbaum.

Posteriormente, coroando as expectativas do pai, nasceu Michel, o varão ambicionado; depois, em feliz *délivrance*, Germaine e Nicole, constituindo um clã ditoso como base de felicidade.

Em clima de segurança emocional que a abas-tança propicia e sob o impositivo da fé religiosa vivida no lar pelas exigências dos genitores, Suzette-

Sara, tranquila e sonhadora, passou a infância entre os folguedos e os deveres, que preceptores contratados, com habilidade, ministravam no castelo, sob a rigorosa vigilância da mãe.

Os currículos de formação intelectual eram entremeados pelos estudos de piano, canto e declamação, que trabalhavam as crianças, formando-as para as atividades futuras.

Michel, não obstante a orientação dos mestres, era assistido pelo genitor, que esperava prepará-lo convenientemente para a prosperidade do clã, quando a morte viesse liberá-lo, na velhice que se acercava, continuando a fomentar a indústria em fase de prosperidade e a fortuna em multiplicação.

Germaine e Nicole seguiriam a diretriz da mãe, à semelhança do que ocorria a Suzette.

Tudo mais eram os sonhos róseos e o futuro promissor.

O *château* de Niesenbaum, entre músicas, poemas e sorrisos em lábios de mímio, numa *ronde feéri-que*, conhecia e fruía a felicidade terrena.

3 EM AGOSTO, O HORROR E A DESDITA

O ano de 1917 fora terrível para todos. A guerra, que espocara desde anos antes, apresentava saldos de dor e derrota imprevisíveis. O país vivia horas amaríssimas, nau sem rumo, quase destroçado. O derrotismo se expressava de forma insuportável, considerando os sucessivos e cruentos fracassos dos aliados nas frentes de batalha. Lutas políticas se sucediam, exaustivas, conforme a maneira de conduzir a guerra, de forma a dar-lhe rumos menos desastrosos. Nesse ínterim de dores e incertezas, o Presidente Poincaré escolheu o veterano Jorge Clemenceau, do Senado, para o posto de primeiro-ministro. Não obstante septuagenário, este dirigiu o país com jovem mão de ferro, facultando arbitrariedades e dando margem a abusos compreensíveis, porém lamentáveis e absurdos. Mandou executar os traidores reais e virtuais — e, em toda atividade que desborda para a intolerância, a infâmia asfixia a inocência e a astúcia confunde a ordem —, facultando vinganças pessoais de esbirros policiais impénitentes e chefetes ineptos quão venais. As prisões se abarrotavam de inimigos políticos e, para levantar a França do caos da desordem interna dominante, aos 76 anos promoveu uma campanha de soerguimento moral, como desde há muito não ocorria. Chamado a brios, o povo se movimentou, e sob severas leis o quadro nacional se modificou. Novos planos de ação bélica foram executados e colheram-se os primeiros frutos de es-pex-ança prenunciadora de melhores dias.

Suzette-Sara estudava em Paris.

Depois da instrução especializada no *Sacré Coeur de Marie* — onde fora acolhida com relutância e régios pagamentos, em considerando a sua ascendência israelita, no que se comprometia à submissão ao culto da “Fé Católica” — adentrou-se pela Universidade da Sorbonne com excelentes títulos de cultura, inteligência e inusitada ambição pelo ideal médico.

Apaixonada pela Fisiologia, amava ardentemente as experiências realizadas há pouco pelos mestres, e, tocada pela revolução *psicológica*, em tentativas exitosas nos hospitais de guerra, permanecia intrigada pelos mistérios da vida, que a levariam à Obstetrícia e Ginecologia com estudos animosos

pelos caminhos da Genética, da Embriologia, ensaiando passos no intrincado das origens e formas vivas do homem.

Cooperava, então, como outros estudantes, no esforço de guerra, nos hospitais de emergência, aspirando o ar aflitivo das circunstâncias, durante aqueles árduos dias.

As indústrias paternas, que floresceram aumentando a fortuna da família, estavam sofrendo aguerridas lutas. As pequenas fábricas tinham cerrado as portas e sobre o lar pairavam as ameaças dos abutres da desolação, da inquietude...

O genitor granjeara inimigos gratuitos e poderosos em face da sua origem. Caluniado reiteradas vezes pela ignorância bretã e perseguido pelo ódio gratuito da inveja, experimentou sabotagens nas fábricas repelidas com ânimo forte. Como não se submetesse ao talante clerical, fez-se detestado, e, não poucas vezes apodado entre dentes rilhados em bocas espume jante de ira.

O clã Niesembaum vivia recolhido ao feudo ditoso, fosse pela insegurança política, então, reinante, fosse pela formação moral-religiosa dos ancestrais.

O judeu daqueles dias, como o de outras épocas, mesmo quando suportado, era detestado pela ignorância social e pelo fanatismo instilado pelos clérigos e maus pastores que proliferam em todo lugar.

Quase sempre perseguido, no desdém de todos, sempre encontrou emulação para não sucumbir, sobrevivendo apegado às moedas e a tudo quanto represente fortuna, que faculte a vida nas ásperas circunstâncias das calamidades que sofre.

Os de Niesembaum não fugiam à regra. O clã era, também, o gueto de regozijo e de separação da convivência com os alienígenas.

Não obstante justo, Mr. Moysés-Felippe não chegava à generosidade que inspira simpatia. Austero em demasia, tornara-se introspectivo, o que dava margens aos azedos comentários da maledicência e do despeito. Invariavelmente trajando roupas escuras e pesadas, de *mahón*, embora os traços finos do rosto, o cavanhaque bem tratado, os zigomas salientes e os

olhos brilhantes, destacados de 1,80 de altura, raramente sorria, compondo uma *fades* que motivava suspeitas. Aliás, a má-vontade de quem espreita é sempre suspeitosa e sarcástica.

A família não comparecia às festas do povo, menos às atividades religiosas, o que era considerado heresia e grave desacato às pseudo-autoridades da Igreja.

O dinheiro comprava-lhes o conforto, não, porém, a paz nem a afeição cujos valores são a gratuidade espontânea e a fraternidade sincera.

Charlotte-Sara, a *suavité personifié*, era a mulher doce e nobre, meiga e severa de fala cetinosa e elegantes trajes adornados de passamanes delicados que lhe realçavam o gosto apurado. Corada, no rosto redondo, de cabelos louros, possuía olhos garços de rara tonalidade, como duas transparências de infinito. Toda ela transpirava delicadeza, suavidade, apesar da firmeza com que dirigia os labores domésticos.

As filhas gêmeas, verdadeiros alfenins, exigiam assistência constante, obrigando as amas a contínuas maratonas para resguardá-las de problemas, durante as traquinagens.

Michel retratava o pai nele desdobrado. Cabelos ruivos e olhar fulgurante, sofria a enfermidade da ambição. Não se interessava senão pelo que podia desdobrar em força e poder. Ágil e atleta, detestava os livros, embora não amasse os desportos, prati-cando-os, a intervalos, vivendo o clima de miséria das fábricas do genitor e esperando, sôfrego, o futuro.

Suzette-Sara herdara de Charlotte a beleza, não, porém, a fragilidade. Dominadora, fizera-se quase viril. Sonhava com o que queria e conseguia o que sonhava.

Auto-suficiente, não se fazia amar pelos vizinhos, pelo povilêu, pelo operariado, que, em grupo, guardava animosidade contra os de Niesembaum.

O operário, no consenso geral, valia, então, pouco mais que a ralé. As condições de trabalho penosas eram, também, as causas das mortes prematuras. Feitores e administradores vigilantes e frios diferiam pouco de

policiais selvagens, no trato com os que ganhavam a desgraça de ser-lhes subalternos.

À época, as condições sociais faziam o pano-de-- fundo para as tragédias, os horrores de que se acercavam.

Sim, era uma família especial, unida e forte, assinalada, porém...

Os cúmulos anunciadores da desventura estavam sendo carreados pelas mãos invisíveis do destino...

Com a subida de Clemenceau ao poder, os hábeis adversários do progresso, fâmulos dos interesses subalternos, entreteceram bem urdida trama e arrolaram Moysés-Felipe Furquet de Niesembaum entre os colaboracionistas, considerando suas raízes nos antepassados germânicos. Apontado como traidor e arranjadas diversas testemunhas entre os operários descontentes e bem aliciados, foi ele sumariamente arrojado ao cárcere, em condições piores do que a do bandido comum, execrado pelos criminosos vulgares e pela própria sorte a estes entregue.

Aumentando a infâmia da conspiração ambiciosa com sucessivas denúncias, menos de um mês após a prisão arbitrária, o sexagenário apareceu enforcado certa manhã, na cela coletiva, sem que se apurassem as versões de suicídio ou assassinato...

O crime jamais ficou esclarecido. Digamos, porém, sem rebuscos: o homicídio programado passou como lamentável fuga à responsabilidade, confissão tácita, formal de culpa ominosa, nas acusações que pesavam sobre sua cabeça encanecida e seu coração amargurado.

Eram os dias da guerra entre Nações, resultante das lutas entre os indivíduos e da incessante conflagração do homem contra si mesmo, nas paisagens atormentadas dele próprio.

A informação da tragédia, como rastilho de pólvora, alcançou o *château* Niesembaum e, colhida pela superlativa aflição, a suave Charlotte-Sara, que enfermara desde os dias precedentes ao infortúnio do encarceramento do esposo, enlouqueceu, irremissivelmente.

Macerava a alma vê-la tresloucada, cabeleira em desalinho, olhar vazio...

Com o suceder das agonias, os servos, receando perseguições e desforços populares, abandonaram a casa, a enferma e as crianças, exceção feita a duas abnegadas bretãs do norte que se afeiçoaram à família e sabiam da sua nobreza.

A maior fraqueza dos fracos é a cobardia que os torna venais, assustadiços e pusilânimes. Ao primeiro sinal de perigo real ou imaginário fogem, sem conseguirem, entretanto, evadir-se dos lóbregos sítios íntimos em que se ocultam... Neles o desamor é a força da sua ingratição e o êmulo da sua fraqueza.

Não mais Charlotte volveria à lucidez. No delirar sem conta, buscando o amado consorte, saía a correr tentando achá-lo no bosque ou no jardim, perdendo-se em nêcias que a voz embargada salmodiava, demoradamente, até a próxima alucinação.

Acometida por um delírio mais violento, burlou a vigilância da camareira sobrecarregada de trabalhos, mergulhando no Líger tranquilo na vã ilusão de reencontrar o esposo.

Luto e dores que se acumulam não podem ultrapassar o limite da aflição suportável. Os jovens de Niesenbaum, soçobrando no lodoso rio de escolhos, quedaram-se hebetados.

Chamada desde a consunção da desgraça paterna, Suzette-Sara abandonou Paris, não logrando impedir a desventura materna. Os correios difíceis não lhe anunciaram, em tempo, a prisão do genitor, não conseguindo retornar de modo a lograr uma entrevista com ele. Ao lado da mãe enferma e amparada pela experiência da velha servidora do lar, que a elucidava quanto à programática de uma próxima invasão domiciliar pela massa exaltada das cercanias, preparava-se a voltar a Paris, trazendo a família, quando a nova desdita por pouco não a desequilibrou, totalmente.

A desventura é jornaleira que sempre se faz acompanhar de sequazes ávidos de infelicidades outras.

A estirpe tivera amigos outrora, nos dias da facilidade e da paz. Agora todos estavam reticentes, convenientemente distantes.

— Estrangeiros! — diziam — Os judeus, podem nascer onde quer que nasçam, sempre são judeus. Não são dos nossos... — arrematavam.

Sub-repticiamente, logo após, chegaram a Suzette-Sara promessas de auxílio, sugestões de fuga. Mesmo os *seus*, isto é, os ditos da *sua raça*, zelando pela própria pele, ignoravam, convenientemente, o azorrague de dor que zurzia ao lado, acostumados, milenarmente que estavam, à própria dilapidação, às cruentas injustiças, nunca, porém, ao extermínio...

Havia uma lei governamental que destituía da posse legal todos os bens pertencentes ao inimigo: colaboracionistas, traidores, espiões...

Sejamos leais: o crime de Mr. Niesembaum era a fortuna ambicionada pelo governante inescrupulo-so, *déclassé* e sua súcia. Razões, todavia, mais eloquentes do seu passado espiritual estipulavam e exigiam o supremo expurgo, as dores sem nome, as superlativas humilhações.

Infelizmente, a cobiça se armara de justiça e a hediondez se vestira de cobrador, como se as excel-sas imposições da Divindade necessitassem das sórdidas e apressadas colaborações humanas!

O passado do homem é o seu juiz inviolável. Suas culpas constituem seu roteiro redentor.

A injunção de toda natureza obedece aos impo-sitivos de pena ou liberdade, que cada um elabora para si mesmo, mediante o regougar dos atos. As escaramuças da vida não decorrem das alucinadas pretensões humanas. Inditosos, sim, realmente infelizes, aqueles cujas mãos se enodoam na criminalidade e se vestem com as mitenes para o duelo contra a dignidade.

Ato contínuo, um Edital de confisco desapropriou o Castelo de Niesembaum com todos os seus pertences, passando à posse do governo. Tudo muito simples, legal e justo, como a face veludosa esconde o criminoso desapiedado, num sorriso de alegria, mas, que, em profundidade, revela o esquizóide perverso. ..

Olhar asselvajado sob os camartelos da desdita, Suzette-Sara, jovem e bela, entre os tresvarios do desespero e da insegurança, foi, com os seus irmãos, reduzidos à extrema miséria e às superlativas aflições, expulsos do lar, sem

qualquer direito ou posse, e estigmatizados pelos odientos, caluniadores infames e suas menecmas. Em torno deles, *voilà-tout*⁴.

Na comburência de todas as dores execrados, somente encontraram a mão generosa da ama vene-randa, que os levou para além do canal do Líger, em Saint Nazaire, donde, após o passar do horror, po-deriam recomeçar a vida.

Ainda, graças à providência da serva, antes de consumado o crime, foram reunidas as jóias ao alcance da mão e os valores de pequeno porte, para a emergência com que podiam garantir alguns dias de subsistência. Tudo mais ficava para trás.

Perder tudo para poupar a vida e não pretender nada seria a dura pena, que, todavia, não aceita, se tornava espada de Dâmocles, oscilante, aguardando...

Era agosto e o verão estava abrasador, enquanto a guerra ao longe era pálido estrugir de miséris em face das batalhas morais e truanescas que esmagavam a família Niesembaum. Naqueles dias o horror e a desdita. Os jovens ficaram *au petit bonheur*.⁵

4 APÓS O VENDA VAL DA INVEJA E DO ÓDIO

No ano 56 A.C. aproximadamente, foi construída pelos romanos, nas Gálias, uma frota, na localidade de Carbilo, na parte inferior do Líger. Mais tarde, com o suceder dos séculos, no mesmo lugar, surgiu Saint Nazaire, que se tornou célebre pelas suas usinas de ferro e aço e pelo seu dólmen. Excelente porto de mar, na foz do Loire, naqueles dias turbulentos, a cidade também se encontrava agitada pela cooperação que deveria doar ao esforço de guerra.

Germaine, a velha servidora dos Niesembaum, tinha familiares nos arredores do canal, em Saint Nazaire, com os quais sabia contar.

Ocorre que as gentes simples são, entre si, solidárias e fraternas, especialmente no interior dos países, ainda não contaminadas pela ufanía vergonhosa do egoísmo e da agressividade para a sobrevivência, que medra nos centros urbanos mais densa-

mentes habitados. Repartem o pão e dividem o vinho capitoso, rendendo graças ante a mesa aseada e os corações lavados de culpas, recebendo com espontânea alegria os que lhes compartilharão o teto.

O irmão de Germaine era agricultor e amava o bucolismo da Natureza de cuja madre arrancava o pão generoso e a alegria de viver.

A imensa herdade nas planuras das terras altas era cercada de crucíferas que se multiplicavam, formosas, aromatizando o ar em quase todas as quadras do ano entre imponentes carvalheiras, teixos, zimbres e tílias brancas que completavam a paisagem e em cujo solo se podiam colher deliciosas túberas frescas.

O retorno de Germaine ao lar, trazendo os jovens fundamente marcados pela desolação das sucessivas tragédias, produziu em Renet-Pierre incomum alegria.

O velho condutor da família declinava em saúde e resistência, malgrado prosseguisse à frente dos destinos da casa. Informado parcial e necessariamente das ocorrências abriu os braços, já que aberto à generosidade estava sempre o coração, acolhendo os recém-chegados com espontânea festa dos sentimentos nobres.

As refregas rigorosas, a viagem longa em velho faetonte adaptado para as circunstâncias do momento, de modo a não levantar inessárias suspeitas, exauriram as forças dos quatro órfãos, em crescente dismantelo emocional pela alta carga de tensões e desassossegos.

A bondade natural de todos da casa, a assistência da abnegada ama, o repouso obrigatório a que foram submetidos, o clima amistoso, o *feire bonne chère*⁶ conseguiram restabelecer os jovens, e, Suzette-Sara, mais profundamente revoltada por compreender a extensão da desgraça, submeteu-se à conjuntura de alma confrangida e cética em torno da justiça terrena e divina, deixando-se asfixiar pela rebelião interior, que se lhe tornou mais perigosa armadilha do que as dores já suportadas.

O homem, de Deus somente conhece o que lhe compraz, transformando a Causa Universal numa depositária de recursos que se podem sacar a revelia, sem condições. Quando não lobriga o êxito que lhe parece justo, ao invés de

mais acercar-se do Criador para O entender e crescer em sabedoria, rebolca-se no desespero, e, insuflado pelo orgulho, desacata a Providência em ridículas atitudes de inimizade chocante. Vã cegueira humana!

Tal sucedia à jovem estudante de Medicina, que sofria os espículos envenenados da rebeldia moral que lhe impunham gilvazes quase insuportáveis.

Impostergável o mister de reunir forças e prosseguir, agora, desarmada para as façanhas do futuro.

Tudo mudara e era indispensável submeter-se às novas circunstâncias — pensava com azedume —. Logo mais recomeçariam as aulas, e, mais do que nunca se impunha estudar para crescer e vencer, vingar-se, quem sabe? dos inimigos desditosos que lhe arruinaram a família.

A lembrança dos pais adorados era-lhe um ferrete em brasa nas fibras mais sensíveis do coração e as lágrimas sucessivas não lhe podiam lenir a imensa ulceração do sentimento estiolado.

Apesar das bênçãos de renovação que poderia haurir em Saint Nazaire fruindo a sadia convivência da generosidade e da afeição fraternal, a moçoila, atormentada entre as saudades incontidas e as perspectivas sombrias em relação ao futuro, ansiava retornar a Paris.

Ao anunciar-se o outono, instruída por Pierre e Germaine, seguiu à Capital confiando os irmãos ao devotamento abnegado da família campesina, até que se modificassem os quadros de dor, resultantes das aziagas circunstâncias.

Ficara acertado, como medida acautelatória, que se não revelassem os ascendentes dos jovens, a fim de que se pudessem evitar novos dissabores entre as pessoas simples do lugar. Nesse sentido, Germaine elucidaria que por desejo dos amos, trouxera os moços para uma larga temporada naqueles sítios. Ou-trossim, sempre que possível, estes acompanhariam os generosos anfitriões aos Ofícios religiosos da Igreja, a fim de serem dissipadas, em definitivo, quaisquer possibilidades suspeitosas.

Michel, graças à sua compleição física e atributos de beleza, chamava a atenção. De tez róseo-mo-rena e cabelos abundantes, encaracolados, que lhe

emolduravam o rosto, testa larga e olhos grandes, lábios ligeiramente contraídos e finos, denotava no conjunto harmônico decisão, denodo, espírito combativo. Dir-se-ia ser o homem assinalado para os grandes triunfos da vida, de têmpera inquebrantável. Semelhante às árvores esguias e rijas, compreendia que, na conjuntura do vendaval, melhor é curvar-se a ser arrancado, de modo a poder volver à posição sobranceira primitiva.

Embora não houvesse completado, ainda, quinze anos, aparentava uma constituição máscula adulta.

Com o pai aprendera o valor do “orgulho de raça” — esse ignóbil fator da desgraça humana —, acreditando-se privilegiado por haver medrado entre o “povo escolhido”, aceitando, desse modo, resignadamente, o destino ingrato, pela honra de descender de Israel. Acreditava na vitória final, lograda a qualquer preço. O importante parecia-lhe o triunfo, não os meios, as circunstâncias que o levassem a glória. Compreendera que o dinheiro, o poder, constituem respeitáveis aquisições capazes de abrirem portas, dobrarem a cerviz, modificarem as paisagens humanas e morais da Terra...

Em momento algum olvidava os genitores, que amava com extremada devoção. Revia mentalmente, o semblante do pai, assinalado pela amargura profunda e os olhos cavos, melancólicos, como traduzindo o medo, esse imponderável devorador de vidas, de que não se podia furtar, nem revelar, assim poupando a família das aflições antecipadas... Surpreendera-se, vezes diversas, olhando furtivamente a família, em dolorosa despedida muda, adivinhando a tragédia que o esperava, não tão rápida como sucedera ...

Nessas evocações, reclinado à relva macia sob os carvalhos frondosos em tons outonais, esmaecidos, sentia o furor do ódio em combustão mortífera. As vertentes lacrimais já não choravam, ardiam em febre de dor e chamuscas de vingança, que consumiam a linfa refazente que não marejava. O desgosto sem palavras contraía-lhe a face em rito nervoso, que lhe sulcava para o futuro o rosto apolíneo.

As jovens aldeãs enrubesciam ante o seu olhar vigoroso, indiferente aos seus encantos. Digamos de uma vez : Michel ambicionava muito e pretendia conseguí-lo. Aqueles eram dias de ásperas reflexões, programação de um futuro diferente, que não esperava, todavia estava disposto a enfrentar.

A fim de não constituir peso morto no modesto orçamento familiar, ofereceu cooperação a Pierre na lavoura, enquanto se armazenava os cereais e preparava o feno, com vistas ao inverno em aproximação. No esforço físico até a exaustão encontraria o lenitivo para os espículos de revolta cravados na mente e no coração.

Germaine e Nicole, aos doze anos pareciam duas delicadas peças de *biscuit*. A desgraça produziu-lhes inominável horror. Embora não alcançassem os móveis da desdita que lhes destroçara a família, ani-quilara o progenitor, cuja notícia da morte chegara-lhes sem as minudências das ominosas circunstâncias, a imagem da mãezinha louca se lhes gravara na mente de forma poderosa. O amor que as jungia a Charlotte-Sara, a frágil e doce *mère*, obrigara-as a acompanhar a pobre senhora idiotizada pelos sucessivos choques, buscando o esposo por toda parte, entre canções e lágrimas sem o encontrar. . Quando se arrojou ao Líger tranquilo, afogando nas lágrimas da terra as suas lágrimas do sentimento, parecia a infeliz Ofélia⁷, que se adornara de virginais flores antes de perecer.

Sem o pleno discernimento que as ajudasse a compreender as súbitas modificações ocorridas na vida, o conforto do antigo lar, as carícias maternas, os folguedos faziam-lhes enorme falta. Face às lamentáveis ocorrências que precipitaram a fuga vergonhosa, no acolhimento da noite, a fim de não açular a *revanche* dos vizinhos entre sustos e ansiedades, ficaram-lhes penosas inquietações que as perturbavam, especialmente durante o sono, quando desbordam as impressões vigorosas do inconsciente.

Suzette-Sara, na função antecipada de mãe, conversara demorada, continuamente com as irmãs e Michel, como se desejasse transfundir ânimo e ma-dureza moral naquelas com precipitação e, por último, infundir a força que saberia aguardar a oportunidade para o desforço.

O mais eram as dádivas da Natureza, na paisagem formosa e no ar saturado pela brisa marinha das costas próximas de Saint Nazaire.

★

As guerras, com seu alto teor de vandalismo, que varrem os povos da Terra e atestam o primarismo em que ainda estertora a civilização, decorrem do pri-mitivismo do homem, em si mesmo asselvajado, não penetrado pelos fatores éticos, culturais e sociais. Preservando paixões ignominiosas, que disfarça com habilidade, logo surgem os fatores predisponentes aos desforços injustificáveis, desafivela com desfaçatez as máscaras e dá margem à natureza íntima desnudada, em que se revela, não raro, pior que as feras.

O animal feroz é guiado pelo instinto, e, normalmente agride, quando esfaimado, perseguido, deixando os excessos após saciado, demandando o repouso até a próxima caça. O homem, não. Açulado interiormente, desbordam-se-lhe as mais torpes expressões da selvageria e agride, destrói, consumindo-se pelo exacerbar da loucura que o possui em momentos que tais. Guerreiro nato, não aceitando os lídimos valores da liberdade — suprema conquista da razão —, crê-se livre quando pode escravizar e feliz quando domina. Prefere ser temido a amado, detestado a respeitado. À pequenez moral prefere a força, enquanto a altivez espiritual busca a harmonia. Assim, perece pela força da violência que desencadeia e se volta contra aquele que gerou o primeiro impulso infeliz...

A guerra entre Nações é o fruto podre dos conflitos, no cultivo interior dos sentimentos de cada criatura; a belicosidade individual elevada a potência coletiva; as paixões grupais, desgovernadas em sanha de dominação... Nesse clima, cada um desvela-se, descontra-se no que tem de pior...

Em contrapartida os Espíritos nobres revelam--se, atentos, clarificando de amor e esperança os céus plúmbeos dos sucessos desditosos. Neles a abnegação e a renúncia assumem expressões angélicas e constituem, assim, os protótipos dos seres ideais, que podem ser alcançados a labores exaustivos. Cientistas mergulham em experiências extenuantes, procurando suprimir a guerra, por técnicas de mais fácil e rápido extermínio, conseguindo pelo pavor o que não se lobrigou por meio de *démarches* diplomáticas e culturais. Sacerdotes da Medicina e da Enfermagem, da solidariedade e da compaixão, sobrepairam, engrandecidos, tomando soberanas decisões *sponte sua*⁸, com que inspiram

e mantêm os ideais humanísticos sem permitirem que desapareçam no chafurdar do envilecimento.

A guerra geral começa na fronteira do mundo íntimo, desdobra-se no lar e espraia-se...

Também a paz se cultiva nos sentimentos elevados do homem probo, impregna a família, irradia-se pelo mundo...



No dia imediato à evasão de Germaine, Mar-guerritte, sua auxiliar e dos descendentes de Niesem-baum, o *château* silencioso, cerrado, foi observada pelos estultos adversários gratuitos que, da inspeção atrevida à decisão de exame direto, irromperam portas arrombadas a dentro, e antes que a frágil legislação de Nantes se assenhoreasse do espólio, dilapidaram na sanha mórbida da disputa que entre si se atiraram, quais chacais sobre despojos em decomposição.

Após o vendaval desencadeado pela inveja que desatina e pelo ódio que enceguece e alucina, entre artísticas peças destruídas, lustres e candelabros raros de cristal, vidros partidos, tapetes preciosos arrancados, objetos de arte roubados, tecidos e vestuário valiosos, o velho solar, espoliado, assumiu o as-peto desolador de pardieiro consumido pelo tempo... Transcorrera apenas uma semana e os sinais da desordem expressavam a sanha de inúmeros anos de abandono. Como são vãs as coisas e posses transitórias do mundo!

Ao portão de entrada, num arremedo de legalidade, foi afixado um aviso, que informava o domínio da autoridade governante sobre a propriedade conquistada pela astúcia e ambição insopitável dos pequenos homens.

A fábrica e os seus operários passaram à administração do Estado e a memória da honrada família dos de Niesembaum foi atirada à execração pública hedionda dos equivocados julgamentos e interesses humanos.

5 DE COMO SUZETTE-SARA FEZ-SE INDITOSA

A guerra estrugia violenta por toda a parte. Soldados americanos « ingleses espalhavam-se pelo território francos o onreveses para ambos os lados litigantes redundavam em baixas expressivas, desconcertantes. Avanças e recuos deixavam os campos jun-cadoH do cadáveres.

Km julho⁹ as forças anglo-francesas iniciaram uma ofensiva organizada contra Flandres, tomando posiçfles importantes, em lutas sangrentas que se demoraram até setembro, o que levou os ingleses, na memorável Hatalha de Cambrésis, a alcançarem a célebre "linha de Hindenburgo", não obstante sob **pesadas perdas**.

Enquanto a dor avassalava os de Niesembaum, em Nantes, no lado oposto, às margens frescas do Loire, sob o estigma das perseguições inspiradas pela “ditadura de Clemenceau”, a França exultava com as definitivas vitórias dos seus exércitos, em Verdun, nos mesmos sítios em que, no ano anterior, o marechal Pétain, com os seus comandados, por dois meses, resistiram estoicamente contra os ataques alemães, deslumbrando o mundo pela coragem e destemor...

As tristes reivindicações bélicas se arrastavam, porém, penosas, lamentáveis até o último trimestre do ano vindouro, (11-11-1918, data da rendição da Alemanha: Armistício) quando Paris experimentaria o desespero do inimigo, sendo bombardeada impiedosamente, qual acontecera em setembro de 1914, no período em que as tropas do Kaiser Guilherme II, o desumano e arbitrário conquistador alemão, avançavam selvagememente por todos os caminhos, buscando destruí-la de forma irremissível.

Eram aqueles os dias de horror, na Europa Central. Os países envolvidos, em face da paranóia de um Chefe de Estado,perdiam a melhor floração da juventude radiosa, enquanto muitas cidades eram destruídas, já prenunciando as futuras hecatombes, em que os inocentes e os não belicosos pereciam sob escombros com irreparáveis danos para a Civilização, conforme o eclodir pouco mais de vinte anos após, numa continuidade de conflitos inomináveis: a Segunda Grande Guerra.

Enquanto políticos e militares procuravam erguer do caos o ânimo do povo aquebrantado e sofrido, refrigerado de quando em quando pelas notícias

esperançosas que chegavam das diversas frentes de combate, Paris sofria todas as constrições decorrentes da hora amarga.

Com os ventos frios de outubro e o incrementar do esforço de guerra, a cidade tinha mais sombrio o seu aspeto. Mutilados desfilavam as misérias físicas pelos hospitais de emergência, multiplicados em todo lugar, pelas avenidas atulhadas, e as notícias sobre as *neuroses* decorrentes das carnificinas sombreavam com espectros os outrora alegres *boulevards* da “Cidade Luz”.

Suzette-Sara, desde que saltou na *Gare de Lyon*, depois da exaustiva viagem, transmutada pela intoxicação do ódio que a consumia, passados os desatinos de que fora vítima sua família, sabia que outra, agora, seria a vida que se havia de impor para a sobrevivência e a salvação dos seus. Os anelos de amor e castelos de sonhos estavam despedaçados... Não fossem os irmãos e iria para o *front*, não porque sentisse piedade ou solidariedade, mas, porque desejava evadir-se à rude adversidade, e nada melhor do que o perigo, o desamor à vida. O desespero é irmão da desgraça, quando não se lhe faz o inspirador e condutor seguro. Se sobrevivesse, o futuro dela se encarregaria; caso contrário... Deveria, entretanto, lutar, quiçá para desforçar-se dos odientos algozes, retomar os bens e humilhar os infames bretões. . .

Com os poucos pertences que representavam o *tudo* que pudera salvar, exceção do que confiara à devotada Germaine para ajudar os a quem custodiava, fitou de um lado *o boulevard Diderot* e doutro a *rue de Lyon*, antes de tomar a decisão de rumar aos deveres novos, constatando a terrível transformação que nela se operara durante aqueles dois últimos, inditosos meses.

Partiu, resoluta, *pour entrer en lice*¹⁰ imediata. E retomando as decisões já arroladas no íntimo dorido exclamou, como se desejasse libertar-se do passado e recomeçar sob novas conjunturas: “*Voilà tout!*”¹¹

Já não era *la jeune songeuse*,¹² mas a mulher precipitadamente amadurecida pela dor. Mergulhando na intensidade dos seus problemas

peçoais, com essa indiferença mórbida por tudo quanto acontece ao derredor, passou à luta da sobrevivência, fixada nos interesses particulares, enquanto os rumos das beligerâncias mudavam de direção, não conseguindo, porém, afetá-la.

Estudava com sofreguidão, impondo-se disciplinas espartanas, trabalhando no esforço geral, no *Hospital de la Croix Rouge* onde se adestrava em enfermagem de emergência e socorros aos chegados dos campos de batalha.

Ambicionava, sem embargo, alcançar *le métier obstétrique* pelo fascínio que ainda lhe exercia o milagre da vida.

Propelida a rudes sacrifícios a fim de não interromper a carreira abraçada, em cartas contínuas mantinha alentador intercâmbio com Michel e as irmãs, prometendo-lhes resultados opimos, posteriormente, transpostos os dias aziagos que atravessavam.

Com Germaine, a serva que se lhe fizera genitora graciosa, desdobrava-se em ternura e gratidão. Aliás, a velha governanta a amava e aos seus familiares, com esse arroubo que ascende ao pretérito espiritual.

Ser evoluído, Germaine se incorporara ao clã dos de Niesembaum, impelida por abençoados fatores cármicos, a fim de ser-lhes as mãos da solidariedade, nos dias tormentosos que deveria sofrer, em processo reparador de graves quízílias e adversidades que promovera contra muitos, a que antes se vinculavam ...

A roda dos destinos sempre volve ao local que exige reparação, conduzindo os que se lhe prendem *à outrance*¹³ sequiosos de recuperação.

Simples e fiel, diante da desventura que se abatera sobre o *château*, de pronto arrepanhou quanto pôde e dispôs-se a socorrer os órfãos, dando-lhes abrigo e proteção.

Suzette-Sara, a seu turno, experimentou sempre especial predileção pela velha bretã, que vivia en-farpelada pelos trajos coloridos e as guipuradas alvas, destacadas nas *manches*, nos *faux colles*,¹⁴ nos *fauchons*¹⁵ de realce, que lhe ofereciam ares de nobreza. Amava-a, sim, com extremos de

reconhecimento. Com ela extravasava o fel da amargura e as lágrimas das saudades. Apoiava-se, todavia, nas forças rijas da coragem, prometendo triunfo a qualquer preço.

Não havendo adquirido uma formação religiosa segura, além dos recitativos mnemônicos do *Tora* e vez que outra de superficial exame do *Talmude*, vinculara-se ao “Deus dos Exércitos”, não ao Pai Criador, não estabelecendo esse líame de profunda afeti-vidade que deve vigir entre a criatura e o seu Genitor Divino. Acoimada pelas dores superlativas e açodada pela revolta infeliz, desviou-se das reflexões e deu-se conta de que O não amava, talvez nem Lhe cresse na existência. As discussões filosóficas e as arremetidas científicas da Universidade, fundamentadas nos arremedos materialistas-pessimistas, ha-viam-na minado interiormente, como a preparar-lhe caminho para o exculpismo da descrença de então.

Nas conjeturas que se permitia, acreditava-se deserdada dos divinos favores, o que a fazia increia, considerando a fidelidade dos seus genitores a Deus e à Religião Judaica e o abandono, à injustiça a que foram relegados...

Germaine, inobstante a incapacidade para as profundas e extenuantes divagações intelectivas, era dotada de admirável *bon sense* e de uma sensibilidade mediúnica expressiva.

Antes das disgras irreparáveis fora acometida, em noites sucessivas, de sonhos premonitórios significativos. Em duas tentativas de narrá-los à senhora, esta, com a fixação ortodoxa da fé que esposava, desconcertou-a, arremetendo contra os adivinhos e bruxos ... Apesar disso a auxiliar referiu-lhe sobre José, no Egito, interpretando os sonhos do Faraó, após havê-los traduzido, quando os tiveram os carcereiros e os soldados no presídio em que se encontrava ... Mesmo em face da evidência, a senhora preferira desconsiderar os oportunos avisos que chegavam sutilmente, a fim de ajudar a família antes do transe malfadado.

Ao decidir-se socorrer os desafortunados jovens, experimentou estranha força induzindo-a a atitudes que a sua timidez não se atreveria, e a decisões que as juntas não lhe facultariam, estivesse atuando a sós.. .

Nas suas cartas a Suzette-Sara instava a que esta não escorregasse nas rampas abismais dos erros, da desonra, da incredulidade... Vezes que outras sensibilizava a jovem, tal a carga de emoções e o salutar magnetismo com que impregnava as missivas, sempre minudentes, em que dava contas do que se passava na herdade, em Saint Nazaire.

Graças a Renet-Pierre, seu irmão, um seguro *vieux routier*¹⁶ que adquirira sabedoria nas lições da Natureza e da convivência humana, sem, contudo, compulsar muitos livros, Michel passara a continuar os estudos no *Lycée* na cidade, armando-se para o futuro. Renet desdobrava-se em afeição pelo jovem que o cativara.

As meninas, igualmente, preparavam-se para enfrentar os currículos escolares. Sem dúvida, a educação musical, o refinamento social que recebiam no lar, ali não poderiam auferir. Apesar disso, não faltavam o valioso carinho e a segurança afetiva indispensáveis ao aformoseamento do caráter, da personalidade.

As epístolas ternas e delicadas deveriam levar a estudante de Medicina a reflexões de felicidade, de júbilos. Afinal de contas, na Terra, nunca ninguém tem tudo, demoradamente. Qualquer escola por onde se transita não dispõe das comodidades totais de um lar, no qual a felicidade reside. Assim é o Orbe. Deveria, pois, considerar-se afortunada pelo espontâneo amor de pessoas generosas, ricas de abnegação, com as quais se refertava. O orgulho cego, entretanto, impedia-a de ver, fixando-se exclusivamente no lado menos promissor dos acontecimentos que a enlutaram.

No trato com os enfermos que chegavam destroçados, quantas lições poderia, igualmente, haurir!

Supunha, de início, que todos marchavam para os campos de batalha como lebréus adestrados para tal fim.

*Par bonheur*¹⁷ nem todos se encontravam na guerra por exigência exclusiva dos políticos desalmados nem dos militares belicosos. Havia os amantes da Pátria, que tocados por sentimentos de nobreza pelo solo-berço das suas vidas desejavam imolar-se antes que permitirem os desmandos dos invasores inescrupulosos, dos escravocratas tenebrosos; os heróis do

sacrifício que expunham a existência, num momento de bravura, a fim de salvarem outras vidas, não temendo quaisquer consequências ; os guardadores das trincheiras, que preservavam os limites das linhas conquistadas, perecendo, desconhecidos do povo, em anonimatos estóicos; os padioleiros voluntários que se empenhavam em recolher feridos, antes que cessasse o troar dos canhões ; os doadores de sangue, espontâneos, que transfundiam das suas, as energias vitais, em solidariedade... Capítulos e páginas de ardor e sentimento pátrio agrandavam os homens, jovens e velhos, que permutam gabinetes luxuosos, escritórios elegantes, serviços rendosos, charruas brilhantes, campos verdes por baionetas, fuzis, canhões e solo de lama e sangue, a fim de atenderem ao chamado da Mãe-Pátria ameaçada, com as suas, salvando as vidas de crianças, mulheres e velhinhos dependentes, que confiavam nos valores dos seus denodados servidores...

Suzette-Sara conhecendo muitas dessas histórias, comovia-se, buscava participar das alvíssaras de uma Humanidade coesa, solidária, logo, porém, recaíndo na depressão egoísta em que se comprazia, no culto à personalidade frustrada. Encerrava-se na concha da surda mágoa e nada mais preferia escutar, senão os lamentos do próprio infortúnio.

Cada ser aspira a psicofera moral que produz e vive o clima mental que prefere. Quanto a isso, ninguém pode coisa alguma fazer, ao lado dos que a si se atribuem os infelizes direitos que consideram de *premier choix*.¹⁸

6 A RESISTÊNCIA E JULIEN-PAUL

As incertezas, as reviravoltas e os recrudescimentos da guerra minavam os ânimos mais robustos. A onda de boatos, em Paris, assumia proporções superlativas. O inverno fora rigoroso, pior em considerando as dores esmagadas nos espíritos receosos, expectantes.

Março de 1918 estava sombreado por inquietações e dificuldades.

Suzette-Sara, que se vira obrigada a uma vida de escassez, em regime de limitações, conseguira uma trapeira onde passou a residir, padecendo as constrictões da ausência de combustível para os dias do áspero inverno. Em razão do ofício socorrista a que se entregava, vezes sem conto, dormira no Hospital *de la Croix Rouge*, na *Place des Peupliers*, no *Arrondissement de*

Gobelins, ou na Universidade, como faziam outros estudantes colhidos pela adversidade, mais pelo aquecimento de que podiam desfrutar do que pelo desejo de serem úteis... Mais cômodos e melhor agasalhados, conseguiam, também, a penates, alguma refeição gratuita, em considerando o racionamento imposto pelo Governo, cada vez mais empenhado na tirânica arrancada final...

Os atos de **sabotage** e traição sucediam-se, igualmente punidos com dureza pela pena capital, em julgamentos sumários, sucessivos, imediatos... Necessário escoimar o país da vergonha, da derrota, da cobardia, — era a política vigente...

Nesse clima, o dia 21 ficou designado como da “amargura”. Os alemães investiram contra Paris, mediante bombardeamentos maciços por terra, e sucessivamente seguidos por fortes ataques aéreos. O pânico estabeleceu-se abatendo todos. O número de mortos e feridos cresceu, revivendo-se os dias do início da guerra, em setembro de 14. O estado de coisas persistiu, doloroso, dias-a-fio, com crescentes perdas de vidas e posições por toda parte.

Caíram sucessivamente, no interior do país, Ba-paume, Péronne, depois Armentières... Tudo prenunciava o caos, a rendição final, quando os chefes militares resolveram adotar um comando único para as forças combatentes e o general Foch, a glória da França, assumiu a direção geral, na condição de incomparável estrategista dos exércitos... Não obstante, após ligeira reação anglo-francesa, os alemães avançaram para a capital e as angústias passaram a pressionar novamente os aliados...

Nesse momento de clamor, a eterna alma da França se ergueu abrasada pelo amor nacional e reagiu... Reorganizou-se a **Resistência**, portadora de feitos heroicos e sacrifícios sublimes, batendo o inimigo em escaramuças contínuas em defesa da

Pátria. Seus centros multiplicaram-se, os ânimos se renovaram, e, a pouco-e-pouco, mudaram os resultados dos conflitos, passando a iniciativa dos combates para os aliados..

A 19 de julho, não suportando a reação em cadeia organizada, os alemães atravessaram o Marne, em retirada...

Respirava-se esperança e a alegria renascia no imbatível espírito francês.

A América democrática mandara já mais de meio milhão de filhos que atravessaram o solo gaulés, auxiliando a retomada das cidades vencidas ali e na Bélgica.

Chegavam, por fim, os prenúncios da vitória que amanhecia sobre as sombras da destruição e da desolação chocante...

Todos os homens e mulheres válidos ouviram o chamado angustiada do espírito grandioso da França, tornando-se cada um lutador voluntário, disposto a tudo pela ressurreição do país.

Suzette-Sara sentiu, por primeira vez os gemidos da Pátria esmagada sob as conjunturas da próxima escravidão. Esqueceu-se de todas as mágoas e deu ingresso na **Resistência**. Embora seus feitos não a notabilizassem, aí conheceu Julien-Paul, também israelita, que comandava um grupo de choque, inspirando-a pela bravura e dedicação e tornado pelo seu respeito um lídimo herói.

Saindo da concha do isolamento pessoal, descobriu que muitos “filhos de Israel”, apesar de vitimados por Clemenceau, em França, amparavam, dali, seus irmãos, na Alemanha, tornados mártires das experiências desumanas, nos campos de concentração, como cobaias inermes para desalmadas investigações ditas científicas, dilapidados na honra, nos bens, na vida pela sanha germânica odiosa...

Não desconhecia, **in totum**, o que se passava contra os **seus** sob o talante do Kaiser, todavia o que constataram os evadidos dos guetos superava a imaginação mais trágica, mais fantástica... Famílias inteiras haviam sido trucidadas por cães, fuziladas, outras, pelo crime de serem judias, incineradas muitas sem qualquer reação, com essa resignação dorida dos que conhecem a própria impotência diante das verrumas gigantescas que os penetram, estiolando-os.. . Um sentimento de solidariedade muda e forte por todas as vítimas dominou-a, fazendo-a mergulhar em reflexões penosas, porque de compaixão humana.

A dor do próximo produz o milagre de fazer-nos esquecer a própria dor, formando os elos santificantes da fraternidade humana, que um dia há de unir todos os homens como legítimos irmãos.



Julien Paul estudava engenharia-civil, na Universidade de Paris o participou das escaramuças e batalhas infernais do ano de 1916, no período amaris-simo das derrotas e sacrifícios, em Verdun, quando ainda comandava as tropas o general Castelnau, que precedera Pétain, considerada aquela como a mais notável resistência da Primeira Grande Guerra, havendo infligido aos alemães a perda de dezenas de milhares de vidas, inutilmente, porquanto malograra o intento germânico de, por ali, avançar na conquista de Paris...

Excelente *causeur*¹⁹, descendente de judeus suíços, provinha de Grenoble, a antiga *Gratianopolis* dos latinos, no Departamento de Isère, no sudeste, conhecida, também, pela sua Universidade. Transladara-se a Paris, a fim de fugir à sanha de perseguidores temerosos que infligiram à sua família cruas perseguições. O genitor, idoso e sensível, falecera vitimado por incessantes desgostos, fugindo ele com a mãe para a Capital.

Grenoble, no passado, celebrizou-se, igualmente, pelas lamentáveis lutas de religião... Fazendo parte dos Alpes do Delfinado, (sendo sua capital), a Província fora cedida ao rei de França, Filipe VI, representado no seu neto, o futuro Carlos V, em 1349, por Humberto II, que impôs como condição, que o primogênito de Filipe deveria ostentar sempre o “título de delfim vienense”.



Vivendo cauta, *a l'écart*²⁰, Suzette-Sara, em conversações informais com Julien-Paul, comoveu-se com a sua tragédia pessoal e familiar adicionada ao insucesso na batalha de Verdun de que participou, e que, por pouco, lhe não tomara a vida. Uma granada que explodira perto destroçou-lhe a perna direita e estilhaços diversos lhe penetraram o corpo e a face... Semi-morto foi atendido de emergência, enquanto duraram as hostilidades sanguinolentas, transferido, depois a Paris, onde sucessivas cirurgias

recompuseram-lhe o membro, corrigiram-lhe o rosto, deixando-o, porém, incapaz para *ofront*, claudican-te do lado direito e portador de expressiva cicatriz entre o zigoma e o maxilar esquerdo.

Era jovem, então, de apenas 23 anos, e arrebatado.

Ouvindo os seus argumentos ela não reagia, como de hábito, confutando-os, magnetizada pela sua presença encantadora, que de certo modo a acalmava.

Nada, porém, existia além de amizade circunstancial. Também ele, afanoso incansável, não a distinguia com atenção mais especial.

Assim, ela se integrara na equipe, realizando funções e misteres mais ligados à carreira, e vigilante quanto ao que pudesse ajudar, especialmente observado, anotando *colaboracionistas*, que apareciam por toda parte. Tarefa ingrata, contudo de real importância para o equilíbrio de forças e cessação das hostilidades.

Paradoxalmente, no crime de traição imputado ao genitor, Moysés Felipe, este passara como *colaboracionista*, o epíteto mais odiado naqueles dias...

★

No último Natal, Suzette-Sara retornara a Saint Nazaire em visita aos familiares e benfeitores.

Embora o frio, os campos gelados e a tristeza erma da paisagem, os dias passados na Vi venda de Renet-Pierre e Germaine predisuseram-na, de certo modo, favoravelmente, para os acontecimentos futuros.

As irmãs haviam sido vítimas de um surto grave de *rouge-queue*,²¹ que Germaine ocultara na correspondência, a fim de poupá-la a maior soma de dores. Não passara de um susto, que durara poucos dias, porquanto venceram a juventude, a assistência carinhosa, a medicação caseira oportuna e eficiente.

Michel, enrijando-se nas disciplinas do trabalho agrícola e esforçando-se por acompanhar os deveres do *curriculum* do *Licée*, denotava maturidade, essa maturidade que a dor antecipa e logra com o fundir das aflições.

Os irmãos reunidos em calor de festa prometeram-se auxílio recíproco, em Suzette depositando suas esperanças com os olhos postos no futuro.

Em considerando os hábitos discretos, morigerados do dono da Casa, uma velha construção com teto de colmo, em área de ulmeiros vetustos, a curiosidade dos vizinhos não se fizera intimidade, a ponto de participar ali das ocorrências domésticas. Os jovens foram, por isso, aceitos sem maiores exigências.

O espírito bretão é herdeiro da nobreza quase selvagem dos celtas. Estruturado no amor ao clã, na fidelidade à Pátria e no zelo pela fé, conservava as tradições, inclusive o dialeto formoso e cantante, — a língua dos antepassados —. Os esgrouvinhados perseguidores de Nantes constituíam a exceção degradante de todas as regras : os miseráveis morais de todos os povos, que afeiam a condição de criaturas humanas, antes sendo abutres ou chacais, que se comprazem nos despojos que lhes sobejam. Assim, examinando, sempre fomentam a degenerescência, com que esperam beneficiar-se...

Margueritte, a auxiliar que acompanhara Germaine, na evasão do *château* trabalhava, agora, em Saint Nazaire, periodicamente, porém, visitava a amiga e seus tutelados aos quais se afeiçoara com extremada dedicação.

Toda vítima da inescrupulosa astúcia dos maus ou dos caídos na desventura, propiciada pelos verdu-gos da paz alheia, inspira simpatia, fomenta o espírito de proteção. Representa o anelo íntimo de todo ser nobre que desejaria, em circunstância que tal, receber o que ora pode ofertar.

7 NA PAZ E NA ESPERANÇA, A AMARGURA

Prosseguiram as hostilidades acirradas, contínuas.

Num setembro carregado de brumas, os Bálcans foram palco de encarniçadas e furiosas lutas contra os búlgaros que, vencidos, bateram em retirada. O país, receoso, assinou um Armistício apressado, entregando-se aos aliados, a fim de poupar-se à destruição.

Simultaneamente, e por outro lado, os austríacos foram batidos na Itália e os turcos na Síria, após terem perdido na Mesopotâmia. Em razão dos muitos insucessos e derrotas dos países centrais, seus aliados que depuseram as armas, Ludendorff, ex-adjunto do general Hindemburgo, que a partir de dois anos antes passou a dirigir os exércitos alemães, sentiu-se vencido...

Sofrendo pesadas baixas e pressentindo o desastre que se aproximava do fim, os alemães, após *dèmarches*, iniciaram a 6 de outubro com o Presidente Wilson, dos Estados Unidos, os primeiros tentames para a paz. Em consequência, o Kaiser Guilherme II, derrotado, foi obrigado a abdicar a 9 de novembro, fugindo para a Holanda no dia imediato e facultando que, a 11, a Alemanha aceitasse as condições propostas para a trégua, assinando também o Armistício, em Rethondes, mediante o qual cessavam todas as lutas e oficialmente acabava a guerra... A paz definitiva, entretanto, somente seria concluída em Versailles, em estudos que se arrastariam de maio a julho do ano seguinte (1919), e sucessivamente pelos tratados de *Saint-Germain-en-Laye*, de *Neully* e de *Trianon*, em junho de 1920.

A guerra é fácil de ser deflagrada; a paz, porém, depois das paixões, tem que ser elaborada, negociada e firmada.

O interromper das batalhas não podia fazer que parassem as aflições. A França estava esgotada economicamente, com diversas cidades destruídas que sofriam a *ronde* do horror; os campos despovoados e as poucas provisões ameaçavam o país com o fantasma hediondo da fome; os soldados desmobilizados perambulavam sem emprego e, como era natural, os espectros dos crimes de vária procedência atemorizavam as comunidades... O luto e a saudade confraternizavam enquanto as famílias dissolvidas apresentavam um número de órfãos e viúvas ao abandono

Pelo tratado de paz, as indenizações que uma Alemanha destrozada deveria pagar, exaurida de recursos, sucumbida pela desordem interna e pelo descrédito estorvo, somente começariam a atenuar os danos materiais, mais tarde, quando o indomável, romântico e eterno espírito francês estava soerguendo o país.

O hediondo crime da guerra, sem paralelo, além das bestiais imposições com que sacrifica os seus fâmulos, no período das lutas, fere fundo o cerne da vida daqueles que sobrevivem. Mesmo quando se acabam as calamidades gerais, porfiam os rancores acerbos, as desagregações morais, as estruturas sociais despedaçadas, e, nos pélagos vorazes das paixões eriçadas em turbilhão, perecem milhares de outras vítimas inermes, que não conseguem subsistir aos destroços, tais: demorada insegurança emocional dos dias de lutas, conflitos, a astúcia continuada para manter a sobrevivência, *o tour de force* prolongado, as incertezas e os conflitos íntimos, que então des-bordam a longo prazo, sacrificando os remanescentes que, não raro, descambam pelas neuroses, e enlouquecem, suicidam-se, ou, vilipendiados, arruinam--se moralmente, sem forças para o soerguimento. Surgem nesse período, em consequência, as filosofias esdrúxulas, passadistas, reagindo contra o contexto da sociedade que malogrou nos objetivos essenciais, enquanto a alma da juventude se esfacela e os adultos saturados, quanto indiferentes, sucumbem em desencantos. *C'est la guerre!* — exclamam os utilitaristas, quando se poderia dizer, lamentosamente, que isto significa o *hors de prix fardeau*²² da falência espiritual do homem, ante os postulados da Cultura e da Ética, decorrentes da Civilização, que ele tem o dever de amar e preservar.

★

Suzette-Sara e o seu grupo explodiram de entusiasmo numa toda Paris saída às ruas. As emoções em desalinho, sufocadas demoradamente, em todos espocavam nos dias e noites de orgia e gaúdio. Esqueciam-se as dores, as desgraças, a fim de se ovacionarem em delírio de êxtase, numa *Champs Elisées féérique*, os heróis da Pátria, garbosos e se comemorar nos *bistrots*, nos *cabarets*, — um grande cabaret, alegre colorido, que se tornou toda a cidade, — a vitória e a paz.

Na sombra das dores arrastam-se os mutilados, os cegos, os frangalhos em lágrimas, confundindo os fogos de artifício com o troar dos canhões e o explodir das granadas gravados na memória em longo aturdimiento. Para eles não há, no momento, lugar, nos palcos do gozo. Perderam as possibilidades do prazer alucinante.

A paz pela qual se deram, os esquecerá, nos que a fruem com saúde e exaltação.. . Paradoxos do homem!

Estimulada pelo vinho e açodada pela súbita alegria, seguiu Julien-Paul e os companheiros, alguns totalmente desconhecidos, não obstante membros da célula ativista, percebendo-se enamorada do jovem. E porque não estivesse refeita das torpes agonias sofridas em Nantes, ante os júbilos esfuziantes, receando tombar em face dos desbordes das emoções que procurava estrangular no íntimo, fugiu em direção à água-furtada, não se podendo negar às lágrimas vertidas como chumbo derretido e provenientes de um coração em brasa...

O rancor da desdita de permeio com as saudades dos irmãos que ingratamente ela considerava em exílio, a pungente dor do pai e o delírio inesquecido da mãezinha tresvairada, faziam-na desordenar intimamente.

Esgotada em decorrência das exaustivas cargas de tensão e perturbada pelas aflições superlativas, Suzette-Sara somente adormeceu pela alva. O espocar dos fogos e a balbúrdia das ruas funcionaram como estranha indução hipnótica, acometendo-a de pesado torpor sonambúlico.

Com a mente febricitada foi acometida de um sonho fantástico pelo impacto das cenas torvas. Sentiu-se obrigada a acompanhar o hediondo desenrolar de sangrenta matança coletiva. Via o horror estampado nas faces, estranhamente estupidificadas, como num caleidoscópio fantasmagórico e sinistro em que surgiam as milhares de vítimas. Eram mulheres nuas, pintadas de escarlate, arrojadas à sol-dadesca impudica em infrene espetáculo de luxúria ; gritos infernais seguidos por atos selvagens de estupramento após a vergonhosa concupiscência e degradação; crianças e adolescentes arrastados à força aos mais vis suplícios morais e homens dizimados friamente como pragas... Um córrego passava pelo cenário macabro com as águas tingidas pelo sangue das vítimas, às centenas, como cadáveres abandonados.

No báratro da alucinação, sentiu-se arrastada a estranho palácio donde se originavam as ordens infames. Bem posto cavalheiro, em trajos antigos, nos quais luziam sedas negras, camisa branca em rendas de *point d'Alençon* e gravata branca de babados, com o casaco largo em veludo e os calçados

brilhantes de filosela e escarpins em couro oleado, igualmente negro, desempenado, fazia-se assessorar por duas personagens do Clero Superior, expedindo decretos, editos, diretrizes... Fixou nele a atenção, poderosamente arrastada por desconhecido, singular magnetismo. Quis recuar e não pôde. Nele reencontrou a face paterna enrijada pelo ódio, com o ricto do desprezo e a contração de surda mágoa estampados. .. Envelhecera, sim, no entanto, traía os mesmos caracteres. Aguçou os ouvidos e escutou o diálogo, em voz rouca pelas emoções:

— *Voilà*, Eminência — apontava a rua pela janela ogival — a justiça de Deus pelas nossas mãos. Não escapará um traidor sequer. O “levante” será esmagado sem piedade.

— Correto, Senhor! — respondia o outro, co-fiando fino cavanhaque que mais afeava o rosto macilento, patibular. — A Fé Católica aqui reinará soberana. É a vontade de Roma e de Deus.

— Não sou homem de compaixões...

— Sem dúvida, — arengou a personagem cujo aspeto recordava a imagem definida na frase de Inácio de Loiola, em prescrevendo a atitude dos jesuítas perante seus superiores: *perinde ac cadaveri*²³ — a compaixão e cobardia, tibieza dos fracos ante decisões essenciais. Desde a nova Concordata²⁴ que recebemos poderes discricionários, embora as surpresas que nos fizeram no passado os caprichos do Imperador, sendo imperioso, como anteriormente, sustentar a religião a “ferro e a fogo”. O bom católico serve ao Papa, antes que tudo, assim servindo a Deus, por ser o representante, na Terra, de Jesus, seu ministro fiel e executor dos seus desejos.

— De acordo, Eminência. Odeio os protestantes. Nimes²⁵ jamais voltará a pertencer-lhes como ocorreu no nefando século XVI ; não, se depender de nós.

— E sorriu sarcástico, de olhar esgazeado.

— *On avant, Mr.*, assim se definem os rumos e os destinos de um povo, sem relutância, sem os falsos escrúpulos dos tíbios e dos apedeutas.

Enquanto as incertezas políticas em volta do Imperador ora odiado em toda parte, é inadiável aproveitarmos dos motivos políticos a fim de alcançarmos os objetivos religiosos. A peçonha de Lutero há de ser extirpada a qualquer tributo.

O conciliábulo infernal prosseguia entre sorrisos que eram esgares.

— *Faire mouche!*²⁶ **Com** essa decisão libertaremos Nimes, neste oportuno 1815, da malfadada seita, dos traidores da Fé e da Pátria, de uma vez iniciando uma Era Nova. Seremos seguidos, sem maiores problemas, porquanto há sede de desforços em todo lugar, de que nos aproveitaremos com a necessária cautela.

Nesse comenos, abriu-se uma porta lateral e adentrou-se orgulhosa matrona, que trazia pendente ao pescoço, sobre o colo recatadamente coberto, um crucifixo em ouro e adornado de brilhantes.

O bispo e o monsenhor que o acompanhava curvaram-se em mesura bem ensaiada, saudando-a com exclamação de júbilo:

— Bons dias, nobre defensora da fé!

A senhora sorriu, estimulada pelo epíteto elogioso e retribuiu a homenagem, osculando, num, o anel, e noutro, a mão.

Acercou-se do fidalgo e osculou-lhe a face. De-ram-se as mãos em carinhoso gesto de ternura.

— *Par bonheur*, tudo transcorre conforme planejado. — Esclareceu-lhe o esposo. — A surpresa desarmou a tramóia e a liquidação sumária dos implicados dá-nos tranquilidade. Os bens dos traidores estão sendo confiscados como determina a Lei. Passados alguns dias, a cidade retomará sua tranquilidade e os males estarão esquecidos.. .

— Louvado seja Deus! — Retrucou, emocionada.

— Concelebraremos uma missa de ação de graças, na Catedral. — Propôs o bispo de olhar brilhante, batendo palmas exaltado.

— Bem lembrado, Eminência. — Concordaram todos.

Suzette-Sara, naquela dama altiva, insensível à dor de milhares de criaturas perseguidas, sem sequer serem ouvidas, defrontou sua própria mãe. Os mesmos olhos, a tez, o porte...

Sentiu-se estrangular.

Sabia, no transe que a dominava, que lá fora, no claro dia, desde a noite anterior a orfandade, a viuvez, a desonra, a desgraça ululavam, transfigurados, em desespero sem consolo nem ouvidos que os escutassem ... Debatia-se por arreentar as forças que a impeliam àquele espetáculo inexplicável, de que se desejava evadir, e não conseguia qualquer êxito.

Na superlativa angústia que a confrangia, sentia-se lúcida, interrogando-se sem resposta sobre os porquês de tudo aquilo... No desconcerto emocional de que se via possuída, não sabendo como, sentiu-se arrastar ao velho *château* de Niesembaum, perdido entre plantas daninhas que o cercavam, tornado escombros pelas depredações sofridas, enquanto a claridade da manhã surgia baça por sobre o amado Loire. Sucederam-se, ao dilacerar da amargura, as lágrimas dúcidas e lenificadoras, ao mesmo tempo, de saudades. Pôde caminhar pelos labirintos de mirtros e rosas, ao dismantelo, vencidos pelo abandono, e reviu-se pela imaginação... Parecia-lhe estar conduzida por sublime presença, diáfana e querida, que a amparava amorosamente...

— Sim — escutou encantadora voz e viu, repentinamente, o ser angélico de mãos distendidas na sua direção, — sou o teu Anjo de Guarda, o encarregado da tua atual romagem terrena... Nossa união remonta a largo período de tempo, que não conseguirás alcançar ou entender. As tuas dores excruciantes sensibilizam o Senhor das nossas vidas e venho, em seu nome, leni-las, ajudando-te a entender os desígnios sublimes, antes que chafurdes, na insensata abjeção que te exigirá um pélogo de incomparáveis dilacerações.

Permitiu-se uma pausa oportuna, capaz de facultar à jovem em deslumbramento, a fixação das palavras e o entendimento da mensagem nos mais profundos refolhos da alma.

Com jovial sorriso que o nimbava de desconhecida claridade, prosseguiu, ante a mudez e a surpresa da ouvinte maravilhada:

— A qualquer preço cultiva o amor e entesoura o perdão nas tuas atitudes. A felicidade e a desdita são estados interiores que cada um labora espontaneamente. Na transitoriedade da vida física, Suzette,

valores legítimos são aqueles que nada pode destruir nem descaracterizar. Mergulha nas águas sublimes da oração. Lê Moisés, mas busca Jesus. Consulta o Tora, todavia estuda o Evangelho. Impõe-te a “lei de Talião”, no entanto oferece o “mandamento do amor”. Livre, realmente, só aquele que ama. Moisés foi a Lei, porém Jesus é o Amor.. . Ambos te falam, todavia Jesus te invita à felicidade. Messias chegado à Terra, é o Incomparável Filho de Deus, Pastor de todos os povos...

Silenciou por um momento, após o que aditou:

— A incorruptível justiça divina sempre se encarrega dos réus que o mundo ignora. A vigilância celeste não adormece nem se anestesia... Por isso não acalentes a loucura de tomá-la nas mãos, fazendo-a por ti própria.

“Acompanhas-te há pouco os acontecimentos do passado, registados nos arcanos imponderáveis, viste as calamidades que os teus genitores e outros cegos, a soldo do ódio político e fanatismo religioso, acobertados pelas posições de relevo, impuseram a muitas criaturas indefesas... Eram os teus atuais genitores, ora falecidos, aqueles inditosos promotores dos infortúnios inomináveis... O homem não vive nem morre uma vez única. Nasce, perece, renasce e prossegue, usando a veste física como instrumento para o seu progresso. Mediante uma conjuntura concluída, organiza outra sob superior supervisão, até lograr o Paraíso, que primeiramente deve edificar no imo”...

Propiciou um novo intervalo, para mais ampla reflexão da tutelada, e continuou:

— Estigmatizando pela fé, os algozes renasceram num grupo étnico-religioso estigmatizado...

Perseguindo sem piedade, foram impiedosamente perseguidos ... Acolitados pela autoridade que desrespeitaram, tornaram-se vítimas de autoridades inescrupulosas... Ferindo e assassinando em nome de uma Igreja, sob o beneplácito dos homens inditosos que a infestam, sucumbiram sem consolo sob a indiferença dela... A Lei justicou-os, porque o amor de Deus facultou

que volvessem a fim de se liberarem das infâmias, desventuras e martírios que causaram ao próximo. Isto são Justiça e Amor em direção da paz, trabalhando as almas. Reflete e evita o câncer devastador da mágoa que propela à vingança sob qualquer aspeto, improcedente.

“Dificuldade econômica deve constituir exercício e educação para a sobriedade, para bons cometimentos, quando a abundância se multiplique nas mãos.

“Solidão e amargura são medidas disciplinantes para colimarem resultados eficientes no amor e no dever.

“Não recalcitres mais.

“Desgraça, verdadeiramente, são a fortuna, o poder, a força, porquanto quase todos os que lhe exercem a mordomia difícil naufragam, lamentavelmente, sucumbindo enrodilhados nos seus elos encarcerados ...

“Aproveita ! Raia novo dia na tua vida. Ergue-te para o bem e avança...”

Suzette-Sara preparava-se para inquirir a razão da sua própria desdita, após o exame da consunção dos seus, dos motivos que lhe aclaravam o espírito sobre os pais sofridos, quando a Entidade luminosa de suave sorriso evanesceu, deixando-a aturdida...

Despertou. O dia corria na ampulheta das horas. Desejara alongar aqueles momentos, aprofundando interrogações, tranquilizando-se...

As lembranças bailavam na memória: os horrores de Nimes, a desolação do *château*, a presença amorosa...

Desconhecido bem-estar, desde há muito não experimentado, possuía-a.

Ergueu-se, desejosa de conservar as impressões. Abriu a janela e a realidade do dia *gris*²⁷, triste de aparência, assaltou-a. Meneou a cabeça e resmungou cética: “Sonhos! O inconsciente é chantagista terrível para engendrar artimanhas.” E conjeturando, numa *análise fria*, tão a gosto dos que se prezam as vaidades materialistas, argumentou: “Guerra e paz, primeira e

segunda fase, respectivamente, desse meu delírio. A vida é isso que aí está diante dos meus olhos... ”

A estudante de Medicina, encarcerada no orgulho frívolo da própria ignorância, fechava as portas ao auxílio divino a seu favor, quando este a socorria...

Estava decidida, agora, a esquecer o passado, isto é, a relegá-lo ao desprezo, programando um futuro em que lograria êxito na carreira. Com a normalidade que voltaria ao país, sacrificar-se-ia para concluir o curso, exigindo aos irmãos paciência, após o que os ajudaria sob qualquer preço a galgarem os degraus do triunfo.

Pela mente passou a lembrança de Julien-Paul, como uma promessa...” Deve estar desfrutando o prêmio dos sacrifícios vividos” — pensou, amarga, e fulminou a recordação. “Deveria esquecê-lo, também”, propôs-se.

Uma lufada fria obrigou-a a cerrar a janela e encharcar-se nos conflitos do temperamento rebelde.

Poderíamos adir o verso de Boileau inserto na sua “Arte poética”! “*Le vrai peut quelquefois n’être pas vraisemblable.*”²⁸

8 QUI SINE PECATO EST...²⁹ JOÃO VIII : 3 a 12

Nos dias subsequentes, após o reconhecimento público das Autoridades governamentais à **Resistência**, e a competente condecoração, em nome da gratidão da Pátria, aos seus destacados membros, dentre os quais, em Paris, sobressaía Julien-Paul, este não volveu a encontrar Suzette-Sara. Aliás, não a depositara nos momentos gloriosos, nos gaudios coletivos. À semelhança de outros lutadores, supôs, que aquela preferira a honra do anonimato ao aplauso esfuzian-te, quiçá enganoso da trêfega multidão.

Gostaria de haver entretido mais amplo conhecimento com a jovem de garços-tristes olhos. Oxalá voltasse a vê-la — lamentou.

Sem razão lógica, face às ligeiras conjeturas-re-miniscências, experimentou incontida amargura, como se decorrente de um bem não fruído, de uma

afeição perdida...

Julien-Paul, reconhecamos, fora forjado nos fornos da austeridade, do dever. Seguidor do Decálogo, violentara-se desde as ominosas conjunturas que lhe despedaçaram o lar ditoso em Grenoble. Com os pais cultuava o *xabbat*, preservando a tradição de usar o *talith*³⁰ para orar, e todos os costumes austeros de que se ufanava e conseguira preservar, inclusive, nos dias turbulentos da guerra.

Seus pais, Otto e Greta Hottsmann eram de procedência suíça, nascidos no Vaud, cantão de língua francesa. Emigrados para o Departamento do Delfinado, na França, estabeleceram-se em Grenoble, onde Otto padecera a suspeitosa perseguição que o vitimara de um distúrbio cardíaco, após demorada agonia. .. Pertencentes à burguesia do começo do século XIX eram amantes da austeridade moral e possuidores de recursos monetários.

Prometendo-se soerguimento moral trouxera a genitora a Paris, depois de cerrar as portas do lar e dispor-se do que poderia transformar em recursos para os dias de dificuldades. Inobstante jamais olvidasse as humilhações sofridas sob pretextos indecorosos, no fundo dos quais havia a sanha ignomíniosa da perseguição religiosa, de que se utilizaram as autoridades locais para o tentame desmoralizador, impôs-se recomeçar, renovando os painéis mentais.

A guerra convocara-o como a todos os colegas disponíveis na Faculdade de Engenharia, impedindo que as lembranças amargas o desencorajassem na esperança de um futuro promissor. Mesmo vitimado pela conjuntura inditosa, em Verdun, não desanimara. Na correspondência expedida à mãe transfundia-lhe coragem, entusiasmo, asseverando que sobreviveria, retornando para ela.. . A ternura filial falava da grandeza dos seus sentimentos e das diretrizes do seu caráter.

Amava Paris pela sua tradição histórica e cultural, belas artes, pelo direito à liberdade, ali francamente reconhecido.

Aspirando o ar puro no *Bois de Boulogne* ou caminhando pela romântica *rive gauche*, margeante ao Sena, rememorava os poetas, pensadores, artistas, romancistas, os amantes dos lídimos ideais humanos,

invadido por emoções inusitadas... Considerava quase sagradas aquelas estreitas ruas e praças por onde os construtores do pensamento universal, que sempre ali enfloresceram, transitavam, dialogando ... Vezes outras, sentia-se visitado pelo tumulto dos dias da Revolução, que o fascinava. Aqueles homens e mulheres audazes, intrépidos e apaixonados, pareciam-lhe conhecidos. A sensação que o dominava, então tinha a expressão de experiências já vividas.

E com razão. Asseveremos: Julien-Paul Hotts-mann não era um estrangeiro em Paris, um alienígena, antes um filho que volvia aos mesmos sítios queridos pelo *milagre* da reencarnação...

Residia com a mãe na elegante Comuna de *Neuilly-sur-Seine*, na *rue Ancelle*, próximo à Sinagoga, a fim de se facultarem facilidades para o culto ortodoxo que abraçavam com fidelidade.

Com o renascimento da paz, volveria aos estudos, recomeçaria a vida. Um presságio, porém, tomava corpo no seu íntimo: a saúde materna. Desde que o pai falecera, por muito que se amavam, ela morrera um pouco com ele. Vivia, qual se fosse uma débil chama que arde enquanto se consome, clarificando o filho e buscando sustentá-lo, agora que as marcas da guerra se lhe insculpiram no corpo, talvez na alma, conforme supunha.

Temia deixá-lo a sós, num mundo que considerava hostil.

Preocupação de mãe — precioso bem da Humanidade! —, que se supõe forte para toda vicissitude, resistente a toda incursão da desdita, quando estão em jogo seus amores — os filhos —, e são fortes, resistentes, sonhadores e frágeis.

Desfilam pelos séculos as mães extraordinárias e ingênuas, santificadas pelo ideal: Cornélia e os filhos — suas mais preciosas jóias e adornos —; Sa-lomé — intercedendo a Jesus para que os seus filhos no dia do grande triunfo se sentassem um à sua direita e o outro à sua esquerda —, olvidando-se a si mesma e a Zebedeu, seu esposo. No íntimo todas as mães são assim...

Grassava, porém, desde antes do término da hecatombe guerreira, um surto de gripe epidêmica —, a influenza —, surgida na Espanha, que deixaria o

seu rastro sinistro pelo Ocidente, fazendo recordar a *peste negra* do pretérito.

As gentes, na Europa, combalidas, desnutridas, e os rigores do outono-inverno propiciatórios à virose, em breve estavam consumidas, sendo dizimadas ali e estorpecendo praticamente em todo o mundo. A veneranda senhora, Greta-Eugênia Hottsmann foi afetada pelo vírus e combalida pelos anos, sem maiores emulações para sobreviver — pois o filho já poderia prosseguir sem ela — com menos de uma semana em que ficara presa ao leito, em delírios de febre, faleceu.

Rude golpe desfechado sobre Julien-Paul, ainda não armado para o peregrinar solitário. As dores dilaceraram-lhe o espírito forte, porém sensível. Parecia, que, ao cerrarem-se as pálpebras maternas, diminuía a claridade dos seus próprios olhos.

Ante o cadáver preparado para as exéquias singelas, a que compareceram raros membros da “família” israelita, ao invés de acompanhar o rabino que exorava, deixou-se arrastar por graves interrogações em torno da vida, da morte, da Imortalidade... Diante do esquilo em quo Jazia o ser querido, sentiu-se esvaziado de fé. Oh enfoques do *Tora* sobre a Vida Espiritual pareciam lhe, então, pobres, destituídos de legitimidade, até mesmo ingênuos... No entanto, não guardava dúvidas: aquele ser idolatrado, além do “vale das sombras da morte”, deveria haver encontrado a sua outra parte, o amor de toda uma vida que lhe completava a dita, o eterno enamorado Otto, , A serenidade da face, quase entreaberta num delicado, suave sorriso, traduzia uma ventura que o corpo hlgido conseguira reproduzir, após as convulsões o e pausa da morte, no amanhecer róseo de bênçãos o venturas.

Face aos pensamentos que formulava, inspirado vigorosamente pelo proprio genitor sobrevivente ao caos do túmulo, leniu-se, Julien, em consolo santo. A imortalidade ,,|| veia'ia a anulação da vida no pó c na cinza.

Nunca a questão do ser espiritual é mais importante, jamais assunto assume premência e gravidade tão altas e urgentes quanto diante do corpo imobilizado, em processo irreversível de decomposição, pertencente a um ser amado. No aparente silêncio do cadáver há um tumulto, desorganização, dege-nerescência, novos rumos... E, vinculando-se-lhe ou

não, estua a grandiosidade da vida, através do espírito em luta para separar amarras, ou alucinado, sofrendo-lhe as injunções, os constrangimentos limitantes. .. Sempre, no entanto, a vida em triunfo.

Era dezembro ; com o inverno, a neve, a saudade assenhoreou-se da paisagem em dor, na alma de Julien-Paul, o filho abnegado, que, um momento sequer, se afastara do leito em que se libertava a matrona extremada.

★

Longe de Paris, em Saint Nazaire, o surto epidêmico lograra proporções assustadoras.

Simultaneamente com as batalhas finais da guerra, combates heroicos eram travados nos lares despojados de recursos, víveres, medicamentos.

Acometidas pela malfadada influenza, consumiram-se em poucos dias as irmãs Germaine e Nicole, qual se combinando o nascimento programassem juntas a desencarnação.

Tudo acontecera tão rápido que Germaine, a serva abnegada, pensando poupar Suzette a desnecessárias aflições, não a avisara em tempo. De forma alguma haveria como a irmã alcançá-las com vida. Os correios interrompidos, as lutas terríveis, os prenúncios do armistício, os pavores e a ronda da morte, no rigor do inverno não o permitiriam. Todos viviam *au petit bonheur* naqueles dias sinistros.

As notícias do falecimento das jovens alcançaram Paris quando já se encontravam inumadas.

Suzette-Sara abandonou as premissas de esperança e acalentando débeis ilusões chegou à granja dos lacrimosos benfeitores. A sua não era uma dor maior do que a de Michel, Renet-Pierre e Germaine...

O reencontro assinalado por desespero insopitável lembrava a fúria do tufão vencedor sobre a fraqueza dos obstáculos à frente.

Michel emagrecera de dor selvagem. Negava-se alimentação e parecia desvairar.

Renet-Pierre e Germaine, por primeira vez, pareciam consumidos. Um dédalo de mágoas, sofrimentos, noites indormidas e receios pesavam sobre os nobres camponeses tornando-os mais velhos e desanimados ...

— Amávamos essas *pouponnes*³¹ — recordava com flébil voz Germaine — com a alma. Filhas en-tranhadas do coração eram dois lírios que embelezavam nossa vida...

“Não podíamos prever...”

E prorrompeu em exclamações de contínua, pungente amargura.

— Eu sei, eu sei — acalentava-a, Suzette, que parecia hebetada pelo sofrimento, embora falando — que vocês tudo fizeram... Como nós também os amamos, a você e a Pierre, os anjos de Deus, no inferno da nossa desventura !...

— Não blasfeme, filha.

— Odeio Deus, a vida, tudo, exceto Michel e vocês, relicários dos meus últimos anelos.

— Oh! céus, piedade! — Intercedia a tutora, com o ser em mil dilacerações.

— Por quê, Jeovah? Por quê? — desatava a chorar a moçoila trêmula.

Após o estupor que paralisa, as lágrimas são orvalho refrescante por sobre a alma em brasa.

— Não te fomos sempre fieis? — Inquiria, rouca —. Os nossos ascendentes saíram do Egito e te abandonaram, confusos, ante os deuses da mentira... Tu os puniste e os perdoaste. Em que pecamos: nossos pais e nós? A verdade é que não erramos nem pecamos. Deixa-me dizer-te de uma vez: Não existes! És mito para os parvos. *Forfanterie*³² dos que exploram a ignorância e daqueles que, covardes para enfrentarem a vida, se escudam em visões, sonhos, profecias que dizem pertencer-te... Eu te abjuro, renego, cruel vingador que não te sacias nunca, nem mesmo exaurindo e consumindo os inocentes...

Semi-alucinada, deu vazão ao pântano de horrores em que se debatia, insensata.

Foram inúteis as tentativas de Germaine e Pierre por acalmá-la. Somente depois de exaurir-se, aquietou-se, em copioso pranto mudo.

Passada a tormenta, procurou exculpar-se, afirmando compreender tudo, o quanto se esforçaram os Veneráveis protetores para salvarem as gêmeas, capazes que eram de trocar as suas pelas vidas delas.

Ninguém pode vencer o *destino*, quando este é excruciantor.

Abraçou Michel, e, recordando as endeixas que aprendera no lar, modulou-as, arrancando-o a pouco e pouco do mutismo, fazendo-o chorar...

Os irmãos, remanescentes do clã Niesembaum, unidos outra vez na dor superlativa, prometiam-se lutar contra todo impedimento e desgraça com olhos postos no porvir.

Suzette-Sara inteirou-se de todos os acontecimentos, sempre emocionada, já compreensiva, percebendo as aflições que surpreendera aquela boa gente. Enlaçou-os em ternura, gratidão, asfixiando os próprios tormentos que aqueles corações sempre buscaram diminuir de intensidade.

Ali, ficou-se uma semana tomando decisões, reprogramando esperanças.

Acertou-se que, logo fosse possível, Michel rumaria a Paris, a trabalhar e estudar, e Germaine, que se prontificara seguir, iria posteriormente, a fim de ser útil.

Não suportaria viver sem a presença dessas amadas criaturas.

Por fim, Renet-Pierre, que nutria sentimentos paternos e era correspondido por Michel, convencionou que arrendaria as terras e seguiria mais tarde, quando tudo estivesse organizado...

Ingenuidade e estreiteza da visão humana, sempre tentando fugir aos ditames da Lei que ignora!

Virgílio, ao escrever suas *Geórgicas*, ou “Os trabalhos da Terra”, exclamou, conforme Canto II, 489: “*Félix qui potuit rerum cognoscere causa*”³³ e que aplicamos em referência aos valores dos sofrimentos morais que mortificam os homens. Estes, quando se deixarem penetrar pelo conhecimento das causas anteriores, serão realmente felizes, porquanto constatarão que ninguém, na Terra, está isento de culpa, de pecado, graças ao que campeia a aflição em vitória pelo mundo.

9 DOIS ANOS PASSADOS, UM OUTRO VERÃO

Suzette-Sara voltou aos estudos, asfixiada pela compressão do desmedido infortúnio. O aguilhão macerador da aflição tem a finalidade de propeler ao avanço, o que poucas vezes ocorre, em razão da contumaz rebeldia humana. Todavia, arrimada a um temperamento forte, conseguiu reunir as escassas energias sobrenadando no mar de destroços dos tristes dissabores.

Espírito muito endividado, comprometera-se ressarcir, sem, talvez, medir a extensão dos delitos perpretados desde o remoto passado. O pendor para o mal, a força que impele ao erro quando se dirige as construções da fortuna e da ascensão conseguem entesourar vastos patrimônios para o êxito, porquanto sabe empenhar todos os valores ao perseguir os objetivos que almeja.

Após ser triturada pela mó dos necessários reajustes, voltar-se-ia para os rumos certos, que se obstinava, por momentos, não reconhecer.

Entregando-se com afinco aos estudos granjeou amizades, inspirou simpatias, apesar do retraimento natural a que se propôs. Alguns dos haveres salvados, habilmente negociados, pouparam-na e aos seus a humilhações morais ou à lâmina aguçada da fome.

Já programando o futuro, conforme concertara com os amigos de Saint Nazaire, procurara e conseguira por afortunada intercessão uma habitação, em terceiro piso, próxima à Escola de Medicina, com capacidade para se albergarem todos. Constituída por dois dormitórios, sala cozinha e banho,

demorava na silenciosa *rue Hautefeuille* e poderia ser-lhe entregue logo após as férias de verão.

Totalmente voltada para as disciplinas que lhe exigiam tempo integral e as aulas práticas, no anfiteatro de Anatomia, cujos estudos a fascinavam: dissecação cadavérica, seleção de peças, coloração para investigações e aulas especializadas, lograra fazer-se interna no Hospital de *Val-de-Grâce*, considerados os serviços realizados durante a guerra, no da Cruz Vermelha.

Sucedendo o longo vendaval de contínuas atribulações surgiam as promissoras possibilidades de organizar a vida em paz.

Em decorrência da sua aplicação e assiduidade ao curso desde os anos anteriores, Suzette-Sara cativara a afeição do célebre professor M., emérito patologista, igualmente afeiçoado aos problemas para-normais, que envolvem a personalidade humana. Discípulo e amigo do honorável professor Richet, um dos fundadores e propulsores da Metapsíquica, era apaixonado pelos graves estudos da psique, na incessante busca de interpretação para os fenômenos da mente humana. Partidário da escola psicológica, discutia francamente com os demais pesquisadores as conquistas realizadas em pacientes portadores de neurose de guerra, que examinava carinhosamente com assiduidade, no Hospital Militar de *Val-de-Grâce*, apesar de não ser psiquiatra...

O venerando mestre, depois de acurada observação e cuidadosos diálogos com a jovem de Niesem-baum, resolveu ajudá-la na condição de amigo e orientador.

Por sua vez, Suzette passou a auxiliá-lo na coleta de dados, apontamentos e pesquisas que o ajudassem no intrincado das investigações paranormais. Através desse providencial recurso travou contato com médiuns e sensitivos diversos, sem lhes atribuir maior importância qual a que se devem dar a *cobaias* remuneradas. Realmente não se interessava pela Metapsíquica, embora os homens ilustres que a esposavam e investigavam.

Através do mestre que se lhe fez querido, teve acesso às mais recentes pesquisas da Obstetrícia e da Ginecologia, bem como das causas

psicológicas incidentes num infindável número de enfermidades.

Passando a visitar-lhe o lar, a instâncias dele, vinculou-se, também, à filha, Simone, ainda adolescente, e à esposa Marie-Louise, culminando, meses depois, por narrar à respeitável Senhora os dramas sofridos nos poucos anos da experiência física. A bondosa matrona, comovida, distendeu-lhe braços fraternos, assenhoreando-se dos planos de Suzette, que mediante esse inesperado concurso, essa feliz interferência, logrou locar o futuro lar, em considerando as dificuldades inúmeras que haviam para conseguir-se domicílio, enquanto reinavam as limitações do pós-guerra.

Com as férias de verão Suzette voltou a Saint Nazaire, havendo antes cuidado de alugar a nova residência, a fim de trazer para Paris sua querida Germaine e o irmão Michel. Fariam maiores sacrifícios, e embora o desemprego fosse assustador, a cidade ressuscitava, abrindo promissoras probabilidades futuras, logo cessasse a crise de então.

Antes de seguirem à Capital, foram visitar os túmulos rasos de Germaine e Nicole, cobertos de *bou-les-de-neige, chèvrefeuilles*³⁴ que as mãos cuidadosas de Pierre haviam plantado no pequeno cemitério do subúrbio onde repousavam, sem lousa, identificadas mediante duas singelas cruces de madeira com as inscrições fundamentais: nome, nascimento e morte.

Foi um demorado, silencioso adeus, feito de lágrimas, sem o antigo rancor à vida; no entanto assinalado por imensa agonia íntima do pequeno grupo.

Suzette esperava não mais retornar àqueles locais de Saint Nazaire. Procurou, assim, imprimir na mente a paisagem colorida, exuberante e larga, o casario antigo e o mar ao longe, as costas rendadas... Parte da sua atribulada existência ficava, também, por aquelas terras, em definitivo.

Renet Pierre despediu se algo canhestramente, desajeitado, da ir mil, do *filho adotivo*, da jovem doutoranda. . .

O olhar estava melancólico, lacrimoso, os lábios cerrados, de soslaio, antes do aceno final, comparava o rapaz formoso que se ía, com o jovem que lhe chegara dois anos antes, num desfilar de reminiscências mentais. . .

A locomotiva apitou e os passageiros correram, precipitando-se porta a dentro.

— *Adieu, mon. .. enfant!* — exclamou Pierre.

— *Non adieu, chéri, au revoir, mon père...* — Retrucou Michel.

— *Oui, oui! Si Dieu le permet, au revoir!* — assentiu, comovido, o ancião.

Abraçaram-se com músculos rijos e corações sensibilizados.

O milagre do amor transfundia do velho camponês viços de ternura e paz nas carnes moças do jovem atormentado.

Renet-Pierre sabia, através do sentimento, da acuidade que é patrimônio das largas experiências da vida, que sua presença em Paris somente criaria dificuldades para todos... Germaine seria útil, é verdade. Ele, todavia.. .

Nascera naquela casa que pertencera aos seus pais, inicialmente erguida pelos avós e nunca dali saíra, senão para os misteres próprios, na cidade. No pequeno cemitério estavam as roupas gastas dos seus amores, dentre os quais Georgette, a esposa esquecida, que o precedera fazia vinte anos... Da viuvez solitária, aqueles foram os anos melhores, graças à presença das *crianças*. Amava aqueles campos largos a perderem-se de vista, as árvores vetustas, os céus radiosos, a passarada...

As terras eram todo o seu e o patrimônio de Germaine. Legalizaria a posse, conforme conversara com a irmã, transferindo-a para aqueles filhos que os Céus lhes enviaram, na quadra da última e solitária floração na velhice. Assim que partissem para outra vida, pertencer-lhes-ia por Lei. Fizessem o melhor que lhes aprouvesse, não importava. Sentiu que Michel, meditativo, cabisbaixo aprendera a amar a natureza naqueles prados, nos quais se acalmava ; a trabalhar o solo que lhe respondia ao amanhã com flores e grãos, verdor, ouro e pão.. .

Sentia-se como se houvesse concluído uma missão. E o fizera, exitosamente, é certo, afirmamos.

Sua solidade seria, a partir de agora, mais dorida. A casa vazia de presenças queridas e o coração referto de saudades. No crepúsculo daquele primeiro dia em ouro e fogo à distância, não conteve as lágrimas ouvindo os *chardonnerets*, os *rouge-gorges*, os *canaris*³⁵. Tinha o sofrido coração em desalinho pulsando arritimadamente.

Com as esperanças dos afetos que buscavam a vida, Renet-Pierre acolhendo a dor compreendeu que começava a sucumbir...

Pesado fardo é a saudade de quem se ama: essa presença surda e muda dos sorrisos e afetos ausentes!

Aquele era um outro verão, dois anos depois.

A vida recomeçara, superando os horrídeos tormentos passados e cobrindo de esperanças, qual primavera florida nos solos abandonados, as paisagens crestadas pela dor nas personagens lutadoras.

Fim da Primeira Parte

SEGUNDA PARTE

1 MUITO TEMPO, POUCO TEMPO DEPOIS

A “Mansão Niesembaum”, em dois pisos, com aspeto senhorial, recuada, por trás de grades trabalhadas em ferro, na *Avenue d’Inkermann*, em *Neuilly-sur-Seine*, a elegante *Commune* dos arredores de Paris, mantinha os rigores arquitetônicos dos dias da *Restauração*, diferindo do estilo uniforme das outras residências. A larga avenida adornada por castanheiros formosos era bem o símbolo do conforto suburbano da Capital francesa.

No interior da casa palaciana o gosto artístico de Suzette-Sara reunira objetos de arte de alto preço e refinada seleção, tornando-a verdadeiro museu onde peças raras e antigas guardavam vestígios históricos do passado. Cortinas de *velour* sem suaves tons *verts*, delicadamente presas a pateras prateadas, mantinham o toque de classe, na sala em romântico, de cujas paredes pendiam, defrontando-se, um Géricault e um Devéria³⁶ de

excepcional valor artístico e elevado custo, que constituíam, tesouros que eram, o orgulho dos seus possuidores. Ambos haviam sido presentes de Julien-Paul, que os adquirira em leilão, alegrando a esposa anos antes...

Julien-Paul era engenheiro próspero, que enriquecera nos dois decênios passados, bafejado pela sorte, que anteriormente lhe fora madrasta, compensando-o regiamente, após concluir carreira na Universidade. Lutara, a princípio, estoicamente, iniciando-se pelo interior do país, na engenharia de reconstrução das cidades mais danificadas pela guerra. Pioneiro de um movimento modernista, na arquitetura e na engenharia civil, montara, posteriormente, um escritório em Paris, transferindo-se para aquela cidade, donde, com um grupo de jovens idealistas capazes, comandava obras em diversas partes da França. Hábil *marchandeur*³⁷ no começo, tornou-se respeitado *magnat*, o protótipo *donouveau-riche*, sem as excentricidades peculiares aos que formam essa classe de cidadãos. A aquisição de telas era uma das suas paixões, e, diga-se sem reboço, ótima forma de inversão de capital...

★

Terminada a oração, em Notre Dame de Paris, Suzette-Sara e a amiga apressaram-se a alcançar a Mansão, longe dali, antes que chegasse o esposo, para ela um perene namorado. Sempre juntos, exceto quando os deveres os distanciavam, amavam-se com essa dedicação que é a base da felicidade e que resiste às conjunturas do tempo, da adversidade, da vida.

★

Consociam-se fazia quinze anos e eram felizes. O reencontro se dera quando rumavam por caminhos muito distintos, em circunstância imprevisível.

Ele passava por Saint Nazaire, onde acompanhava a indústria naval, em plena ascensão econômica.

Ela, já formada, mantinha o consultório em fase de ascendência, em *Clichy*, onde a clientela inicialmente não recomendava o nome do médico, depois trasladando-se para a *Avenue de Villiers* prosseguindo, no

entanto, duas vezes por semana, a atender à humilde clientela mediante a qual dera início à carreira. Sim, era sentimental, apesar de tudo... Naquelas mulheres mais sofridas e humildes encontrava algo que escasseava no outro consultório, o de lambris e tapetes... Como todos os inícios são árduos e os primeiros degraus da ascensão se fazem escorregadios, o mui difícil acesso dera-se com lentidão.

Defrontaram-se casualmente, ou pelo menos supunham, no Notário daquela cidade.

Acompanhada por Germaine, regularizava a documentação da Herdade “La Villette”, em razão da morte recente de Renet-Pierre, cujos bens, por sua vontade expressa, em Testamento, passavam à sua e à posse de Michel, após o falecimento de Germaine. ..

Julien-Paul regularizava papeis sobre a aquisição de uma área para a construção de uma vila para operários navais, em que estava empenhado com ardor, obedecendo aos planos que elaborara, renovadores.

Reconheceram-se de pronto, como se se aguardassem. Os anos de distância mudaram-nos pouco.

Julien estava na plenitude dos anos, enquanto Sara, sem as marcas exteriores das duras provas, apresentava uma beleza equilibrada. Era uma mulher que sabia quanto e o que desejava da existência, segura de si, controlada. O tempo dera-lhe segurança, não paz, é certo.

O encontro fortuito, inesperado, produziu em ambos um efeito mágico. Descobriram que se esperavam, embora nada os traísse naquele momento.

Celibatária, reagia ao matrimônio que a visitava em promessa, diversas vezes. “Não tinha tempo para pensar nisso” — redarguia às interpelações e facilidades da alcoviteira Germaine, que se não conformava em vê-la solteira.

Julien, absorvido pelos planos revolucionários e entusiasmado pelo abrasar do êxito, não se fascinara até então realmente por ninguém. Transitara por ligeiras aventuras sem conseqüências, embora anelas-se por um lar, no sentido lato da palavra, em que aliasse amor e paz, refinamento e repouso como medidas salutares para uma vida ditosa.

Os anos de soledade, após a morte da mãe, fizeram-no aprofundar-se nos estudos e tentar esquecer as duras penas a contributo da exaustão física e mental. A verdade é que idolatrava a genitora, ficando com a alma despedaçada ante a sua partida. Soledade, porém, é clima interior, não poucas vezes transformando-se em fortaleza atrás da qual se homiziam as criaturas receosas de tentames externos... Adaptara-se ao *modus-vivendi* e comprazia-se no trabalho.

Embora houvesse transferido residência para o Centro, vez que outra volvia à Sinagoga da *rue An-celle*, em Neuilly, como se repetisse a experiência religiosa acompanhando a veneranda senhora extinta no corpo.

Todo o tempo que medeava entre o fim da guerra e a hora do agradável encontro, estava assinalado pela luta do homem tentando afirmação, seu lugar no contexto social e humano, a realização que todos perseguem.

A encantadora *chance* era como o ressuscitar dos anelos passados, uma visão de sonho incomum.

★

Suzette-Sara avançara por impérvias sendas, antes de alcançar a posição que desfrutava... Um mundo de noites indormidas, hórridas expectativas, feroz luta de afirmação, em que se desgastaram os melhores sentimentos que sobrenadavam nas sucessivas hecatombes que desabaram sobre sua vida, sempre pontilhada de angústias.

Fixara Michel e Germaine em Paris, sofrendo os horrores do fim das rixas internacionais, não, porém, da guerra que continuava entre as criaturas devoradas pelo egoísmo, sustentando mórbidas paixões e cruentas disputas.

O venerável professor M., que lhe constituira amigo afeiçoado, em cujo lar recobrava forças, nas conversações com a senhora Georgette, falecera meses após o estabelecimento dos seus, na Capital.

A morte lhe estava sempre em pós como ameaça contínua, enlouquecedora, ferindo-a, inexorável.

Sempre quando se evadia pelo corredor da quase demência amainavam-se os fortes suplícios, para logo retornarem, assim ela supusesse ou anelasse encontrar a paz.

As lutas fizeram-se superlativas, porque Michel, vezes várias, desanimado, retornara a Saint Nazaire por falta de trabalho em Paris, sentindo-se pesada carga sobre os frágeis ombros da irmã. A esforços conjugados de todos, inclusive de Pierre, que ajudava na manutenção parisiense com os poucos recursos de que podia dispor, o jovem retornava.

Fora necessário a Suzette vender os últimos valores que trouxera de Nantes, vender, não, deixar-se roubar pela ganância dos espoliadores ilegais das casas de penhores. Ao lado disso teve que combater o pessimismo do irmão e forçá-lo ao estudo, à maratona cultural, depois da qual poderia pisar o mundo com firmes pés. Viu-se obrigada a refrear todos os sonhos e adiar as aspirações... Ao concluir o curso com diploma e sem habilidade, obrigada a atravessar o claro-escuro de quem sai da Faculdade assessorada por recursos múltiplos: fontes para consulta, respaldo de opinião e cobertura pela responsabilidade dos mestres fora levada a assumir decisões próprias, compromentimentos dos quais não se pode fugir sem consequências... Asseveremos sem pejo: Suzette-Sa-ra se vira conduzida ao endurecimento do coração e à *dégradation de l'âme* perante a consciência que ficara asfíxiada. Não conhecera em tempo algum o *faire la vie*, também não se entregara a *mener une vie de bâton de chaise*...³⁸ Era rígida nos princípios da vida sexual e porque não dizer logo, que odiava os frívolos, os que se entregam aos apetites selvagens. Quiçá, a aversão pelos dissolutos houvesse contribuído para os gravâmes que se lhe insculpiram na alma...

Não há, porém, como justificar alguém um crime por ojeriza a outro. Assim, no entanto, agem os atormentados seres humanos.

Caso fosse consultada àquela hora se avançaria diferentemente, ou se repetiria as façanhas, tivesse oportunidade de reviver as lutas, isto é, se experimentava remorsos pela forma e métodos como crescera na vida, contestaria naquela então, bruscamente: Não! Conservava, ainda, azedume em alta carga no coração. Afinal de contas prosseguia personagem ativa nas tragédias que se consumavam no cotidiano e a tinham como razão preponderante...

★

Olharam-se emocionados, surpresos, quase sem oz.

As hábeis mãos do destino haviam tecido as amarras e fixavam naquele momento as diretrizes, as rotas do futuro.

— Quantos anos se passaram? — Interrogou, sorrindo, Julien-Paul.

— Talvez um século. — Respondeu, jovialmente, Suzette-Sara.

— Bons fados a tragam a Saint Nazaire. — Prosseguiu, dando calor ao diálogo. — Que faz uma famosa dama por estes sítios neste clima de novas lutas com a Alemanha? Será que a guerra é nossa fada madrinha?

Suzette enrubesceu como se fosse uma colegial.

★

Eram, realmente, maus aqueles dias.

Sucessivamente a França sofria a inépcia dos péssimos administradores. Emitindo sem cessar pa-pel-moeda com que pagava ao povo os danos sofridos e destituída de lastro ouro, confiava no Tratado de Versalhes com a Alemanha. Estava, porém, à porta do caos. A reconstrução do país que cabia ao agressor conforme o mesmo Tratado, não estava sendo levada a bom termo. As indenizações, através de pagamentos parcelados, estavam sendo negligenciadas e, naquele período, decorridos quatro anos após firmada a paz, a Alemanha deixara de entregar o carvão e o ferro de que a França necessitava.

Por exigência de Poincaré³⁹ foi, então, ordenada a invasão do Ruhr, em janeiro do ano imediato, havendo os alemães ali residentes reagido com uma resistência passiva, obedecendo ordens de Berlim, que deixou, então, definitivamente de pagar os compromissos assumidos...

A França aprisionou os proprietários das minas, expulsou os residentes da Região e reabriu-as com operários franceses... Berlim, temendo mais graves consequências, autorizou que os mineiros voltassem ao trabalho e cessasse a resistência.

O Ruhr, em decorrência, ficou em poder dos franceses por dois anos, atendendo aos impositivos firmados com a Bélgica e a França.

★

— Mademoiselle, Mr. Julien. — Contestou num automatismo surpreendente.

— Parece-me, sim, que a guerra tem algo conosco, ou teremos nós alguma coisa com ela?

— Uma *petite dame* não se casou até o momento? Continua em Paris?

— Sim, em Paris.

E o parisiense *galant* perdeu a visão ou o juízo? .

_!?

— Não posso refrear a alegria. — Justificou-se o engenheiro.

Tomando-lhe a mão, osculou-a delicadamente. Percebeu que Suzette estava emocionada, tremia um pouco e estava álgida.

— Poderei esperar que conclua o seu mister, aqui, se me permite a levarei aonde desejar.

— Estava de saída. — Respondeu, a sorrir. — Aceito, agradecida, sua gentileza. Apresento-lhe Germaine, minha protetora e companheira. (Chamou a benfeitora que seguia a cena de galanteria com mal contida curiosidade.)

— Muito prazer Sr...

— Julien-Paul para servi-la.

— A doutora nunca me referiu nada. ..

— Nem haveria porque, Germaine. — Repreen-deu-a Suzette.

— Desculpe-me, doutora!

— E deveria tê-lo feito. — Assentiu Julien, conciliador —, porquanto fizemos a guerra, na Resistência, uma *bonne guerre*. ..⁴⁰ No dia da paz fugiu-me, a ingrata.

— Julien! Não foi assim. E demais, tudo passou. Não havia mais qualquer compromisso... Você casou-se (falou receosa, com a técnica feminina de exigir declarações), tem o seu lar. . .

— Casado?! Oh! não, Senhorita. Sou um inveterado *vieux garçon*⁴¹ .

— Ainda bem! — Exclamou, inconscientemente.

— Os três sorriram espontâneos, descontraídos.

Julien-Paul levou-as a passear, facultando a Suzette conhecer os encantos de Saint Nazaire.

Loquaz e entusiasta, emulado pela singular alegria, conduziu-as ao porto, e, remontando à guerra, esclareceu quanto aquela cidade fora importante no esforço geral para a vitória dos aliados.

— As tropas americanas — elucidou — desembarcaram aqui, em 16 de setembro, não engano, tornando-o, desde então, seu porto de segurança.

Voltando-se para as terras agrícolas, a distância, prosseguiu :

— Desses solos ricos e generosos saíram o sustento das tropas e do povo, adicionado aos víveres que chegavam da América através desta abençoada baía...

Suzette sabia-o vagamente. Naqueles anos as próprias dores não lhe permitiram ver além de si e dos seus. Experimentou um sentimento de ternura e gratidão pela cidade. Ali encontrara o amor de Pierre; naquela parte do país, no campo ameno, sua família em fuga teve um lar; na inesquecível região agora dormiam, para toda a eternidade, as irmãs gêmeas, o venerando benfeitor.. .

Seguindo a Paris com Michel e Germaine pensava em nunca mais volver. Nunca, porém, na Terra, é dimensão de tempo de pequena duração.

Nublaram-se-lhe os olhos. Houve um silêncio quebrado pelos ruídos de fora. A saudade, a dor ainda não amenizada prorromperam em soluços.

Julien abraçou-a, inquieto.

— Fí-la sofrer, recordando a guerra? — Inquiriu, aflito, desgostoso.

— Não a guerra geral. — Redarguiu vagarosamente. — Encontro-me, caro amigo em situação *de guerre lasse*..⁴² Como se tivesse vidro quebrado, dilacerando-me por dentro. (Depois de uma pausa)

*Je vous demande pardon*⁴³.

Estavam de mãos dadas, muito próximos. O amplexo gentil transmitia-lhe um diferente calor, a que não estava acostumada. Sentiu-se revigorada, embora perplexa.

A seu turno Julien participava, no íntimo, da estranheza daqueles acontecimentos. Não era uma criança, no entanto, embora forjado na vida com os instrumentos da adversidade, do cinismo quase geral, percebeu-se enamorado da mulher que tinha nos braços. Deu-se conta da própria surpresa.

— Eu me considerava curado para o amor — denunciou-se — e eis-me logrado por cupido.. .

— Ô, lá, lá! — Traíu-se Germaine. — Acabemos a tristeza e comemoemos a alegria com vinho velho e bom.

— Germaine! Que pensará Julien? — Investiu, rubra, Suzette.

— Que você precisa casar-se, que também o ama como o que eu concordo.
— Pontificou, eufórica, a leal serva bretã.

— Mas ele não disse nada, nem eu tão-pouco.

— Mas não é necessário. No entanto, já o disse — confirmou o moço, timidamente. — Comemoemos. Germaine tem razão. Experimento-me raramente feliz nesta tarde encantadora.

Germaine, em trajos de luto, com *fanchon* alvi-nitente elevado, em goma, que permitia ver-se o ren-dilhado da guipura e fitas negras, calçando borze-guins chiantes em verniz, exclamou:

— Conheço um local romântico perto da costa, onde o mar produz e canta enternecedoras melodias ao entardecer entre um céu profundo e um crepúsculo de fogo.. .

— Estou desconhecendo-a. — Adiantou-se a médica, sorrindo.

— E quem conhece alguém? — Inquiriu. — Os bretões somos ternos e apaixonados, amantes da beleza e frágeis ante o amor: sucumbimos de imediato, sem relirtâncias. Não estranhe, pois somos humanos, também... (E riu.)

Julien aplaudiu a ideia.

Guiados com segurança, pela álaçre auxiliar, alcançaram poética e bucólica ponta que se destacava no rendilhado das encostas, elegendo um local acolhedor onde o vinho capitoso escorria abundante...

Astuciosamente, passados alguns minutos à mesa, Germaine justificou-se, informando que iria “molhar os pés” nas águas rendadas, na praia. (Desejava deixá-los a sós.)

Afastou-se na direção do mar.

Alcoviteira, no entanto, e espicaçada pela curiosidade, retornou, logo mais, e por uma fresta da porta, convenientemente aberta, ficou olhando o par que se enamorava, enquanto anelava ver casada a sua pupila. (Não fosse ela mulher!)

★

Não fora casual aquele reencontro. Acontecimentos importantes da vida não sucedem ao acaso.

Programada aquela oportunidade, pelos Espíritos Mentores de Julien e Suzette, porquanto ambos conheciam-se antes do berço, haviam-se comprometido a união matrimonial, na Terra, a fim de se ajudarem

mutuamente. As conjunturas que os chamariam aos resgates penosos exigir-lhes-iam amparo afetivo de modo a não se agravarem mais os compromissos, porque lhes faltassem forças morais e recursos afetivos.

Não obstante não se dessem conta da primeira vez, quanto ao necessitar-se um do outro, o contributo de mais largo cabedal de experiências e sofrimentos neles despertou as fontes do amor profundo para se unirem e se ampararem reciprocamente.

★

Face à desencarnação de Renet-Pierre dois meses antes, as disposições testamentárias estavam sendo regularizadas. Aproveitara-se Suzette das férias de verão, que expulsavam as pessoas da Capital, ora para o campo, ora para as praias da *Côte d'Azur* e outras, a fim de poder viajar sem prejudicar a clínica...

Providencialmente Julien-Paul fora inspirado a dirigir-se ao Notário, no momento em que ali se encontrava sua predestinada, que, temperamental e atormentada, se evadira da sua presença anos antes.

Ninguém foge à Lei.

Julien chegava em horas decisivas do destino espiritual de Suzette.

O futuro, desse modo, começava com um presente bonançoso e terno, entremeado de esperanças e sorrisos.

2 AMOR. O "CASO DA INDITOSA SIMONE"

Ternamente envolvida pelo amor de Julien, Suzette sentiu-se renascer. Todo um mundo novo se lhe abriu ante os olhos, superando os hábitos anteriores de tudo ver plúmbeo, pessimista.

Não fruía antes a ventura das afeições fortes e nobres, além do círculo doméstico. Quanto conhecia do amor, eram os lances do desencanto que lhe passavam pela porta do consultório em *Clichy* e agora na elegante e sóbria *Villiers*. No primeiro, o amor tinha o nome de desventura, na face

macerada de mulheres vencidas que a procuravam para tratamentos dolorosos. Narravam-lhe seus dramas. Todas amaram quase sempre a pessoa errada. Caíram nas malhas *degigolots*, *entremetteurs* infelizes, técnicos na exploração de jovens inexperientes. Seduziam-nas pelo Interior do país, nos arredores de Paris, nas *Gares du Metro*, moçoilas pobres que trabalhavam na cidade, sonhadoras. Traficantes de mulheres, exploravam-nas após iludí-las, negociando-as para os mercados da África onde se consumiam... Outras eram *devoradas* nos *cabarets*, em Pigalle e nas ruas das infelizes *gourdandines*⁴⁴ que expunham a alma estiolada a fim de sobreviverem em pardieiros coletivos, sombrios, envenenados pela presença da sífi-lis, da tuberculose, do alcoolismo, da morfina, da morte demorada, quando as tragédias superlativas não lhes tomavam as carnes murchas, exauridas na flor da mocidade...

Havia, também, sabia Suzette, o amor de mães proibidas a novas maternidades por companheiros desalmados que nelas viam, apenas, o objeto feminino... E, no entanto, os amavam. Aliás, por estranhos encantamentos, como se fossem vítimas de filtros miraculosos, todas amavam a esses vândalos ou criam amá-los. Temiam-nos e não os abandonavam; sofriam e submetiam-se-lhes. Eram seres hipnotizados do submundo das misérias humanas, em que o sexo primitivo, selvagem, ocupa lugar de realce.

No segundo consultório, *chic*, as tramas diferiam apenas em preço e posição social.

Suzette chegara a sensibilizar-se vez que outra pelos acordes do amor, quando estes soavam junto aos ouvidos do seu coração. Marcada, porém, duramente assinalada por complexos, ora de culpa ora de mágoa, asfixiava os sentimentos, adiando-os. . .

As clínicas eram-lhe uma escola, uma muito cruel academia onde a vida desfilava as suas mais escabrosas *personnages*, apresentando vividas e lúridas experiências que, mesmo agora, quando se sentia por demais acostumada, a tomavam de surpresas angustiantes.

Passaram alguns anos e no entanto ela não conseguia esquecer. A experiência aziaga mutilou-a. Sempre que ouvia falar sobre o amor, recordava.

As coisas, os fatos transcorriam sempre rápidos, não as desgraças. Sim, ela sempre estava de permeio nos sucessos da desdita. Ou melhor: o infortúnio sempre batia-lhe à porta.

Na sua agenda anotara com profundo rancor da vida: “O caso da inditosa Simone”. E era este o que lhe voltava à mente, quando sensibilizada pelo amor.

Dois anos após concluir o Curso, na época em que somente a miséria lhe chegava à sala exígua para exames, tratamentos e socorros de emergência, surgiu-lhe Simone...

Não fora aquela a primeira vez que a convocavam para uma ação de tal porte.

A cliente foi muito franca.

— Só a senhora me pode ajudar, doutora. — Falou com a definição dos desesperados da alma.

A prática que a experiência lhe proporcionava, a duras penas, fê-la compreender, de imediato, qual o problema da mulher.

— Procurei-a, porque me lembrei da senhora. (Fez-se cabisbaixa; parecia chorar.) Não se recorda de mim, Dra. Niesembaum?

Aquela voz era-lhe algo familiar. O rosto, que devera ter sido muito belo, apresentava-se descarnado e não obstante o *maquillage* forte, nele estavam os sinais do desgaste orgânico.

— Não me recordo, infelizmente. — Justificou--se. — Sou péssima fisionomista.

— A senhora frequentava nossa casa, era amiga de minha família, há poucos anos atrás... — Falou medindo as palavras. — Eu mudei muito... Sou Simone, a filha do Professor...

— Céus! — Interrompeu-a. — Que lhe aconteceu, minha filha? Por que não me procurou há mais tempo?

Ergueu-se, mudou de atitude. Envolveu a jovem com o olhar interrogativo da mulher prematuramente envelhecida, e, sem ocultar o vexame, inquiriu-a com indisfarçável piedade:

— Conte-me o que deseja, como me encontrou, o que se passa... Diga-me tudo.

— Um feliz acaso ajudou-me a reencontrá-la. Falaram-me da senhora, amigas minhas...

— Está com sua mãe?

Ela ergueu os olhos negros, no fundo de cílios longos, ainda belos, e, nublando-os, respondeu:

— Não nos damos mais... Vivo aqui próxima em *la Rue de...*

— Mas é um local de...

— Eu sei. Eu também sou assim chamada, já não tenho nome...

— Minha pobre criança! (Suzette estava comovida a ponto de chorar.)

Ergueu-se, novamente embargada, procurou alguma coisa num armário próximo, enquanto se recompunha emocionalmente, dando-se tempo.

— Tudo se poderá recompor. — Reatou a conversação, aparentando calma, como se estivesse diante de uma coisa singela.

Bem, era comum, não, porém, singela.

Decerto, na vida, tudo que incide sobre o comportamento moral, mortificando-o, deixa de ser singelo para fazer-se desar...

— Para nós ambas, mamãe e eu, é tarde demais. . . — Aclarou a consulente.

— Sempre é cedo — redarguiu, elucidando —, quando se deseja recomeçar.

— Não para mim...

Fez uma pausa longa, rebuscando no ontem de sombras uma fímbria de luz em que se apoiasse.

Suzette-Sara deixou-a refletir, ajudando-a com o silêncio.

— Mãe estava..., está com a razão. — Obtemperou sem amargura na voz. — Eu não presto para nada, senão para o que me fiz.

— Não pense assim. Você é uma criança.

— Estou com dezenove anos, para ser exata... E uma anciã, conhecedora dos dédalos mais vis da alma humana.

A médica anuiu no mundo mental, ante a resposta pessimista, sombria, todavia legítima. Aquela menina devera haver chorado e estava sofrendo demasiadamente.

— Tudo começou quando papai ainda vivia, nos tempos felizes. — Expôs com certa relutância. — Eu estava no Liceu, completara quatorze anos... Amei um jovem, que certamente não me amou... Era o tempo da guerra. . . Normando, estava aquar-telado em Paris, no desesperado esforço de salvar a Cidade, naquela quadra de horrores que parece longe demais. Recorda-se?

Levantou-se, olhou a rua. À distância, da janela, prosseguiu :

— Sempre fui caprichosa. Filha única de pais idosos, mimada, acostumara-me a ter tudo...

— Não se martirize. — Interceptou-a a esculápia, desejando poupá-la. — Não me parece importante. Afinal, alegremo-nos ante esta façanha do destino, que nos aproximou.

As palavras eram sinceras. A gratidão ao velho mestre fê-la, na filha, testemunhar-lhe amor, reconhecimento, essas virtudes escassas no coração humano, após socorrido, amparado e amado.

Naquele momento experimentou afeto pela jovem batida pelos ventos dos desaires.

Acercou-se e abraçou-a.

— Sente-se. Irei servir-lhe um calmante. Far--lhe-á bem. É *água de melissa*...

— *Merci... merci beaucoup!*

Tomou o medicamento em água fresca, açucarada.

— Naquele tempo, abandonou-me o ingrato, quando eu mais o necessitava. Entregou-me dinheiro e indicou-me uma *avorteusei*⁴⁵ que ele conhecia... Eu não houvera sido sua primeira vítima. A desditosa era uma megera, cínica, fria. “Fabricante de anjos”, traficava-os, quando nasciam vivos de mães inescrupulosas como eu, enviando-os para a Normandia... Parece-me que ainda usam esse comércio, nos *trens* das terças-feiras... As mães inditasas, quando ricas, pagam a manutenção mensal dos filhinhos que logo morrem adiante, pois são deixados em qualquer lugar... É *achantage!* Eu sei como se faz. Só o escândalo ou a morte liberta desses falcões tais infelizes.

— Seus pais foram informados?

— De maneira alguma. O pequenino feto estava com pouco mais de B meses... Enfermei gravemente. Papai salvou-me, sem sequer suspeitar, o coitado! Não tive a cobardia de feri-los, confiantes que eram.

“Pior do que a honra ultrajada, foi-me a perda da esperança, a funda desilusão interior. Pensei que enlouqueceria ; planejei suicidar-me. Sempre, porém, desejei viver, beber com sofreguidão a taça do prazer e estava estiolada...”

— Se a narração a entristece — interceptou-a outra vez com amabilidade —, não vejo porque fazê-la.

— Faz-me bem. É uma *katharsis* (quase sorriu). Não é esse o termo moderno que se usa para liberar o inconsciente? Meu pai aplicava a técnica da . . . indução ; isto mesmo, da indução artificial nos seus pacientes.

— Muito bem. Correto. — Sorriu com jovialidade. — Sempre ficam as boas lições, quando ministradas por mestres honoráveis como seu pai.

— Deveria ter-lhe guardado os exemplos de honradez. — Auto-supliciou-se. — A teoria é mais fácil de conservar-se...

“Depois que ele morreu nossa casa perdeu a vida. Mamãe, que o amava com desequilíbrio, não cuidou de mais nada...

“Claro que a culpa é minha...”

— Não se traumatize inutilmente.

— Já não me atinge a dor. Destroçou-me desde antes.

— Mudemos de assunto e vejamos em que lhe posso ajudar.

— Desculpe-me! (Estava relutante, como alguém que se envergonhasse da própria malaventura.) Vinha pedir-lhe um *avortement*⁴⁶. (A última palavra saiu-lhe vagarosamente, receosa.)

— Matar!?! — Inquiriu, lívida, Suzette-Sara.

A princípio supôs que se tratava de um infanticídio, sim, depois, face à conversação, de alguma enfermidade. O choque descontrolou-a. Não pôde ocultá-lo. Sentia-se ferida.

— Você sabe o que me está pedindo? — Arguiu com uma facies alterada, congestionada, como se o pedido lhe atingisse sentimentos profundos que não desejava exteriorizar.

— Não posso pagar... A senhora é a minha salvação ou a minha morte... Se eu não lograr libe-rar-me da gestação, pretendo.. .

— Isso é *chantage* moral e eu não me submeto. — Rosnou, desarvorada.

— Perdoe-me, não é a minha intenção forçá-la. Venho suplicar-lhe: Salve-me! (O palor da face traduzia a agonia interior.)

— Salvá-la, matando outra vida, eu que jurei salvar vidas?!...

A médica denunciava transtornos íntimos, que a paciente tresvairada não percebia ou não interessava ver além da sua desgraça.

Se Simone olhasse a médica ficaria aparvalhada, ante aquela desusada reação.

Houve um silêncio no qual se *ouviam* os pensamentos em desalinho, em tropel.

— Naquele período, após a morte de papai — prosseguiu a narrativa interrompida —, resolvi-me tentar um trabalho. Abandonei os estudos, já que os nossos haveres facultavam-nos uma vida burguesa, relativamente cômoda.

“Tentei o teatro sem qualquer sucesso e resolvi-me pela dança... Aí tiveram seu lance mais cruel os meus desatinos morais.

“Caí nas malhas da bem urdida trama do crime.

“Apaixonei-me por um homem belo e sedutor. Entreguei-lhe o corpo, a alma... Lutei com mamãe, exigindo-lhe, à imposição dele, o que me pertencia.. . Quase a matei de desgostos... De posse dos valores a mim arbitrados pela Lei, extorquiu-me ele até o último *franco* e abandonou-me, menos de um ano depois, o canalha explorador.”

Simone falava com a voz rouca em decorrência do sofrimento que lhe causavam as reminiscências. Cada frase parecia-lhe extirpada da alma com a lâmina aguçada de implacável bisturi.

— Somente quem transitou por um labirinto, em alucinação, poderá entender a angústia de quem derrapa no rumo da prostituição. — Adiu, ampliando a amarga dissertação.

Suzette escutava, agora, pensando no aborto. A esforço, com as mãos levemente trêmulas, tornou à realidade da sala-confessionário.

“Como caiu a infeliz!” — Pensava, sentindo-se mortificada.

Qual se participasse das reflexões da obstetra, Simone, num arroubo de lucidez, como se pensasse alto, num monólogo afligente, balbuciou:

— O poço do crime moral não tem fundo que ampare aquele que tomba dentro. Possui vasa insuportável, que asfixia ; porém cai-se cada vez mais...

Recobrou a altivez por um momento e explicou:

— Relutei muito em aceitar a situação. Com a inteligência eu me afirmava não ser uma decaída. Aquilo acontecia porque eu me permitia. Levantar-me-ia, tornaria atrás, recomeçaria. Pelo **coração** eu me sentia vencida. Era uma luta entre o intelecto e o sentimento. A lógica de um lado e as emoções do outro em conflito. Negava-me o epíteto, não a situação. O nome feria-me, não a prática.

“Era um câncer de vasta metástase, a chaga da jovem”. Meditava a médica. E ela estava punçando-o, abrindo-o em toda a extensão, permitindo que drenasse largamente. Quando parecia exaurir-se, outra área supurava abundante. Inspirava amor, entretanto, infinita compaixão.

Já não chorava. Nenhuma das duas chorava. Em ambas, as lágrimas secaram.

“Eram duas infelizes”. — Concluía Suzette — ... Diferentes as matrizes da desgraça que as visitava. Afinal não é o instrumento que fere o que importa, mas a dor resultante, em si mesma.

“Adicionava aquele aos seus múltiplos amargores. E como os tinha! É certo que sobraçava conflitos que já se confundiam. No fundo eram iguais.”

Suzette-Sara meneou a cabeça, tentando arrojara fora as lucubrações como se receasse trair-se, ser ouvida. Aguçou o interesse.

Simone, indiferente, tornara uma cantilena triste o seu fadário, prosseguindo :

— Não me podia impedir descer. Era uma fascinação mórbida. Comecei a frequentar os locais hediondos do **bas fond**. Após ter sido levada uma vez, aspirado aquele ar mefítico, volta-se, mergulha-se nele até o fim...

“Pensei em sair, evadir-me. Recordei-me do semblante de mamãe envelhecido, exaurido pela saudade de papai e consumido pela ingratidão da filha única. Desisti, então, de voltar à casa.

“Seu olhar dementado pela surpresa dolorosa, infinita, do que eu lhe atirara à face, a fim de ex-torquir-lhe os recursos para o meu explorador,

acompanhava-me sem cessar. Inesquecível aquele olhar.

“Ela não podia imaginar sequer, parte do que lhe disse, no entanto era a realidade. Parecia não me crer. Tentou, ainda.

“— Filhinha! — Tartamudeou, lacrimosa, chamando-me à razão, conciliatória, desmantelada no corpo, na mente, na alma, e eu, a fera, reagi: “Não sou sua filha. Não a filha que você esperava. Sou uma rameira”. Estava em loucura total.

“Os seus olhos grandes pareceram-me fora das órbitas. Trêmula, apoiou-se a uma cadeira de alto es-paldar, segurou-se, enquanto eu a feria, embora não o quisesse.. . Era uma força demoníaca que se me apossou, dominadora, terrível... Recuei para fugir e nunca mais volver. Vi-a cair de joelhos, unir aquelas mãos que me acariciaram, e, soluçando, olhar perdido no rumo de Deus, começou a orar... Os empregados acorreram a socorrê-la. Quando bati a porta da biblioteca, onde se desenrolara a cena hedionda, Lucienne, a minha antiga ama, olhar selvagem, rilhando os dentes, defendendo a velha e boa Senhora, praguejou: “Desgraçada! Ingrata! Vai infame! O mundo te ensinará. O maldito amante será o cobrador desta desonra...”

“Desejei gritar-lhes, a todos, que me socorressem, que não era eu quem fazia aquilo, que me impedissem descer a escada, sair...

“A boca cerrou-se, uma saliva grossa, amarga, espumou nos cantos dos lábios e a presença invencível do *demônio* que me escravizava em grilhões impeliu-me a fugir, agora que tudo estava consumado.

“É claro que eu não acredito em demônio. É uma forma de me expressar. . .

“Doíam-me as carnes, desconjuntaram-se-me as pernas. Transposto o umbral de saída, volvi à realidade. Apoiei-me ao gradil junto à rua; olhei para o que ficava; era tarde! Não podia voltar nunca mais. Eu matara mamãe!

“Se lhe não tomei a vida física, assassinei-lhe a alma. . .

“Sou uma matricida! Deixei-lhe vivo o corpo, porque este se negou a morrer. . .

“Mereço, pois, beber até o fundo, toda a lama da minha incomparável podridão.”

Ofegante, agitada, esfregava as mãos.

— Infanticida, matricida, degenerada e vivendo insaciada, se isto é viver.

“Fui eu, pois, quem se expulsou do lar para jamais retornar.”

★

De fato! Simone fora vítima da própria pusilanimidade e ingratidão, estabelecendo, graças ao desvario sexual, uma urdidura obsessiva de largo porte, que agora arrostava de degrau em degrau descendente, padecendo a força consumidora do inimigo desencarnado.

Exercitasse o hábito salutar da prece, o culto do respeito aos genitores e ter-se-ia poupado à alucinação com que comprometia infinitamente a atual reencarnação.

As mentes se conjugam por processos de afinidades, na Terra como além dos círculos carnis, sobrepondo-se a mais poderosa, do que decorrem vigorosos vínculos de subjugação desconcertante.

Não são poucos os que deambulam entorpecidos por hipnose espiritual, excitados por indução obsessiva, anatematizados por mentes de desencarnados, enxameando nos porões da sordidez humana, alienados de difícil classificação para as chamadas Ciências Acadêmicas.

★

— Não poderia ficar impune. — Deu curso à confissão.

Apesar de sofrer novamente cada evocação, isto a ajudava a expungir.

— Depois de tombar em várias mãos (suspirou, desconsolada, como quem não deseja mesmo lutar, cansada de nadar contra a correnteza da demência moral), comecei a ruir por dentro...

“Encontrei Andrés, um fogoso argelino de sangue espanhol, que me explora e a quem suponho amar.

“Nele me esqueço de tudo, nos breves momentos em que me visita. Sou-lhe escrava total, agora que ele me encanta as horas de nostalgia com o haxixe. Não me posso separar dele.

“Tenho que sobreviver, e este seu, este nosso filho não pode nascer.”

Novo silêncio.

— Prefiro a morte — desatou a chorar —, a perder Andrés. Ele me matará, se souber-me em gestação. Tenho que *trabalhar* para nós ambos, e num estado destes, logo mais quem me quererá?

“Pode ajudar-me? São trapos morais tudo o que resta de mim”.

Simone estava encolhida na cadeira. Parecia uma avezita sobre o ninho destruído pela chuva, pelo vento e granizo, molhada, arrepiada, indefesa e vencida...

— Ajudá-la-ei — resolveu-se interferir Suzette, decidida —, não como você deseja, mas como poderei e deverei fazer. Arrancá-la-ei desta vida miserável, levando-a para minha casa. Tratarei de você; teremos a criança; procurarei sua mãe mais tarde. O angélico sorriso de um netinho, de qualquer procedência, sempre encantador, corrige todo passado, embeleza o presente, organiza o futuro.

— Não posso aceitar. — Confessou, resoluta. — Eu me conheço...

— Tentemos!

— Não vale a pena! Agradeço, mesmo assim, a sua bondade ouvindo-me, o seu interesse... Mas a senhora não percebeu que eu já morri? O que respira em mim são a desonra, o desarranjo geral... Quando desaparecem os ideais de enobrecimento na criatura, ei-la morta... *Adieu!*

— Simone, não se vá. — Atalhou-a, num movimento brusco. — Não se vá assim. Dê-me tempo. Volte amanhã, às duas da tarde.

No olhar dorido da menina-mulher, todo um mundo sem palavras luziu por um momento e se apagou.

Simone de M. voltou à *Rue de...*, a mergulhar no fosso.

No consultório, Suzette-Sara cravou os cotovelos magros no *bureau*, segurou as têmporas com as mãos úmidas, enquanto aquelas latejavam, e, não possuindo paz interior, perdeu a pouca segurança na voragem dos destroçados conflitos íntimos.

Deu-se conta: estava chorando.

Sem Deus, — que expulsara do coração —, sem fé, — que se extinguiu por escassez de combustível —, era, sem o desejar, mesmo assim, solidária com a dor do próximo.

Digamos logo: era humana, embora já não o quisesse ser.

3 UMA VIDA POR OUTRA VIDA: DUAS VIDAS PERDIDAS

Suzette-Sara acostumara-se às noites insones. Sempre que um problema a mortificava ou uma alegria a dominava — foram poucas, aliás, as legítimas alegrias que a visitaram em clima de felicidade —, desaparecia-lhe o sono. A dor roubava-lhe a tranqüilidade e o repouso em consequência da nevrose que não mais a deixaria, desde os dias já longínquos de Nantes, e as alegrias, bem, os júbilos passaram a roubar-lhe a harmonia emocional, criando dificuldades para o sono reparador, desde o reencontro com Julien-Paul, em Saint Nazaire... Isto, porque, a par do contentamento com a chegada do amor ao seu coração, ressuscitaram os dramas alheios, que guardava, seus próprios delitos avaramente ocultados... Sim, delitos, era a palavra exata.

Em aqueles dias de Saint Nazaire, ali ficara por cinco dias cuidando da documentação de “La Villette” e convivendo com as líricas promessas de Julien que, em definitivo, se lhe tornou o primeiro, o único amor da sua vida. Tinham muito que falar, que planejar em relação ao futuro... Enquanto ele também se desobrigava dos compromissos formais e legais do seu labor, para a construção da “Vila Operária”, concedia-lhe todo o tempo disponível. Naquele período ela compreendeu o que significava o velho

refrão: “Morrer de felicidade”. A insônia tomou-lhe, então, as horas do leito.

Assim ocorrera entre a saída de Simone e o dia imediato. A noite de permeio, passou-a em claro.

As reflexões diluíam-se invariavelmente em nó górdio: “Atendê-la, ceifando o feto para salvar a jovem ou negar-se, salvando o feto e perder a mãe e o filho?

“Todavia, salvar a mãe, destruindo o filho, para que? Seria aquilo viver? Não significaria, apenas, adiar a data do óbito para a mãe?”.

O dia nasceu morno, sem os habituais ventos brandos e agradáveis da quadra, encontrando-a decidida, a custo de incomum batalha íntima.

Às catorze horas, com a pontualidade do tempo, em Greenwich, chegou Simone.

Estava menos *maquillada*, traindo, na face, um cansaço superlativo.

— Usou haxixe ontem? — Inquiriu Suzette com timbre frio na voz.

— Hoje pela manhã. — Respostou, débil. — An-drés não veio...

— Esse homem, se é um homem, merece o seu sacrifício, a tal ponto? — Penetrou-a a médica, com a interrogação, fitando-a com expressão dura. — Ninguém merece tanto. Uma vida somente deve ser

doada se for com a finalidade de resgatar outra. Nesse caso, porém.. .

— Ele não pede a minha vida. — Aclarou a jovem. — Sou eu quem lh’a dá. Nem sei se ele o percebe. Não sou a única...

— Então você é louca! — Bradou, um pouco irritada. — A mulher pode perder tudo, mas sempre lhe fica um resto de amor-próprio. Tenho-o defrontado em *gourdandines* que se aniquilaram todas...

Interrompeu-se e acrescentou, mudando de tom :

— Desculpe-me a palavra, não foi intencional. Estou nervosa.

— Não se incomode, já me acostumei. Não há outra palavra que me defina com tal exatidão, exceto os seus equivalentes.

— Simone! (Um nome, e Suzette-Sara colocou toda a sua emotividade ao enunciá-lo, como se desejasse impregnar a palavra com a força da redenção.) É tempo, ainda. Começemos outra vida. Ajude-me, aquiescendo. Eu a ajudarei.

— Inútil, doutora. Já discutimos o assunto ontem. Se de todo é impossível para a senhora, eu compreendo, e nada mais posso fazer. Permita-me, todavia, a honra da sua amizade. Não fique desagradada comigo. Preciso de alguém que me estime como ser humano.

Aquele apelo mudo, aquela desesperação superlativa, o infortúnio em tão alta dose venceram a decisão anterior da médica.

— Pela última vez eu lhe peço. — Tentou a es-culá-pia. — Em memória de seu pai.

— Não tenho como evitar fazê-lo. — Confirmou a desdita, num fio de voz. — Se existe vida além do corpo, que duvido, ele compreenderá; se não, porque

preocupar-me? A memória dele, infelizmente as recordações morreram por falta de algo que as segurasse, que as mantivessem em mim.

Estava definido o crime. Um delito para manter outros delitos. A inditosa lógica humana: sustentar uma desonra por meio de outra desventura.

A *Laminaria*⁴⁷ foi programada.

O aborto teve início no dia imediato. A jovem ficou, desde cedo, na clínica, se é que podemos chamar a sala exígua e o cômodo contíguo, acrescido de banho, uma clínica.

Suzette, no esforço de salvar Simone, não se percebeu que o aborto teria consequências fatais, mediata ou instantaneamente. O organismo consumido estava minado pela tísica, sempre presente na fragilidade dos corpos em consunção.

Estimulado, obrigado o organismo a expelir o feto, uma hemorragia imprevisível, graças à violência com que se apresentou, formou um quadro alarmante que colheu a *avorteuse* e sua vítima com a inexorável presença da morte.

Naquelas circunstâncias graves, o esforço para a *délivrance*, as contrações sucessivas num corpo enfermo, produziram, simultaneamente, a irrupção de forte hemoptise, que de forma brutal matou a desditosa mulher ante a estupefação da médica em semi--desvario.

Não havia auxiliar para o infanticídio, o que poderia considerar-se ausência de testemunha no crime.

Embora o vigor com que as autoridades estavam punindo o aborto, que se tornara uma tremenda calamidade em Paris, naquele período, a fiscalização era difícil, penosa, porquanto a acusação que poderia ser apresentada pela vítima tornava-a igualmente ré e poucas se atreviam a apresentá-la. Depois, o dolo, a negligência dos responsáveis pela fiscalização e mais grave, no caso, a amoralidade e o crime conscientes das pessoas que se submetiam às macabras operações.

Tudo consumado, Suzette cuidou de evadir-se a qualquer responsabilidade, notificando à Comissária de Polícia de *Clichy*, sob a alegação de que a infeliz fora vítima de mãos inábeis e chegara ao seu consultório já em processo abortivo adiantado... Como não houvesse tempo de comunicar o fato antes, a fim de não adiar a assistência ocorreu a morte chocante, sem possibilidade de salvação.

Quando o Delegado Policial se inteirou de que se tratava de uma “dama da noite”, limitou-se às perguntas de praxe, sem significação, tomando as providências iniciais para transferir o cadáver para a *morgue*.

Como também informasse desconhecer qualquer dado que levasse à identificação da extinta, o caso foi encerrado, logo depois, sem maiores cuidados.

Nunca mais, porém, Suzette olvidaria a máscara facial da agonia em Simone...

Por pouco não enlouqueceu.

Também não confessou a ninguém o superlativo drama que viveu por um longo período da vida.

Germaine, para quem as coisas não passavam despercebidas, por mais a inquirisse, arrancando-a do silêncio e da hebetação em que caiu, nada conseguiu de positivo.

Atormentada, à guisa de penitência, impôs-se procurar a genitora da infortunada Simone, como também, picada pela curiosidade nascida no ódio surdo, desejava buscar Andrés, o real assassino, e narrar-lhe toda a tragédia, a fim de fazê-lo padecer...

Não era, porém, ingênua. Sabia que dentre os criminosos, os exploradores do sexo levam a palma, somente comparados aos traficantes de drogas.

Anelava encontrar a Senhora Georgette, a fim de informar-lhe sobre a filha, confortando-a. Não que pretendesse infelicitar mais a sofrida viúva, antes, tentaria dar-lhe notícias, consolá-la, criando uma imagem de *últimos momentos* de Simone, recordando a mãezinha e pedindo-lhe perdão.

O fato, é claro, não aconteceu assim. Mas a confissão lenta e tormentosa, o arrependimento de tudo não expresso em palavras, por falta de reparação, era um pedido de perdão autêntico, sem rebuscos...

A vida grafa diferentemente suas decisões.

Suzette jamais voltou a encontrar a Senhora Georgette de M.. Andrés, porém, transitaria outra vez pelo seu caminho.

★

Tragédias que tais, Suzette responsabilizava o amor, porque o vinculava ao sexo.

O sexo, no entanto, é instrumento divino para a vida.

O amor pode expressar-se sem o sexo, o sexo, também, pode externar-se sem amor.

Quando o amor independe do sexo é santificação, escada de luz nos rumos da Divindade.

O sexo, no entanto, quando se apresenta sem amor, faz-se ruína e se converte em mecanismo de infelicidade, que arroja à loucura e ao crime.

O amor, conjugando-se ao sexo, preenche superiores finalidades da reencarnação humana, com vistas à criação física, intelectual, artística, espiritual. ..

Na permuta de forças físico-psíquicas, mediante a afetividade sexual, renovam-se as paisagens da alma e plasman-se as construções relevantes da Humanidade.

Baratear o amor, vulgarizar o sexo, são meios de extermínio moral em que sucumbem, também, os apaniguados da utopia libertina da sensualidade.

Por amor a Beatriz padeceu Dante inomináveis suplícios, no entanto, do seu mar de infortúnios, premiou a literatura universal com a Divina Comédia.

Amando, Abelardo sofreu os mais vis opróbrios, ganhando a História as célebres “Cartas a Heloísa”, seu amor, e toda uma literatura incomparável, conforme a publicou Cousin, em 1836, enfeitadas sob a epígrafe: “Obras Inéditas de Abélard”.

Não são poucos os milagres do amor no Pensamento, na Humanidade, arrebatando homens e mulheres às culminâncias do martírio, da glória, da renúncia, do heroísmo, da santificação, da beleza.

Mostrem-me uma realização sublime e eu a apontarei como filha do amor.

Sintoma de decadência de um povo, a expansão libertina do sexo; sinal de degenerescência de uma época, a alucinação sexual.

★

No *lupanar* em que se exaurira Simone, foi notada sua falta como se percebe a ausência de uma mercadoria, não como se fora a de um ser humano...

Não houve queixas. Uma busca pelos antros mais sórdidos foi iniciada com objetivos de puni-la, caso se houvesse evadido.

Como não eram raros os desaparecimentos: homicídios, suicídios, *transferências* clandestinas, fugas inúteis, seu lugar foi ocupado por outra e sua tragédia esquecida.

Ainda hoje são assim os desaparecimentos humanos. Avolumam-se e ficam esquecidos, sem solução.

Não foi, porém, jamais olvidada pela Dra. Suzet-te-Sara de Niesembaum, que somou aos seus desconfortos morais o sinistro caso da desditosa Simone.

4 MADAME CORINE E COSSETTE — A TRAMA DO DESTINO

Seis meses após o reencontro com Julien-Paul, houve o consórcio de Suzette-Sara, no *Hôtel de Ville*, em *Neuilly-Sur-Seine*, seguido da tradicional cerimônia, na Sinagoga da *Rue Ancelle*, exigência do noivo, em homenagem à genitora Greta Hotts-mann.

O palacete da avenida *d’Inkermann* viria depois completar a felicidade do casal, consequência natural do “*status*” que alcançava os Hosttsmann.

A construção civil guindava Julien-Paul a posição de prestígio, ampliando-lhe os horizontes financeiros e sociais.

A instâncias da esposa, entretanto, os amigos eram selecionados com rigor, e o lar, raramente aberto às reuniões da frivolidade social.

Ficara deliberado que ela somente iria à Sinagoga em eventos especiais, não desejando manter vínculos de natureza religiosa.

Infelizmente, o amor de Julien não conseguiu arrebanhar as fortes amarras que a retinham atada ao passado. Conseguira independência econômica,

afeto, não a paz íntima, que é tesouro incomparável, matriz para a felicidade sem jaça.

Michel, auxiliado pelo cunhado, veio trabalhar com este na Empresa, readquirindo o interesse pela vida. Passou a estudar, e, com Germaine, veio residir em Neuilly.

Homem, tornou-se uma estátua de Fídias, graças à harmonia da masculinidade e à beleza do rosto.

Recatado e discreto, em pouco tempo adquiriu excelente círculo de amigos.

Dedicado ao trabalho, conseguiu merecer a confiança do cunhado, adquirindo experiências, e, enquanto motivado pelas circunstâncias prósperas, afeiçãoou-se ao Curso de Engenharia, dando continuação ao que prometia transformar-se em brilhante e lucrativa carreira.

Suzette-Sara, inobstante a seleta clientela no consultório da *Avenue de Villiers*, por singular gratidão, manteve abertas duas vezes por semana a Clínica de *Clichy*.

Às terças e sextas-feiras à tarde, ali atendia bem diferente classe de mulheres.

Veza que outra empregadas humildes, serviçais honestas, senhoras do povo buscavam-na com os minguados recursos de que podiam dispor.

Atenciosa, ministrava-lhes orientação, auxilia-

va-as nos *accouchements*⁴⁸, como de ordinário lhe exigia a profissão.

Todavia, eram as mulheres atormentadas dos bordeis que lhe inspiravam maior dose de compaixão.

Ali, naquele lugar, dera início à carreira, exercitando-se e recebendo os raros *francos* que lhe mantiveram a vida nos amargos meses do passado. Dali retirara o sustento para o lar; também haurira, no lodo em que fossilavam as que haviam tombado sem remissão, profundos ensinamentos humanos.

Conhecia entre elas incomparáveis lições de fraternidade humana, incontroversos atos de bondade.

A dor, a miséria moral ligava-as, sustentava-as.

A queda de alguém é tombo dos valores humanos e sociais, da mesma forma que, o alçar-se alguém às culminâncias da glória, do bem, da honra, do dever torna-se elevação da sociedade em triunfo.

Esmacia na memória o caso Simone, quando outro drama passional chegou-lhe à clínica.

Madame Corine, que vivia às expensas do lenocínio, e apesar disso era amada pelas suas protegidas, algumas vezes recorrera à médica, em situações vexatórias próprias ou de terceiros. Tornou-se amiga da Dra. Niesenbaum. (Ela preferiu manter o nome de solteira, na placa de cobre brilhante à porta da Clínica).

Acompanhada por uma jovem, apresentou-a à médica, sem circunlóquios.

Expliquemos logo que entre os infelizes não há tempo para contornos, para perda de palavras, para rebuços.

Na sinceridade das palavras, na franqueza rude, a situação, o clima interior, a pressa para fazer-se entender, revelar-se.

— Apresento-lhe Célestine, que necessita da sua ciência e de amor. —
Falou com entonação de quem sabia o que expressava.

A acompanhante sorriu e baixou os olhos.

— É também conhecida como La Cossette.⁴⁹ (Sorriu, em alusão à palavra).

Recompondo-se ante a expressão de austeridade da médica, prosseguiu :

— Ontem, na minha Casa, que é distinta, como a Senhora sabe...

Interrompendo-a bruscamente, após pigarrear, a obstetra solicitou:

— Evite os detalhes e atenha-se aos fatos.

A mulher desconcertou-se.

Julgava-se uma dama, a pobre *madame* Corine, talvez, porque não conseguiu sê-lo. Era gorda, afável, sorriso aberto, mas, também, uma exploradora de vidas.

Não era, porém, livre, e fazia, em consequência, o que lhe exigiam os *protetores*, que facultavam o funcionamento da Casa.

Respeitava-os a fim de não perder a licença; digamos com franqueza: a vida, que era mais preciosa do que a autorização para *trabalhar*.

Madame Corine sabia demais *de son métier*⁵⁰ e seria perigosa para determinado círculo de personagens bem situadas, numa desavença. Por sua vez não ignorava que a sua segurança seria sua docilidade.

Chegara a Paris há mais de vinte anos, iludida como a grande maioria.

Fizera carreira — dizia-se —, preferindo a direção de uma Casa, após amealhar recursos em espetáculos lucrativos, quando a aparência ainda a ajudava.

Ninguém lhe conhecia a história. Bem, quase todas mudavam de nome, esqueciam o passado.

Impossibilitada de ser melhor, não se fizera uma fera; conseguira permanecer jovial com aqueles a quem devia obediência e com os que se lhe submetiam à vontade.

No íntimo planejava aposentar-se sem aviso prévio, evadindo-se para uma província distante, um sítio retirado, semelhante àquele donde procedia...

Sonho que não sabia dizer se se tornaria realidade, porém, pelo qual lutava com acendrado, cuidadoso devotamento e sigilo.

— Bem, aos fatos. — Grunhiu algo contrafeita.

“Célestinne foi, há dias, instrumento de uma cena de sangue lamentável, em minha Casa.

“Um seu enamorado, resolveu arrancá-la do *Lar*, tomando-a das mãos do amigo e protetor. Pobre desgraçado que ignorava as regras!”

Madame suspirou, fez uma pausa, enxugou o suor do rosto rosado com um *mouchoir*⁵¹ colorido berrante, em cambraia de linho, queixou-se da temperatura e deu curso à narração, que a médica considerava enfadonha e desnecessária.

— Um pouco tocado, o infeliz desafiou An-drés...

— Quem é Andrés? — Perguntou Suzette, como se fora fulminada por um raio.

— O *patrão* de Célestinne, seu responsável. Foi ele quem a conseguiu...

Aclarou, como se se estivesse referindo a um animal de carga, com a máxima naturalidade, qual se fosse perfeitamente legal o comércio maligno.

A obstetra dominou-se e dando um ar de desinteresse, indagou:

— Ele é novo por aqui?

— Não, minha senhora doutora. — Acudiu com rápida resposta.

— É novo na idade: 35 a 38 anos, mas é velho no negócio e... com licença, muito cioso da sua função. (Ela desejou dizer que ele era um criminoso desalmado, intratável, todavia a prudência colocou palavras eufemistas.)

“É argelino, da Capital, e conhecedor do mister. Descende de espanhóis, dizem, de muito boa origem.” (Ela gostaria de asseverar que o pai dele fora traficante, com quem o filho se adestrara.)

Madame Corina possuía essa diplomacia intuitiva, a daqueles que são obrigados a comer migalhas, rastejando, e agradecerem pães dos seus “generosos benfeitores”. Graças a essa acuidade sobrevivia.

Suzette-Sara ficou petrificada.

O “caso Simone” voltou-lhe à memória.

Estranho capricho da vida: era aquele o homem a quem ela esperava ferir, colocar remorsos numa consciência que não possuía!

Reviu com estranheza, graças ao milagre dos clichês mentais arquivados, todas as cenas do encontro e do diálogo com a infeliz abortada.

— Diante de todos — prosseguiu *Madame* — no salão social, o tresloucado desafiou Andrés e avançou para ele com um punhal, após dizer palavras pro-vocadoras. Não se podia fazer nada ou seria tomar partido, e nisso ninguém se arrisca. É a “lei da selva”: cada um por si...

“O argelino de um salto livrou-se do bêbado e matou-o com o mesmo instrumento que lhe tomara das mãos, com o rosto estranhamente congestionado... É claro que não precisava... Aliás, eu não tenho opinião, porque a minha tarefa é outra. (Estampava no rosto roliço o receio.)

“Depois, ainda sujo de sangue, avançou para a menina e *disciplinou-a*, a fim de que não se enganasse outra vez. (Queria dizer, que a agrediu a socos, o selvagem, ferindo-a com os punhos fechados.)

“Ante o espanto geral, fugiu, gritando que fora por legítima defesa e que voltaria.

“A essa altura foi o horror: chamou-se a Polícia, foram arroladas testemunhas, *Cossette* foi levada ao Hospital, porque sangrava, pois ficara distendida no chão... Um horror, uma vergonha ! ”

A mulher resfolegou diversas vezes, suando abundantemente, graças ao nervoso, graças à temperatura abafada.

A outra chorava com discrição.

A doutora olhou-a com a visão clínica de quem deseja ver por dentro, no âmago da alma.

Nesse comenos *Madame* Corine desabafou:

— E não é tudo. A menina vai ser mãe... Em nosso *trabalho* isso não é possível...

— Fora! Explodiu Suzette. — Não sou *avor-teuse*. Rua! Não contem comigo!

— Calma, doutora, não é isso! — Acudiu, assustada a *marieuse*.⁵² — Oh! Deus meu, valei-nos!

— Que é, então? — Indagou, aborrecida.

— Como eu ia dizendo: *Cossette* não havia dito a Andrés que ia ser mãe. Estava com medo. A senhora sabe: é difícil identificar-se o pai em tal circunstância . . . Com o choque e os maus tratos, ela começou a sentir uns sinais e não quer perder o filho. Por isso trouxe-a aqui. Esta menina me inspira, não sei o quê. Sinto por ela uma estranha ternura, e receio que Andrés... Ele voltará, sim, eu sei. E com mais vigor. Um ato desse dá destaque no local. Passado o flagrante, o tempo, tudo se resolve. (Ela gostaria de dizer outras coisas, mas não se atrevia.)

“Em verdade foi “legítima defesa”.

— Que espera de mim?

— Não sei, exatamente. — Tartamudeou. — Se eu acreditasse em *coisas do outro mundo* diria que fui trazida aqui. Quero dizer: desejo que a Senhora a examine. O mais não sei como será.

Suzette olhou com simpatia a cliente. Ela continuava chorando.

Sente dores Cos... Célestinne?

— Sim, Senhora... Pode chamar-me Cossette, não faz mal.

— Venha, deite-se aqui. Irei examiná-la. (Parecia-lhe que estava atendendo Simone.)

— Quantos anos?

— Dezesete realmente.

Madame Corine surpreendeu-se e perguntou :

— Você não disse que eram dezenove?

— Sim. Ordem de Andrés.

— Valha-me Deus! Complicação a vista. Está comigo a menos de oito meses, não sei bem.

— Oito meses. — Confirmou, triste.

— Não interfira *Madame* — Silenciou-a, Suzette.

Enquanto lhe fazia um exame circunstancioso, a médica, fugindo ao seu próprio esquema de não se intrometer na vida dos clientes, arguiu, com naturalidade :

— Você é daqui, Cossette?

— Não, Senhora doutora. Eu sou de Orna⁵³, nas cercanias de Alençon, nas margens do Sarte. O semblante fez-se-lhe suave e os olhos brilharam. Como se divagasse, recordando, falou a esmo:

— Eu amava tudo ali, embora não fosse amada. Fui criada num Orfanato dirigido por monjas, na Capital, donde fui retirada aos dez anos para servir a uma família que residia próxima. ..

Madame Corine interrompeu-a:

— Qual Orfanato?

— Não lhe deve interessar — reagiu a médica. — Não nos interrompa outra vez.

— Peço perdão, mas, eu gostaria de saber.

Ergueu-se, volumosa, suando, aproximou-se da mesa de exames, ofegante e reinquiriu:

— Conheço Alençon... Qual o Orfanato?

— Notre Dame de la ... Fui deixada na *Roda* com um bilhete. Disse-me um dia a Madre Marie de la Concepción, quando lhe perguntei, porque me

jogaram ali.

“Sua mamãe — respondeu-me bondosa —, não a podia educar. Deixou-a com uma cartinha rosa, um lenço de renda e um botão em flor, no mesmo tom do papel.”

— Acuda-me, Deus meu! — Gritou *Madame* Corine, num vágado.

Amparada por Suzette e outra vez sentada, a *marieuse* banhada em pranto convulsivo, declarou de um grito:

— Você é minha filha!

Quiz erguer-se, agônica, trêmula, porém desmaiou.

O ar pesava na sala pequena, quase irrespirável, e, enquanto Suzette-Sara atendia *Madame* Corine, Cossette, recompondo-se, alongou os olhos e cravou-os na mulher sem sentidos, profundamente perturbada.

5 O PÂNTANO DE PARIS REFLORINDO EM QUEBEC

Suzette aprendera a identificar essas nuances do amor.

A clínica, em *Clichy*, era-lhe um educandário, um laboratório no qual as vidas submetiam-se às re-tortas da realidade, que muitas vezes superavam a imaginação dos romancistas de ficção ou os imitavam com garbo e rigor.

Recuperando a lucidez, mais lentamente, *Madame* recobrou a voz. O desalinho nervoso fazia-a trepidar. Chorava e ria qual se houvesse perdido a razão.

— Quanto remorso eu tive! — Justificou-se, balançando o corpanzil, enquanto explicava.

“Escondi a gravidez, quanto pude e afastei-me daqui para tornar-me mãe, longe... Urdi um plano para não despertar a atenção. Não quis matar. Arrisquei-me a perder a vida, ao meu nenen... Ao nascer não o poderia trazer. Todos compreendem.

“Como você deve ter sofrido, durante todo esse tempo, filhinha?! Achei o que fora obrigada a perder, meu Deus !... Por isso você me era diferente e tão querida, na sua fragilidade, ao meu coração!”

Cossette continuava a olhá-la sem poder enunciar uma palavra. Parecia-lhe impossível que aquilo estivesse acontecendo. Não conseguia sequer chorar.

Madame deu-se conta e encarou-a com uma interrogação muda no rosto congestionado.

— Você me perdoa? — Indagou, a medo, como uma criança inquieta.

Naquela mulher emocionada surgira a mãe e desaparecera a caftina.

Suzette aproximou-se de *Cossette*, vacilante, que não compreendera, ainda, toda a extensão do que acabava de ocorrer naquele recinto, ajudando-a:

— Então?! Acha que ela fez mal? Não é idêntico o seu problema? Que lhe responde?

Despertada, trazida novamente à realidade, desatou em pranto convulsivo:

— Perdoo, sim, *ma mère!* — E atirou-se aos braços roliços da genitora, que não cessava de chorar e de enxugar a abundante transpiração.

Podia-se compreender-lhe o drama. A Divina Misericórdia evitou que se consumasse em múltipla tragédia.

Urgia, agora, acurado, meticoloso estudo da situação.

Como continuar *Cossette*, na Casa de *Madame* Corine, no desempenho do comércio inumano?

As duas estavam atabalhoadas, mãos unidas numa tentativa de superação do tempo transcorrido, quando a obstetra, acostumada a decisões, obtemperou.

— Executemos um programa por partes. O silêncio deverá ser total sobre os fatos que aqui se desenrolaram. Agora, demos caráter de urgência ao estado de saúde de *Cossette*. Internemo-la num Hospital para repouso, observação, valorizando o tempo para urdir-se um plano eficaz, afastando-a do bordel.

— Bem pensado. — Concordou *Madame*. — Tenho economias. Estou cansada de fingir. Que não farei por ela? Já o faria antes, sem o saber. Neste momento será tudo ou a minha destruição. Recomeço a viver.

As mulheres, sob a orientação da médica, deveriam cumprir um restrito roteiro com segurança, no momento, pensando-se no futuro logo depois.

Suzette-Sara, em reflexões, concluiu que deveria reparar em Cossette a perda da vida de Simone e do filho que não chegou a nascer.

Após concertado o plano que deveria ser seguido a risca, Suzette recomendou que Cossette deveria volver à Casa, mantendo repouso, enquanto naquele restante de tarde seria tomada a providência para o seu internamento hospitalar.

Os demais pontos da programação seriam examinados minuciosamente, com vagar.

As duas voltaram ao lupanar, enquanto a médica resolveu providenciar o competente leito para Cossette, no Hospital-Maternidade onde assistia suas pacientes.

Não ocorreu nenhuma dificuldade digna de nota.

À noite, no lar, Suzette-Sara, após o jantar, resolveu recorrer à experiência do marido sem minudenciar embora todo o acontecido.

O esposo, inteirado da disposição de recomeçarem a vida, por parte das duas inditasas, opinou que essa resolução era das que exigiam mais pesado ônus ao coração humano.

— Soerguer-se do paul — esclareceu, paciente,

— depois de uma longa permanência nele, exige inauditos esforços, inquebrantável valor moral, que nor malmente faltam nos que resvalaram pelos bordos da corrupção sexual.

— De acordo, inteiramente estou concorde. — Anuiu a esposa. — Todavia, *Madame* Corine e *Cossette* merecem uma oportunidade, um crédito de confiança. Os resultados pertencer-lhes-ão. Eu acredito que nos

cabe o dever de ajudá-las agora. Não me ocorre, porém, como fazê-lo com o sucesso desejável.

— Você tem razão — convenceu-se Julien — como sempre, aliás. O problema que se nos depara, de imediata importância, é como, o que fazer.

— Pensei no Canadá. — Aludiu Suzette-Sara.

— Segurança para elas deverá ser, também, distância. *Hors d'atteinte*⁵⁴ algum tempo atrás acalentei, na soledade que me consumia, retirar-me da França, transferindo-me para lá: a Província de Quebec fascina-me. Além de eliminar o problema idiomático, é Região de possibilidades para a fortuna, em pleno surgimento. ..

— A ideia parece-me perfeita. — Entusiasmou-se Julien-Paul. — Surgiriam, certamente, embaraços

compreensíveis para a entrada no país, considerando-se a não definida situação profissional das viajantes. Poderíamos contornar o impedimento... Lembrei-me ! Deixe-me ver... Tenho uma ideia.

Suzette ficou estimulada, enquanto o marido expunha :

— Nos últimos meses da Guerra, enquanto eu militava na *Resistência*, conheci Madre Geneviève que era verdadeiro êmulo de Edith Cavelli⁵⁵ e que fugira da Bélgica, buscada pela polícia alemã, graças ao auxílio que oferecia a procurados pelo inimigo, no seu país, ajudando-os a evadir-se para a Inglaterra. Era membro atuante da *Resistência* belga, havendo sido acolhida, com muito carinho, quando aqui chegou. Atuou conforme pôde em favor dos seus patrícios, ficando-me ligada por afáveis laços de amizade. Procurá-la-ei, pedir-lhe-ei ajuda, utilizando-me dos nossos vínculos no ardor das lutas e do prestígio de que desfruta a Igreja Católica.

Decidiram que ele se responsabilizaria por essa parte do mister e ela, junto às mulheres, cuidaria de encaminhá-las, sustentando-as moral e psicologicamente até o fim.

No dia imediato, à hora aprazada, Cossette deu entrada no Hospital, conduzida por *Madame* e assistida pela médica.

Podia-se adivinhar a noite que ambas tiveram pela fâcias que apresentavam: expressão de cansaço, estampando o receio que as invadia. Agora, que se reencontraram, receavam perder-se em definitivo.

Provada a bênção do arrependimento honesto, agiganta-se o ímpeto da reparação.

A genitora não ocultava a euforia e os receios. A filha não disfarçava a ansiedade.

Conheceram-se através dos ângulos mais escabrosos da vida; apesar disso, respeitavam-se, dissimulavam o lado infeliz.

Não poderiam demorar-se juntas, constatou Suzette-Sara. Trair-se-íam com facilidade. Chamariam a atenção, os cuidados maternos, a predileção.

O amor trai-se em mil expressões mediante as quais se revela.

A médica expôs a ambas a sugestão de Julien--Paul, descobrindo-as exultantes.

— Não dormimos esta noite — elucidou *Madame* —, procurando uma saída menos perigosa. Conheço o *métier* e sei que não há lugar de segurança, nenhum segredo que se não descubra. Há uma rede subterrânea, imensa, com ligações e interligações desde as altas posições até os esgotos... As malhas são apertadas demais, impedindo que alguém escape... Vez que outra há uma fuga. Uns exultam, outros se apiedam. Sabe-se depois que foi encontrado um corpo. Nunca há dúvida: é o da infeliz.

— Vejamos o nosso plano. — Sugeriu a médica com otimismo.

Rezei esta noite. (*Madame* Corine fitou Suzette emocionada.) Confio que serei atendida. Pretendo visitar a *Madaleine*, a fim de rogar à Santa que nos ajude. Ela que trilhou este caminho e o conhece tão bem, auxiliar-nos-á com certeza.

Embora fosse descrente em excesso na interferência das Forças Espirituais, dos Santos, Anjos, Espíritos, anuiu estimulando-a. Sabia que a fé é responsável por impossíveis resultados, só que lhe dava outra interpretação.

★

Por sua vez, Julien-Paul recorreu a velhas anotações, rebuscou a memória, buscando localizar Madre Geneviève.

Depois de visitar o Escritório à primeira hora, pôs-se em ação. Recorreu ao telefone, chamou antigos *partisans*⁵⁶, informando-se. Por um deles, Justin, muitíssimo católico, conseguiu localizá-la.

A respeitável e abnegada religiosa dirigia uma casa de crianças órfãs no *Arrondissement de Pas-sy*.. Justin ofereceu-se a acompanhar Julien, por quem nutria grande estima e uma dívida de raro valor: fora salvo na batalha de Verdun pelo amigo.

A vida é um bem precioso infinitamente para não ser considerado.

Graças a esse favor, que ele considerava um milagre, e o era, não no sentido que atribuía o feito à palavra, mas noutra, tornara-se profundamente religioso. Um quase Ignácio de Loiola. Só que não se acreditou predestinado como aquele, felizmente... Ficou no *Século* servindo a vida, a comunidade, a Deus sem excessos nem os fanatismos que anulam as boas realizações, quando as existem nos fanáticos.

Madre Geneviève mudara pouco naqueles quase sete, oito anos que Julien não a via. Reconheceu-o de pronto.

Cordialmente convidou-o a sentar-se.

— Identifiquei-o com facilidade, meu filho. — Falou ela, infligindo as *Regras*. (Sejamos lógico: ela sempre via as *Regras* de uma forma muito especial.)

— É natural. Com esta cicatriz !... — Sorriu Julien.

— Não pelo sinal. Você está bem, com um ar de prosperidade. Casado?

— Sim, Madre, há dois anos.

— Já é pai?

— Não senhora, por enquanto.

Todos sorriram.

— E a moça, é católica? — Piscou o olho, matreiramente.

Não senhora. É judia.

— Então ainda não se converteu? Diga-me com franqueza: já que não é cristão, é bom cidadão?

— Evidente! Nós, os judeus, somos bons cidadãos e até caridosos.. .

— Bom sinal. Não espere, porém, mais pelo Messias. . . Alegro-me, Julien, pela sua presença. (Sorria amavelmente.) Ressuscitaram em minha mente as cenas das atividades daqueles tempos. Louvado seja Deus, que nos deu forças e inspiração para os cometimentos ! Os tempos mudaram, e isto é bom.

— Não, totalmente. — Referiu-se Julien. — Venho, hoje, à sua presença para uma boa ação, isto é: para uma Caridade.

Julien expôs quanto conhecia do drama das clientes da sua esposa. Aludiu ao plano de emigração, nos rumos do Canadá, da situação atual da jovem.

A religiosa ouviu sinceramente impressionada.

— Sempre desejei trabalhar ao lado das arrependidas. — Informou, gentil.
— Digo melhor: ser--me-ia uma graça converter algumas almas, fazendo-as arrepender-se, retornar ao aprisco.

“Este caso, porém, parece-me grave pelos interesses escusos que estão em jogo.”

Refletiu por um pouco e indagou:

— Estão, realmente, dispostas ao sacrifício da solidão, da adaptação a uma vida nova?

— Até onde posso imaginar, creio que sim. Uma adquirirá forças, pensando na outra. A salvação ou a queda de qualquer delas representará o êxito ou a desdita da cômpar. Mãe e filha tão fundamente marcadas ajudar-se-ão sem dúvida.

— E o Senhor as ajudará. — Concluiu a frase Madre Geneviève. — Conte comigo. Necessitamos de mil cuidados.

“Traremos a jovem para cá, logo ao sair do Hospital. A mãe não a deverá visitar aqui. Poderá ser seguida. Receberá informações vez que outra, através da doutora. Não poderá modificar os seus hábitos, nenhum deslize, pista alguma. Qualquer pequeno incidente e tudo se perderá com insuspeitados agravamentos. Posso avaliar o que ocorre nesses meios, graças à narração de algumas das mães dos meus filhos órfãos. Este é o mundo que Nosso Senhor Jesus Cristo veio regenerar”.

Era sincera. Havia unção no seu labor santificante. Nascera para essa maternidade entre as lágrimas dos que não podiam chorar. Amavam-na os infelizes, que das suas mãos recebiam o pão da paz, a luz da esperança, o combustível do amor. Jesus habitava-lhe o imo.

Ainda com circunspecção, asseverou:

— Teremos que esperar. O tempo será nosso aliado ponderável e prestimoso.

Justin, que se mantinha reservado, solicitou licença para opinar, propondo:

— Poderei ajudar na documentação. Tenho amigos no Palácio da Justiça. A tramitação dos passaportes deverá ser rápida, acompanhada por alguém respeitável, a fim de que os alcaguetes da corrupção não se informem do que sucede.

“Há olhos e ouvidos recompensados pelo vício em toda parte, vigilantes, inquiridores, perscrutadores. Como os nomes civis dessas mulheres são desconhecidos, não despertarão a argúcia dos maus.. .

— Não diga “essas mulheres”. — Emendou a Madre. — O tom é pejorativo. São nossas irmãs enganadas. Não caíram sozinhas. Recorde-se de que alguém as empurra sempre : mãos veludasas, rostos sedutores, lábios

dóceis que sabem manipular o verbo. E a ignorância, a miséria social. Deus, meu: quantos fatores causais e circunstanciais!

— Tem razão, Madre. — Desculpou-se o generoso Justin.

— Acode-me à mente um importante detalhe. — Acrescentou a religiosa, inspirada. — Os detalhes são-nos de relevância para a segurança do conjunto.

A doutora poderá instruir a genitora da menina, de modo que esta exponha no local em que vive a seguinte informação: a violência dos golpes, o patético do homicídio fizeram-na perder o filhinho, e, no Hospital, foi tomada de uma alucinação, havendo sido, posteriormente, transferida para o Hospício. . . Arrumará os seus parques pertences e cederá o cômodo a outra inquilina. Isto evitará maior vigilância, buscas por parte da **gang** que explora o comércio ...

— Bravos! — Aplaudiram os cavalheiros, surpresos, com a feliz sugestão, de muita oportunidade.

Deliberou-se que todos entrariam em movimentação e Madre Geneviève, desde logo procuraria contato epistolar com uma Ordem Religiosa que pudesse receber as emigrantes, ajudando-as nos primeiros dias no país novo.

★

Necessariamente informada pelo esposo quanto aos frutos da sua diligência junto à Religiosa, Su-zette elucidou **Madame** Corine dos pormenores elaborados e do plano que já poderia entrar em bem urdida execução.

La Grassouillette⁵⁷, como era também chamada **Madame** Corine, em carinho de intimidade, superou-se a si mesma, chegando ao lupanar. Encenou revolta e brios feridos, ante o insucesso que surpreendera Cossette, agora jogada no **Hospice Leprin-ce...**

As artimanhas da mulher convenceram plenamente os circunstantes, que a abraçaram compadecidos pelo escândalo ali ocorrido e o seu prejuízo em razão da loucura de uma das suas melhores protegidas.

À noite a notícia percorreu os amplos círculos do lenocínio local e todos concordaram que o desfecho não poderia ser outro. Houve mesmo quem se compadecesse com a sina de Cossette, afirmando que melhor lhe seria haver morrido, do que sobreviver no Hospício.

Fosse verdade a sua reclusão ao Manicômio e o conceito lamentoso teria fundamento, naqueles dias, quiçá, hoje, também, em alguns desses inditosos Manicômios Judiciários, Hospícios gratuitos, onde aqueles que perderam o raciocínio, se algum dia vierem a recuperá-lo, descobrirão que perderam a dignidade e outros bens superiores do espírito, tais a fé, a esperança, o conceito de solidariedade, em razão do que viram e o de que foram vítimas. Ressalvamos as exceções mui reduzidas.

★

Cossette foi transferida para o Asilo de órfãos dirigido por Madre Geneviève, que a acolheu sem mais amplos informes às suas monjas, cuidando pessoalmente de ministrarlhe a reeducação, facultando-lhe excelente laborterapia pelo bordado, que a jovem aprendera alguns rudimentos em Alençon.

Suzette passou a visitar a cliente com regularidade, a fim de informar com segurança à genitora.

Nesse ínterim, a habilidosa *Madame* desfez-se a bom preço de alguns pertences de valor, discretamente, transferindo objetos e roupas para a Clínica de *Clichy*, enquanto o fiel Justin se encarregou da documentação da viagem.

Dois meses depois, Madre Geneviève, Justin e o casal Hottsmann, em Marselha, despediram-se de *Madame* Corine e de Cossette, com lágrimas nublando os olhos.

As mulheres beijaram-lhes as mãos. Quando o navio partiu, todos sentiram que haviam alcançado uma vitória expressiva na guerra contra o crime, salvando aquelas vidas e mantendo a esperança de um mundo que seria melhor no futuro quando os homens se resolvessem amar.

★

Anos mais tarde Cossette casou-se. A criança nascera morta, sem produzir danos na mãe.

Madame Corine acompanhou a filha, de quem jamais se separou, reabilitando-se moralmente, fazendo-se amar e respeitar.

O pântano moral da *Rue de* ... recebendo a drenagem da compaixão e do amor refloriu numa primavera distante, nas promissoras plagas da Província de Quebec.

6 NA PRIMAVERA: A FORTUNA E A DESGRAÇA

Não fora esse o exemplo único de enobrecimento, na vida de Suzette-Sara.

Não se fizera uma dama da beneficência, nem acompanhava o exemplo da “Associação das Irmãs de Caridade”. A obra de Luísa de Marillac, a célebre Mlle. Legras, comovia-lhe os sentimentos, sobretudo o trabalho que tivera coragem de fazer Mr. Vincent⁵⁸ ao lado das mulheres decaídas. Ele que fora cura de Clichy-la-Garenne, nos subúrbios de Paris, conhecia o problema que ela enfrentava na sua Clínica. Respeitava a memória do incomparável herói da fé, nada mais. Não desejava segui-lo, nem acompanhar quem quer que fosse.

Na época pioneira da sua jornada, inexperiente na técnica clínica e menos, ainda, na cirúrgica, a que se não atrevia, começaram os seus problemas de nova ensemearção para as agruras do porvir.

A França exausta, face às consequências da Guerra, diluía suas esperanças no fragor das lutas políticas internas, que vinham desde antes com acirradas paixões. Desde 1919 que o *bloco Nacionalista* mantinha o governo graças à maioria de votos de que desfrutava. Os efeitos econômicos eram alarmantes. Leygus que se fizera primeiro-ministro estava substituído por Aristides Briand, que poderia haver-se tornado um novo Clemenceau, ele que organizara o ministério em 16, por ocasião da grave e ne-fanda depressão.

Conhecedor profundo da função de primeiro-ministro por havê-la exercido inúmeras vezes era um idealista.

Grangeou o amor do povo pelo verbo e através da pena brilhante, que utilizava como revolucionário desde o começo do século, em incomum dedicação popular, defendendo continuamente o proletariado vitimado pelo odioso sistema econômico da época. Foi eleito, então, nessa ocasião para a Câmara dos Deputados. Pelos seus incomparáveis feitos no que tangia à aproximação da França com a Alemanha, não obstante a reação de Poincaré, que viria posteriormente a ceder, recebeu o Prêmio Nobel da Paz dividindo a honra com Gustavo Stresemann, que assinou os inestimáveis acordos de *Locarno* e o de Briand-Kellog.

Naquela época, porém, em 21, a périclitante situação do país não deixava margem a esperanças de melhoras próximas, embora os esforços do próprio Briand.

A médica instalara-se, há um ano pouco mais ou menos, em *Clichy*.

Claro que não se sustentava à custa da especialidade. Era uma “faz-de-tudo”, embora obstinada em dedicar-se a “doenças de senhoras” e assistência, orientação para uma *délivrance* feliz das gestantes.

O seu amor à *arie de curar* fazia-se acompanhar de segura intuição, que dela conseguira tornar uma excelente clínica geral.

Sabia ouvir os pacientes, medindo as palavras, *traduzindo-as*, não se deixando induzir pelo que supunham estar sofrendo ou pela enfermidade que desejavam ter.

A convivência com o querido Professor M., as experiências metapsíquicas, as incursões ao inconsciente nos histéricos *esujets* outros, haviam-na brindado com excelente material para o conhecimento da *psique* humana.

Amável, granjeava simpatias e inspirava a confiança dos sofredores e clientes pobres que a buscavam.

Consequira mesmo, em considerando a época, uma boa clientela, queremos dizer numerosa, porquanto as disponibilidades de remuneração dos

pacientes não eram compensadora.

A Suzette interessava ganhar nome, sair dali. Ora, também não é assim que ocorre hoje? Os grandes centros urbanos sobrecarregados de profissionais e os campos, as vilas, as cidades e aldeias do Interior abandonados, relegados ao *curandeirismo*, à ignorância, aos métodos primitivos. Bairros menos afortunados e subúrbios acolhem os que aspiram posteriormente a transladar-se para os locais “de prestígio”, ali iniciando suas carreiras.

Inobstante, as despesas de Suzette eram muitas. Acostumara-se às pequenas rações de pão, de conforto e de esperança. Os alugueis do lar e da clínica, as dívidas que tinha para resgatar, inquietavam-na. O inverno anterior fora terrível, como se acontecer em função de castigo sobre a Europa Central já estertorada pela miséria.

Vivia angustiada, receando cada vez mais a situação de Michel que se não adaptava à falta de serviço, exercendo para sobreviver funções que ambos consideravam humilhantes.

Certamente estimulava-o, asseverando-lhe que as dificuldades eram gerais e toda a França esperava horas mais pródigas. Sentia-se desanimada, quase a ponto de desistir, apesar de dissimular a esforço sobre humano.

“Como, porém, viver?” — Indagava-se.

A fim de vencer o desestímulo que a dominava e para preencher o tempo, abriu consultório e aguardava a *l’aventure*, diária, pontualmente.

*Ceci dit*⁵⁹, esta digressão objetiva esclarecer ao leitor a reação incontrolável de Suzette ao pedido de Simone para *oavortement*.

Examinemos como se fizeram mais graves seus compromissos, desde aquela tormentosa época de soçobros morais.

*

O homem, exculpando-se, responsabiliza os fatores externos como móveis dos seus delitos. São incontroversos, sem dúvida, os impositivos que facultam, no meio ambiente, os alcances sublimes ou as quedas ruinosas.

As condições econômicas, sociais respondem por muitos dos seus delíquios morais. Conveniente, entretanto, recordar que o Espírito em si mesmo conduz as resistências morais fortes ou fracas que se desenvolvem de acordo com o lugar em que vai chamado a viver.

Como propiciatórios criminógenos, as constrictões externas têm muito que ver. Homens e mulheres que ergueram a Humanidade, todavia, nasceram e viveram nos locais onde outros multiplicaram as forças para a tirania, o banditismo e se notabilizaram pelas lágrimas que fizeram verter e pelas dores pungitivas com que esmagaram seus contemporâneos, tornando-se temidos e odiados.

Seja dito que o Espírito é o programador do destino que lhe cabe viver, sempre com vistas à elevação moral. Os insucessos que o levam ao desastre resultam da sua debilidade interior, da carência de esforços de que se deve investir, a fim de alcançar as metas que lhe cumpre atingir, sob qualquer contribuição por mais pesada lhe seja ou mais violenta lhe pareça.

O que não conseguir numa reencarnação, se seguir o comando da consciência em elevação, continuará noutra com melhores recursos, em mais fáceis circunstâncias. Se malograr, repete a experiência, considerando-se o fracasso do ponto de vista natural ou da negligência por parte do responsável. Desde que não arrole outras vidas, levando-as a fracassar, também, menos penosas ser-lhe-ão as futuras tentativas de execução liberativa.

Em toda mecânica evolutiva são precípuos, importantes, os investimentos morais aplicados cujos juro são paz ou conflito.

As artimanhas atribuídas ao destino representam opções de que se utilizam os Códigos Divinos da Justiça, a fim de alcançarem aqueles que lhes seguem ou não as diretivas.

Em cada um ser, portanto, estão os imprescindíveis bens, que aplicados com discernimento levam--no ao triunfo, ou malbaratados arrojam-no à queda fragorosa da desdita em que se demorará até novo esforço a que se deverá submeter inapelavelmente.



Aqueles anteriores foram-lhe dias de superlativo abatimento moral.

Em muitas clientes identificava a fome, como causa e os fantasmas da ruína produzindo distúrbios inúmeros.

Suzette não dispunha de auxiliar no consultório. Ela própria recebia as clientes. Para os serviços humildes da limpeza encarregava uma *bonne à tout faire*⁶⁰ que atendia outros cômodos da habitação que sublocava a Clínica.

Pela vez primeira a médica recebeu com surpresa uma cliente distinta no traje, na apparence, na educação.

Após as palavras iniciais das auto-apresentações, a gentil senhora explicou:

— Uma pessoa de minha confiança indicou-me e sugeriu-me os seus serviços profissionais.

— Sinto-me honrada com a lembrança do meu nome. Retrucou a médica, sensibilizada e curiosa.

— Mlle. Leclère — prosseguiu a interlocutora — trabalha para mim. Presta-me serviços de costuras, em minha casa, e sempre se refere à senhora com expressões encomiásticas.

— Senhorita. — Retificou Suzette.

— A doutora não é casada?

— Não, ainda não tive tempo para o matrimônio.

— Oh! mas este é-me um argumento novo para o casamento: falta de tempo! — Repetiu com jovialidade.

Ambas sorriram.

— O motivo da minha visita não tem raízes em desarranjos de saúde. Nesse sentido, Mlle. Leclère nada sabe. Não lhe disse que viria procurá-la. Pedi-lhe o endereço sem demonstrar maior interesse, evitando espicaçar-lhe a curiosidade. “Para quando eu necessitar”, — disse-lhe, vagamente.

“Sucedede que não passo bem. Resolvi recorrer a uma profissional de responsabilidade, a fim de solicitar ajuda. Estas coisas são muito importantes.”

Suzette não gostou da forma como foram ditas as palavras “*estas coisas*”. Dissimulou, e inquiriu:

— O de que se trata?

— Sou mãe de dois lindos rebentos. — Expôs com calma estudada. — Estou novamente esperando criança e não desejo ser mãe nestas circunstâncias. Meu marido é um homem ímpar...

— Ele se sentirá feliz pela nova paternidade. — Interrompeu-a, Suzette.

— Não o creia! — Contestou, com definição finalista.

Suzette receou o que viria agora. Poderia adivinhá-lo. Era o seu primeiro teste. Esforçou-se por ser natural.

— Meu marido — aclarou a outra — não concordará com esta nova maternidade porque... (fez--se reticente) o filho não é dele.

— Como provar Madame? Por que a segurança? — Arguiu, Suzette, automaticamente.

Era a primeira vez que ela enfrentava a hipocrisia moral bem vestida, o descalabro espiritual disfarçado.

Conhecia um pouco da tragédia humana nos vencidos, não, porém, nos vencedores; naqueles que haviam sido comprados, não nos adquirentes.

A pergunta pareceu ingênua, descabida à senhora, que contestou com enfado :

— Ora, fui vitimada pelo amor. A senhorita compreende: temos amigos que nos visitam, com quem saímos... Sucedeu! Não resisti e sucumbi...

Dava um tom de naturalidade, a mesma que sentiria face ao trabalho de trocar uma *toilette*.

— Os homens são uns infiéis.

— Mas neste caso... — Interferiu a médica.

— Eu sei que o meu marido também se permite...

— Mas não será tudo isto um adultério bem aceito ?

— Não vim aqui examinar a questão sob esse ponto de vista. — Traiu-se, irritada.

Suzette desejou espicaçá-la mais.

— Madame tem religião?

— É claro!

Disse-o num tom de segurança interior, de dignidade surpreendente.

— Como concilia a consciência? Pode enfrentar Deus com tranquilidade?

— Voltou a médica à carga.

— Confessar-me-ei e serei absolvida. — Retrucou dando aparência de sinceridade.

— O *Decálogo*, porém, é incisivo: “Não adulterarás!”, prescreve.

— E quem o segue, doutora? — Arremeteu, curiosa. — Estamos nos anos 20, após muitos horrores.

— A doutora é religiosa? — Indagou, desejando revidar.

— Não. Sou ateia.

Suzette colocou na palavra todo o fel de que era possível. E prosseguiu:

— Por essas manobras que amesquinham as religiões, libertei-me delas, desde há alguns anos. Face às injustiças que recebem prêmio e à honorabilidade que sofre castigo abjurei a Deus. Conhecendo as origens da vida segundo a Ciência, releguei as religiões a plano inferior.

— A vida é assim, porém.

— Não. A vida é o que dela fazemos. Não há necessidade de valores espirituais, pois que no fundo ninguém crê neles. A senhora, e peço-lhe desculpas pela franqueza, é um exemplo disso. Religiosa, e, no entanto...

Fez-se um silêncio incômodo que ambas desejavam quebrar. Tinham dificuldade em fazê-lo. Haviam--se desnudado e se envergonhavam, reciprocamente.

— Em que lhe poderei ser útil? — Retornou Suzette ao diálogo.

Tinha os olhos verdes muito abertos e o rosto algo alterado. As artérias, nas têmporas, intumesceram. Não se poderia saber se em decorrência da ira, da mágoa ou do despeito.

A outra era rica e cínica.

As mulheres combalidas, no desvalimento moral, inspiravam-na piedade. Caíram, porque lhes faltou quase tudo. As outras, as bonecas do prazer e da corrupção elegante, causavam-lhe náuseas.

— Digo-lhe outra vez que a criança não é do meu esposo, porque ele está fora do país há quatro meses. .. Eu estou em gestação há três.. . Ele retornará na próxima semana. Como vê...

“Isto destruirá o nosso lar, nossos filhos...”

— Não pensou nessas consequências antes?

— Confesso que não aguardava. É sempre um risco. Não acreditava que sucedesse comigo.

— Que espera de mim?

A pergunta foi seca, objetivando impedi-la de dizê-lo.

Suzette aguardou a resposta com sôfrega revolta.

— Um *avortement*.

— Mlle. Leclère informou-lhe, ao acaso, que eu sou uma *avorteuse*?

— Não. Absolutamente, não.

— Então?!

— Esperava que a doutora, mulher como eu, ante conjuntura tão grave, me ajudasse. É um socorro que lhe peço e estou disposta a ajudá-la de minha parte.

— Como ajudar-me?

— Trouxe-lhe cinco mil francos. Não é uma remuneração. Não se trata disso. Retribuo-lhe a ajuda, se me entende.

A visitante percebeu o choque da médica ao ser enunciada a importância. Alegrou-se interiormente.

“O dinheiro!” — Pensou Suzette. — “Com aquela importância que não conseguiria a duras e longas lutas, poderia modificar a vida. O valor repararia os seus danos, resgataria suas dívidas. O *Decálogo*, com que esbordoara a adúltera, também não se fazia benevolente para com o infanticídio. “Não matarás!” bradava, conciso.”

A formação moral e judaica no lar assomou-lhe à memória. Através do milagre das recordações evocou a família querida e destroçada.

Mesmo amargurada e indiferente às dores alheias conforme se acreditava, retrucou:

— Não posso! Nunca matei e não pretendo.

— É pena! Irei a outrem... Com o meu problema esperava de certo modo resolver-lhe os seus.

Olharam-se *vis-à-vis*⁶¹. Eram ambas orgulhosas, sem escrúpulos, sem fé nem Deus na alma, apesar de a visitante estar arrolada numa confissão religiosa.

Por um átimo de tempo, um infinito tempo, defrontaram-se.

— Peço-lhe, por favor! — Insistiu a senhora, comovida. — Confio na sua capacidade profissional.

— Sabe o que me pede? Já mediu a extensão do crime? Conhece a punição para quem o pratica?

— *Au bout du compte*⁶² um aborto nestas circunstâncias não é um crime.

— Em qualquer circunstância é um infanticídio, a exceção única do terapêutico, quando se objetiva salvar a vida da gestante, que se encontra em perigo.

— *Très bien Mlle*, doutora. Ir-me-ei socorrer de outra pessoa. Em Paris não faltam profissionais capazes, dignos e misericordiosos. Desde que se lhe excede o rigor da honestidade, faço votos para que a falta de misericórdia não lhe enregele o coração, fazendo-a infeliz.

O argumento falso, sob qualquer aspeto considerado, despertou a médica.

Para acumpliciar-se na prática do crime desejava um anestésico para a consciência.

Suzette amava o dinheiro, acreditando na força enganosa do seu poder. Vítima de si mesma, da rebeldia e inconformismo, cega e surda aos apelos da vida, que lhe chegavam de mil formas, enfurnara-se na auto-comiseração, escudando-se no mau-humor, com que resumava ácido e fel. Não se encorajara a sair da lapa escura e doentia do *eu* para um passeio honesto pelas praias da vida, transformando a dor em lenitivo para outras aflições e o desconforto pessoal em estímulo para desesperos outros mais pungentes do que os seus.

O câncer do egoísmo ferido enlouqueceu-a no mundo pessoal em que se encarcerou e por isso de-linuiu.

Recompondo a aparência, interessada mais nas moedas do que no destino da consulente invigilante e torpe, assentiu, mediante palavras bem colocadas:

— Atendê-la-ei, a fim de salvar-lhe o lar, de evitar dissabores ao esposo e ruína para os filhos.

— Nunca me esquecerei. A senhorita não se arrependerá, affianço-lhe.

★

Pobres criaturas humanas! Arrojam-se espontaneamente nos poços do crime, deles saindo a submissão de outros mais desconcertantes delitos. Na alucinação da volúpia pelo prazer não estancam o passo ante a ação brumal. Consumada a satisfação estrosa e despertadas para o despecho não desejado, arremetem-se para ocultá-la mediante engodo pior, aprisionando-se em mais adverso cativeiro moral.

★

— Quando, doutora? — Consultou, resoluta. — Não dispomos de muito tempo.

— Amanhã, às 8 horas, aqui mesmo. — Talvez a senhora necessite ficar um dia ou dois. É imprevisível. Não tenho experiência.

— Arranjarei tudo em casa como se me fosse afastar da cidade, atendendo compromisso inadiável. Não se preocupe. Aqui estarei à hora indicada. Ser-lhe-ei muito grata.

Quando saiu, com a leviandade de quem combinara a confecção de um traje da moda, Suzette sentou-se em desalinho emocional.

Compreendia a extensão da atitude que assumira.

Demorou-se em reflexão penosa da qual saíram vencidos os postulados éticos.

Caía a noite. Meneou a cabeça, qual se desejasse expulsar os escrúpulos e saiu.

Começaria a ganhar dinheiro, a ascender, enquanto se ia perder, naufragando sem esperança.

Era primavera, quando firmou o conciliábulo para a sua própria desgraça.

7 A ASCENSÃO AO PODER COM A ALMA VENCIDA

Vítimada pela injustiça dos réprobos morais de Nantes, — instrumentos indiretos da justiça real — ao invés de pugnar pela dignidade, pelo dever, tornou-se criminosa inconsciente como os algozes a quem odiava, cujo comportamento reprochava, abjurava.

Fácil postular nos ideais de enobrecimento, quando os sucessos transcorrem em clima de ventura. Certamente, para que sejam inconcussos esses sentimentos, indispensável defendê-los, vivê-los nas árduas pelejas, a fim de que testemunhem a validade de que sejam constituídos.

As pessoas fracas moralmente se revestem de dureza como disfarce para as dubiedades do caráter. São rijas no investir a ira e o ódio, débeis no aceder para o crime, escudando-se nas próprias penas que mais configuram sua corruptibilidade.

Suzette-Sara, que fraquejara nos conflitos humanos, corrompeu-se.

O escudo materialista de forma alguma resguardava o crime contra a Humanidade.

Consumado o infanticídio, a médica percebeu que o feto ultrapassava o período suposto pela mãe ou que esta propositalmente ocultara a verdade para deixar transparecer que a interrupção de uma breve gestação seria menos grave, em considerando o tempo. A vítima ultrapassava os cinco meses de vida...

Remorsos tardios assomaram-lhe à mente. Relutante, esmagou a verdade no silêncio e pisou a honra com as patas dos interesses escusos.

Naquela noite, a do *avortement*, Suzette foi acometida por estranho pesadelo.

Sonhou que se encontrava em paisagem bucólica, onde caricioso regato fluía mimando a verde relva da margem.

Sentiu insopitável atração por banhar os pés entre as águas claras, por sobre a areia alva e as miúdas pedras arredondadas do piso.

Ergueu-se, incontinente, e encaminhou-se para o córrego gentil. Ao sentir o contato frio da água em movimento, estranha asfixia tomou-a, dando-se conta de que afundava em lóbrego pantanal viscoso, fétido, em que flutuavam membros humanos retalhados em partes reduzidas, enquanto do céu, em bronze escuro, choviam maldições, dislates odientos, em pandemônio ensurdecedor. No vórtice da agonia supôs que um tropel em fúria avançava, esmagador, na sua direção. Porque desejasse fugir, mais difíceis eram--lhe as possibilidades. Afundava, inexoravelmente, no lodo pastoso, putrefato, asfixiante. Ao gritar, num esforço titânico, percebeu-se afogar no paul, ester-torando...

Despertou alucinada, socorrida pela fiel Germaine, que fora despertada pela inquietação e gritaria desconexa da médica. Exsudava a bicas e tremia descontroladamente.

A custo, recobrou ânimo e acalmou-se após recorrer a medicamento tranquilizante.

Extenuada, não sopitando a amargura, narrou à governanta preocupada o agourento pesadelo.

A serva bretã escutou-a em crescente preocupação.

A recâmara parecia-lhe abafada, desagradável, embora o clima ameno da quadra em que se encontravam.

— Sonhos hediondos, *bah!*⁶³ — Desabafou a obstetra.

— Algum problema, minha menina? — Acudiu a prestimosa auxiliar.

— Isto são patetices do inconsciente, Germaine, que brinca conosco, o atrevido aparvalhador.

— Seja lá o que for. Deve haver motivo algum.

— Esqueçamos; já passou. Ando excitada, aborrecida.

— Não estará a menina fazendo alguma coisa errada?

A indagação inocente, em tom maternal, colheu-a de surpresa. Havia tanta lealdade naquela amiga in-comum das horas difíceis, que ela, por pouco, não relatou a operação macabra do aborto. Sabia que a venerável companheira possuía princípios férreos de austeridade moral, jamais concordando com delitos que tais. Depois, a confissão divulgava o crime, e Germaine não possuía suficiente cultura para um diálogo à altura...

Equívoco vão! Faltava-lhe em cultura, sem dúvida, o que lhe sobrava em honradez.

Percebeu que o silêncio da outra era reproche mudo. Os simples de coração são difíceis de vencidos, por não anuírem aos largos passos da glória ao câmbio da imoralidade.

De uma vez asseveremos: Germaine era o protótipo do ensino evangélico: simples de coração, pois que bem-aventurada!

Suzette fugiu-lhe ao olhar inocente, inquiridor, onde sabia encontrar amor e tolerância, jamais conivência para o ultraje de qualquer natureza. A serva respeitava-lhe a descrença e era fiel à Fé, participando com elevação espiritual dos ofícios religiosos da Igreja que frequentava sem excessos. A amiga, por sua vez, valorizava-lhe a honesta convicção. Em outras palavras: não discutiam religião. Possuíam ideias próprias, ignorando-se os pontos dis-crepantes.

Reconfortou-se a médica à lembrança dos altos estipêndios recebidos pela interrupção da vida fetal.

Acomodando a consciência, num arremedo de desculpa ao gesto ingrato, pensou, quase otimista: “Quando o conforto chegar, tudo esqueceremos. A boa Germaine disporá de tranquilidade ; dar-lhe-ei repouso, tudo o que o dinheiro pode facultar.”

Acalmou-se ante as perspectivas futuras que desenhavam ilusões na imaginação.

No dia subsequente, a médica planejou cuidadosamente como explicaria o aparecimento do dinheiro. E fê-lo com a habilidade de que são dotados os

fraudulentos.

Lentamente regularizou os compromissos que pesavam na economia doméstica, melhorou o lar, fez-se alegre.

A serva, embora elucidada quanto à procedência do dinheiro, descobriu-se insegura, inquieta. Superou os temores e a vida retornou ao ritmo habitual.

A senhora distinta, Madame Bointreaux, demonstrou reconhecimento. Recebeu a médica no lar, por convite espontâneo, apresentou-a ao esposo e aos amigos do *grand monde* que ali estavam.

O excesso que se desperdiçava na residência dos Bointreaux feriu-lhe, porém, o orgulho, obrigando-a a execrar o presente. O *château* de Niesembaum volveu-lhe à recordação.

A recepção magoou-a. Logo pôde, sem ferir a *étiquette*, demandou o lar.

Preferiu retornar a pé.

A noite agradável coruscava de diamantes estelares e a primavera sorria perfumes nos imensos jardins, enquanto os castanheiros musicavam o silêncio com o farfalhar verde-musgo da folhagem estuante.

Perdida na soledade, deslizando na noite, Suzet-te *escutava o coração*.

“Valia, por acaso, essa luta horrenda que travava? — Perguntou-se. — A vida serão as amarguras, as ilusões, os cansaços ou tudo isto significa um prelúdio para a Vida? Qual a finalidade do existir humano? Nascida do caos caprichoso do acaso, ruma a inteligência para o aniquilamento? Como, então, a inconsciência, gerar a consciência, o acaso produzir a finalidade, o disforme engendrar a harmonia, a estupidez realizar o equilíbrio, o ciclópico conseguir a ordem? Não havendo uma Causa a tudo precedente, como examinar o conjunto consequente? Por que o amor e o ódio, a alegria e o desgosto, o berço e o túmulo, o bem e o mal, esse constante díptico em flagrante oposição? O átomo e a galáxia não eram consequência um do outro, símiles perfeitos embora a diferença em massa e volume?”

Nesse cismar sem perturbação pareceu-lhe ouvir, procedente dos refolhos da alma :

“Tudo é perfeito na Criação Divina. O orgulho humano impede a clara visão das causas, por estar fixado no utilitarismo dos efeitos mesquinhos. Deambulante do instinto, fixam-se no homem os apelos para a violência e paixões donde chegou, antes que lucilem os astros da felicidade que o alçarão na busca dos tesouros da alegria pura, das fortunas intransferíveis que deverá conseguir a esforço pessoal. Viver, é também despedir-se do corpo, morrendo, em parte, na argamassa celular, a fim de viver sem o corpo, dele libertado na plenitude da Vida.”

De permeio Suzette recordou-se do sonho que lhe acometera no “Dia da Paz” e reviu, mentalmente, o ser angélico que lhe falara. Experimentou, agora, aquela inconfundível, inesquecível sensação de conforto íntimo poucas vezes fruído.

A *voz* interior prosseguiu, amena e calma: “O homem, na Terra, não é um pária do destino. Faz-se execrável quando o quer, infame por escolha própria. A Natureza incita-o à beleza, a dor à renovação quanto a poda ao reverdescimento ; a vida emula-o à solidariedade como o infortúnio à bondade; a esperança vitaliza-o para o crescimento, enquanto a dificuldade inclina-o à submissão e desafia-o para o combate. Somente que as armas deverão constituir-se de elementos não agressivos, não vingadores.

“A Divindade brinda-o com o ar, a chuva, o sol, a paisagem; faculta-lhe a aquisição do pão, a preservação da saúde, a convivência social, impulsa-o a crescer... Os limitados, aqueles nos quais escasseiam recursos, estão inculpados nos códigos do equilíbrio que propõem ressarcimento e redenção. A chuva que renova o regato constitui-se das partículas que o sol tomou do córrego... Há sempre retornos até que o sol da intemperança em amenidade não absorva compromissos que terá de devolver. . . Ninguém, portanto, alçará, voo ao triunfo, partindo de um solo juncado de cadáveres, de vítimas indefesas...”

Suzette reagiu inconscientemente. Procurou desembaraçar-se da cariciosa imposição sem lograr êxito.

O magnetismo envolvente, agradável, a melodia da voz velutínea na acústica da alma, tocaram-na com deliciosa emotividade.

O interlocutor invisível e poderoso, manipulando o complexo mecanismo do mundo mental, deu curso à explanação:

— O homem está predestinado à ventura. Os tropeços e impedimentos que lhe atulham o caminho ascensional pode ele afastá-los a instância de honoráveis sacrifícios. Que é a vida na Terra? Um átimo em relação à eloquência da Eternidade. Que é o poder no mundo? Um hálito de coisa nenhuma ante a grandeza do Infinito. No entanto, por esses nada o homem desperdiça paz e malbarata esperança, saltando no fosso imediato da desventura onde desaparece a pouco e pouco, consumido, alucinado. Ínsitas no homem estão as ideias de Deus, da Imortalidade, da Justiça que recompensa a prêmios ou a látigos, do Amor... Entorpece-as o orgulho que expele miasmas mefíticos, culminando por intoxicar aqueles mesmos que os produzem. A felicidade tão anelada, pois, está no alcance de uma consciência tranquila, que diflui de um caráter reto e de uma mente sadia. A tranquilidade jamais asfixiará remorsos e o poder de qualquer talante nunca adquirirá a fortuna da paz, se não for estribado na humildade, na honorabilidade, no bem. O poder real é aquele que não pode ser tirado, o que tem gênese no espírito: os valores intrínsecos, incorruptíveis.

“Todas as coisas mantêm correlação entre si. É importante o sol que doa luz e calor como o verme que abre canalículos na terra para a aeração das raízes ; é valioso o brilhante que reflete os astros quanto o grão de trigo que produz o pão. Sem aquele pode-se passar, sem este, no entanto, é mais difícil. No mundo escasseiam os pães enquanto se multiplicam as gemas e a miséria irrompe incontrollável.

“Reflete e estuga o passo. Ninguém se pode fazer árbitro da vida ou da morte. Pessoa alguma pode tomar nas mãos outro destino e dele fazer o que lhe aprouver. A Terra não é uma nau à matroca, no oceano de oxigênio que a envolve, nem o homem um objeto para as paixões consumirem-no.

“Não te afundes mais. Não há tesouro mais valioso do que a paz, nem posse mais preciosa do que a retidão de comportamento. Tudo passa, menos as ações praticadas que fomentam liberdade ou produzem algemas crueis,

matrizes que se transformam na produção dos implementos futuros para o Espírito.

“Deus pulsa em ti. Faze silêncio e ouvi-Lo-ás. Entrega-te sem relutância.

“Caminhas hoje, ignorando a rota para amanhã. Não prejudiques o porvir, vencida pela inquietação da pressa. Não te afadigues pelo ouro. Ele te não dará de volta o que supões perdido, nem aplacará a tua sede de vingança. O melhor vinho não compete com um sorvo de água fresca, ante a inclemência da secura que se pretenda saciar.

“Desperta e vive... Sempre é tempo, embora as oportunidades passem. Aproveita e recua...”

Houve um incomparável silêncio nalma.

Suzette pareceu desligar-se da amorosa pressão.

Fazia luar e estava sentada defronte ao Sena. Experimentava inenarrável emoção e, quiçá, podia ver diluir-se em *clair de lune* diáfana forma que brilhava próximo.

Deixar-se-ía ali ficar gozando o bem-estar que lhe infundia paz.

As moedas de Madame Bointreaux diminuíram os compromissos em atraso, não, porém, a amargura.

Aquele ensimesmamento ofertou-lhe incomparável tranquilidade.

A médica que se apercebia do ambiente enquanto diminuía o domínio fluídico do Benfeitor Espiritual, foi-se recolhendo aos muros da lamentação e reaprisionou-se na concha da revolta.

“Alucinação! Nova alucinação — reagiu a atormentada. — Devo ter-me criado uma trauma com o aborto de Mme. Bointreaux. Necessito reagir, a fim de não enfermar.”

Sacudiu a cabeça, ergueu-se, apressou-se.

A noite brilhava alto e as horas adiantavam-se.



Quando Suzette se reencontrou com Julien-Paul estava de consultório novo, na *Avenue de Villiers*, ainda receosa, em face do compromisso novo.

Transladara-se para um local *plus distinct* a solicitação da nova clientela que passou a procurá-la com regularidade.

Prosperava conforme sua ambição. Não que o lograsse pelos meios superiores. Adotara uma filosofia vulgar: “O dinheiro não tem origem nem passado: só presente; não tem moral: possui a que lhe atribuímos.”

Assim, ensejou-se *faire peau neuve* ⁶⁴ *i* sem cuidar da procedência dos meios para a transformação que se permitiu.

Mme. Bointreaux fez-se-lhe hábil propagandista, uma amiga útil.

Nos círculos do erro sempre ocorrem três opções: afastarem-se os comparsas após consumado o crime, a fim de evitar-se o incômodo da recordação ou a amizade forjada com que se escondem na mesma vala. Por fim, a denúncia...

Algumas senhoras procuraram a médica por insistência da Dama *chie*, mas demonstravam surpresa com o aspeto da Clínica de *Clichy*. Feio exteriormente e puro por dentro, até ser maculado pelo desdouro da ganância.

Não se davam conta dessa questão, nem interessava.

Pobre Suzette! Recusou-se compreender que o poder é como a água salgada : quanto mais se sorve, pior para a sede.

Passaram-se poucos meses em que Mme. Bointreaux ali fora por primeira vez, iniciando o período

novo na vida tormentosa da médica, que passou a ser tortuosa, sem perder os tormentos.

Já se acostumava a receber visitas elegantes, quando foi procurada por prestigiosa dama. Não pôde ocultar a satisfação por esse acontecimento.

A recém-chegada apresentou-lhe o cartão delicado no qual estavam registados em letras douradas, habilmente manuscritas, os seus nomes: Ane-Marie--Eglantine de Montpensier.⁶⁵

— Montpensier? — Indagou Suzette.

— Sim. — Respondeu sem ocultar a ufania. — Por parte do meu marido. Mas não pertencemos à antiga família. É um homógrafo. Coincidência.

— Terei prazer em servi-la.

— Serei, então, breve, quanto possível. Encontro-me em situação aflitiva. Estou para ser mãe...

Suzette experimentou um golpe, um couce. Depreendeu em que culminaria a conversa. Desejou gritar: “Saia! Fora daqui infanticida! Rua! “A consciência vigilante respondeu-lhe: “E tu?” Controlou--se, voltou à conversação.

— A maternidade, Mme., é bênção da vida.

— Não o será para mim.

— Mme. tem filhos?

— Não. Não os posso ter.

— E como encara a questão o seu esposo? Concorde com a senhora!

— É obrigado a fazê-lo, infelizmente. Ele é incapaz para o matrimônio.

— E por que se consorciou?

— Não é um matrimônio, o nosso, no lato sentido da palavra. É uma sociedade de amparo mútuo. Estabelecemos que nos uniríamos, prosseguindo livres e sem criarmos problemas recíprocos.

— Que diferença fará, pois, o filho, desde que são convenientemente tolerantes, socialmente compreensíveis? Como ninguém lhes conhece o impedimento, a criança passaria como legítima. Não seria melhor?

— Meu esposo, doutora, é um homem de linhagem, preconceituoso.

— *Pas si bête!*⁶⁶ Como sustentar preconceito em tais circunstâncias?

— A doutora não poderá entender. Não está acostumada a lidar com pessoas como nós...

— *Tan bien que* mal...⁶⁷ — Redarguiu Su-zette, reticente.

Fixou os olhos na senhora e com nímio interesse concentrou-se. “Sim, a sua clientela, a do bairro, possuía problemas bem menores!” — Pensou.

— Recompensá-la-ei regiamente. Posso atinar a razão afetiva que liga Mme. Bointreaux à senhora. Recordo-me da excursão que ela fez meses atrás, quando Guignard-Filippe estava em viagem demorada ...

“Era uma despudorada — raciocinava Suzet-te —, pior do que uma profissional. Havia vendido a alma à devassidão”.

Odiou-a em silêncio, embora a face em complacente sorriso desenhado em contornos de suavidade.

— Quem informou Mme. que eu sou um *avorteuse*?

— Não, por Deus, não se trata disso. Ninguém m’o disse. Por favor! *Ce n’est rien de pécher en paroles.*⁶⁸ Não utilizemos palavras ácidas. Eu tenho um problema e a senhora a solução. Eu tenho dinheiro e a senhora possui problemas. Ajudemo-nos!

Suzette-Sara ouvira falar dos dramas humanos; agora participava deles. Lera-os, e, impelida pelas fraquezas morais, fizera-se personagem importante.

Estava descoberto seu segredo. Na comunidade dos poderosos ninguém confia, não há crédito de honra, ressaltados raros casos.

“Seria aquela realidade a chamada “sociedade dourada?” — Perguntava-se, abatida. — Não era mais asseada a miséria a que estava acostumada? Havia mais lealdade entre elas, as outras infelizes, pois eram criaturas autênticas. O sofrimento dava-lhes um ar de martírio, quase beleza, mesmo quando surpreendidas no gravame.”

— *Alors!*⁶⁹

A palavra seca arrancou-a das divagações. Su-zette, revidando com cinismo, redarguiu:

— Os meus honorários são altos.

— Estou disposta a pagar.

—• Amanhã pela manhã, às 8 horas.

— De acordo.

— *A bientôt!*⁷⁰

— *Au revoir!*

Nenhuma emoção em Madame. Acabava de concluir um negócio que lhe era vantajoso, não obstante envolvesse uma vida que pretendia interromper, arriscando-se a perder a sua própria e encerrar uma carreira que se iniciava sob augúrios promissores.

Suzette, não obstante, amava a profissão. Comovia-se ao receber, exultante, cada *nouveau-né*⁷¹ que trazia ao mundo. Empolgava-a o milagre da vida, sem embargo, estranho sortilégio fazia-a matar.

Empederniu os sentimentos diante dessas mulheres desalmadas que a buscavam para o crime bem remunerado.

A exigência das circunstâncias odientas desdobrou-se, alugando um local encantador na distinta *Villiers*. A sua perspicácia e receios impediram-na de cerrar as portas de *Clichy*. Diria mais tarde, quando mais desventurada : “ Sentimentalismo. Gratidão ao local onde comecei.” E a compulsão interior

que não se pode destruir, mesmo quando anestesiada a razão : servir aos infelizes cujos olhos espionavam em agonia os disfarçados do poderio humano mentiroso, infelizes que somos, ab da, quase todos os que estamos emaranhados nas inferioridades renitentes e dominadoras.

Suzette subia a escada do triunfo e da fama, descendo aos sórdidos abismos da loucura.

8 NO TRIUNFO, A DOR. NA NOITE, O CRIME

Julien-Paul Hottsmann era o protótipo do homem. Alto e forte, não obstante o sinal na face e o claudicar, as condecorações físicas que lhe ficaram das lutas em Verdun, possuía todos os caracteres da atração física. De verbo fácil e fluído cativava, dominando nas rodas sociais em que se fazia presente.

Superara todas as injunções passadas, não guardando os complexos negativos da situação anterior.

Era um crente em Deus, reservando-se comedimentos religiosos. Evitando qualquer choque com a esposa, a quem amava com extremada devoção, encontrou no casamento a complementação perfeita para a felicidade.

Possuía tudo quanto esperou da vida, muito mais recebeu do que desejou.

Esposo fiel, tornou-se um familiar exemplar para Michel, cujo ânimo soube levantar, infundindo otimismo, lecionando coragem e destemor para as lutas com que o rapaz se dedicou com afinco surpreendente ao estudo, e, posteriormente, à carreira de engenheiro-civil, integrando-se na equipe técnica da Organização do cunhado onde já trabalhava.

Os anos passavam ditosos para Julien-Paul, que se não cansava de agradecer à Divindade por havê-lo conduzido a Saint Nazaire com que se auspiciou o ditoso encontro com a eleita.

Não se pode dizer que algo tisonasse a ventura do casal. Dez anos de bodas e tudo quanto o dinheiro pode dar, além de outras aquisições como a lealdade de Germaine, que se encarregava da criadagem da casa e de tudo mais com

zelo incomparável; a jovialidade de amigos diletos ao coração com que se comprazem as criaturas reciprocamente.

*Aussi bien,*⁷² amarguravam o vigilante Julien-Paul as crises de melancolia que assaltavam Suzette-Sara frequente, periodicamente. Intentava arrancá-la da tristeza, aprofundar-se nas causas do seu abatimento sem conseguir êxito.

Embora desejasse a alegria de filhos, uma paternidade ditosa, prosseguindo a enfática progenitura de Abraão, cujos “filhos cobririam a Terra”, não conseguira o tentame. Suzette concebera uma vez e fora obrigada a submeter-se a delicada intervenção de emergência, em razão das dores insuportáveis de que se vira objeto.

“Gravidez tubária” — disseram os colegas médicos. E em decorrência de problemas orgânicos outros o momento cirúrgico ceifou-lhe qualquer possibilidade para nova gestação.

Julien, quanto pôde, dissimulou o desapontamento, a tristeza, voltando-se para preencher na mulher querida o abismo da frustração.

Ela aguardava o filho com volúpia e o golpe feriu-a mortalmente. Desvelado, à força de abnegação e paciência, arrancou-a do abatimento. Venceu o amor mais uma vez.

Supunha Julien que as crises da esposa fossem decorrência do trauma da maternidade fracassada. Recordava-se, porém, que antes mesmo desse insucesso, algumas vezes encontrara-a mergulhada na abissal tristeza. A princípio sua presença arrancava-a, ato contínuo, do mal-estar. Não mais depois da cirurgia.

Acreditando confortá-la, sugeriu, vezes sem conta, a possibilidade da adoção de duas ou mais crianças com que exultava a boa Germaine.

As tentativas redundavam inúteis.

As angústias de Suzette não decorriam apenas da falta de filhos. Odiava mais a vida por esta lhe haver negado o que outras desprezavam, pagando alto preço. Isso contribuía fortemente para aumentar-lhe o desequilíbrio,

impelindo-a no prosseguimento da carreira de *avorteuse*. Já agora praticava o *avortement* entre as mulheres da Clínica de *Villiers*, como se exercendo uma vingança, enquanto dissuadia as inditasas clientes de *Clichy*, às quais, por pouco não amava, em solidariedade à desdita de que eram vítimas. Somente em instâncias últimas aquiescia interromper-lhes a gestação, ocorrência esporádica, agora mais rara ali.

Na elegante sala cirúrgica que improvisara no outro consultório as coisas eram bem diversas. As clientes que a buscavam para tal fim, sempre se faziam bem recomendadas e afirmavam: “Necessitamos de uma obstetra para as *délivrances* e também para as situações penosas.” Pareciam lógicas, afirmando que a pessoa de confiança para o dever, deverá sê-lo para o crime.

Julien não conhecia esse terrível segredo da esposa. Insistira várias vezes para que abandonasse a profissão, aproveitando a vida em viagens, acompanhando-o. A impulsão mórbida, porém, não a deixava deslindar-se dos grilhões escravizantes.

Asseveremos com clareza: Suzette-Sara estava jungida a longo processo de desequilíbrio obsessivo.

As vítimas dos infanticídios passaram a dirigi-la, manipulando-a, absorvendo-lhe as energias.

A grande maioria dos Espíritos reencarnantes, expulsos do corpo fetal, aderiam às mães ingratas, produzindo-lhes distúrbios vários, alguns dos quais conduziam diversas a desencarnações dolorosas, enquanto as aguardavam após o desenlace.

Suzette perdera algumas clientes vitimadas por estúpidas hemorragias, que eram decorrência da resistência do reencarnante, aderidos às fontes físicas da maternidade, provocando o esvaecimento da abortada.

Penosas e desnecessárias tragédias que se transferiam para o além-túmulo pela incúria e desídia que se permitiam as tresvairadas criaturas.

Os olhos do mundo não suportariam contemplar as cenas que se desenrolam depois da morte física, entre aqueles que se acumpliciam com o crime e são

esperados pelas vítimas que lhes suplicaram a bênção do corpo para evoluir, amar, libertar-se do sofrimento e a tiveram negada, violentamente destruída. Enlouquecidos pelo ódio que as assoma, transformam-se em algozes incomparáveis, rebolando no horror em que se demoram, até que a excelsa misericórdia de Deus as traga de volta ao sorvedouro humano, portando anomalias chocantes, exigindo-lhes interdependência, como nos casos de xifópagos cujas vidas, em linha geral, se mantêm por intercâmbio recíproco de forças, de vitalidade, de órgãos essenciais. ...

Suzette padecia mentalmente a incursão das forças pensantes que a odiavam, dando início à hipnose para o autocídio que buscavam sugerir-lhe, esperando fosse consumado logo mais.

Desde alguns anos antes, sabedora de que os prejudicados pela guerra poderiam recorrer à Justiça, a fim de reaverem os bens, autorizara hábil advogado para esse fim movendo uma ação contra a cidade de Nantes, propondo a revisão do processo de que fora vítima o seu genitor assassinado no cárcere e outra, como consequência, para recuperar os bens da família, que haviam sido confiscados, bem como pesada indenização por danos morais, desde que o genitor fora vítima de inimigos gratuitos, jamais sendo provada sua culpabilidade ou qualquer tipo de participação em complôs que objetivassem a queda da França, tornando-o traidor do país ou *colaboracionista* direto, ou indireto...

O processo rolou por vários anos, sendo, por fim, julgado e dando ganho de causa à Família de Niesembaum.

Suzette e Michel, Julien e Germaine exultaram. Não porque voltassem às suas mãos adicionando-se à já expressiva fortuna os velhos e novos bens, mas por causa da reabilitação do nome, da memória de Moisés-Filippe Furquet de Niesembaum. Mal administrada a fábrica cerrara as portas, pouco tempo

depois do confisco pelo Governo e o *Château* abandonado passara a ser valhacouto de desocupados.

Os trâmites legais para a posse total demoraram um pouco.

Concluídas as exigências os Hottsmann e os de Niesembaum seguiram a Nantes com o advogado e Germaine, que se não continha de júbilo, retornando ao antigo lar.

Quase quinze anos haviam transcorrido desde aquele agosto de vergonha e horror.

Eles jamais haviam voltado àqueles sítios onde se desenrolaram as primeiras provações da sua atual reencarnação.

Chegando ao *Château*, agora em ruínas Suzette e Michel não puderam sopitar as lágrimas.

Repassaram pela imaginação os dias risonhos da infância, evocando os pais queridos e as irmãs gêmeas irrequietas, ora mortos.

Houve um momento de grande respeito ao qual só não faltou a unção de uma prece, porque Germaine, em silêncio, elevou-se ao Criador em agradecimento profundo, comovido.

A veneranda mulher era o apoio espiritual do grupo, a defesa evangélica, pulcra de alma e abnegada de coração.

Refeitos da emoção Michel e Julien-Paul puseram-se a campo, fazendo ligeiros estudos que iriam transformar em planos eficazes para a reconstrução futura, imediatamente a iniciar-se.

A vida, nas voltas que dá, sempre traz o homem aos antigos locais por onde passou sem siso, a fim de que refaça o caminho.

Os de Niesembaum retornavam para casa. Não eram mais os mesmos jovens que dali saíram com as irmãs, com Germaine e Margueritte, numa noite dominada pelo horror, apavorados, em relação ao futuro.

Já não viviam, igualmente, alguns dos delatores, dos executores das ordens infames.

Germaine recordou o adágio popular: "*Le loup mourra dans sa peau*"⁷³. Oportuno em relação ao que a morte tomara dos triunfadores do passado, incitava à reflexão quanto aos poderosos do presente.

A esse primeiro movimento, às recordações diante das águas tranquilas do velho Loire, sucederam-se a azáfama, o orgulho da vitória, a mesquinhez do espírito vingador urdindo planos de grandeza e miséria, a fim de afrontar os que lhes haviam fechado as portas nos aziagos dias.

Suzette, agora, dominadora na Terra, lembrou--se da fiel Margueritte que os auxiliara na fuga, despachando a expedita Germaine com destino a Saint Nazaire autorizada a encontrá-la e ofertar-lhe a direção do *Château*, desde que a família permaneceria em Paris, vindo ali somente em férias de verão e condições outras, especiais.

Imediatamente a Região foi sacudida por uma onda de *rumeur* e de *bagout*,⁷⁴ apresentando dados desconexos e sem fundamento.

Suzette, instalada ricamente em luxuoso hotel, na cidade, exultava.

Germaine, vencidas muitas peripécias, localizou Margueritte, a boa amiga bretã do passado. Narrou-lhe as ocorrências que podiam interessá-la, propondo-lhe a direção e guarda do velho Château.

Margueritte se consorciara nesse ínterim, e, embora o seu como o esforço do companheiro humilde e lutador não conseguira progredir. A vida era-lhes áspera e amarga. O trabalho que os absorvia até a exaustão não lhes permitia a promessa de sonhar com uma velhice tranquila.

Margueritte estava com pouco mais de quarenta anos e alquebrada. O cansaço lhe estampava no rosto, antes risonho e suave, os sinais de abatimento profundo. Ora, a invitation de Germaine representava-lhe a resposta dos Céus às suas contínuas súplicas, e, com o esposo, Arthur-Marcel, ficou definido, que logo chamados, transferir-se-iam para lá, a fim de cuidarem do castelo desde o início das obras de recuperação.

Atitude de sabedoria é na abastança prover-se de elevação interior, precavendo-se para as horas de escassez.

A fortuna, o poder, o destaque social, a nobreza dispõem de recursos que transitam numa limitada faixa da vida, sem alcance mais amplo, conforme se não dão conta os abastados e distinguidos.

Muito inseguras as posições e instáveis as mais regulares situações. O dia posterior sempre é portador de insuspeitadas expressões de surpresa como de acontecimentos que alteram substancial, quando não completamente, o curso das existências.

As obras prosseguiam ritimadas em crescentes resultados. Nisto o dinheiro dirime problemas e facilita realizações.

Margueritte e Arthur-Marcel, zelosos, eram as presenças dos amos na Casa das margens do Líger. Os proprietários prosseguiam em Paris.

A situação política do país era insustentável. Desde 29, com a renúncia de Poincaré, a França passou a ser governada por ministérios que se não mantinham no poder o necessário tempo para equilibrar as conjunturas danosas para a sua vida.

Aquele janeiro de 34 surgiu com clima mais rigoroso do que noutras épocas. O inverno, em Paris, apresentava-se cruelmente frio e terrivelmente úmido. Espectros passeavam por toda parte, ceifando vidas, que a miséria enregelava e a fome vencida.

Enquanto estourava o “*escândalo Stavisky*”,⁷⁵ produzindo nova reviravolta no governo e compungindo a abalada Nação, o lar de Julien-Paul e Suzet-te foi sacudido por inesperado acontecimento.

Germaine, a boa, paciente e fiel servidora, alçada da posição de modesta ama à condição de *ange gardien* da família, enfermou subitamente a todos preocupando.

Aos sessenta anos mantinha-se bem posta, cumprindo os deveres com a regularidade de um cronômetro exato. A cabeça, normalmente coberta pelas rendas e guipuras, estava prateada e o rosto oblongo de linhas finas e austeras emurchecia com os sinais do tempo.

Não fosse a “velha bronquite” que a atormentava de tempos a tempos, particularmente nos dias úmidos e ela supunha gozar de excelente saúde. Todavia deperecera sem causa aparente nos últimos tempos. A inapetência, que ocultava da médica, ela traduzia como resultado das emoções e expectativas com a reconquista do *Château*.

A Suzette parecera meses antes que a amiga vivia taciturna. Inquirida, a hábil bretã dissuadiu-a com bem colocadas justificativas.

Bem verdade, não amava Paris. Ali vivia por dedicação aos seus entranhados amores. Amava os horizontes sem fim das suas terra, a placidez do Loire, os lugares que o tempo lhe parecia devolver agora.

Em conversações *en passant* solicitava *dormir* no pequeno cemitério das cercanias de Saint Nazaire onde repousavam os despojos dos seus.

Suzette, que estava sempre envolvida com a morte e a detestava, reagia, solicitando que o assunto fosse examinado em ocasião própria.

— Há uma condição única exigível para morrer — filosofava Germaine — viver! Ora, eu gostaria de retornar à terra em que nasci, transformando-me, lá, em perfume ligeiro numa *capucine* e tendo os céus imensos, azuis-dourados para me agasalhar com suas estrelas e seu sol.

— O *sancta simplicitas!*⁷⁶ Você viverá muito, minha diletta amiga.

— Quando, porém, ocorrer... — Volvia à carga. — Não receio a morte, temo a vida em agonia, na inutilidade, sobrecarga para os outros... Temo as enfermidades incuráveis, de longa duração. Sim, isto eu receio. Morrendo, desejo estar junto aos meus.

—Mudemos de assunto, por favor. — Cortava o diálogo, Suzette, constrangida.

Constatava quanto amava àquela mulher e quanto dela dependia.

Germaine padecia de febres ao entardecer, suores frios e pegajosos pela madrugada e da tosse rebelde. Precipitadamente adveio-lhe uma pneumonia com caráter alarmante.

Suzette-Sara encaminhou-a para o Hospital e fez-se-lhe filha dedicada, enfermeira sensível, serva abnegada. Entre delírios e delíquios a venerável bretã esteve em agonias demoradas. O cuidado contínuo e os recursos da época, a sacrifícios, arrancaram-na dos braços da morte. Não obstante, o

diagnóstico desalentador marcava-lhe, praticamente, a data do óbito por antecipação afligente.

Ficara descarnada em pouco mais de duas semanas, debilitada, e as poucas resistências físicas pareciam não suportar o esforço. Mesmo assim, a Ciência aliada ao amor da médica levantaram-na um pouco.

Fazia-se indispensável removê-la da cidade gelada. Embora os percalços da viagem penosa para o seu estado, o médico especialista reconheceu que a mudança para local de clima ameno, ao ar puro do campo e a desvelada assistência de um médico hábil na acognosia da tuberculose, poderiam alongar-lhe a vida, não, talvez, salvá-la.

Sob o presságio da morte, Suzette envidou os melhores esforços e, acolitada por Angélique, uma enfermeira bem remunerada e uma serva de confiança, trasladou pessoalmente em ambulância a querida amiga, sem sopitar a própria agonia.

Michel, que se consorciara pouco antes, encontrava-se em viagem de negócios fora da Capital e Julien-Paul seguiria logo depois, a fim de prosseguirem assistindo a diletta irmã espiritual.

O amor puro rompera todos os preconceitos: os infelizes orgulhos de raça, as ignóbeis diferenças sociais, as nefandas paixões religiosas, os inóquos destaques econômicos. Com excelsa sabedoria assevera-ra, que o ***“amor cobre a multidão de pecados.”***

A enferma, resguardada com carinho e esmero, agasalhada para a viagem que transcorreu sem maiores problemas, reagiu bem.

À chegada, adredemente informados, Marguer-ritte e Arthur-Marcel prepararam um local encantador, por instruções dos senhores, no velho Solar, donde a paciente, pelas amplas janelas de cristal, mesmo nos dias menos quentes, podia ver o rio, além do jardim de mirtros, de teixos e tílias e, do outro lado, o bosque de carvalho com franças buliçosas em tons de verde variegado e belo.

Recebida com afeto quase filial, Germaine pôde fruir o fruto do bem pela vida de dedicação desinteressada a que se afervorava.

Graças a esse conforto moral, espiritual e ao clima mais suave, apresentou ligeira melhora, depois de recobrar-se da viagem extenuante.

O *Château* não estava totalmente recuperado. As obras, de vulto, exigiam operários especializados e foram propostas algumas alterações na estrutura arquitetônica, que atrasaram os trabalhos. As alas laterais estavam concluídas, mas o corpo central, que recebeu acréscimo de colunas de linhas gregas com cornijas para *triglyphe*⁷⁷ encontrava-se em conserto e arranjos cuidadosos. O velho *Château* iria esplender, quando concluído, com mais brilho e luxo do que no seu melhor passado.

O apartamento de Germaine estava decorado com gosto e adornado por belo tapete azul-índigo, tom preferido pela enferma, que fora colhida por incomparável assombro. Poderia ver o céu além da janela e em certos momentos na mesma cor aos pés e em volta da cama, conforme gostava.

A gratidão dos seus amos-amigos retribuía-lhe em mimos as fortunas de amor e zelo que dela haviam recebido.

Algum tempo depois, com a chegada das chuvas torrenciais, que desabaram inesperadas, e mesmo pela debilidade orgânica, dia-a-dia mais decaída, a afável bretã piorou. O médico, que auxiliava Suzette, chamado às pressas, prognosticou o fim.

Julien-Paul e Michel vieram com celeridade de Paris e acompanharam compungidos a desencarna-ção lenta, dolorosa, da criatura querida.

Hemoptises constantes estampavam-lhe na face violácea a agonia que demorava. Dia e noite sucedendo-se e a coma lancinante, a inconsciência, o sar-rido da morte sem que esta se consumasse.

Suzette, em crescente opressão íntima, desejava que ela se deslindasse dos estertores da asfixia.

Numa das noites em que a acompanhava, debruçada à janela e contemplando o céu cismarento, carregado, repassou com lágrimas os lances mais graves da própria existência, recordando-se dos receios da serva, hesitou e decidiu. ..

Voltou-se bruscamente, defrontou-a estertorando, em crise.. . Não suportou a cena.

“Poupá-la-ei, minha querida, a tanto inecessário martírio”. — Falou mentalmente, vencida por total desalinho interior.

Angélique repousava no quarto contíguo e os demais dormiam. Só ela velava.

Agitada, incoerente, tomou da seringa assepsia da, preparou-a com substância letal, e como se estivesse justificando-se a loucura, murmurou: “Durma, meu bem, repouse. Tudo agora passará. Adeus, Germaine querida, adeus!”

A enferma abriu os olhos, como se o Espírito fosse trazido à realidade daquele momento para protestar, brilharam bruxuleantes, o sangue irrompeu em mais abundância, a cabeça pendeu. Germaine havia desencarnado.

Suzette recompôs-se maquinalmente. Despertou a enfermeira, mandou que ela anunciasse o desfecho esperado e sufocou todas as dores sem um grito, sem um desabafo.

Naquele momento morria nela grande parte da vida, restando a outra, apenas, pelo fervor de Julien.

A eutanásia covarde fora praticada mais uma vez, violentando as soberanas leis da Vida, que a ninguém faculta o direito de matar.

Na noite horrenda, o amor desequilibrado e a alucinação se acumpliciavam para mais um crime estúpido.

Nenhuma testemunha humana no cenário da tragédia, mas incontáveis Presenças Espirituais no recinto do homicídio inconsciente.

Amigos de Germaine, dentre os quais o probo Renet-Pierre aguardavam-na, solícitos, acompanhando, compungidos, o dilate da desvairada senhora.

Adversários de Suzette, que agora a assessoravam, regozijavam-se com mais este delito bárbaro que o mundo iria ignorar.

No entanto, Germaine estava programada para desprender-se poucas horas apenas mais tarde e o desvario da precipitação interferiu na Lei, engendrando futuras dores.

Concluídas as formalidades de praxe, o corpo foi trasladado para Saint Nazaire, conforme desejo que ela formulara, e, sob a campã singela, aberta na relva molhada e verde, o corpo tornou ao pó, guardado por pequenina lápide onde se insculpia o tradicional *Resquiescat in pace*.⁷⁸

9 CRIMES JUSTIÇADOS

A comovente exéquia no rito católico, cuja crença Germaine esposava com unção e lealdade, mais profundos sulcos produziu nos amigos que foram levar o último adeus à excelente bretã.

Suzette mergulhou em abissal agonia moral. Não lhe saía da mente a última expressão da extinta, quando no momento em que recebera a terapêutica da eutanásia. Perguntava-se, agora, se não deveria ter esperado um pouco mais; se agira com o fito consciente de diminuir as penas da amada benfeitora ou se, inconscientemente, o gesto não procedia como um ato de auto-piedade, isto é, desejando poupar-se ao demorado desprendimento? Dificilmente descobriria o móvel real do seu novo crime. Adicionava aos antigos delitos e delitos mais este terrível sofrimento. Acudiram-lhe ao pensamento naqueles derradeiros instantes junto à sepultura, olhar paralizado, outras cenas desde a primeira incursão à senda escabrosa.

Velho provérbio latino lucilou-lhe na mente: “*Potius mori quant foedari*”.⁷⁹

Desonrara-se, a fim de proceder com desforço, numa tentativa de vingança contra o mundo que supunha lhe fosse hostil. Reunira bens que, todavia, pareciam inúteis nesse momento. Percebeu que, afinal, prejudicando os outros mais se infelicitara. Tinha as mãos, os braços, o colo adereçados por jóias de alto preço e vazio o coração.

Na rigorosa reflexão concluía que na inclinada do erro, que impele para baixo, em quedas sucessivas até aquela da qual não mais se pode erguer, a que não faculta o começo, tomba-se sempre, compromete-se irreversivelmente, cada vez mais, o desgraçado.

Germaine, inumada, era uma inconcebida realidade para Suzette : ficara órfã pela segunda vez. Embora confiante no amor de Julien, sentia-se infinitamente só, sobrecarregada pelas culpas que já passavam a atenazá-la com sua implacável presença.

Caminhando para insuportável depressão, o esposo carinhoso, vigilante, sugeriu que se demorassem em Nantes, no *Château*, não obstante inconcluído.

— Far-lhe-á bem — aduziu o engenheiro afável — e você, lá, poderá completar a decoração, planejando-a com o seu carinho e gosto refinado. Ir-me-ei a Paris e logo retornarei para estar ao seu lado, não me afastando um momento sequer.

Como lhe percebesse uma quase total indiferença, voltou à carga:

— Você ficará com Angélique, Margueritte, Arthur-Marcel e os demais servos, que se empenharão, até o sacrifício, a fim de torná-la menos acabrunhada ...

— Voltei a perder mamãe, Julien — interrom-peu-o, então, em lágrimas copiosas.

— Chore, minha amada. Far-lhe-á bem. Você necessita desse choro...

Cingiu-a com profundo enternecimento, como a resguardá-la de qualquer mal, exceto, bem se depreende, do mal que havia nela própria.

A mulher semelhava-se, ali, junto aos ciprestes e às flores, no *cimetière*, a frágil avesita agasalhada em ninho de segurança, que a resguardasse das intempéries.

Envolta nas vibrações do esposo, forçoso é dizer-se, que aquiesceu em demorar-se um pouco no Château, diante do Loire dolente e belo.

Angélique, a enfermeira que acompanhara Germaine, privava da confiança, da intimidade da médica. Conheceram-se no Hospital, quando de uma intervenção cesariana, executada por Suzette numa das suas mais distintas clientes, pessoa igualmente dotada de elevados sentimentos morais: Mme. Pierre-got de Visnis.

Embora as incursões negativas pelos meandros do *avortement*, a dra. Hottsmann ou de Niesembaum, como, aliás, preferia identificar-se, era excelente e hábil profissional. Exceção aos párias morais que mais chamam a atenção no lado negativo, seu nome tornara-se respeitado e pronunciado com carinho pela classe médica e por larga faixa da sociedade parisiense. A parte má de Suzette eram as suas feridas íntimas, tormentosas, que o mundo não via.

Desde esse primeiro encontro com Angélique, apesar do temperamento retraído da médica, fizeram-se amigas. A afinidade fez-se num crescendo natural, tornando-se a auxiliar preferida, quando necessitava de ajuda, nos problemas de gravidade.

Vezeas inúmeras fora convocada a auxiliar a doutora na Clínica da *Avenue de Villiers*.

Descobriram-se portadoras de muitos gostos, aptidões, passando a cultivá-los com acendrado interesse recíproco.

Angélique era parisiense, nascida no *Quai Michelet*, no subúrbio ou comuna de *Levallois-Perret*. Aos trinta anos era uma bela mulher. Esguia, de tez morena e cabelos negros, possuía um rosto formoso no qual se destacavam dois olhos escuros e sonhadores.

Solteira, dizia-se infeliz no amor, marcada por vários dissabores. Mais de uma vez supôs haver encontrado o homem ideal, para logo constatar, desiludida, ao abandono, que se equivocara...

Resolveu-se parar de sonhar, entregando-se com vigor à enfermagem, em que buscava reencontrar-se, ajudando os que possuíam mais ingentes necessidades do que as suas.

Suzette se lhe tornara uma perfeita *confident*, sem retribuir tal confiança, narrando-lhe os próprios conflitos. Sabia que segredos não podem ser partilhados. Além do mais, havia as próprias mulheres levianas, que lhe constituíam contínua ameaça à paz exterior, porque a íntima já não a possuía. Inclusive porque não desejasse fazer-se conhecer em profundidade, nunca lhe falara da Clínica em *Clichy*.

Desse modo, retornaram ao *Château* de Niesem-baum, na tentativa de lograr-se para a médica renovação espiritual e alegria.

Havia uma impulsão de inexplicável agouro no Castelo do Loire e um determinismo transcendente que fizera Suzette voltar àquele lar.

Em Nantes comentava-se o luxo e a fortuna dos de Niesembaum e Hottsmann, após a posse dos bens que ficaram em mãos do Estado. Nas casas elegantes, nos *Châtelets* e demais *Châteaux* do Líger, nas tascas e hospedarias falava-se da fortuna dos ditosos proprietários do Castelo em reconstrução. Os *bagouts* exageravam a realidade e os *cancaniers*⁸⁰ se compraziam em recordar os infortúnios da família no passado, bem como se interrogavam como aconteceram os milagres da recuperação e da fortuna de que já eram possuidores antes da reaquisição dos bens confiscados.

Tal sorte de comentários, ácidos uns, maliciosos outros, nascidos todos na inveja generalizada, atraíram a cobiça dos malfeitores, que tentaram infiltrar-se na Casa, a fim de apropriar-se de alguns dos valores ali guardados.

A malícia falava que o casal guardava muitas jóias e moedas antigas que não puderam ser encontradas quando da depredação do imóvel, nos anos passados. E por serem judeus os seus proprietários, dizia-se que ocultaram o que havia de mais valor em algum compartimento secreto, que ainda preservavam.

A ociosidade arma-se de sutilezas para o crime, com que não raro logra surpreender os que lhe padecem o cerco mediante os sucessos imprevistos.

Nantes estava sendo varrida por uma onda de assaltos e vandalismos desusados, como, sem dúvida, ocorria noutras cidades do país.

A aventura da desonestidade que fascina os delinquentes consome-os na voragem da ambição desmedida. De um golpe esperam granjear o que exige sacrifícios e tempo, para o que planejam como uma “aposentadoria regalada”. Equívoco de quem esquece que o desvario encontra novas fórmulas para uma tentativa mais, o golpe final, no qual tombam inexoravelmente

Com a morte e o sepultamento de Germaine, noutra cidade, o *Château* voltava à placidez anterior.

A chegada inesperada da enferma e seus acompanhantes havia interrompido a planificação de dois hábeis ladrões, um dos quais se introduzira entre os operários, a fim de melhor conhecer a planta da Casa, identificar alguns objetos preciosos e a sua localização segura. Sem embargo, ficara definida a noite da inumação em Saint Nazaire para a obra da rapinagem, em virtude de estar quase deserto o Castelo.

Dois vultos furtivos esgueiraram-se pelo jardim avançadas horas da noite. Um deles, mais jovem, penetrou a parte lateral, graças à habilidade com que manejava instrumentos, seguido pelo outro de olhar asselvajado, brilhante.

Os passos abafados pelo *carpet* e tapetes levaram-nos à alcova, que esperavam defrontar vazia. Abriram a porta e perceberam o casal que parecia dormir.

O jovem sugeriu o recuo, a meia voz. O outro insistiu, rouquenho e decidido.

— Não podemos perder a oportunidade. — Asseverou.

Acercaram-se do *boudoir*⁸¹ e, prestos, recolheram as jóias deixadas sobre o mármore branco. Vasculharam gavetas, afastaram artístico gobelino que estampava uma cópia de Fragonard,⁸² da célebre pintura “O balouço”, e tentaram, abrir o cofre embutido na parede.

O mais jovem encostou-se à porta levemente entreaberta como preparado para a evasão. O outro, suarento, experimentou chaves-mestras em nervosa tentativa, consumido pela volúpia do tesouro.

Concomitantemente, ambos espiaram de esguelha o casal que parecia dormir profundamente. Todavia, embora os olhos cerrados, a dama, que estava insone, transitava pelos dédalos da memória em ardência. Recordava-se de todas as ocorrências pretéritas e supliciava-se sem roteiro, intranquila. Tinha a impressão de ouvir a respiração entrecortada, sôfrega de alguém. Supôs que a imaginação fazia-a delirar, acusando-a pela

interrupção da vida de Germaine. Estranha, desagradável sensação de insegurança transmitia-lhe a angústia de uma presença perigosa no quarto — essa percepção paranormal que vai além do instinto de preservação da vida —, qual ameaçadora arma prestes a disparar, roubando-lhe a vida. A médica abriu os olhos e cravou-os no bandido. Guiada, agora, pelo instinto, gritou e se ergueu da cama, acionando o interruptor elétrico do *abatjour* de cabeceira.

A súbita claridade e o grito surpreenderam os bandidos. O que estava à porta disparou em desabalada correria. Julien despertou assustado e logo, consciente do perigo, saltou dos cobertores.

O ladrão inesperadamente descoberto sacou de um punhal, partindo agressivo para o engenheiro que se esquivou do golpe. Suzette tomou de um castiçal de prata e o arrojou no invasor, enquanto prosseguia pedindo socorro.

Na evasão, o outro bandido bateu a porta cujo trinco se prendeu.

Julien arrebatou o castiçal caído ao chão, que atingira o salteador, e avançou na sua direção enquanto aquele tentava abrir a *crémone*.⁸³ Acuado como uma fera, saltou sobre a vítima que tombou, tentando apunhalá-la. Abrindo a porta e aos brados desesperadores, Suzette conseguiu despertar Michel, no apartamento ao lado, e Angélique, próxima; o primeiro correu à alcova, enquanto a última buscou os aposentos dos servos e despertou Arthur-Marcel, que acudiu os amos em perigo, necessariamente armado com revólver.

Apesar de atingido sem maior gravidade por várias vezes, Julien-Paul atracara-se com o bandido que foi imobilizado à chegada de Michel. A robustez do Sr. Hottsmann e a juventude sadia do jovem de Nie-sembaum venceram a fúria do invasor noturno que espumava entre blasfêmias proferidas. Arthur-Marcel providenciou uma corda resistente e os três homens aprisionaram o celerado que jurava vingança, ameaçando com desforços, em voz tonitroante...

Um telefonema urgente foi feito à Polícia e, uma hora depois, o malfeitor dava entrada na cadeia.

No *Château*, passado o pânico e imediatamente atendido Julien-Paul nos cortes que sofrerá, sucedeu ao nervosismo a alegria geral pelo êxito dos atletas, acompanhado o júbilo com delicioso chá providenciado por Margueritte, ainda assustada e benzendo-se.

O novo choque em Suzette produziu-lhe uma descontração nervosa, um súbito relaxamento que a prostrou no leito, fazendo-a adormecer de imediato. Viu-se fora do corpo, ali mesmo, na recâmara, com lucidez inusitada.

Defrontou o ser angelical como de outras vezes, que a fitava, porém, com incomparável tristeza.

— Por que, Suzette? Por que interrompeste a vida de Germaine já em paulatina extinção? Como te atreveste, interpondo-te nas sagradas decisões da Vida? Germaine libertou-se, é certo, e tu? Não despertarás desse rancor, que é um ácido a requeimar-te por dentro?

Suzette-Sara sob o magnetismo do seu Mentor Espiritual experimentou incomum vergonha de si mesma. Quis fugir-lhe à presença. Não o conseguiu. Enquanto isso, ele prosseguiu:

— Perdeste os pais, que se redimiam e recebeste Germaine e Pierre, que te sustentaram a sede de amor; reencontraste Julien-Paul, após a partida das irmãs; navegas em oceano de fama e glória, fortuna e facilidades; decides sobre quem deve e não deve recomeçar o caminho pelo corpo carnal. Que mais desejas?

Não havia censura nem reproche naquela voz. No magnetismo da bondade pairavam a piedade e a compreensão.

— Expulsa-nos da tua convivência — continuou no mesmo tom —, a nós que te amamos, e arrojaste nas mãos malevas de que te não libertarás facilmente.

“Na tua desmedida revolta desprezas Deus que te fala, mediante mil formas em que o poderias encontrar e também as desprezas.

“Na falência das Religiões está a decadência do homem que conspurca a Fé, não da Fé, que sobreviverá ao homem, a fim de salvá-lo. Até quando e para onde fugirás?”

As interrogações pareciam saídas de um abismo de amor desprezado.

— Ajudamos-te — deu curso à mensagem luminescente — há pouco, ante o biltre infeliz, nosso irmão agressor inditoso, que se afunda nos tresvarios. Por pouco não te tomou ele a vida nas mãos, conforme fazes, ou ceifou a de Julien que é probo, honrado e tanto te ama.

“Interferimos, também, porque não podes, não mereces morrer agora... Acompanharás o suceder das tuas loucuras durante largo período de tempo. Hás plantado e prossegues semeando ódios e morte, acolitando outras insensatas quanto tu mesma, num séquito de desditas...

“Apiado-me de ti. Não deverei intervir diretamente, por algum tempo, a fim de que aprendas sob a mó da desesperação, que a vida possui finalidades santas e ruma para objetivos sublimes.

“Não somente o corpo, putrescível e transitório, merece cuidados, mas, também, o Espírito eterno, viajor do infinito, nos rumos de Deus.”

“Desperta! Urge o tempo e podes recomeçar a tarefa. Deus te enriqueceu com uma profissão de elevada dignidade e unção: a de curar! Não a chafurdes mais, pervertendo-a. Aproveita o apoio de Julien e reconforta os órfãos, as viúvas, os infelizes. Sai do presídio dourado para ajudar no mundo das misérias humanas. Não te faças uma miserável a mais.

“A Clínica de *Clichy* transforma-a em santuário de amor e berço de esperança. Não a organizaste por capricho do acaso, à impulsão das tuas necessidades, antes, a fim de amparares os necessitados.

“Volta-te para Deus, para o bem. Acorda da letargia espiritual em que te envenenas.

“Tornaremos a ver-nos, quiçá em injunção penosa, diferente. Adeus!”

Suzette, que o ouvia fascinada, comovida, desejou formular protestos de arrependimento, de retificação de conduta. Antes de exteriorizar os

pensamentos, viu-o diluir-se diante dos seus olhos, como se fosse absorvido pelo longínquo lucilar na prata das estrelas fulgurantes da escumilha da noite.

Não reorganizara a mente, quando se sentiu tombar em escuras águas de rio subterrâneo, pegajoso e pútrido, onde flutuavam partes de corpos infantis mutilados, sob gritaria infernal, conforme já lhe ocorrera anteriormente. Afogando-se, inapelavelmente, despertou, sacudida por Julien que a via debater-se aflita, suarenta...

Nascia o dia e as primeiras aves saudavam o sol.

Suzette manteve a lembrança do estranho desprendimento como vezes outras.

Tormentos íntimos sacudiam-na incessantemente.

A conselho de Julien, fez a refeição matinal no leito e ali deixou-se ficar em reflexões demoradas entre presságios afligentes e angústias inexplicáveis.

Não se submetia às advertências.

Com a razão obliterada pelos teimosos princípios, preferiu acreditar que se tratava de um simples pesadelo, reconfortando-se com a ideia.

O anestésico da ilusão proporcionava-lhe o adiar da responsabilidade. Pobre louca!

À tarde, como Suzette se sentisse melhor, os senhores do *Château*, atendendo à solicitação da Che-fatura de Polícia, compareceram àquela Delegacia, a fim de apresentarem queixa contra o malfeitor.

Julien desejou impedi-la de comparecer ao local por desnecessidade. A instâncias, porém, da mesma, que alegava o desejo de sair um pouco, respirar o dia, passear, aquiesceu, generoso, levando-a à audiência policial.

O Comissário, que os recebeu, informou-lhes prontamente de que o ladrão era terrível bandido procurado pela Sûreté, a Polícia nacional francesa. Homicida, deixara pegadas em Paris, após roubar a vida de um homem,

num lupanar. Estivera envolvido em tráfico de mulheres e de drogas. Era perseguido, no momento, pelas quadrilhas que traíra e pela Polícia que esperava justicá-lo. Interrogado, confessara que planejava o golpe, objetivando partir de França para a África... Como o seu ramo não era aquele, fracassara, graças, também, à cobardia do comparsa que fugira após o grito da mulher, ao despertar.

Suzette, interessada, perguntou:

— O Sr. Comissário sabe-lhe o nome?

— Sim. Andrés de la Merced...

— Vós o conheceis, senhora?

— Não sei, não sei...

A médica tornou-se lívida, com os lábios descorados.

— Que se passa, meu bem? — Inquiriu Julien, preocupado.

— Uma cliente minha — esclareceu, hesitante, — em *Clichy*, antes de morrer, falou-me sobre o homem que a desgraçara... Andrés, era seu nome, nascido na Argélia...

— Deve ser o mesmo homem.

— Gostaria de vê-lo, se possível.

— Você deve poupar-se a novos choques — atalhou-a o esposo, prestimoso — a Polícia cuidará de tudo.

— É uma dívida — monossilabou, em quase reflexão — para com uma amiga querida... Se não for muito trabalho...

— Por favor, senhores. — Apressou-se o Comissário com gentileza — Acompanhem-me!

Desceram ao porão invadido por desagradável ar bafiento. Ao fim do corredor, numa cela, o Comissário apontou.

— Esse aí, esse bandido, é o terrível Andrés... Dessa ele não escapará. Será julgado em Paris para onde vai ser transferido.

O homem, macerado pelos suplícios da desdita a que se entregava, expressão de fera, *rugiu* epítetos grosseiros, agressivamente.

— Que desejam miseráveis?

Face a face com o homem que havia destruído os sonhos de inúmeras jovens irresponsáveis, que encantara e explorara vidas preciosas, duas das quais foram buscar socorro em sua Clínica, Suzette sentiu o travo amargo da vingança, em memória daquelas que tanto haviam sofrido por causa dele...

Cora infinito desprezo, balbuciou entre dentes rilhados :

— Eu conheci Simone, Cossette...

Como se fosse ferido por um dardo envenenado, ele voltou-se, segurou as grades espume jante, cravou-lhe os olhos e gritou:

— Que pretende, infame?

— Simone morreu — redarguiu a médica — porém Cossette, eu salvei. Enviei-a para longe das tuas garras, maldito.

“Desejei por anos encontrar-te, a fim de ver o que elas encontravam num bandido, deixando-se explorar. Contive-me, agora tenho-te diante dos olhos, como um animal covarde que teme. Regozijo-me, por mim e por elas que não poderão gozar a tua desventura nas mãos da Justiça. Por fim, contemplo a justiça demorada, que, todavia, chega em tempo. Não escaparás impune, malfeitor...

A face da esculápia, marmórea, traduzia o seu ódio, o desprezo e o asco pelo infelicitador de moçoilas, que agora deveria experimentar a justiça nas carnes odientas.

Julien estava terrificado, ante aquela explosão que jamais ocorrera antes na esposa.

— Saiamos daqui —. Propôs, segurando a mulher e conduzindo-a para fora.

Estranho capricho da vida! Suzette, que desejara antes conhecer o consumidor de esperanças, defrontou-o em situação inusitada, no próprio lar e na cela em que daria início ao indispensável resgate.

Ninguém foge à Lei...

Andrés de la Merced, julgado posteriormente em Paris, foi condenado à prisão perpétua com trabalhos forçados, em Caiena, para onde foi recambiado.

Os acontecimentos daqueles dias não seriam jamais esquecidos, entretanto, a vida teria que continuar.

Não obstante a sucessão de desditas no *Château* de Niesembaum, Suzette e Angélique ali ficaram, enquanto Julien e Michel seguiram a Paris.

As duas mulheres reencontraram-se, nos coló-quios contínuos às margens do Líger em prata.

Pareciam duas irmãs que se haviam distanciado e a vida trazia de volta.

A ausência de Germaine, de alguma forma, seria lenida na dor, pela presença de Angélique.

A primavera logo mais teria início e com ela o futuro.

TERCEIRA PARTE

1 "PULSATE, ET APERIETUR VOBIS"⁸⁴

Lucas — XI : 9

A amizade entre Angélique e Suzette seria duradoura, assinalada por larga lealdade com que ambas se retribuíam.

À medida em que o tempo transcorria, os desagradáveis acontecimentos que tiveram palco no *Château* foram diminuindo de intensidade, não, porém, a saudade da sempre recordada Germaine. Tinha-se a impressão de que ela

continuava no palacete da *Avenue d'Inkermann*, jovial quão sensata, na condição de *sombra* amiga e guardiã.

As obras que haviam sido programadas para o Castelo de Niesenbaum ficaram concluídas em junho e o casal Hottsmann resolveu passar as férias de verão no local predileto, não obstante as evocações de dor e luto que ali se insculpam, inesquecíveis.

Incontestavelmente, a recuperação do *Château* foi feita a caráter. O salão central fora ampliado com acréscimo de área, portas e janelas, nas quais as padieiras e pinázios foram realizados com madeiras nobres. Os balaústres das sacadas que saíam para o jardim eram de pórfiro precioso. Nos extremos das arquitraves, em cada local de destaque, foram aplicadas carrancas trabalhadas. As duas colunas coríntias, que sustentavam a arquitrave que separava do conjunto geral o pequeno palco elevado para o piano, apresentavam os delicados capiteis ornados, seguidos pelos frisos e a cornija com requinte harmonioso e distinto no conjunto geral.

Ao lado do piano, em posição de destaque, um Guarnerius⁸⁵ raro em seu estojo reluzente.

Sobre mesitas de mármore entre as portas largas repousavam delicados lampeões de opalina frisada, transformados em quebra-luzes elétricos, com figuras de Sèvres, e o imenso tapete em azul pálido por todo o salão. No centro, no *plafond*, um lustre de cristal checoslovaco, de cinco braços harmoniosos; nas paredes dois espelhos compridos de cristal de Murano e cortinas longas em *voile* pérola, protegidas por pesadas sedas em tom musgo, que corriam independentes, em trilhos paralelos.

Suzette, fugindo-se à consciência, mergulhava na busca exterior e conseguira decorar o castelo com senso artístico e habilidade, logrando inusitado êxito.

No *Château* inteiramente remodelado, os Hottsmann, Michel, Adelaide, sua esposa e Angélique formavam o grupo feliz para as férias daquele verão que prometia bênçãos de refazimento e bem-estar.

Angélique propusera a Suzette convidar uma estranha personagem lionesa que vivia em Paris: Mme. de Couberville, a fim de realizarem algumas experiências psíquicas.

Embora refratária a esse tipo de investigações, com as quais não se afinara desde as bem cuidadas sessões pelo velho professor de M., objetivando agradar aos familiares que acharam a ideia fantástica, ela resolvera aquiescer.

/ Desse modo, após alguns dias em que se encontravam em Nantes, Julien-Paul, retornando de Paris, numa das poucas viagens que fazia para manter-se necessariamente informado das ocorrências na sua Empresa, trouxe Mme. de Couberville.

A simpática senhora de aspeto distinto a todos cativou. Descendia dos célebres Courtenay⁸⁶ e casara-se com Mr. Jean-Louis de Couberville. Viúva desde alguns anos, vivera na mocidade em Lyon, sua cidade natal, na qual, aliás, se consorciara.

Sexagenária, fazia-se portadora de grande vigor. Extrovertida e educada, *bavarde*⁸⁷ agradável, seus temas preferidos eram todos vasados em elevada linguagem e princípios éticos relevantes.

Conhecera pessoalmente Mr. Henri Sausse, o célebre biógrafo de Hippolyte-Léon Denizard Rivail, que a posteridade conhecia sob a antonomásia de Allan Kardec, havendo assistido às memoráveis reuniões da Federação Espírita Lionesa de que participara e onde travara relações de amizade com o insigne escritor espírita Léon Denis, quando das suas memoráveis conferências naquela Entidade e nos Salões respeitáveis daquela Cidade.

Através de Mr. Sausse fizera-se espiritista, travando contato com o Mundo Espiritual e conhecimento mais direto com a Doutrina Espírita, que a fascinava.

Durante vários anos havia exercido a mediunidade no lar, enquanto o esposo se encontrava encarnado. Depois da sua partida, só raramente se permitia transe, quando em companhia de amigos de confiança, preferindo

manter o intercâmbio através da prancheta, o velho método de que se utilizara inicialmente o próprio Professor Rivail.

Natural que a curiosidade de todos e a suspeita sistemática de Suzette envolvessem a agradável convidada.

Dois dias depois, no salão principal, reuniram-se em simpática tertúlia.

A noite se apresentava em gala, suaves perfumes invadiam o recinto, originados do jardim, em lufadas de vento brando.

Mme. de Couberville dissertou com facilidade e emoção sobre a historicidade dos fenômenos mediúnicos no mundo e a circunspeção, seriedade com que o Professor Rivail os encarou, durante as pesquisas que se permitiu.

“Investigador metódico e analista severo — agregou — não se concedeu o entusiasmo ou a emoção do deslumbramento. Antes manteve-se em permanente vigilância examinando, percuciente, cada informação, toda revelação, que eram submetidas a averiguações incessantes, após o que e somente passava a acatar sem confutação. De temperamento científico não se facultava qualquer leviandade, embora o bom-humor que lhe era habitual, não houvesse ele exercido antes o magistério por vários anos.

“Quantos com ele trataram, foram unânimes em atestar-lhe a honestidade e a grandeza de alma. Mesmo os que se lhe fizeram ferrenhos adversários, jamais encontraram um ponto vulnerável no seu caráter diamantino, algo que lhe tísse a limpidez.

“Da constante reflexão, do estudo metódico e paciente, da observação contumaz e da análise profunda resultaram Obras incomparáveis, credenciando-o como o encarregado de facultar ao futuro e à Humanidade incontestes conceitos sobre Deus, a vida, a alma, a imortalidade, a comunicação dos Espíritos, a Reencarnação...”

voz pausada, clara, de graciosa entonação, a senhora fez-se ouvir pelo admirado público seletivo, que jamais escutara qualquer referência sobre o tema em pauta. As informações que lhes chegaram a respeito dos Espíritos possuíam caráter depreciativo ou se faziam envoltas em superstições e mistérios absurdos. A narradora, sem embargo, oferecia uma paisagem mui

distinta a esse respeito, defluindo-se das suas palavras conotações morais superiores, imprevistas.

Entretecendo opiniões sobre a Justiça Divina, porquanto, afirmava: “não se atrever a abordar o tema da Divindade diretamente por lhe faltarem conhecimentos razoáveis para o tentame”, apresentava a reencarnação como necessidade imperiosa, depuradora para uns e iluminativa para outros, experiência indispensável para o progresso do Espírito, cuja origem se perde nos incontáveis milênios da Criação terrena...

Profunda conhecedora da filosofia exposta em “O Livro dos Espíritos”, e sensivelmente inspirada, Mme. de Couberville transformou-se no centro das tertúlias, no nobre *Château* de Niesembaum.

Por toda uma semana em contínuas explicações, sugeriu ideias, fundamentou conceitos, aguçou observações, expondo com simplicidade e lógica inconfundível. Sustentava sempre, repetindo Allan Kardec, que: ***“Il n’y a de foi inébranlable que celle qui peut regarder la raison face à face, à tous les âges de l’humanité”***⁸⁸.

— Para tão segura filosofia — aduzia Mme. de Couberville — os fatos constituíram alicerces fundamentais, sobre os quais havia sido erigida a Doutrina em si mesma.

“Allan Kardec não sugerira conceitos buscando dados posteriores que os confirmassem. Partiram das experiências científicas as conclusões filosóficas. A Doutrina fez-se uma consequência natural do testemunho das pesquisas.

“Diferindo do critério de todas as demais Filosofias, as bases do Espiritismo: Deus, imortalidade, comunicabilidade do Espírito, Reencarnação e pluralidade dos Mundos habitados estavam assentadas

nos princípios morais decorrentes do intercâmbio mediúnico.

“A mediunidade, assim examinada, foi o veículo mediante o qual se pôde penetrar o bisturi da indagação, respondendo com vitalidade e segurança aos exames que se propuseram.

“Incontáveis narrações que pertenciam à Mitologia e à superstição, escoimadas do fantástico e do sobrenatural, fizeram-se dignas de aceitação e análise cultural... Além disso, porém, o mais valioso contributo oferecido pela Ciência Espírita tem sido a certeza da sobrevivência; a morte da *morte*.

“Ante essa realidade o sonhado aniquilamento da vida, celebrado pelas escolas niilistas e materialistas, reduz-se a pobreza dos parcos e desaparelhados sentidos físicos. Em outra dimensão prosseguem o amor e o ódio, os sentimentos elevados e os soezes, as construções santificantes e as vis em natural processo, dando curso à vida que se transfere de dimensão, não desaparecendo.

“Não se diluem no silêncio da tumba os ideais nem as paixões, as lutas nem as misérias a que se aferram as criaturas. Cada ser é, no Além, o que cultivou no corpo, prosseguindo conforme se habituou na vivência da verdade como na lavoura da delin-quência.”

Mme. de Couberville expunha, raramente interrompida para esclarecimentos por desnecessários, conforme se depreenderá dos excertos que transcrevemos dos seus excelentes informes.

— A mediunidade — elucidava, serena, — suportou a suspeita psiquista, a incursão metapsiquis-ta. Todas as respeitáveis teorias que foram elaboradas com o fim de explicá-la ruíram por terra. Só a conceituação espírita elucidou em definitivo toda a sua gama de manifestações.

“Os médiuns — e aqui me refiro aos homens e mulheres honestos que se fazem paradigma de uma nova era — acentuou — têm relevante papel na História Universal. Repontaram em todos os períodos humanos e nas mais diversas culturas do Oriente como do Ocidente, impulsionando o progresso dos povos e antecipando os acontecimentos históricos.

“Despidos do fantasioso com que os vestiram os séculos e a imaginação, revelam-se criaturas dotadas de superior percepção, por meio da qual sintonizam com outras faixas vibratórias que envolvem o planeta, dali extraindo o conteúdo de enobrecimento que lhes é transmitido pelos Espíritos triunfadores ao túmulo.

“Nenhuma outra Doutrina mais consoladora, melhor fundamentada, mais lógica do que a Espírita.”

As explicações bem ordenadas, obedecendo a um programa habilmente elaborado, confirmava nos crentes a fé e despertava nos incréus a curiosidade. “Antes de tentardes fazer alguém espiritista — escrevera Allan Kardec e repetia a gentil palestrante — tornai-o espiritualista.”

Óbvio que ninguém pode acreditar no efeito desde que se obstine em negar a causa.

Esse o cuidado da Mme. Couberville. Teimava em dar um sentido lógico, causal e final à vida, uma ordem que em tudo preponderava e a que todas as coisas se vinculam, a fim de atrair os ouvintes às experimentações posteriores.

Nas análises às correntes psiquistas e metapsi-quistas do passado, demonstrava, ainda, a teimosia e a sistemática paixão dos investigadores que se obstinavam a submeter o fenômeno paranormal ao seu talante, reagindo, quando isso não ocorria, preferindo a simples e cômoda negação.

“Suas realizações e fecundos labores ofereceram larga e valiosa contribuição científica — complementava, erudita, — ao fenômeno mediúnic, advertindo os estudiosos para a ocorrência da fraude inconsciente, mediante as hipóteses que sustentaram demoradamente.”

Discorrendo sobre as consequências morais do Espiritismo, manipulava os conceitos com delicadeza, tendo em vista a origem israelita dos anfitriões, e, em decorrência, as possíveis crenças que abraçavam. Apesar disso, referia-se às leis morais extraídas do Decálogo e ao sentido cristão da mensagem espírita explicada com superior ênfase em “O Evangelho Segundo o Espiritismo.”

Como os ouvintes, de Jesus conhecessem apenas o que os dogmas das religiões explicavam, as afirmações de Mme. de Couberville sobre Ele soavam agradáveis, perfeitamente razoáveis para o contexto dos comentários.

Suzette-Sara foi mudando de atitude, paulatinamente em relação às ideias espirituais. Da natural aversão que a levava a refutar antes mesmo de ouvir,

passou a refletir e escutar antes de rebater.

Aclaravam-se para ela os pontos obscuros do seu comportamento intelectual ante as elucidações que ora lhe chegavam. Encadeavam-se fatos dantes não valorizados, obedecendo a um equilíbrio que até então esforçava-se por não considerar.

Afluíram-lhe à mente as recordações dos sonhos de que fora objeto, e, referindo-se sobre eles, Mme. de Couberville prestamente adentrou-se em explicações:

— Quando dorme o corpo, desprende-se parcialmente o Espírito e este entra em contato com o Mundo Espiritual, do qual todos procedemos. Instruções, informações, esclarecimentos são-nos brindados pelos Seres Superiores encarregados dos nossos destinos. Ali fixamos paisagens tristes, sombrias, nas quais expungem os culpados, trazendo impressas as lembranças felizes, onde vivem os ditosos, ou tormentosas dos lugares visitados.

“Consoante ocorre na Terra, sempre nos reunimos com aqueles que nos são afins, mantendo as vinculações com o que realizamos e nos comprazemos. Como no mundo físico, o espiritual está referto de seres bons e desgraçados conforme os padrões éticos em que transcorreram suas existências.

“Visões, sonhos premonitórios, vivas impressões psíquicas decorrem do conúbio entre homens e Espíritos quer conscientemente ou não, estabelecendo uma ponte que liga a vida sensorial à transcendente.”

Sempre calma, sem jactância ou vedetismo, acrescentava :

— Vivemos numa esfera interpenetrada por Espíritos. Cercam-nos, envolvem-nos em carícias, inspiram-nos ao bem como ao mal, ajudam-nos, perseguem-nos de acordo com as nossas atividades mentais e conduta moral.

À médica soavam com equilibrada lógica as argumentações. “Se, em verdade, a vida sobrevivesse à morte sem aniquilar a consciência — o que lhe parecia impossível, — essa Doutrina seria perfeitamente aceitável.”

Por toda uma semana, sempre às noites, após o ligeiro sarau ao piano ou violino — Angélique tocava piano regularmente e Adelaide era *virtuose* do violino — Mme. de Couberville aquiescia à solicitação geral a fim de discorrer em torno da fascinante filosofia espírita.

Depois de haver exposto os pontos essenciais sobre os quais se apoia o ensinamento espírita, elucidou, solícita :

— Ao deitar-me ontem, senti-me vivamente influenciada por um ser que vos deseja falar. Assim, acredito de bom alvitre procedermos a uma experimentação.

Todos exultaram. Passava-se da teoria ao fato.

Suzette-Sara, apesar de desejosa em aprofundar investigação sobre o assunto, sentiu-se apreensiva, estranha.

A senhora afeiçoada colocou a prancheta — *Ouijã* — sobre uma mesita e as pessoas sentaram-se em volta. Depois de ligeira explicação de como funcionava o instrumento, solicitou licença para uma exortação a Deus, uma prece, a fim de atrair os Bons Espíritos, e colocou os dedos sobre a pequena peça móvel triangular.

Imediatamente a taboinha como que dirigida por um impulso elétrico passou a correr célere, apontando as letras que formaram a palavra R-E-N-E-T P-I-E-R-R-E. Houve uma exclamação de surpresa entre os “pupilos” do nobre agricultor de *“La Villet-te”*, a propriedade de Saint Nazaire.

O comunicante ensejou inesperada alegria em Michel, que se emocionou, instantaneamente, embora o seu temperamento forte.

Renet-Pierre escreveu algumas rápidas palavras de afeto dirigidas a todos, traduzindo, a seu turno, incontida felicidade pelo ensejo de entabular conversação.

Suzette, esclarecendo sem meias-palavras as dúvidas aflitivas que a angustiavam, seu cepticismo, perguntou se poderia receber uma prova insuspeitável do prosseguimento da vida após a morte do corpo.

A taboinha móvel parou. Voltando a agitar-se, em ato contínuo, escreveu:

— Recorde-se da minha última noite. Ainda ouço suas palavras de carinho e dor dizendo-me : “Durma, meu bem, repouse. Tudo agora passará. Adeus Germaine querida, adeus!”

A obstetra, colhida pela expressão da verdade, empalideceu e foi acometida por um delíquio.

Germaine retornava da morte, revelando a vida aos atormentados amigos da retaguarda física a quem muito amava.

Bem enunciara Jesus: *“Pulsate, et aperietur vobis.”*

Todo aquele que bate às portas da verdade, têm-nas abertas de par-è-par.

O sublime triunfo da vida sem dúvida engrandece e cobre de esperanças os céus daqueles que transitam pelo “vale de sombras da morte”, impelindo-os para a perene madrugada espiritual.

2 A INEVITÁVEL REALIDADE DE DEUS

A experiência exitosa em torno do intercâmbio mediúnico foi suspensa e Mme. Hottsmann prontamente se recuperou. Evitando detalhar explicações, disse-se intrigada em face da revelação exata, quanto as palavras que proferira junto à extinta querida, quando aquela se encontrava nos últimos estertores... Acreditava, porém, estar diante de impulsão produzida pelo inconsciente, no qual se registam todos os acontecimentos, e que, em estados especiais, se exterioriza, produzindo fenômenos que tais, sem nenhuma ligação com o aniquilamento ou a sobrevivência da consciência após a morte.

— Com todo o respeito que nos merecem os simpáticos temas abordados por Mme. de Couberville — expressou Suzette, tentando ser honesta consigo própria, — o acontecimento que presenciamos pode ter sido causado exclusivamente por mim mesma. A cena final da amiga moribunda fixou-se na minha memória, obrigando-me a vivê-la com assiduidade. Tudo me faz crer que estamos diante de evidente mensagem telepática.

— Sem dúvida — concordou a serena hóspede —, estamos defrontando uma indução telepática, somente que de origem diversa à atribuída pela

nossa anfitriã.

“Fenômenos ocorrem que se enquadram com justeza na telepatia; outros sucedem-se fixados a matrizes do inconsciente do próprio médium, também chamados anímicos; alguns decorrem do inconsciente coletivo, que se catalogam na classe da hiperestesia. Indiscutíveis, no entanto, os que procedem dos chamados *defuntos*, cuja supervivência é atestada insistentemente nos mais complexos estudos e exames a que são submetidos.

“Allan Kardec, sempre metódico e cuidadoso, advertiu-nos quanto a tais procedências, a fim de que não laborássemos em erro, estimulados pelo entusiasmo, pela fantasia ou pelo fanatismo.”

Os demais presentes respigaram opiniões e comentários entre sorrisos de simpatia e curiosidade. Como a hora avançasse o círculo foi desfeito e todos demandaram suas respectivas recâmaras.

Apesar do conceito exposto, Suzette-Sara ficara abalada na sua estrutura materialista. Adicionava a esse outros fatos diversos que carreavam o pensamento para as fontes imortais donde pareciam proceder. Resolveu caminhar um pouco entre os labirintos de mirtos, no jardim, aspirando o agradável aroma da noite. Ensimesmada, buscou discreto recanto, ornado por uma pérgula abraçada por trepadeira em flor e recolheu-se a um convidativo banco de ferro trabalhado. Tentava raciocínios, quando foi despertada para o atrito de calçados em folhas secas e seixos do caminho sinuoso.

Ergueu a cabeça e defrontou Michel, que também buscara o silêncio da noite e o ar do jardim para reflexões.

Chamou-o, e porque ambos estivessem meditativos, deram-se as mãos em silêncio, auscultando as estrelas, o murmúrio do rio, os *frou-frou* da noite.

— Passaram-se muitos anos — referiu-se, melancólica, Suzette, — desde os tempos em que aqui nos sentávamos.

— Pensava no mesmo assunto. Redarguiu o irmão.

— Dobraram-se os tempos, pesaram-nos as dores, às vicissitudes sucederam-se os favores da fortuna, mas não se alteraram o ambiente discreto e nobre deste lugar, nem o nosso terno amor fraternal que nos une fortemente.

— É verdade. No íntimo prosseguimos sonhadores, *petites chanteuses*⁸⁹ da esperança, da ventura, do amor. As experiências sucederam-se, as dores nos crestaram a vida, e, não obstante, continuamos amando, sedentos de amor, embora nos neguemos reconhecê-lo.

— Tens razão, Michel. Há, em mim, abismai, apavorante vazio interior. Faltam-me as metas, os objetivos que mantêm a vida. Antes atirava-me sôfrega e insaciável na busca das coisas, dos valores.. . Constato, então, que aquilo era um desvio e não uma rota, uma fuga, não a realidade. Aquinhoadá pelo amor de Julien, incomparável, pela sua afeição e a de Adelaide, pelo companheirismo de Angélique e a fidelidade dos que nos servem hoje, não me consigo libertar do passado. Esta ausência mortificante, esta angústia inexplicável será a falta de.. .

— ... de Deus! — Arrematou o jovem. — Também eu sinto-Lhe a falta. Não consigo definir-me o que se passa no meu imo. Afundo-me no trabalho e nas preocupações, mergulho-me na família e ao primeiro instante descubro-me sem esse...

— ... algo, esse Ser que felicita os outros e os preenche. — Concluiu Suzette. — Em Mme. de Couberville descubro uma tranquilidade venturosa que jamais fruirei. Sua fé honesta e racional produz-me um certo desejo de crer.

“De fato, se reflexionarmos sem prevenção, será fácil descobrir aquela ordem a que Mme. se referiu, um finalismo, um determinismo em todas as coisas. O acaso, certamente, não explica a procedência e a harmonia da vida. Não me desejo reportar ao Deus dos nossos pais.. . Que há uma Causa, que escapa à mais atilada imaginação, não se pode deixar de suspeitar.”

Fazendo uma pausa, prosseguiu, qual se refletisse, à meia voz:

— Li algumas considerações de Maeterlinck⁹⁰ e detive-me a meditar sobre a valisnéria, singela planta dos lagos. Tem vida subaquática, vivendo a masculina ao lado da feminina, no silencioso fundo das águas. Prendem-se as flores masculinas à planta por delicado e curto pedúnculo, enquanto que as femininas demoram-se ligadas por haste espiralada de grande dimensão e que ao se desenrolar atinge a superfície. Ali dormem as flores quietas. Quando se dá o momento da fecundação, a flor feminina ascende e abre-se à luz, sobre a serenidade da superfície. A masculina arrebenta o pedúnculo retentor, sobe e abre-se, libertando o pólen fecundante, no momento em que a outra o espera, recolhe-o, fecha-se em delicada cápsula e retorna ao local donde procede, para o *milagre* da reprodução, enquanto a primeira fenece... Quanta precisão, harmonia e finalismo !

“O instinto dos animais intriga os estudiosos.

“O *mistério* genético desafia as mais douradas inteligências.

“As leis de equilíbrio que vigem na seleção e manutenção das espécies animais e vegetais fascinam.

“E o macrocosmo? As Leis da mecânica celeste, somente agora estão sendo detectadas pelos concepcionistas, matemáticos, físicos e astrônomos que se unem para tentar compreendê-las. O Universo é um desafio.

“Sim, há Deus. Muito maior do que O desenhou a miserável mente humana, a tacanha vaidade dos homens. Causa de tudo e de todos é a matriz universal.”

— A vida fez-nos ou nos fizemos um grande, mal, empurrando-nos ao ceticismo em que ora sofremos sem consolo... — Expôs Michel. — Quando a prancheta escreveu o nome Renet-Pierre eu tive a indefinível certeza de que o venerável benfeitor ali estava conosco, nos envolvia naquele incomparável olhar sem palavras com que nos sustentava nas horas mais difíceis... Eu creio, sim, que ele voltou. Não poderia explicar com a razão, mas o sei pelo *coração*.

— Estou inclinado a crer no mesmo... A honestidade da Senhora Couberville é incontestável, o seu desinteresse utilitarista é insuspeito, a sua

cultura geral e especializada nesse assunto é inconfundível, portanto, o que ocorre mediante o seu concurso assinala-se pela autenticidade. Vejo-me obrigada a refundir conceitos e modificar opiniões. Não é fácil. Que estamos entre mundos que se interpenetram, já não se pode contestar. A moderna Física dealba para a atualidade conhecimentos em torno da matéria e da energia, dantes jamais supostos. Por que não considerarmos a probabilidade do Espírito como uma energia que nos foge à compreensão, perfeitamente real, sem embargo?

— Retirando-se das religiões — adiu Michel — as características paixões, trivialidades e misérias humanas, isto é; desnudando-as, todas procedem, como asseverou a senhora de Couberville com bons fundamentos, de Deus, da imortalidade da alma, da justiça... Parece-me, porém, que o procedimento reencarnacionista ao inverso da unicidade da vida explica, sem dúvida, inúmeros enigmas teológicos, filosóficos, morais...

— É incontestável! — Confirmou Suzette. — Repasso pelo crivo da razão os acontecimentos que sucederam em torno de nossa família, que alteraram mais de uma vez nossas vidas e a reencarnação dá-nos subsídios vigorosos para entendermos todas essas estranhas tramas. Comigo mesma, quantas coisas hão sucedido !...

Na emoção do momento a médica esteve a ponto de desvelar a alma ao irmão enternecido, que dialogava com os sentimentos desnudados de qualquer reserva. O poderoso policiamento que se impunha, no entanto, fê-la parar.

— Posso atinar — confortou-a o jovem, que muito lhe devia, — com as tuas dores, desde aqueles infortunados dias. Quanto silenciaste em lutas acerbadas, hoje eu o sei, em sacrifícios em meu benefício e no das nossas irmãs...

As lágrimas fundiram os dois corações. Necessitavam chorar em segredo e em comunhão fraterna, lavar o leito de dores por onde corre o rio da vida, e aquele momento, de confidências e esperanças, acolhia suas ansiedades, lenificando suas estranhas, surdas, ignoradas aflições.

— Recolhamo-nos. — Propôs Suzette. — Tínhamos urgente necessidade de extravasar um pouco a alma sobrecarregada desde há muito. Adiciono esta

a outras dívidas para com Angélique.

— Angélique?

— Sim, Angélique, pois foi ela quem nos obsequiou com a presença encantadora, e, porque não dizer, querida, de Madame Couberville.

— Concordo plenamente.

Mãos dadas qual se se transfundissem forças, de que necessitavam para as lutas humanas, demandaram o Solar em silêncio, dirigindo-se às respectivas alcovas.

Suzette-Sara, sensibilizada, mordida pela vigilante consciência, nunca vencida, desejou orar. Recordou-se de antigas orações arrancadas dos salmos e balbuciou algumas palavras, tentando reconciliação interior. Sono brando libertou-a facilmente do corpo, desdobrando-a. Repetia-se o fenómeno que lhe era familiar, em torno do desprendimento. Viu-se, em perfeita lucidez, enquanto contemplava o corpo adormecido ao lado de Julien-Paul. Examinou o recinto parcamente iluminado pelo fulgor das estrelas que se adentravam através das janelas desveladas pelas cortinas. .. Subitamente observou que estranha, densa treva tudo invadiu, apavorando-a. Perdeu o contato com as formas exteriores. Passou a viver outra dimensão, sentindo-se pesada, com movimentos tardos, a respirar com crescente dificuldade, extenuando-se. Nesse comenos escutou objurgações odientas e acusações azedas ao lado de impropérios insuportáveis. Desejou reagir; estava atoleimada, incapaz do pleno controle dos sentidos.

— Pagarás, maldita! — Exclamavam em coro de ira muitas vozes. — Resgatarás em lágrimas de fogo as lágrimas de ácido comburente que nos infligiste.

“Não morremos! Sobrevivemos à tua sanha infanticida, megera com coração de chumbo.”

Gargalhadas estentóricas, gritos lancinantes misturaram-se, espocando aos seus ouvidos, sem descobrir de quem procediam as alucinadas acusações.

Tentando evadir-se do recinto horrísono, deparou num ser desfigurado e pútrido que a acusava sem palavras, com aspeto inolvidável. Por mais

buscasse fugir não logrou o intento. Supondo enlouquecer, atingiu o clímax, quando um som roufenho a informou :

— Sou Simone! O que resta de Simone. Socorre-me ! Tem piedade ! Esvaio-me em sangue. . . Meu filhinho! Por que o matamos, doutora?.. . Enlouqueço, Deus meu !...

Logo a seguir o pandemônio, a fúria generalizada, o horror.

Recordou-se a obstetra que de outras vezes havia ao seu lado um ser angélico. Não agora. Sem saber, na alucinação que a tomou, como fazer, reviu-se compulsoriamente nas cenas dos múltiplos delitos e, percebendo-se morrer de agonias, suplicou por socorros, chamou por Deus.

Havia arrependimento real, embora tardio; desejo de reparação sem saber como fazer; descontrolados sentimentos em tumulto, nela encontravam palco; imperiosa urgência de fé, de amor. Nesse tormento indimensional despertou, ofegante, banhada de suor, nervosa, a gritar.

O apelo de socorro encontrara ressonância. Toda solicitação recebe equivalente resposta.

O esposo diligente socorreu-a, inquiriu-a, e embora a resposta convencional de que se tratava de torpe pesadelo, passou a observar com preocupação a amada, cuja saúde suspeitava não transcorrer em ordem.

Suzette não mais pôde dormir. Tentou repousar e levantou-se mais cedo do que habitualmente.

Aproveitando as horas frescas da manhã, saiu margeando o Loire, enquanto as *fauvettes*, *calandres*⁹¹ e *rouge-gorges* cantantes saudavam o dia.

Apoiada levemente a um bastão pontiagudo com marchetaria de cascão de prata, afastava pedregulhos, erguia folhas mortas, esparecendo, afugentando os presságios, com a cabeça coberta por grande *charlotte*⁹² fino de abas largas, seguro por uma faixa branca que passava por sob o queixo e terminava num laço chamalotado.

A caminhada fez-lhe bem.

Desta vez não atirou para a imaginação a procedência onírica.

Terminada a primeira refeição, enquanto cuidava de vasos com delicadas plantas, Madame de Couberville acercou-se, gentil, e, prestando ajudá-la, inquiriu-a quanto ao seu estado de saúde.

Havia tão espontâneo e solícito interesse na indagação, que Suzette resolveu-se pela lealdade da resposta.

— Não passo bem. — Esclareceu, hesitante. — Sou vítima de sonhos desagradáveis, vez que outra entremeados por diálogos formosos... A verdade é que me sinto insegura, inquieta. Retornando a Paris, penso procurar um especialista em problemas nervosos.

— Minha gentil senhora! Se me permite, afianço-lhe que os seus problemas devem ter outra procedência. Explico-me: desde o começo da minha faculdade mediúnica, tenho sido inspirada pelo santo Vianney. Oh! sim: *Le curé d'Ars*. Já deve ter ouvido referências a esse apóstolo da caridade, pois não?

— Sim, sim, vagamente. — Confirmou a interlocutora.

— Pois bem, o cura d'Ars foi um benfeitor dos infelizes no passado, prosseguindo atuante a socorrer os desvalidos. A Igreja Romana canonizou-o há alguns anos... Isto, porém, não é relevante, porquanto esse reconhecimento chamado oficial não lhe atribuiu nenhum mérito, bem-aventurado e santo que ele sempre foi, desde quando na vida física.

“Ele apareceu-me nesta noite e falou-me com especial ternura a seu respeito, dizendo-me que Madame se debatia em tormentos mui graves. Por favor, escute-me e entenda-me. Não tenho qualquer curiosidade a respeito, nem ousou penetrar na sua vida interior, esse sagrado lugar que se chama consciência, onde todos desfrutam de absoluta liberdade...”

— Compreendo-a, senhora de Couberville. Esteja a vontade. Sou-lhe ouvidos atentos e muito lhe agradeço a ajuda, de que careço realmente. A mulher do mundo, festejada, quase sempre é uma infeliz... Ninguém o sabe, porém.

— Deus o sabe, minha amiga. — Completou sem afetação. — Ele, o cura d’Ars, informou-me de que lhe solicitasse uma oportunidade privada, com discrição em relação aos nossos caros amigos, em cujo ensejo falar-lhe-ia. Madame fará depois a análise que melhor lhe aprouver e terei prazer em elucidar-lhe quaisquer dificuldades de entendimento, caso venham a existir.

— Ser-me-á uma felicidade. Compreende a senhora que tudo isto é-me inusitado, desconhecido. Não pude dispor de tempo para conclusões. Encontro-me surpresa, em relativa confusão entre as ideias antigas e os conceitos novos.

“A hora será a que melhor lhe convier. Dependerei exclusivamente da senhora.”

— Como à tarde está programado um passeio à Cidade e arredores, escusar-nos-emos, preferindo ficar em casa. Que lhe parece?

— Excelente! Aguardemos, e, muito obrigada!

Madame de Couberville afastou-se, enquanto Suzette, com espontânea alegria, sentiu que iria travar a sua principal incursão pelo país do bem, guiada por vigorosas mãos, qual náufrago, que, anelando por uma taboa de salvação, encontrasse um seguro barco inesperado.

3 DAS SOMBRAS ESPESSAS PARA A MADRUGADA

Preferindo permanecer no *Château* a palestrar, justificaram-se Suzette e Eléonore — Sra. de Couberville —, e os amigos, compreensivamente, deixaram-nas a gosto, dando curso ao programa recreativo pela cidade e suas cercanias.

Às quinze horas, pouco mais ou menos, a anfitriã sugeriu à amiga que demandassem à biblioteca onde poderiam demorar-se com tranquilidade, longe da bisbilhotice dos servos e sem perigo de interrupção.

A câmara reservada, contígua ao grande salão, era acolhedora. Arredondada na parte lateral que se voltava para o bosque, recebia luz e ar pela

imensa *fenêtre vitrée*⁹³ quase debruçada sobre as giestas em explosões floridas, no jardim.

As estantes em mogno escuro e cristal ocupavam toda uma face da parede, fronteando a lareira em mármore, na qual se destacava delicada escultura. Ao fundo, junto à janela, um bureau com pés de tortilhões, envernizado, no mesmo tom das estantes. Próximo, lateralmente, um canapé em brocado escuro, contrastando com o tapete cor de ouro velho.

O momento silencioso parecia um convite às reflexões. Suzette descobriu inteiramente a *alma* sensível e distinta da sua hóspede, num relance desses que valem por um jato de iluminação interior. A respeitável senhora trajava discreto *canezou de cachemir*⁹⁴ sobre blusa de seda pérola bordada, que lhe conferia distinção e muito bom gosto. O rosto suave, róseo, se destacava na cabeleira quase branca e encaracolada. Comedida e de boa postura possuía um magnetismo irradiante que deixava inteiramente descontraídos os circunstantes.

— A partir dos dezessete anos — Mme. de Couberville deu início à conversação — passei a sentir estranhas alucinações que me afligiam. Após consultados diversos médicos, encontrava-me à beira do colapso da razão, quando eu própria escutei instruções para que procurasse a *Fédération Spirite Lyonnaise*, porquanto, ali, eu encontraria a orientação e a paz de que necessitava. De família católica, com princípios ortodoxos, o sofrimento dos meus pais ao lado do meu fazia-se quase superlativo. Vencendo seus princípios, resolveu-se papai conduzir-me àquela Casa veneranda.

“Não adentrarei detalhes exaustivos, dispensáveis. Constatou-se que eu era médium com problema [3](#) obsessivo, consequência de leviandades cometidas em vida anterior, passando pelo crivo expungitivo da redenção.

Fizemo-nos assíduos às conferências hebdomadárias e às reuniões especializadas, nas quais se procediam às tarefas de socorro aos obsidiados e enfermos de outra natureza.

“Passei a ler, ao lado de papai, e não posso ocultar o júbilo que nos invadiu ao constatar que o lema do Espiritismo, em amplo sentido moral, é o mais

liberal que se pode imaginar: *“Hors de la charité point de salut”*.⁹⁵ Nenhuma intolerância para com os princípios desposados por outras filosofias ou religiões. Não avoca a si a supremacia nem direitos, não impondo seus ensinamentos e tornando-os únicos. Doutrina aberta a exames e discussões, amplia o tirocínio do homem dando-lhe responsabilidade, amadurecendo-o, fazendo-o senhor do destino que melhor lhe aprouver. Situa, porém, na caridade, o seu postulado máximo, porque fundamentado no amor, conforme o ensino do Cristo: amor a Deus, à criatura, a todos os seres, à vida...”

Suzette, embora não fosse cristã, sentia-se balsamizada ante a consolação de que o Espiritismo, através de Mme. de Couberville, facultava ao seu mundo íntimo atribulado. Quando reflexionava, naqueles breves dias, sobretudo quanto a nobre servidora da mediunidade lhe falava, quedava-se lamentando não haver fruído a ventura de travar contato com esses conhecimentos antes. Parecia-lhe, então,

que bem diverso haveria sido o curso da sua existência. E, em verdade, diferente transcurso ter--se-ia concedido.

— Nesse comenos — prosseguiu Eléonore —, conheci Jean-Louis, também espírita, que seria posteriormente o meu consorte, graças a quem eu devo a incomparável felicidade da minha formação espiritista. Estudioso dos fenômenos mediúnicos e da filosofia espírita, privou da intimidade de homens extraordinários quais os Srs. Sausse, Denis que se não cansavam de orientá-lo nesta profunda Ciência, ensinando-lhe austeridade moral, prudência, sentimentos de caridade e muito discernimento, a fim de não cair nas urdiduras do mal, nas tramas da desonestidade.

“Com o senhor Denis, verdadeiro Apóstolo, aprendemos o valor da mediunidade gratuita, conforme as diretrizes Kardecianas, hauridas nas instruções dos Espíritos puros. Continuador da Obra de Allan Kardec, a quem conheceu pessoalmente, quando muito jovem, numa das auspiciosas viagens de Conferências para difundir o Espiritismo, realizadas pelo mestre, na cidade de Tours, foi um dos mais profundos estudiosos da Doutrina e da mediunidade, havendo deixado livros incomparáveis pela erudição, poesia, lógica e facilidade com que examinava as mais complexas questões com as lentes da razão.

“Tive oportunidade de conhecê-lo, e fruí a honra de participar do círculo em que ele atuava com sabedoria.

“Dispensável dizer da minha recuperação total, como das fortunas que recolhi através do tempo: a crença inderrogável, o matrimônio, o lar, quantas dádivas sublimes, não as se! enumerar!”

Houve um momento de silêncio, apenas interrompido pela Natureza, lá fora, na agradável quadra do verão.

— Algum tempo depois de consorciada — aduziu Mme. Couberville com espontaneidade cativante — numa das nossas reuniões apresentou-se-nos o *Curé d’Ars*, em quem eu viria descobrir o meu Guia, isto é, o meu Instrutor Espiritual.

“Sábio, ajudou-nos no exercício das virtudes cristãs, mantendo tertúlias espirituais de alto teor mediante as quais nos instruíamos nos delicados problemas do ser, sobre o destino, em torno dos sofrimentos, fazendo-nos armar com os valiosos instrumentos da caridade, do amor e do perdão para afrontarmos com dignidade as vicissitudes e as adversidades naturais da evolução.

“Possuidor de incontáveis recursos de amor, através da sua intervenção debelavam-se várias enfermidades e solucionavam-se intrincados problemas que apareciam no Grupo, buscando-lhe a ajuda.

Sob a sua inspiração constituímos uma equipe de socorro aos pobres, especialmente para os dias de rigoroso inverno e de rudes provações. Reservávamos, as senhoras, uma tarde por semana, a fim de providenciarmos agasalhos e costuras outras com que, discretamente, ajudávamos a “miséria envergonhada” em especial e a quantos podíamos atender.”

— Esse labor prossegue? — Interrogou Suzette, interessada —. Considero trabalho desse teor como de alta valia, tendo em vista os benefícios para quem o recebe como os lucros morais para quem o produz.

— De total acordo. A caridade é sempre mais proveitosa para aquele que a reparte. O ato de doar, a satisfação que enseja fazê-lo, executar um trabalho

útil para quem não o pode retribuir, constituem poderosa emulação para a vida. Torna a existência humana digna de vivida com galhardia.

“Após a desencarnação de Jean-Louis, — dizemos desencarnação, substituindo o vocábulo morte, porque a vida prossegue, enquanto essa expressão significa melhor perder o corpo, — nosso Grupo sofreu significativas transformações, culminando por uma grande alteração de programa, hoje reduzido a esporádicas reuniões. Nesse sentido, a minha saúde abalada, a idade com as suas exigências e a partida de muitos amigos queridos para a Pátria Espiritual fizeram-nos diminuir as atividades. Algumas companheiras e nós ainda costumamos, lemos em conjunto, vez que outra dialogamos com os Imortais com menor intensidade, sem dúvida, do que antes.

— Confesso-lhe — adiantou, Suzette — que, ao retornar à Capital, sentir-me-ia muito ditosa se conseguisse acolhimento nesse agradável círculo de... caridade. (Não estava habituada a pronunciar ou exercitar a caridade, no entanto, sentia-se dulcificada naquele instante, favoravelmente estimulada.) Desejo asseverar-lhe que a sua presença em nossa Casa, que espero se transforme na continuação do seu lar, está sendo das mais gratas alegrias da nossa vida.

“Como o Sol madrugador, a senhora vem gentilmente, sem pressa, em ritmo de equilíbrio, dissipando-nos as trevas, as névoas do nosso mundo interior. Bendigo o momento em que Angélique nos indicou seu nome para o nosso convívio...”

— Por favor, cara amiga, não se expresse assim. Sou-lhe devedora deste encontro ameno e das alegrias que venho haurindo neste lar, a par do repouso e

bem-estar que fruo ao seu e ao lado dos afortunados familiares.

Depois de uma ligeira reflexão Mme. de Couberville adiu:

— Acreditamos que as simpatias, as afeições como as antipatias, as animosidades procedem do passado espiritual dos seres. À luz da reencarnação enriquece-se a Psicologia, solucionando inúmeros dos seus incontáveis enigmas. Há encontros de criaturas na Terra que,

indubitavelmente, são reencontros, sejam bons, sejam maus, felicitadores ou funestos... O rio da vida flui incessantemente. Quiçá já nos conhecíamos desde antes destes dias.

— É provável, pelo menos parece-me lógico. Relaciono mentalmente alguns fatos e pessoas, que agora, vistos sob este ângulo, assumem formosas configurações dantes não consideradas.

A reencarnação é novo Édipo⁹⁶ decifrando as esfinges da existência planetária. Todos os mistérios se diluem e se caracterizam às legítimas faces do mecanismo da vida.

— Os fatos assumem contornos inteiramente novos, tomam feição diferente e lógica, encadeando-se os acontecimentos dentro de um programa de perfeita elaboração.

Como se encontrassem concordes, no enlevo propiciado pelos comentários felizes, Mme. de Couberville arrematou:

— Sinto a presença do abnegado Vianney. Façamos silêncio, numa atitude de recolhimento mental e ouçamo-lo.

A senhora reclinou-se mais comodamente na *chaise longue*, aquietou-se, enquanto Suzette, desconhecendo-se ante a circunstância jamais esperada, sem as reações habituais, passou a meditar, com respeito e unção profundos. Experimentava emotividade dominadora, prestes a romper-se em lágrimas. O coração em disritmia denunciava a ansiedade que a tomava.

Sem maiores alterações que um leve palor da face, os olhos cerrados como se dormisse tranquila, os lábios de Eléonore se entreabriram e suave quão musicada voz, em ligeira modulação masculina, saudou-a, prosseguindo, afável:

— Todos estamos destinados a sublime fanal. A vida é o mais precioso tesouro que se conhece. Não sendo o homem seu autor, não lhe compete interrompê-la ao seu próprio talante.

Suzette assustou-se, embora soubesse do conteúdo de que se revestiria a entrevista. Previa-o, intuitivamente. Desejou interromper a mensagem,

deteve-se. Adquiriu vigorosa força para enfrentar-se, deparar a verdade que a alcançava sem disfarces e sem retoques. Algo segredou-lhe na consciência que não mais deveria fugir. Aquietou-se e esperou.

— As criaturas não elaboram a vida, atuam como co-criadoras na Obra de Nosso Pai. Assumir o compromisso de interceptar, interromper, destruir o que não pode fazer ou retificar é grave, pesado delito. Ninguém, por tal razão, se pode arvorar em árbitro da existência, decidindo quem deve ou não viver, prosseguir ou iniciar o compromisso carnal. Escapam-lhe as condições mínimas exigíveis para

uma análise profunda, ante a injunção abortiva ou a decisão pela eutanásia. Envidar todos os recursos até a consunção a fim de preservar, assistir, conceder meios para a vida é dever impostergável de todos, muito maior dos que se comprometem através do sacerdócio médico executar a *arte de curar*.

“Viver é prêmio divino que pessoa alguma desconsidera impunemente. Mesmo quando as circunstâncias se apresentam adversas e a criatura experimenta contínuos revezes, a vida é bênção. Razões ponderáveis determinam que assim ocorra. Se a piedade pretende colaborar, utilize dos recursos que mantêm a existência, não aqueles que a interrompem.

“A maternidade da mesma forma subalterniza--se a fatores que não podem ser defraudados.

“O homem inescrupuloso, o genitor irresponsável que fecunda e abandona, não escapará à consciência nem fugirá da Divina Vigilância. Ninguém defrauda os dons da vida sem ver-se constringido à penosa reabilitação.

“A justificativa de que a mulher abandonada não deve arcar a sós com o ônus do filho por nascer, não procede. O dilapidador da sua esperança, da sua paz não se conseguirá furtar à Justiça de Deus. Também ela não fugirá, se cair no crime.

“Em nos expressando assim, não pretendemos exprobrar-te o procedimento, porquanto agindo com liberdade como tens feito, responderás em cárcere de remorsos e amargura ao despertar da consciência.

“Vimos pedir-te para que te não desgraces mais, nem mais infelicites alguém, apoiada à mentirosa ilusão de que ajudas. Sabes que se não socorre quem erra conivendo, acobertando o seu erro, incidindo em crime e gerando maiores desventuras...

“A existência sorri-te e podes, deves recomeçar. Olvida o passado negativo e refaze-o com misericórdia e amor.

“Sabes, através de tormentosa experiência pessoal, a dor de uma maternidade frustrada... Por que desforçar-te do justo impedimento que te pesa, ceifando oportunidades que a delinquência de outras infelizes trazem a tua cumplicidade?

“Não te julgamos, não te censuramos. Chamamos-te a atenção para o que deves fazer, o que te comprometeste realizar, ante a forma como vens procedendo.

“Estuga os passos, refreia o sofrimento íntimo, esquece as dores de que necessitavas por razões pretéritas, que mais tarde entenderás, e edifica a esperança, preserva o bem, fomenta a alegria de viver. ”

A voz calou-se por um momento, enquanto a médica, perturbada e sem qualquer reação, sentia-se dominada pela força da verdade, embora o dorido tom em que era apresentada.

— Aqui estão os teus pais — prosseguiu na mesma vibração de ternura e piedade — Moysés-Felipe, Charlotte-Sara, tuas irmãs Germaine e Nicole, teus amigos Renet-Pierre e Germaine, que te falaram antes pela prancheta.

“Manda-me, Germaine, perguntar-te, se a resposta que te deu não era exata?

“Todos te amamos, felizmente, e bendizemos o que fizeste com a pobre Cossette e sua mãe Corine, hoje ditosas graças a ti. Todavia, o teu professor M., socorrendo a desventurada filha Simone, com quem te encontraste há pouco através do sono reparador, inquire em lágrimas, se assim lhe retribuístes o cari-

nho, a devoção, enquanto ora e padece ao lado da desditosa menina-mulher arrebatada à desencarnação pelo filho que se negou deixá-la e a quem ela não quis... Uma por outra vida e destroçadas ambas...

“Também vejo na tua tela mental Mme. Boin-treaux e suas amigas desfilando entre sombras, intoxicadas de soberba, vencidas no seu caminhar entre desditas...

“Ao relacionarmos por nomes alguns daqueles que se te vinculam mais diretamente, desejamos apenas afugentar-te a suspeita em torno da evasiva cômoda e irresponsável conclusão de que este é um encontro em clima de alucinação ou que decorre das armadilhas hábeis do Inconsciente, em última análise, de que a médium recolheu da tua mente estes informes por processo de telepatia...

“Não há morte, mas vida pulsando em outra dimensão.

“Busca Jesus, que desconheces. Não o desdenhes por preconceito de raça e crença em que não encontras substância nem valor.

“Lê o Evangelho e descobrirás o filão mágico da ventura real.

“O teu segredo não será conhecido, mas não passa por ti ignorado e isto é crisol para ti mesma.

“A sensitiva encontra-se em transe sonambúlico, que podes constatar mediante os teus conhecimentos médicos. Nada recordará deste nosso encontro.

“Aproveita este momento, filha, ou perderás uma quase eternidade para a recuperação.

“Alguém mais te há falado antes, outras vezes, e como te afastaste dele pela rebeldia, venho, também, em seu nome.”

A Entidade desnudava-a com carinho e segurança. Expunha com amor, sem embargo usando a energia. Vez alguma sua palavra magoou-a ou fê-la envergonhar-se.

“Arrependia-se, sim — pensava a obstetra, chorando discretamente. — Como gostaria de recomeçar em outros termos, com outros recursos!”

— O amor — Vianney preparava o encerramento da entrevista — está sempre presente em tua vida. Doa-o um pouco, tu que o tens fruído em

demasia.

“Foge das reminiscências que te fizeram calceta e recorda as dádivas de amor que jamais te faltaram.

“Sofreste, sim. Quem, na Terra, sem o cadinho da dor?

“Julien trocaria a dele pela tua vida. Quão poucas esposas possuem um tão elevado amor. Dá-lhe um filho, Suzette!

— Como? — Respondeu em pranto. — O senhor sabe que sou desgraçadamente estéril após a intervenção cirúrgica. Oh! nunca poderei ser mãe! Inditosa que sou...

— Não te falo do filho do corpo. Ele necessita de um sorriso infantil em casa. Tu também. Os filhos que não têm mães, não merecerão a oportunidade de um lar? Quando Pierre tomou no lar os teus irmãos, qual o vínculo de parentesco que os unia? Não foi ele pai devotado? Inquire a Michel, qual lhe foi o verdadeiro pai? O egoísmo, eis o monstro devorador que mais desgraça as criaturas. Expulsa-o de ti, ao recomeçares a vida.

“Não adies para amanhã. Pensa hoje e reinicia tudo agora!

“Adeus minha filha! Guarde-te o Senhor!”

Suzette ajoelhou-se, tomou as mãos da médium, beijou-as em torrente de lágrimas, após as últimas palavras do santo Maria Vianney.

Toda uma vida se sintetizara naquele momento sagrado. Nada, na Terra, que se equiparasse àquela hora de transcendente espiritualidade.

— Eu creio em vós, Deus meu! Ajudai-me nas minhas dúvidas, socorrei-me!

— Levante-se, minha amiga, — ajudou-a Mme. Couberville, que despertava — um cristão começa a luta de pé e enfrenta o porvir com otimismo e alegria.

“Estaremos juntas na batalha da fé, — acrescentou, inspirada pelo Mensageiro da misericórdia — coragem e destemor para o bem.”

As duas senhoras abraçaram-se, afetuosamente, num eloquente silêncio com que selavam a entrada do Cristo no coração de Suzette-Sara, mediante a fé, que, doravante, lucilaria para sempre no seu espírito.

As primeiras sombras desciam suavemente sobre o *Château* agora iluminado por inapagável e eterna claridade.

Quando os familiares e amigos retornaram com a alacridade dos júbilos, encontraram no rosto habitualmente melancólico de Suzette a presença de in-definível luz que se irradiava em suaves tons de alegria.

Das angústias em que se debatia começava a sair para as paisagens da vida melhor.

4 O FANTASMA DA ANGÚSTIA NA LUZ DA ALEGRIA

Os iluminativos serões espirituais prosseguiram com maior vigor no *Château* de Niesbaum durante o mês de férias de verão.

A excelente mediunidade de Eléonore de Couberville, quer através da prancheta, da psicofonia, em transe sonambúlico, ou por meio de segura clarividência, sob o controle das disciplinas morais a que se submetia espontaneamente, dava frutos de paz e de sabedoria. Todos se irmanavam em torno da sua figura respeitável e ouviam-na sinceramente interessados.

Conhecedora da Doutrina Espírita que professava, possuía uma resposta simples e lógica para cada questão, arrematando os assuntos com bem dosadas expressões de bom-humor.

Cuidando de bem instruir os néo-simpatizantes, de tal forma que pudessem caminhar a sós, mais

tarde, sugeriu-lhes a leitura das Obras do caroável Allan Kardec, bem como de outras dentre as quais as de Léon Denis. Na oportunidade em que viera para o verão, em Nantes, trouxera o vigoroso e opulento “O Grande Enigma”, escrito pelo inconfundível filósofo de Toul,⁹⁷ com que obsequiou Suzette.

A seu turno, seguindo a sua orientação, Julien-Paul adquiriu, na “Maison des Spirites”, alguns dos livros escritos pelo Codificador, com que os interessados se iniciariam na exuberância da “Revelação do Consolador”.

Os dias sucederam-se refertos de lições com alto conteúdo filosófico e moral, ao mesmo tempo saturados de esperança.

Angélique não cabia em si de contentamento por haver sido o instrumento para a fecunda amizade que unia todos em volta da sempre radiante Mme. de Couberville.

Acreditava na intervenção dos Espíritos com a simplicidade dos ingênuos, sem porém aprofundar-se em maiores considerações. Visitara mesmo, oportunamente, o *Cimetière du Père Lachaise*, em Paris, a fim de conhecer o dólmen onde estavam inumados Allan Kardec e Senhora, objetivando conseguir uma graça, conforme lhe haviam recomendado os amigos.

Ao informar esse fato a Mme. de Couberville, esta dissera bem humorada:

— Contra toda forma de superstições colocara--se Allan Kardec. Não obstante pessoas crédulas visitam-lhe o túmulo depondo a mão sobre o ombro esquerdo do busto de bronze, formulando solicitações enquanto oram. Atavismos de que não se podem libertar e que procedem das religiões que professam. É óbvio que o resultado de tais pedidos dependem dos valores de ordem espiritual de cada um... O Espiritismo não compactua com as teorias da predestinação, do protecionismo, da graça nos termos em que são apresentadas. Tais favores seriam antes atos de injustiça do que de misericórdia.

Angélique concordara sem discussão, raciocinando com clareza: “O fato de alguém acercar-se de um lugar ou pessoa *milagreira* concedia-lhe concessões que a Divindade negava àqueles que não dispunham de meios para o mesmo procedimento. .. Sim, isto era absurdo!”

— Os ensinamentos espíritas — arrematava Eléonore — sempre se enquadram nas leis naturais e jamais se afastam da razão, do bom-senso, da lógica.

Com os primeiros sinais do outono, em Paris, a cidade readquiriu sua habitual movimentação, recebendo de volta os que haviam buscado as praias, as montanhas, o campo.. .

Os Hottsmann, familiares de Niesembaum e convidados despediram-se do *Château* e retornaram aos labores e deveres na Capital, reconhecidos a Deus.

Claro, é, que não mudaram de religião, aqueles que frequentavam Igrejas e Sinagogas. Fortaleceram a fé através da argumentação consolidada pela lógica dos princípios espíritas.

Julien saudou os acontecimentos espirituais como dádiva divina. Suzette denotava evidentes sinais de que convalescia dos distúrbios que dantes o preocuparam fortemente.

Retomando as atividades com novo entusiasmo acompanhava a renovação da esposa com inocultá-vel júbilo.

Madame de Couberville, a instâncias do matrimônio Hottsmann, passou a visitá-los com relativa frequência, graças à gentileza de Julien que ia buscá-la na residência e levá-la com solicitude e carinho.

A bondosa servidora da Causa igualmente afeiçoou-se a ambos e a Angélique, que passara a residir na *Avenue d'Inkermann* por exigência de Suzette. O amplo Solar parecia deserto para o casal e os servos, desde que Michel mantinha o seu lar noutra parte, onde esperava uma imensa prole, já em começo.. .

Numa das reuniões informais após o jantar, com a presença de Eléonore, Suzette comunicou *en passant* ao esposo e a Angélique o seu propósito de encerrar as atividades profissionais na Clínica da *Avenue de Villiers*.

— Experimento algum cansaço — aduziu à informação. — Não temos necessidade de ambos trabalharmos. Além do mais planejo manter a assistência que dispenso em *Clichy* por motivos muito particulares.. .

— Bravos! Até que enfim! — Explodiu, em festa, Julien, que a tomou nos braços como a bailar.

— Julien! Não estamos a sós...

— Muito bem! — Acudiu Eléonore. — Assim se faz, quando se ama.

Angélique limitou-se a sorrir.

— Insisto com ela, Madame — dirigiu-se Julien à Sra. de Couberville —, para que se não estafe. Justifica que as clientes não lhe permitem encerrar as atividades, como se fora a única obstetra em Paris...

— Não é assim, exagerado. — Respostou-lhe a esposa. — As circunstâncias são-me, agora, favoráveis umas e desafortunadas outras. Explico-me melhor. Sinto-me enferma, reconhecendo a necessidade de diminuir esse tipo de atividades, de preocupações. Talvez esteja apenas desgastada... Além disso, gostaria imensamente de trabalhar em favor das crianças abandonadas. Planejo retornar à Madre Geneviève e tornar-me madrinha de algumas crianças desamparadas, dentre as mais infelizes... Gostaria de costurar com as minhas mãos, fazer eu mesma roupinhas, agasalhos, banhá-las não profissionalmente.. . Entendem-me? (Suzette estava em começo de reabilitação. Desejaria expressar-se de outra forma: “As mãos que mataram carecem imperiosamente da necessidade de salvar, quanto antes”.)

Tornou-se pálida e o pranto correu-lhe pela face. O esposo, também emocionado, envolveu-a num amplexo, afirmando:

— Todos achamos fantástica sua ideia, apoiamo-la integral, incondicionalmente. Fecharemos sem maiores explicações a Clínica e você fará das suas horas a melhor utilização que lhe convenha, desde que se não transfira de uma para outra canseira.

Como não podia deixar de ocorrer, as palavras de entusiasmo de Mr. Hottsmann foram coroadas pelos formosos conceitos de Eléonore, inspirada pelo seu Benfeitor Espiritual.

Combinou-se que no dia imediato, à tarde, visitariam Madre Geneviève, no Orfanato, a fim de se informarem das mais prementes necessidades da Casa e de como supri-las. Posteriormente Angélique notificaria à Clientela a decisão da médica, desde que se tornara Secretária eficiente desta, após a

desencarnação de Germaine. Passada a reação, o *frisson* da novidade, as amizades seriam mantidas, o ritmo da vida se faria normal.

Madre Geneviève recebeu os amigos com insuspeitada alegria. A religiosa representava o bom-humor da fé e o otimismo da caridade. Afinou-se, incontinentemente, com Angélique e Madame de Couberville após as apresentações.

Inteirada dos propósitos de Suzette, a abnegada monja não conteve a emoção, ela que forjara o caráter religioso na aspereza das rígidas disciplinas, no ascetismo, explicando que aqueles eram dias muitos difíceis para a Ordem que estava defrontando, com a Casa referta de crianças desnutridas, os fantasmas da fome e do frio tendo em vista o próximo inverno que vinha pela frente... Ela sabia dos pequeninos que pereciam nos tugúrios, nas ruas, nos guetos e nada podia fazer para ajudá-los, salvá-los da triste situação.

Recebia-lhes as presenças na condição de enviados por Deus, naquela conjuntura.

— Ainda ontem — referiu-se comovida — recebemos um pequenino desvitalizado, que receamos não sobreviverá com os poucos recursos de que podemos dispor. Necessitaria de assistência especializada, de alimentação cuidadosa... Aqui os problemas são tantos...

— Poderíamos vê-lo? — Perguntou Suzette.

— Como não! Venham comigo, por favor, ao lactário que improvisamos há pouco tempo e que é, também, enfermaria de emergência. Corta-nos o coração vê-lo...

Enquanto atravessavam o comprido corredor de arcadas, Suzette recordava-se do pedido do Cura d’Ars: “Dê um filho a Julien!” Tremia de emoção.

Chegando ao local e vendo a criança entanguida, caquética, em decorrência da fome e da miséria, exclamou :

— Dê-nos, Madre, por Deus! (Pedi sem o perceber, tal a dor que a visão da criança impunha.) Sendo da vontade divina salvá-lo-emos.

— Madre Geneviève, conceda-nos a oportunidade de ajudá-lo —.
Acrescentou Julien.

A religiosa fitou-os demoradamente em silêncio, depois do que assentiu:

— Não sou eu quem o dá. É o Senhor de nossas vidas, Aquele que nos comanda os destinos o que aqui os trouxe.

Suzette retirou a criança do pequeno leito e cingiu-a no seio com afeto inesperado.

Como estivesse sem nome, a médica sugeriu Simon, em homenagem a uma querida amiga...

Voltava às mãos que ceifaram a vida do filhinho de Simone, o mesmo espírito, graças à Providência Divina que libertava a pobre meretriz, sua vítima em inditosa injunção obsessiva, no além túmulo, e, ao mesmo tempo, ajudava-o a recomeçar ao lado de quem lhe provocara a perda do corpo, mediante abençoado processo de pacificação.

Deliberou-se, outrossim, a forma eficaz para ajudar a Casa, embora a nova mãe já não tivesse ouvidos nem atenção para mais nada, porquanto o pequenino vagia em pungente e débil sofrimento nas suas mãos.

Julien, que não mais esperava qualquer forma de paternidade, estava. Enquanto retornavam ao lar, planejava o futuro, traçando as linhas básicas para legalizar o compromisso perante as autoridades

e solicitando à esposa o de que se fazia preciso para o recém chegado, a fim de imediatamente adquirir...

Simon foi o portador de vida nova à família Hottsmann e a Angélique que passaram a circular em torno do berço de rendas delicadas e sedas de Valenciennes, onde o guri se recuperava paulatinamente.

A notícia da adoção de Simon funcionou como pretexto para a justificação de encerramento das atividades em *Villiers*.

Comentários mui variados agitavam as rodas das amizades de Suzette-Sara, não faltando mesmo alguns ingredientes da maledicência e da perversidade,

de que dispõem as pessoas infelicitadas pela maldade.

Mister referirmo-nos que Mme. Bointreaux que se considerava uma espécie de *introducteur* de Suzette, na alta roda social, rugia malícias e espicaçava sentimentos de revolta, mordiscando a honra da amiga.

— Fala-se que é uma *avorteuse* — murmurou, repetidas vezes —, e já enriqueceu o suficiente para usufruir de uma regalada aposentadoria antecipada.

— O pior — contestavam outras amigas — é que esses crimes ficam impunes. Dizem que as autoridades são regiamente silenciadas por tais pessoas.

— Também falta quem denuncie essas miseráveis — arrematavam as demais senhoras —, que assassinam, enriquecem e se imiscuem nos meios sociais, constrangendo-nos...

— É verdade! — Anuíam quase todas.

Com razão assim procediam. Eram clientes da obstetra, que a subornavam para os recidivos *avortements* decorrentes da impudicícia e da leviandade.

Aparentavam dignidade, embora entre elas ninguém acreditasse nem valorizasse ninguém. Conheciam-se muito bem.

A falta de combustível para a manutenção dos comentários, graças ao total desprezo que Suzette--Sara lhes votava, o que para sermos coerente, fazia-se recíproco, fez que, em breve, o assunto perdesse calor e fossem encontrados outros gentis infanticidas, porquanto a vida deveria continuar conforme os padrões da infelicidade de cada um.

Simon envolvido pelo carinho dos novos familiares melhorava prodigiosamente. Nesse sentido, as regulares visitas de Mme. de Couberville contribuíam poderosamente, graças ao concurso de aplicações magnéticas e fluídicas que eram realizadas pela admirável médium de Maria Vianney.

O concurso, a benefício dos menos afortunados, crescia nas mãos da Dra. de Niesembaum.

Resolvera abrir seu palácio uma vez por semana ao labor para os pobres, recebendo um álcacre número de Senhoras de vária condição social que, sob a direção de Eléonore, costuravam, ouvindo-a ler edificantes páginas, discorrer sobre a caridade, expor sobre a Imortalidade, as comunicações espirituais.. .

No grupo jovial Adelaide e Angélique tomavam parte ativa numa *ronde* de esperança que infundia alento enquanto felicitava o coração. Sentiam todas as presenças diáfanas des Numes Tutelares, que se compraziam, também, auxiliando-as, estimulando-as a uma nova cruzada pela fraternidade.

Expressiva parte das confecções era encaminhada à Madre Geneviève, que louvava e agradecia à Providência o recurso inesperado na antevéspera da aflição.

No ano seguinte, em maio, aproximadamente, porque se sentisse em deperecimento crescente, sem causa aparente, Suzette-Sara resolveu-se submeter a uma série de exames que apenas comprovaram desequilíbrio orgânico e pequeno nódulo no seio direito.

Os colegas consultados resolveram-se por uma análise mais cuidada, uma biópsia aclamatória para o diagnóstico.

Ressaltemos que a técnica moderna da “biópsia de congelação”, mediante a qual a paciente aguarda anestesiada o resultado, para, se confirmada a presença de células cancerosas, proceder-se à ablação da mama, evitando-se os transtornos de nova anestesia e a propagação das células malignas pelas demais partes do organismo, ainda não se fazia utilizada. Feita a extração de parte do tumor, cirurgicamente, foi marcada a data do resultado da biópsia, produzindo em Suzette indisfarçável preocupação.

Não obstante o cuidado de Mme. de Couberville, preservando suas forças mediúnicas, reservando-se equilíbrio e discricção, vez que outra facultava o intercâmbio com amorosos Benfeitores Desencarnados que examinavam com sabedoria temas palpitanes e aconselhava o reduzido Círculo de ouvintes e estudiosos. Por essa forma, a obstetra hauria coragem e forças para o resgate que se deveria impor como condição liberativa para a consciência, após os lances da insensatez criminosa.

Aguardava, interiormente advertida, a provação redentora, que não sabia como lhe deveria chegar, mas de que se não furtaria nem poderia transladar ou evitar.

O prognóstico de um câncer assustou-a. Considerava-se jovem, e o era. Aos trinta e oito anos es-

tuava, e, agora, quando começava a viver sob o bafejo da fé, anelava prosseguir, recuperar-se dos deslizes que se permitira.

Receava a morte. Antes, morrer parecia-lhe o ideal : aniquilar-se, extinguir a consciência num eterno letargo. Os conhecimentos da Sobrevivência produziam-lhe compreensível sentimento díspar : alegria em face da certeza da continuação da vida após o túmulo e receio da realidade a enfrentar no Além, que programara através dos sucessivos crimes que perpetrara. Quando essas reflexões a inquietavam, só o refrigério das lágrimas lhe lenia as exulcerações íntimas, com que se reconfortava.

Desejara vezes muitas abrir a alma a Julien-Paul. Tão confiante a amava! Temia fazê-lo sofrer imerecida, incessantemente. Agora tudo passara, demorando-se os efeitos.

Suas decisões não haviam sido fáceis. Tornara--se uma *avorteuse* em conjuntura aziaga e decidira-se abandonar o crime, de inopino, num gesto brusco.

Clientes viciadas retornaram, suplicaram-lhe socorro, ameaçaram-na de denúncias. Expulsou-as do lar com frieza e desdém. Não as conseguia amar, numa tentativa de ser fiel aos conselhos evangélicos. Nelas via a tentação, a desgraça moral, e ruína espiritual. Quase as odiava e esforçava-se para não o fazer.

Receou, a princípio, uma denúncia, o escândalo policial, o julgamento...

Contava, porém, com a segurança delas, pessoas da melhor sociedade, que tudo fariam por silenciar quaisquer pruridos de delação. A segurança de todas as implicadas dependia da solidariedade recíproca, sempre frágil, no entanto de aspeto tranquilizador.

Pelo grande amor a Julien suportava a cruz da vergonha íntima e da consciência em contínuo ultraje com esforço hercúleo.

Perguntava-se em silêncio, enquanto o fitava, gentil e afável como ele era, se por acaso ignorava todo o seu ignominioso drama, dissimulando, a fim de não a magoar ou se o ignorava *in totum*.

Mistério do sentimento, esse que se não pode, nem convém desvelar. Sabê-lo ou não, é pouco importante. O essencial consiste em o amor sustentar-se sobre bases de sólida confiança. Quem desrespeita esse compromisso de lealdade sempre arruína-se, não a sua vítima.

O amor é a presença de Deus no coração do homem. Vacina contra o ódio, terapêutica eficiente de saúde longa e de felicidade permanente.

Aquele amor estribava-se em bases de ancestralidade espiritual entre os dois nubentes.

Julien-Paul associara-se ao programa redentor de Suzette-Sara, mais endividada do que ele desde o passado distante donde procedia em sucessivos erros, repetindo experiências em que malograva, ora acrescidas dos novos gravâmes que lhe cravavam dardos venenosos no coração, objetivando auxiliá-la na ascensão.

Noblesse oblige o silêncio, a fim de não fazer sofrer o maior investimento da sua vida: o amor de Julien-Paul.

Sentia-o realmente feliz. Homem de fé, mantinha puro o caráter. Chefe exemplar possuía amigos fervorosos que o admiravam, disputando-lhe a afeição fraternal.

O Espiritismo, usemos uma expressão corriqueira, caiu-lhe como uma luva perfeita na mão exata.

Deu-lhe meta espiritual que não encontrava no formalismo da Sinagoga, no culto ancestral, mais tradição de orgulho nacional do que vero sentimento de comunhão com Deus.

As vicissitudes sofridas não lhe tisonaram o espírito, antes ensinaram-no a, conhecendo o travo da injustiça e o ressaibo da perseguição gratuita,

aprimorar os sentimentos nobres e laborar em favor dos injustiçados e perseguidos, sem as paixões unilaterais que os soezes preconceitos de raça, de crença, de política e de sociedade sabem impor, manietando os seus sequazes. Abria-se à fraternidade como a flor ao sol e espreitava-se sem restrição.

Julien-Paul amava, bendizia e fazia-se reconhecido à vida, a Deus que tudo lhe concedera, culminando essas superiores doações com o filho e a fé libertadora que lhe adentraram o lar. Temia que tantas concessões, sabendo imerecê-las, pudessem, repentinamente, transmutar o horizonte de festa em que vivia num crepúsculo de meditação na dor.

A possibilidade de que a esposa estivesse com uma enfermidade irreversível afligiu-o. Procurou Mme. de Couberville, discreto, no lar da venerável senhora, no intento de receber conforto moral e orientação que lhe não foram negaceados.

Atendendo-o e recolhendo-se à saleta de leituras, de preces de meditações, Eléonore caiu em transe, por seu intermédio falando *le Curé d'Ars*, sempre compassivo :

— Não é de bom alvitre — elucidou depois das palavras carinhosas de saudação — sofrer por antecipação.

“A vida é patrimônio do Senhor que a dirige. Os prognósticos humanos, sempre susceptíveis de fa-

lhas, não conseguem retratar com fidelidade as diretrizes do futuro.

“Mudam-se os quadros provacionais frequentemente, alterando-se os mapas dos destinos.

“A atitude acertada decorre da confiança inalterável em Deus que a tudo provê, fazendo o melhor ao nosso alcance, o que nos cabe realizar.

“Haja, porém, o que houver, a enfermidade, a dor são também terapias de salvação.

“Uma enfermidade física de alto porte salva o homem de uma grande desdita moral. Um drama do sentimento que fere e parece malsinar, bem

recebido, altera o prognóstico de um desastre físico que arrebataria a vida orgânica...

“Há recursos superiores na pauta das Leis Divinas sendo aplicadas a todo instante.

“Envolvamos nossa amada paciente em carinhoso estímulo, sustentando-a nos futuros transes porque deve passar, espírito em superação de si mesmo, qual ocorre com quase todos nós.

“Mais do que antes ela nos requisitará assistência e compreensão, conforto moral e entusiasmo, a fim de não lhe escassearem as forças, nas realizações que intenta ora prazenteira.

“O Senhor é Pai Amoroso. Confiemos n’Ele e tranquilizemo-nos. ”

Julien não mais mantinha dúvida quanto ao diagnóstico sombrio para a esposa. Apesar de bem estruturado na fé experimentou compreensível abalo moral.

A Entidade incorporada tomou-lhe as mãos, e, à medida em que o encorajava com largos conceitos sobre a Justiça de Deus e a Vida, transfundia-lhe forças restauradoras, energias vivificantes.

O engenheiro recompôs-se e agradeceu, refeito.

Encerrado o colóquio, osculou a face da fiel servidora da mediunidade dignificada, e, agradecendo--lhe a bondade, demandou o escritório com outras disposições morais-espirituais.

As manchas de sombra na luz da felicidade da família Niesenbaum-Hottsmann se adensam, embora prossiga brilhando a esperança no céu das almas.

5 CALVÁRIO DE REDENÇÃO

O resultado da biópsia atestava ser o pequeno tumor de aproximadamente 1,5 centímetro, de origem cancerosa. Um sarcoma alarmante induzia os médicos à mastectomia como medida preventiva, objetivando-se evitar que

as células cancerígenas se espalhassem pelo corpo, gerando a irreversível metástase.

Julien-Paul acompanhou a esposa ao Hospital, apesar dos protestos desta, a fim de tomar conhecimento do diagnóstico e aquiescer com as urgentes providências que se tornavam imperiosas.

Demonstrando superior controle da vontade confortou a esposa, que exigira dos colegas, sem disfarces, a definição do problema, auxiliado pelos bondosos Numes naquele momento grave da vida.

Suzette, mesmo na expectativa de uma informação alarmante, por pouco não tombou sob o vágado que a tomou.

Reunindo todas as forças de que dispunha, tentou manter-se calma, dominada pelo palor da face e a sudorese abundante, decorrência natural da emoção de que se via possuída.

Recordou-se, porém, inspirada, do muito mal que praticara nesta presente reencarnação e considerou que a Misericórdia Divina daquela forma ensejava a indispensável reparação. Estava convidada a refazer o caminho em lágrimas, que antes percorrera em desvarios.

A fé espírita que lucilava na sua alma contribuiu a fim de que se não deixasse consumir pelo desespero. A amputação cirúrgica equivaleria a paulatina devolução dos bens da vida que lesara, estruturando formas novas de encarar a existência, ante a fragilidade incontestável do corpo em consunção.. .

— Quanto tempo de sobrevida? — Indagou, mantendo a calma.

— Todas as possibilidades são-lhe favoráveis — redarguiu o colega e amigo. — Você não ignora que um diagnóstico precoce em tais casos é de valor incontroverso. Além disso a sua idade contribui seguramente para um êxito total, a par dos cuidados que tomaremos, complementados posteriormente com a radioterapia. Afinal tudo envidaremos pela sua saúde. É questão de honra nossa.

Sabia Suzette como o câncer devastava impiedosamente. O desconhecimento da Ciência sobre as suas causas, incidências e surpresas, a

todos deixava perplexos. Vira desfilar nos seus consultórios diversas mulheres portadora de carcinomas ginecológicos, que, submetidas aos Raios X, ao Rádium,⁹⁸ à cirurgia foram consumidas entre dores lancinantes e insuportáveis.

A enfermidade-fantasma parecia surgir somente após alastrada no organismo e quando se tornava identificada, apresentava a data do óbito inapelável como um cartão de aviso indesejável.

Com os conhecimentos que a alimentavam espiritualmente, sabia Suzette-Sara que o câncer como a lepra, o pêfigo, a loucura e tantos outros adversários da saúde são expurgadouros de que se utiliza a Divina Justiça para recuperar os que se decompõem moralmente, afogando-se nos paus da miséria espiritual.

Não ignorava que o sofrimento resulta da humana rebeldia, não procedendo de Deus, pois que, do contrário, não favoreceria Ele a Humanidade com os anestésicos, os antipiréticos e tantos recursos que facultam à Ciência Médica no seu nobre combate à dor.

— Qual a técnica de que se utilizarão, na cirurgia? — Voltou a indagar, como se estivesse tratando do problema de outra pessoa.

— Esperamos realizar uma ablação “radical modificada” — respondeu com honestidade o interlocutor — retirando com o seio os nódulos linfáticos, sem maiores mutilações.

Julien, encorajando-a, sugeriu que fosse programada a intervenção, combinando-se, imediatamente, o início dos diversos exames complementares que definiriam o seu estado real e se faria a cirurgia de pronto.

Não obstante os exames realizados antes, Suzette submeteu-se a nova série, já internada, carinhosamente assistida por Angélique.

A médica fiel ao programa de redenção, como não desvelara seu drama a ninguém, a pessoa alguma se queixou ou lamentou a situação, mantendo-se estoica, apesar das dilacerações íntimas.

Após largos anos fruía felicidade. O labor socorrista facultava-lhe inebriante bem-estar; as visitas periódicas ao Asilo de órfãos dirigido pela Madre Geneviève renovavam-lhe o ânimo; a distribuição de agasalhos e víveres às crianças e velhinhos em desvalimento concediam-lhe dantes ignorada alegria de viver e a presença de Simon, no lar, doara-lhe a concha santificante da maternidade à carne alheia...

Sabia que um coro de preces se elevava aos Céus, intercedendo pela sua saúde e não ignorava o poder de tais intercessões, conforme recomendara Jesus, que todos “orássemos uns pelos outros”.

Amava ao Galileu Sublime, que antes desconsiderava com pejo. Não tinha muitas dificuldades para isso. Jesus abraçou-a.

Apresentado pela ternura de Mme. de Couberville e renascido na sua pujança e magnitude conforme o desvelara Allan Kardec, encontrou n’Ele, o Messias e entregou-se-lhe com total desprendimento.

Estudando-lhe a vida, os ensinamentos, os feitos sob a lógica da fé racional, Ele cresceu no seu entendimento, tornando-se o Filho de Deus por Excelência, conforme sempre supôs que deveria revê-lo.

Adquiriu com Ele tolerância e fraternidade, aprendendo a difícil virtude do amor. Claro é que não lograra afeiçoar-se a todos, no entanto conseguira desfazer-se da mágoa, dos recalques produzidos pelo ódio que remoía mentalmente, compreendendo o mecanismo das Leis que regem a Vida e que ninguém desrespeita em vão.

Renascera dos escombros para uma vida nova.

Ante a perspectiva da desencarnação temia não estar em condições próprias, sofria por sentir que a partida nesta ditosa conjuntura da existência lhe seria mais difícil.

Apesar disso buscou resignar-se.

Visitada por Michel e Adelaide externou o desejo que mantinha de oferecer “La Villette”, em Saint Nazaire, ao Asilo de órfãos, a fim de que os pequeninos ali pudessem encontrar horas de alegria e campo aberto, saindo dos altos e sombrios muros da Casa, em Paris.

— Que é isto? — Admoestou-a Michel —. Organizando testamento? Desconheço-a.

— Bem, não é um testamento. Estou sendo astuta, não fosse eu judia. (Todos sorriram descontraídos.) Aproveito-me da oportunidade...

— Tem a nossa aquiescência. Ali vivi dias de dor e de esperança inesquecíveis. Experimentei amores santos... Que melhor destino poderemos dar--lhe? Santuário da bondade, será Templo da caridade, favorecendo com céu, ar solo verdejante e campo perfumado aos pequeninos... O contato com a Natureza constituir-lhes-á dádiva divina. Aguardaremos, no entanto, sua recuperação, a fim de que você dê a notícia à Madre, enquanto cuidaremos com Julien dos papeis de transferência. Lembre-se de que essas coisas se arrastam, qual ocorreu com a adoção de Simon ao ser legalizada.

“E aqui entre nós: como o dinheiro resolve e apressa a solução de tais problemas, não há porque preocupar-se.”

Julien-Paul acompanhava o desejo da esposa jovialmente.

— Sempre falando em dinheiro, Michel?! — Contestou Suzette.

— Não somos descendentes... Sabemos que essa acusação como outras que pesam sobre o nosso povo são injustas. Mas não importa. Nossa família hoje cobre a Terra, como ocorreria com os filhos de Pai Abraão... Todos os filhos de Deus somos irmãos, conforme Jesus Cristo nos ensinou.

Madame de Couberville chegava nesse justo momento, acompanhada por outra amiga do Círculo, que fora denominado “*Caridade*”, e escutou as últimas palavras de Michel.

Num sorriso amplo externou o seu aplauso ao feliz conceito do jovem, abraçando-o efusivamente.

Todos se alegraram com a sua presença. As rosas que trazia foram colocadas num vaso de cristal e a conversação otimista tomou conta do tempo.

O apartamento da médica transformou-se num tabernáculo, porquanto, antes de encerrar a visita, Eléonore solicitou que todos orassem, enquanto trans-fundia forças à paciente querida.

A cirurgia fora marcada para a manhã seguinte, fazendo-se necessário envolvê-la em fluídos vitalizadores e salutareos.

Angélique, acompanhando Suzette tornou-se o seu anjo-de-guarda no Hospital.

Não obstante o otimismo geral, inclusive as disposições salutareos da paciente, nessa noite Suzette foi acometida de novo desprendimento parcial pelo sono, deparando-se com as Entidades Infelizes com as quais se acumpliciara no passado.

Sentiu-se joguete de *railleries* e *moqueries*⁹⁹ de uma inditosa malta de trocistas desencarnados que a cobriam de vitupérios, dizendo aguardá-la após a disjunção das células físicas. Alguns assumiam aspectos atemorizantes com deformidades lamentáveis que os faziam motivo de horror. Outros surgiam à sua visão atormentada com atitudes obscenas, agressivos, ao mesmo tempo ameaçando-a, em relação à sua mudança de atitudes mentais e morais, mediante as quais se libertara do jugo e do vampirismo inferior a que a submetiam, em regime de dominação quase total. Diversos incitavam-na ao retorno, conclamando-a aos supremos desvarios a que se dedicava anteriormente, excusando-a de responsabilidades nos crimes hediondos.

A bacanal de luxúria truanesca a desenrolar-se diante dela em superlativo desrespeito fê-la estarecida.

Conservava-se lúcida, raciocinando com absoluto controle mental, e identificava-se noutra Esfera da vida, em faixa vibratória que se imiscuía com as densas e baixas edificações morais das criaturas humanas. Apesar disso, as cenas dantescas, infernais, transcendiam sua capacidade de entendimento.

Suspeitava, consoante lera nas Obras Espíritas, de que a vida é sempre a mesma, transcorrendo numa ou noutra dimensão física como psíquica, de

acordo com o comportamento moral que cada um se impõe. Todavia, surpreendida pelo terror, pensou voltar ao corpo.

Como se fosse identificado o seu projeto, inditoso Espírito, que possuía a direção do grupo, bra-dou-lhe :

— Não fugirás! Isto é o pórtico do Inferno. Somos os demônios do prazer, os gozadores com quem te associaste. Os outros, os vingadores, encontram-se adiante, aguardando-te. Ante a morte que de ti se avizinha, vimos propor-te obediência ou sofrimento. Segue como até então e te ajudaremos. Recua nas atitudes ingênuas de piedade, caridade, amor... Isto não tem valor algum. Se persistes, não sobreviverás. Somos justos e negociaremos a tua recuperação ao contributo da tua submissão.

Suzette recordou-se do Fausto,¹⁰⁰ vendendo a alma ao Demônio Mefistófeles e quis recuar.

Os vapores que aspirava naquela Região ingrata entorpeciam-na e começava já a desvairar pelo horror, quando lhe acudiu à mente o refrigério da oração. Reconhecia-se ainda reencarnada e percebeu-se vitimada pelos próprios erros, necessitando ascender pela prece, refugiando-se em Jesus.

Dotada de vontade férrea, sem revidar nem mais tentar sintonizar, começou a *Oração dominical* ungida pelos sentimentos puros do coração em processo renovador. Cerrou os olhos, como a afugentar as cenas bárbaras e suplicou em confiança plena oportunidade para redimir-se.

Na solicitação, o arrependimento deixava de ser um tóxico destruidor para assumir a condição de estímulo para a reparação honesta sob qualquer injunção. O remorso oportuno dava-lhe a dimensão das desgraças perpetradas, emulando-a a novos cometimentos salvadores. Não se excusava à responsabilidade sobre o que fora feito nem se entregava à lamentação inoperante pelo que praticara.

Propósitos salutares irrigavam-lhe a mente e os sentimentos numa tonificante disposição de fazer a vontade divina e não a sua.

O lenitivo da prece dominou-a.

A união mental e emocional com as Fontes Superiores donde procede a vida arrebatou-a do abismo alucinatório.

★

Pela prece alça-se o espírito a Deus e a Divindade toca-o pela superior inspiração.

Força motriz de poderes não explorados, a oração dilata os recursos humanos, produzindo insuspeitados bens de que a vida se enriquece modificando a estrutura das coisas e o mecanismo dos acontecimentos.

★

Suzette, embevecida na prece, olvidou os mal-estares decorrentes da asfixia e do medo.

Não saberia o tempo transcorrido. Agradável sensação percorreu-a, abriu os olhos, estava desperta, no leito, podendo ver alguma estrela através do vidro da janela.

Respirou, aliviada. Levantou-se, sorveu um pouco d'água, sentiu-se sorrir.

Mesmo conservando a perfeita lembrança do *sonho* peculiar, sabia que estivera por momentos nas mãos daqueles Espíritos infelizes, obsessores e desditosos, aos quais se vinculara...

Reconhecia o valor da oração, recomendada por Jesus e, sem sopitar o júbilo que a levou às lágrimas, agradeceu ao Pai Criador havê-la recambiado ao bem, através da amada Mme. de Couberville, sua estrada de Damasco.

Reflexionando *a part* soi¹⁰¹ foi acometida por primeira vez de um sentimento de compaixão pelos incréus, os trânsfugas do dever, os equivocados, os ludibriadores, como ocorrera com a sua pessoa por largos anos. Experimentou o prazer de orar pelos irmãos desconhecidos, os vinculados ao erro de qualquer denominação.

Dispensável afirmar, que Suzette-Sara, nas disposições íntimas abraçadas, revinculara-se ao Guia e Mentor Espiritual de quem se afastara antes por

teimosa incredulidade.

Gravíssimos os seus delitos. O Senhor, porém, não programa a morte do pecador, mas a destruição do pecado. Suas leis têm geratriz no amor e através do amor todas as construções se realizam.

Ninguém na Terra que se encontre, pois, em or-fandade, sem a concessão sacrossanta desse Amor, nascente de todos os amores.

A paciente refeita interiormente adormeceu.



Coroadada de sucesso a intervenção cirúrgica, transcorrido o tempo imprescindível, Suzette-Sara retornou ao lar, prosseguindo em tratamento radio-terápico para uma perfeita precaução em torno da sempre provável recidiva.

Chegando à *Avenue d'Inkermann*, foi recebida pelo carinho dos familiares, dos servos, das amigas do “Círculo Caridade” e da Madre Geneviève que a viera recepcionar com um grupo de criancinhas, os irmãos espirituais de Simon, que aparentava saudável disposição. Balbuciando e engatinhando, o pirralho agitou-se à chegada da genitora, e esta, debulhada em lágrimas, não sabia que fazer, dizer, como descartar-se da situação.

O amor, que dulcifica a alma, abre também o coração à emotividade superior, à ternura.

Outra era, agora, a Dra. Suzette-Sara d'Aiglun Furquet de Niesembaum Hottsmann. Morrera a obstetra dantanho, renascendo a cristã do presente.

As antigas comensais da sua vida social ficaram algo à margem.

Naturalmente que a sua e a fortuna do esposo guindavam-na a posição respeitável e, na Terra, onde sobejam os pobres valores da mentira, o dinheiro advoga com segurança de sucesso as causas mais estranhas e penosas, absurdas e delinquentes absorvendo seus possuidores. Não foram, portanto, as amigas que a relegaram ao olvido, mas esta que se situou a *discrète distance*.

Impondo-se vida nova, apesar de não esquecer o passado por desejar recompô-lo, afastou-se da ilusão, da lisonja e do crime bem aceito quando praticado pela opulência e reprovável se surgido na miséria.

Naquele mesmo instante, na presença da família física e espiritual, Suzette fez a doação de “La Villette” que lhe era cara aos sentimentos pessoais e aos dos familiares, pelo que lhes representava desde o mais áspero período da atual existência. Autorizava Michel e Julien a cuidar dos papeis, de forma que as crianças, a critério de Madre Geneviève, pudessem aproveitar ali o próximo verão.

A Religiosa, ante a emoção geral, envolveu os doadores em expressivo amplexo sem palavras, no qual os sentimentos cantavam dúlcidas melodias de reconhecimento e amor.

— Somos nós os beneficiários, senhora. — Tomou a palavra o digno Julien-Paul. — Aprendemos no Evangelho, que em verdade recebe todo aquele que dá. Afinal, não estamos doando coisa alguma, porquanto nada nos pertence. Somente transmitimos o temporário direito legal de uso, conforme nos facultaram os nobres benfeitores bretões, Renet-Pier-re e Germaine, que nos substituíram os pais, quando a abençoada adversidade chegou até nós...

Ao serem pronunciados aqueles nomes inolvidáveis, Michel não se conteve e completou:

— Com eles aprendemos mansidão, respeito ao direito alheio, fraternidade, amor cristão... Foram--nos mestres pelo exemplo da humildade e da abnegação desinteressada, verdadeiros filhos de Deus e irmãos das criaturas humanas.

Mme. de Couberville, aproveitando-se do silêncio natural, referto de emoções superiores sugeriu a Églantine, jovem membro do “Círculo”, que orasse a prece de Cáritas, elaborada pela jovem cristã martirizada em Roma.

A moçoila cerrou os olhos e com voz argentina, começou: “Deus, Nosso Pai...”

Confraternizavam-se os dois planos da vida: o espiritual e o material, em intercâmbio de luz.

Dentre os Espíritos presentes, Pierre e Germaine louvavam o gesto dos seus pupilos espirituais, plenamente concordes com a feliz decisão.

Apesar do melhor cuidado por parte dos colegas e do êxito cirúrgico, a radioterapia produziu queimaduras dolorosas que Suzette suportava de ânimo firme. Não recuperada das graves incursões da enfermidade no organismo, prosseguia diligente nos serviços socorristas, nos quais afirmava reconquistar estímulo e forças para refazer-se.

Dividia o tempo entre o imperioso tratamento, repouso, Simon e as atividades de beneficência, bordando, tecendo e tricotando ela própria, a fim de que das suas mãos saíssem as realizações que transformava em utilidades para o próximo.

Adotava a filosofia de que o ato de comprar ou pagar a outrem a execução do mister tornava-se posição muito cômoda, que não se podia, porém, desprezar. No entanto, preferia mais: adquiria por pagamento uma parte e outra confeccionava-a ela mesma. Imantava de amor o que ia ser doado, a fim de que, impregnado, pudesse alcançar mais profundamente os beneficiários.

Estava com razão em assim proceder.

O bem é bom, porque nos faz participar dele, quando o distendemos ao próximo.

No seu calvário redentor Suzette-Sara ascendia no rumo dos astros luminosos do Infinito.

6 NUM CARAMANCHÃO AO LUAR: A CONFISSÃO

Nos últimos dias de julho o *Château* de Niesem-baum voltou à movimentação. Como sucedera um ano antes, retornaram os anfitriões e os convidados, álaçre grupo de afetos recíprocos, ora acrescidos pela suave presença de Églantine, pupila espiritual de Mme. de Couberville.

Os passeios agradáveis pelas muitas ilhas do Loire até Saint Nazaire ainda hoje produzem alegria e revitalizam as forças desgastadas na movimentação

dos dias laboriosos. Além disso o ar balsâmico dos campos e logo mais do plâncto que vem do mar transformam-se em vigor e saúde para os que vivem intoxicados na poluição atmosférica de Paris.

A temperatura agradável enseja entusiasmo, convidando a convescotes, visitas, caminhadas...

Suzette, em convalescença prolongada, aproveitava as horas matinais para breves jornadas pelo jardim, ouvindo as *calandres* delicadas e gorgeantes em duelo canoro com os *rossignolles*¹⁰² e os *rouge--gorges* que possuíam garganta de prata, de ouro e cristal para os trinados maviosos. Acompanhados pelo *rouge-rouge* das folhas eram aplaudidos pelo dia em festa.

Angélique, tornada perfeito *factotum* ao lado da amiga querida, permitia-lhe essas horas de delícia e intimidade junto ao esposo sempre gentil, que se desdobrava em atenções, não lhe bastasse a dedicação habitual e rotineira. Permanente enamorado, o seu matrimônio transcorria nas róseas delícias de um perene noivado.

As noites sempre se reservavam para as tertúlias espíritas, inúmeras vezes culminadas por prele-ções oportunas e iluminativas de que se fazia instrumento a sensível Eléonore.

A veneranda senhora recobrou a confiança para os transes sonambúlicos tal a harmonia psíquica reinante nesses momentos de espiritualidade.

Temas diversos recebiam referendos e conotações preciosas, ensejando mais amplo tirocínio em torno das questões espirituais.

Em oportunidade própria, espontaneamente repetiu-se a entrevista com o santo Cura d'Ars, na qual o apóstolo da caridade estimulou a médica em programa de renovação.

Grande parte dos males que o homem pratica decorre das enfermidades do espírito, por isso mesmo credor da eficiente terapêutica do amor como da boa palavra, em permanente assistência fraternal.

A rosa que aromatiza morre lentamente, quanto a vela que ilumina consome o pavio em que se sustenta.

O bem para ser executado solicita o material do amor em que se equilibra, a fim de não desfalecer.

O pulcro Vianney em razão do compromisso amoroso de sustentar a arrependida de modo que lhe não esmaecesse o ardor no sacrifício redentor, concitou-a a d prosseguimento.

— A viagem ao Calvário — prosseguiu com meiguice e sabedoria — é perlustrada em soledade e silêncio. No entanto, Jesus aceitou a ajuda do cireneu constrangido à cooperação, abençoando-lhe o esforço, embora involuntário.

“Da forma como não nos compete o direito de dividir os nossos sofrimentos com o próximo, não nos podemos furtar à confissão fraternal com a quem amamos, comungando confiança e rogando compreensão. Tal atitude também significa respeito ao amor, um pudico desnudar dos sentimentos, a fim de lograrmos um edificante entendimento.

“Indesculpável, quando, por fuga às consequências dos erros, descarregamos as responsabilidades, narrando nossos dramas aos que confiam em nossa inteireza moral. Negativo quão pernicioso é este proceder. Louvável, porém, conforme nos ensinou o Senhor, quando nos “confessemos uns aos outros”, auxiliando-nos reciprocamente.”

No intervalo natural e silencioso que se fez, Suzette compreendeu o elevado alvitre, assentindo, reconhecida.

— Nenhuma dor nos alcança sem que a mereçamos. — Deu curso à palestra edificante, conselheiral. — Missão sublime e incompreendida a do sofrimento! Compete-lhe a função de crisol valioso quando falham outros preciosos recursos da vida. Modifica disposições interiores, amaina paixões, corrige desequilíbrios. Terapia incomparável culmina sempre pelo êxito no tentame da saúde espiritual. O que ora não sucede, ocorre depois; o que não consegue ao primeiro golpe, logra em paulatina persistência.

“Quando o homem compreender que possui o que doa ao amor e tem o que perde no desinteresse pelas vãs conquistas, o sofrimento cederá lugar à

ventura e a guerra geral ou particular ao primado da paz.

“A glória para o homem integral constitui-se do serviço enobrecido ao próximo e à Sociedade.

“Na Terra, quanto se supõe ter em moedas e valores aquisitivos, demora-se em retenção. O que se faz, na multiplicação da esperança, o que se produz, em sustentação da alegria, verdadeiramente é o que se possui, porque ficam esses bens, que se não transferem de mãos nem se consomem com o tempo.

“O Cristianismo, em face de tal realidade, é a doutrina do homem em colóquio permanente com Jesus; da criatura com o Criador em comunhão constante; de um com outro ser em solidariedade fraternal de auxílio amoroso.

“Não é por outro motivo que os Espíritos, após despertarem na vida abundante, envidam todo esforço por advertirem os afetos retidos na retaguarda fisiológica, estimulando-os à libertação do egoísmo e dos seus sequazes.

“A epopeia da fé estua nas realizações da caridade e a grandeloquência da caridade expressa-se na sinfonia da paz musicando a vida do lídimo servidor do Cristo.”

Suzette deixava-se penetrar por aqueles conceitos e pelas vibrações, quais se fossem preciosas essências que lhe deveriam impregnar o espírito para todo o sempre.

— Os que chafurdam no pântano — aduziu, na mesma entonação —, demorando-se no ambiente pestilento, aceitam-no, embora em paulatina intoxicação, quando de início lhes parece local deletério. Em dali saindo surpreendem-se e passam mal no ambiente puro do campo ou da montanha, não raro mantendo resíduos do meio donde procedem saudosos do charco em que se adaptaram.

“O mesmo ocorre nas províncias mentais, em que cada um se queda. A liberação total dos tóxicos absorvidos é lenta, em considerando que, neste caso, as conseqüências são ainda mais graves, porquanto as mentes que se

nutrem das viciações humanas insistem, renitentes, para conseguirem o prosseguimento da infeliz parceria, da *simbiose* descabida e alucinatória.

“A liberdade em qualquer circunstância impõe pesado tributo compensado pela própria auto-deliberação de que se frui.

“Não te atemorizes nunca.

“Persiste na confiança integral.

“O Senhor te concederá forças e tempo para que te desincumbas dos compromissos, enquanto permaneças à disposição d’Ele, dócil, humildemente.”

Compreendia a ouvinte, envolvida nas superiores vibrações do angélico Instrutor, interpretando o sentido discretamente oculto de cada conselho, a estrutura de cada frase. Ouvia e registava na mente guardando no coração o incomparável conteúdo.

Tecendo novas considerações-estímulo, desprendeu-se o carinhoso Benfeitor Espiritual, deixando o ar impregnado pelas suas sutis energias, em saturações levemente perfumadas.

Embevecida, a obstetra tinha unidas as mãos em transportes de prece e júbilos.

Madame de Couberville, retornando à lucidez, guardou-se em prece muda, enquanto a amiga, em silêncio, fixava indelevelmente os apontamentos transcendentais daquele afortunado momento.

★

Quantos homens na atualidade não fruído bênçãos que tais, no ministério sagrado do Espiritismo, e logo se desembaraçam dos fluídos superiores retornam com sofreguidão aos pensamentos torpes e aos sítios escuros, dos quais, asseveram, desejar sair!

Não há faltado oportunidades para centenas de milhões de criaturas, que se informam da Vida Espiritual através de uma ou de outra Doutrina religiosa,

não obstante dividirem a existência em momentos de fé e tempos de loucura.

Afirmou, conciso, Jesus: “Não se serve bem a dois senhores: a Deus e a Mamom.”

A compulsória optativa é inalienável.

Estudiosos da nova “religião sem dogmas”, que é o Espiritismo, comovem-se ante as alocações inspiradas, as mensagens superiores, para logo derraparem em enganos injustificáveis, aguardando novas oportunidades, outras concessões, sem investirem, sequer, o esforço contra as imperfeições, os atos de abnegação, acreditando-se de tal sorte merecedores, portadores de altos créditos e desculpando-se da incapacidade para dar.

Velha acomodação em que os passadistas se arrimam, culminando por enganar-se, a cujo despertar não se pouparão.

Significativa responsabilidade possui aquele que ouviu e recebeu a Revelação, porquanto se não pode exculpar.

A vida é um investimento sagrado da Divindade.

Evoluir, eis o seu mister sem termo.

★

Simon beneficiava-se, a olhos vistos, com o ar, o sol, os passeios.

Iniciava-se nas primeiras palavras em tartamudez característica e ensaiava os passos primeiros com o que orgulhava os pais adotivos.

Madre Geneviève fora trazida por Julien, a fim de conhecer “*La Villette*” e tomar posse do imóvel, enquanto tramitavam os papeis. No dia imediato à sua chegada todo o grupo se dirigiu à Saint Nazaire de múltiplas evocações para a família.

A Religiosa não se cabia de contentamento, em face da expressiva doação para os “filhos da alma”, consonante se reportava aos pequeninos da sua Casa.

Tomou contato com o casal de *ménagères*¹⁰³ que guardavam e administravam a propriedade, examinou as cercanias, fez programas. . .

Antes de retornarem a Nantes, Michel convidou os amigos para uma visita ao pequeno Cemitério suburbano, onde estavam os despojos últimos dos sempre amados Renet-Pierre, Germaine e das suas duas irmãs gêmeas.

Numa tarde de crepúsculo em ouro e ar suavemente aquecido, no silêncio da Necrópole singela, desnudada dos atavios com que a vaidade humana se homenageia, através dos seus *defuntos*, Madre Geneviève proferiu fecunda oração e agradeceu com a alma repassada de felicidade a ditosa herança daqueles valorosos amigos.

Do *nosso lado da vida* os homenageados, a seu turno, também tributavam gratidão a Deus.

Volvendo a Madre aos seus afanosos labores em Paris, o *Château* prosseguiu iluminado e referto pelas concessões divinas.

Julien expusera à Madre Geneviève, por princípio de coerência, as convicções dele, da família e do grupo, em torno do Espiritismo.

Com a sua habitual vivacidade esta respondera :

— Seu encontro com Deus constitui-me felicidade. Tenho concluído que o roteiro do Céu é atapetado pelos esforços do amor e que à porta de entrada está inscrito: Caridade! Os caminhos podem variar, mas o fim é sempre o mesmo.

Numa explosão de júbilos, Julien beijou-lhe as mãos acostumadas ao exercício do Bem.

— Tenho para mim — arrematou — que as Religiões devem unir os homens em torno de Deus, enquanto em se baseando nos pontos idênticos, olvidem as divergências opinativas, que pertencem sempre à interpretação individual.

— Madre, este conceito é quase espírita ! — Aduziu o engenheiro, admirado com o natural ecumenismo da monja.

— O que ele seja ou donde vem, não me interessa. Para mim é o que vale, o que tem de importante. Nada mais.

Os dois sorriram, então, comprometendo-se, sem palavras, a respeitarem-se as formas de crer e a dialogarem em torno dos benefícios da fé no coração.

★

Numa das noites em que o matrimônio Hotts-mann caminhara um pouco pela margem do Líger, que estava transparentemente vestido da prata do luar e das estrelas, Suzette convidou o esposo a um caramanchão próximo e tomando-lhe a mão direita num enlevo de carinho propôs afetuosamente:

— Poderias ouvir-me por algum tempo sem me interromperes num só momento?

— Que mistérios iremos desbravar? — Interrogou, sorrindo.

— Trata-se de um dos mais importantes procedimentos da minha atual existência. — Redarguiu, serena, porém com gravidade.

“Por algum tempo, mesmo depois da confissão religiosa que nos abençoa a vida, acreditei ser correta a atitude que me vinha mantendo, fiel ao provérbio: *“Quieta non movere.”*¹⁰⁴ Contudo, a confiança que nos sustenta o amor impele-me a despir-me das aparências, a fim de apresentar-te a alma dorida desde há muito, só agora beneficiada pela esperança de paz”.

— Se a mortifica — interrompeu-a, o esposo solícito — ou se você supõe que a não conheço o necessário, seria de bom alvitre que não prosseguisse...

— O coração humano, meu amado, é sempre terra desconhecida. Por mais a tua confiança me conceda crédito, essa fé sucumbirá ante o que te pretendo agora narrar. Ouve-me sem enfado, sem padecimento.

“Em momento algum penso em exculpar-me face aos graves delitos que hei perpetrado. A fé alcançou-me no instante culminante, quando já me encontrava a um passo da loucura, semi-alucinada como já vinha.”

— Seja o que for, — novamente a interrompeu o consorte — em mim você terá o apoio máximo e a total solidariedade sem queixa ou murmuração. O

amor que não suporta a verdade não se estrutura em legitimidade de propósitos.

— Silenciei todo esse tempo — adicionou, vagarosamente, — poupando-te ao dissabor da decepção em relação à minha pessoa. Não temia perder-te. Receava magoar-te.

— Você não me conhece o suficiente, ainda, ignorando a minha capacidade afetiva e o meu arsenal de forças morais.

— Louvado seja Deus!

“Quando nos reencontramos em Saint Nazaire, eu já enveredara pela senda do crime. Estas mãos que seguram as tuas mãos mais de uma vez ceifaram vidas...”

Suzette estremeceu. Julien segurou-lhe a delicada mão.

— .. E outras salvou. — Complementou ele.

— Não é tão suave o delito, meu bem. — Prosseguiu.

“À primeira vez, e que se não me apaga da recordação, fui impelida pela suprema aflição de Simone, de quem já te falei oportunamente sob outros aspetos, que me suplicava a salvação mediante a eliminação do feto, cujo genitor supunha ser o infame Andrés de la Merced, hoje resgatando no cárcere...”

“Depois de uma noite interminável de amargura, aquiesci, para vê-la sucumbir, logo após numa hemorragia estúpida, seguindo a trilha do filhinho rejeitado.

“Posteriormente, em Cossette, desejei reabilitar-me, ganhando a sua e a vida do bebê... No entanto, estrangulada pelas necessidades, fui visitada por distinta e rica senhora, então arrimando-me à ambição sem o sustentáculo da fé, derrapei, tombando em fundo abismo, donde tento soerguer-me a inauditos esforços...”

“Detalhar-te todos os trâmites de dor e sombra que me hão denegrado e amargurado, traduzir em palavras os conflitos e as incertezas que me

esfacelaram o ser, não posso fazer, nem o momento comportaria.

“O infortúnio moral a que o homem se arroja, espontaneamente, constitui-lhe punição e ferrete em brasa na consciência, ferindo-o sem cessar.

“Com o ser lucilado pela crença, deambulo hoje esperançosa, não obstante o despertar pelos caminhos do remorso sob a razão ultrajada pelos delitos.”

— Não seja severa demais para consigo mesma. — Acudiu-a Julien, emocionado. — Sem desejar diminuir a gravidade do seu engano, recordo-lhe que as suas disposições filosóficas, a ausência de Deus em sua vida, o infeliz conceito do aniquilamento do Espírito com a morte foram, em verdade, os responsáveis reais pelos seus deslizes.

— Concordo! Todavia, a ética profissional, a dignidade humana, o respeito às leis ficaram na vasa do meu ódio, na sanha iracunda da revolta que me consumia, numa atitude contra a sociedade, que eu, então, considerava ser-me hostil. Fosse hoje...

... E Suzette com a nobreza do arrependimento positivo, não lamuriento, narrou as peripécias funestas da sua carreira, a abjeção a que se abandonara, o desprezo nutrido ante a loucura disfarçada do poder social, exclusivamente sustentada pelo amor de elevação com que ele sempre a distinguira.

Seu proceder de homem ilibado, se a desnorteava numa comparação de caracteres, na qual ela sucumbia, semelhava-lhe a uma luz no alto que lhe competia e inspirava alcançar.

Pensou em fugir, inclusive pelo suicídio quando da desencarnação de Germaine, a bondade dele, no entanto segurou-a, à beira do caos.

A sofredora descerrou os painéis ocultos dos sentimentos asfixiados nos tecidos da angústia e da preocupação avassaladora, sem esculpismos doentios ou pieguismo dispensável, e concluiu:

— O câncer que me exaure, significa-me a presença da Augusta Bondade concedendo-me expiação, em martírio resignado.

“Quando a ardência das queimaduras recentes me afligiram demasiadamente, reconstitui-me confrontando a minha com a desesperação dos a quem eu negava o direito de viver. . .

“Pelas dádivas da prece naquelas horas evadia--me e refrigerava-me na certeza de estar resgatando.. . Sei que longo é, ainda, o caminho da reparação a percorrer, contudo, aos primeiros passos, já disponho de coragem para esta confissão.

— Desde que lhe faz bem, — confortou-a o esposo benevolente, — louvo o seu gesto de confiança, de fidelidade ao nosso amor. Compreendo quanto você há de ter sofrido e lamento não haver usufruído a solidariedade de sofrer ao seu lado, diminuindo-lhe a dor.

“Para mim não me constitui uma surpresa, como você pode supor, não uma demasiada surpresa.

“Conhecendo-lhe os valores morais e vendo-a alquebrada, em muitos momentos de grave depressão, não me fora difícil encontrar a causa.

“Sabendo, como sou conhecedor, da corrupção moral e social dos nossos dias, percebendo a solicitude endinheirada e artificial de algumas dentre as suas clientes, fácil me fazia o entendimento.

“Considerando a vulgarização do abortamento com que os irresponsáveis e corruptos pretendem fugir ao dever, diante da sua profissão encontrava a resposta para as interrogações que eu lhe fazia com carinho e com delicadeza você deixava de respondê--las.

“É claro que eu suspeitava. Certamente, eu sempre soube.

“Respeitei o seu segredo e jamais a amei menos, agora muito mais, se for possível elevar algo além do superlativo.

“Este é um grande momento das nossas vidas. Desapareceu o último impedimento que velava nossa perfeita comunhão.”

— Não o último. — Aduziu, em pranto. — Falta o caso Germaine.. .

— A eutanásia que você lhe aplicou?

— Oh! Julien, Julien! Nunca me perdoarei...

— Desde que Jesus nos pediu que perdoássemos ao próximo em erro, sem cessar, por que nos não perdoarmos, também?

“A sucessão dos erros conduz a criatura a delitos contínuos até o aniquilamento. Somente que você se deteve e se reabilita, o que é mil vezes mais belo, é quase sublime.

“Não sofra o passado; construa o futuro.”

— Você sabia?

— Compreendi, quando cheguei ao quarto, e vi a expressão de hebetamento, de automatismo que você traduzia na face. A ausência das lágrimas... Percebi que você lhe antecipara a libertação, tentando diminuir-lhe o sofrimento.

— E não me disse nada?

— Naquele momento?! Torná-la envergonhada e induzi-la à fuga? Nunca! O amor que não espera enlouqueceu.

“Aguardava o momento oportuno para fazê-lo e este nos veio espontâneo com as luzes e a música da crença religiosa, que hoje nos faz felizes.

— Lembra-se do meu pedido à prancheta?

— Sem dúvida, e, através da resposta, confirmei a suspeita. Naqueles momentos amanhecia em nossas vidas, convindo esquecer a noite que passava com os fantasmas de que se refertava para aguardar o dia que se anunciava em sol. ..

— Ter-me-á Germaine perdoado?

— Quem ama, não chega a perdoar, porque este último ato anularia aquele primeiro sentimento. O amor compreende sempre.

Ali, ao coruscar das estrelas e sob a senda do luar, enquanto Suzette emergia das trevas para a luz, Germaine a abençoava com a afeição, louvando seu esforço reabilitador. Outras Entidades que a exploravam

psiquicamente ou que lhe sofreram o guante, em face da coragem estoica e das disposições santificantes comoveram-se algumas, modificando por sua vez a forma de encarar a sofrida *avorteuse*...

A honestidade de propósitos, a lealdade do coração, a autenticidade da fé sensibilizam e convertem até mesmo alguns impassíveis adversários.

Julien-Paul enternecido abraçou Suzette-Sara e jurou-lhe promessas de eterna ventura com dedicação perene.

Na pauta da Natureza, os dois corações afetuosos escreveram comovido poema musical de esperança e de mútuo auxílio, com olhos postos na Imensidade, no futuro espiritual.

No caramanchão perfumado, clareados pelos astros, confessaram-se e refundiram as forças na fornalha sublime do amor, aqueles que se amavam.

7 ARDIS DAS TREVAS: AS CARTAS E A VISITA

A estrada de Damasco para todo cristão deve significar, além do encontro com o Senhor e do deslumbramento pela Vida, a via de sacrifícios e o imperativo imediato para a renovação.

Paulo vê Jesus e indaga o que deve fazer.

Não solicita favores nem espera benefícios. Pede tarefas.

Contudo, vitimado por estranha cegueira, começa a refazer o caminho.

Defronta alegria e extasia-se.

Esquece-se de si mesmo, renuncia a tudo e arca com o peso dos testemunhos com valor moral e resistência incomuns.

Humilhações, abandono dos afetos mais caros do sentimento, pedradas e perseguições inclementes, dissensões e doestos não lhe abatem o ânimo.

Porfia, integérrimo, e não desfalece nunca, fiel à interrogação inicial que fez ao Senhor.

Até o momento último no corpo dá-se a Jesus em ação contínua, exaustiva, que sabia executar com júbilo imbatível e fé inquebrantável.

Todo irredento que aspira à redenção é convidado a peregrinação equivalente.

Sem a ardência dos sofrimentos purificadores e a persistência nos propósitos edificantes a fé não deixa de ser um painel pintado na alma, que não arde nem clareia.

Isto compreendeu a nossa personagem.

Necessário se fazia que gastasse as resistências e obstinações anteriores no atrito dos labores expun-
gitivos.

Por outro lado, enquanto a afervorada espiritista se armava de entusiasmo e coragem para a reabilitação, seus inimigos desencarnados, seus comparses de alucinação, suas vítimas se reuniam para deliberarem *revanche*, numa batalha sem quartel, na qual pretendiam arrebatá-la das sadias diretrizes e atividades com que preenchia a vida.

Os dias no *Château* de Niesebaum constituíam--lhe privilégio imerecido.

A presença dos queridos amigos, a família em desdobramento universal, o calor da Doutrina tornavam-se concessão divina, bem se depreende, para suportar as vicissitudes que a todos aguardavam, particularmente ao seu espírito em libertação.

Antes das despedidas do local embevecedor Mme. de Couberville solicitou a Suzette uma visita aos diversos cômodos, uma breve marcha costeando o rio, aspirando a Natureza.

— Parece-me ser despedida, Suzette querida. — Elucidou a senhora com delicada firmeza.

— Volveremos a qualquer instante, quando lhe aprouver. — Contestou a médica.

— Não creio que retornarei aqui em corpo físico.

— Madame, por favor!

— Não se aflija, minha amiga. Eu sei porque estou falando. A sua e a afeição deste grupo reergueram-me para a vida que se me esvaía. As saudades do companheiro que me espera, estraçalhavam--me o coração. Soledade é pior do que solidão. Não sei se me entende. Pode-se estar em soledade, embora a multidão em volta...

— Sim, compreendo.

— Vocês tornaram-se a família que anelei por longos anos. Agora dói-me a separação.

— Mas a senhora encontra-se tão bem! Recebeu algum aviso?

— Não é necessário. A morte do corpo é fenômeno que acompanha a vida orgânica. Portanto, para desencarnar, só uma condição é imprescindível : estar na carne. Além do mais já é tempo. Vocês são a última tarefa que ao Senhor aprouve conceder-me a dita de realizar. Não se entristeça, porém. Jamais nos apartaremos!

“Desejo gravar no espírito estes locais queridos, onde fomos imerecidamente felizes, experimentando o néctar das afeições puras, o magnetismo da fé autêntica. Sou-lhes infinitamente devedora...

— Não, a senhora. — Interrompeu-a Suzette, que mal controlava a emotividade. — A senhora ergueu-nos do caos para as culminâncias da vida.

— Engana-se, minha filha. O Senhor alçou-nos a todos. Sou imperfeito instrumento, indócil servidora. Não fosse a Misericórdia de Nosso Pai e teria perdido a presente experiência.

“Quando aqui vim, pressenti que me despedia da Terra. Fazia um passeio, encerrando as tarefas. Por magnanimidade dos Céus alongaram-se os meus dias, vitalizada que tenho estado pela aura das suas afeições e a dos nossos pobrezinhos.

“Não creio que seja imediata a partida. Aqui, porém, nesta reencarnação, penso que não voltarei.

“Com vocês constatei que diante do Bem as opções são decisivas, como assevera o aforisma popular: *“Il faut passer pas là ou par la porte”*.¹⁰⁵ Felizmente todos pegaram o dever, nele se afirmaram, sem demorar-se na dubiedade dos indecisos.

“Forrados pelos sentimentos elevados arcaram com as responsabilidades da convicção, decidindo-se agir. Tal cometimento representa uma coroa de bênçãos depositada sobre minha cabeça, minha alma cansada, meu coração saudoso.

“Na sucessão dos dias e nas horas amargas que a todos nos visitam, ao chegar-lhe a dor mantenha viva a fé e robusto o ânimo.

“Só o amor é de duração eterna. O ódio, o egoísmo, as paixões em suma são de feitio humano, portanto, transitórios, por mais pareçam demorados.

“Confie sempre no bem, na conduta correta. Chamada a qualquer provação, examine a consciência que lhe dirá da justeza ou não do testemunho.

“Perseguida ou malsinada com ou sem razão, confie no tempo.

“Nunca revide com outro mal, o que lhe hajam feito. Não compensa, e um dia tal atitude negativa se transforma em arrependimento tardio.

“Jesus é perene fonte que podemos recorrer em qualquer circunstância. Sempre nos concede o que buscamos.

“Entregue-se à justiça de Deus, que é infalível, porquanto nas outras expressões nem sempre se traduz a sua legitimidade.

“Ninguém resgata sem dívidas. Cultive a tranquilidade e persevere no serviço nobre sem receio algum.”

Mme. de Couberville estava teleguiada pelo seu Mentor Espiritual, que sustentava a discípula afervorada às lições de vida eterna.

Suzette descobria naqueles conceitos a presença do querido Vianney e ouvia com unção as recomendações afetuosas.

Visitaram todo o *Château*, o jardim-labirinto, caminharam margeando o rio e sentaram-se à sombra das árvores vetustas no bosque ao fundo.

Mãos dadas, resguardadas do sol, a passo tranquilo, fizeram a peregrinação do reconhecimento, da saudade...

Terminado o mês, volveram todos jubilosos às atividades parisienses.

Églantine estava de felicidade.

— Aqueles — afirmou à hora da despedida — foram os dias de maior ventura na minha vida.

Simon sempre agarrado à mamãe e a Angélique, que procurava poupá-la, fizera-se forte pimpolho que desabrochava para a vida.

Os demais, renovados, tinham o corpo e o espírito fortalecidos para os cometimentos do cotidiano.

Suzette somente a Julien teceu breves considerações sobre a amada Mme. de Couberville e à sua premonição.

No dia imediato à chegada, após as arrumações e acomodações de viagem, Suzette tomou conhecimento da correspondência. Cartões de convites, de aniversários e matrimônios, um postal remetido por Cossette, que era mãe ditosa, nas cercanias de Quebec, algumas cartas...

Não era grande sua correspondência.

Ao ler a primeira, foi acometida por um choque.

Data de Paris, era breve. Dizia :

“Mulher desalmada!

“Ninguém abandona suas vítimas, após explorá-las, impunemente.

“Como a justiça do Céu demora de chegar, apressarei a da Terra.

“Os seus crimes serão denunciados à Polícia.

“Acabará sua falsa inocência, desmoronando sua segurança postiça.

“Encontrar-nos-emos no Palácio da Justiça, em breve.

“Até lá!

“Agora descanse, consciência infeliz.”

A missiva não trazia qualquer indicação. Fora postada no Correio Central, em Paris.

Suzette por pouco não desfaleceu. Examinou com sofreguidão as demais correspondências, deparando com uma segunda, datada uma semana depois, em termos mais ultrajantes:

“Infanticida!

“Após desgraçar tantas vidas, você consegue dormir?

“Gostaria de vê-la, neste momento, tentando descobrir-me. Eu sou a consciência das infelizes, despertando, que agora clamamos por justiça.

“Estamos provando a desgraça íntima que nos amarfanha e você deve participar do nosso desar, quanto contribuiu para ele.

“Denunciei-a, infame. Você também pagará.

“Arruinar-me-ei mais, contudo derrubá-la-ei, levando-a na minha queda.

“Aguarde e tenha paz!. .. ”

Não a visitou o sentimento do ódio qual ocorre comumente. O expediente do anonimato, em si mesmo, já é abjeto, traduzindo o grau evolutivo de quem dele se utiliza.

A dor que a punziu foi decorrente da presença da verdade, embora maleivosa nas cartas acusadoras.

As farpas do ódio com que estavam impregnadas produziram-lhe estranha e aguda sensação de dor. O petardo mental do rancor da missivista acompanhou a mensagem infeliz e alcançou a destinatária, não armada, ainda, para esse tipo vil de agressão, de que se servem os ignóbeis atormentados, sequazes da perversidade.

Recordando-se, instintivamente, das sábias instruções recebidas há poucos dias, no passeio de despedida, em Nantes, Suzette buscou acalmar-se e, apesar do tumulto íntimo, tomou de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, seguiu à Biblioteca, cerrou a porta e orou.

A princípio rogou forças para suportar o transe, depois suplicou pelo inditoso algoz. Por fim abriu o “Livro da Vida” e leu incomparável página de consolação, que lhe valeu por vigoroso calmante e seguro amparo.

Suzette compreendera qual a verdadeira finalidade da fé e a grandeza da missão do Espiritismo no mundo.

Meditou demoradamente, entregou-se a Deus e deixou-se tranquilizar pela confiança nos desígnios superiores.

À noite apresentou a correspondência malsinam-te ao esposo, que, passado o primeiro momento da surpresa, a considerou de nenhuma importância, sugerindo que, de futuro, ao perceber o conteúdo de tais cartas, as destruísse antes de intoxicar-se.

— O objetivo de quem assim procede, — complementou o lúcido Julien, — é inquietar, nada mais.

“Atormentados se comprazem em afligir. Percebendo que não atingiram a finalidade desistem.

“A ofensa não merece nossa consideração.”

— Se por acaso — interrogou Suzette com alguma preocupação —, a missivista estiver doente e notificar a Polícia, irrompendo um escândalo... Você já imaginou ser envolvido?...

— Examinaremos o assunto — interrompeu-a o confiante consorte, — quando isto acontecer. Não sofreremos por antecipação, padecendo algo que, possivelmente, não acontecerá.

“E se acontecer, louvado seja Deus! Não seremos os primeiros e encontraremos forças para superarmos o que houver. O essencial, agora, deverá ser esquecermo-nos do mal para continuarmos haurindo o bem.”

A paz retornou aos Hottsmann, embora o espectro da *vendetta* por parte da agressora, por sua vez infeliz, que se fazia instrumento dos seus e dos inimigos da médica em redenção, que a não perdoavam no processo de santificação a que se impunha.

Enquanto chafurdava no crime recebia o aplauso dos delituosos.

O preço, porém, da ascensão decorre do suor, do cansaço, da aspereza da subida. E Suzette-Sara estava galgando a montanha da felicidade.

Nos dias subsequentes o lamentável acontecimento já estava esquecido.

A acusadora, porém, delatara a médica ao Ministério da Justiça. Alertava que o consultório *chic* fora fechado, prosseguindo, no entanto, em *Clichy*, o que não mais era verdade, duas vezes por semana, na sanha criminosa.

Dizia-se sua vítima, exigia sindicância, rogava justiça.

A primeira carta não recebeu maior consideração. As posteriores, no entanto, pela carga miasmática de que se faziam portadoras, contaminaram a Autoridade encarregada do assunto, que passou a discreto inquérito indireto, sindicando quem era a médica, sua família, seus ascendentes, sua posição social...

Em face da análise dos dados colhidos resolveu--se por arquivar a criminosa denúncia, quando nova carta ameaçava escândalo pelos jornais, tornando conivente o Ministério.

Sem qualquer possibilidade de identificação da missivista, que se utilizava de material comum e máquina datilográfica, o caso foi encaminhado à Comissária de *Clichy* para uma sindicância.

No local a médica era amada. Desde antes respeitada, nos últimos tempos conquistara os mais obstinados, através da bondade natural, pela perseverança no bem servir.

Assim, mesmo, o Comissário conseguiu uma alcaguete que servia para misteres que tais, instruindo-a para desmascarar a médica, com o fim de

lavar-se um flagrante.

A infeliz aquiesceu, a soldo de receber perdão por outras falhas, com que a sordidez humana negocia justiça.

Assim, sem afetação, no dia em que a médica, ora acompanhada por Angélique que lhe cuidava da saúde, veio à Clínica, no programa bissemanal, a última cliente que se adentrou era ela. Aparentava vinte anos. Sofrida, trajada com roupas adquiridas em bazares inferiores, fazia-se o protótipo da mulher do povo mais acoimado pela miséria.

Passada a introdução para a ficha de anamnese, a ginecologista sindicou-lhe os sintomas da enfermidade, recebendo a resposta quase comum:

— Estou esperando um filho.

— Oh! muito bem!

— Não posso tê-lo, senhora doutora.

— Como não?

— Fui seduzida pelo meu amo, que é casado e impôs-me...

— Ele não tem esse direito.

— Eu sei. Porém o amo e temo perdê-lo.

— Isso, no entanto, é loucura, e não amor. Não a ama esse homem. Que espera dele? Como pode rentear com a esposa, no mesmo lar, traindo-a?

— Perdoe-me ! Este filho, porém...

— Seja clara. Que deseja de mim?

— Disseram-me... Uma amiga informou-me de que a senhora podia salvar-me nesta situação.

— Pois não, ajudá-la-ei a ser mãe.

— A doutora não me compreendeu.

— Seja, então, explícita.

— Não posso, nem quero esta criança.

— Interne-a, depois, num Asilo para abandonados.

— O que eu preciso, doutora, é de um *avorton* ...

— Fora daqui! Saia, já, do meu Consultório. Rua! Não perca tempo.

Suzette descontrolou-se. Angélique da sala contígua ouvindo-a, exaltada, acorreu, indagando:

— Que passa?

— Esta pobre mulher vem pedir-me um...

— Como se atreve? Por favor, sua consulta está encerrada. — Disse, Angélique.

— Eu posso pagar e pagarei muito bem. — Acrescentou a alcaiete da polícia.

— Leve-a daqui, Angélique, por favor. Faça entrar a próxima. Você errou de Clínica, minha filha ...

A jovem ergueu-se, arrumou-se com displicência e rugiu:

— Se eu fosse rica...

— Seria o mesmo. — Concluiu a enfermeira. — Aqui se salva. Não se mata. Vá em paz!

A estranha cliente saiu apressadamente e ganhou a movimentação da rua.

Não havia mais ninguém a atender.

Angélique acercou-se da amiga e inquiriu :

— Então?!

— Já passou. Pobre menina louca! Apiedo-me. Poderia ter sido mais delicada com ela. Descontrolei-me.

— De forma nenhuma. Em certos momentos a energia e até mesmo a rudeza são os mais eficientes recursos para determinados fins.

Realmente. A decisão e o vigor com que reprovou a solicitação delituosa, a segurança na atitude convenceram a mulher quanto à inocência da dra. de Niesenbaum.

Relatando com detalhes fieis o ocorrido ao Comissário, o processo foi devolvido com o parecer de perigosa calúnia e sugestão de arquivamento.

A acusação, anotara o Comissário, não merece crédito, por partir de *un pas grand chose*.¹⁰⁶

Os adversários do bem haviam malgrado nos ardis e tramas trevosos de que se utilizam para os seus fins criminosos.

Suzette-Sara avançava com segurança, seguindo as pegadas de Jesus. Mantinha piedade pelos que caíam, nenhuma condescendência mais para o erro e a queda.

8 NOS TORMENTOS FÍSICOS E MORAIS A ESPERANÇA DO CORAÇÃO

O inverno iniciou-se rigoroso com chuvas, que precipitaram o frio.

Em novembro, Mme. de Couberville foi acometida por forte resfriado que lhe afetou os brônquios. A vitalidade que a sustentava, como se esgotada rapidamente ao império da infecção, tornou a simpática senhora alquebrada, mais envelhecida.

Os Hottsmann e demais amigos do “Círculo Caridade” com solicitude buscaram atendê-la e instaram para transferi-la para uma Casa de Saúde onde receberia carinhoso e contínuo tratamento.

Desde a desencarnação do esposo, ocorrida dez anos antes, viveria sozinha, não fosse a assistência de dedicada ama lionesa, agora membro do coração.

Não sendo abastada, podia viver com regular conforto, repartindo os recursos com a auxiliar numa vida de tranquilidade econômica. Também espírita,

Gabrielle se aproveitava das habituais férias de verão para retornar aos sítios queridos do seu nascimento. Desse modo, nos dois últimos períodos ficara por mais tempo com a família, enquanto a amiga e benfeitora rumara a Nantes.

Arcando com os trabalhos da casa e da cozinha, um confortável apartamento de primeiro andar, próximo ao *Palais Royal*, acompanhava a senhora em passeios frequentes pelos imensos jardins do Louvre, que lhes propiciavam infinito bem estar.

Ante o esvaecimento das forças de que era vítima, a zelosa *gouvernante* receava-lhe agravamento da situação.

Aos primeiros dias de dezembro, subitamente a senhora foi acometida de febres altas com sintomas de delírios e asfixia. Gabrielle, seguindo instruções de Suzette, notificou-lhe a piora da enferma por telefone. Menos de duas horas depois Suzette e Julien, acompanhados de um esculápio de confiança, irromperam pelo apartamento em providência urgente. O estado da veneranda senhora fazia-se muito grave. Instalara-se insidiosa pneumonia, que requisitava cuidados especiais e contínua assistência.

A conselho do médico fazia-se imperioso o internamento hospitalar para que se pudesse debelar o mal.

Ante a aquiescência de Gabrielle preocupada, foram tomadas as providências compatíveis e a transferência foi procedida sem gravâmes. Não obstante a melhor terapêutica Mme. de Couberville foi vencida pela coma, desencarnando três dias após.

Lembrava uma ave que ficara aprisionada numa sutil gaiola de neve transparente e se libertara ditosa, com facilidade, rompendo os débeis impedimentos, a fim de rumar em voo de luz pelos céus infinitos.

Partia da Terra aos sessenta e cinco anos de idade, permanecendo viva na lembrança e no coração da família espiritual que recompusera nos últimos

tempos da vida orgânica.

Exercera a mediunidade com intervalos, mas com elevada dignidade, por mais de quarenta anos. Pelos filtros da sua psicofonia sonambúlica falaram os imortais, consolando, erguendo combalidos e ensinando liberdade ante a luz sublime do Espiritismo.

Caráter diamantino, jamais cometeu simonia direta ou indiretamente, apoiando-se aos alicerces da estrutura Doutrinária em que alcançava forças para todos os cometimentos e lutas. Possuidora de otimismo, irradiava a simpatia que decorre da serenidade e do equilíbrio interior.

Notificados alguns dos parentes que residiam em Paris, outros em Lyon, foi inumada no dia seguinte, no *Cimetière du Nord*, em Montmartre onde repousavam os despojos do companheiro querido.

Apesar do frio intenso amigos e beneficiários da sua bondade acompanharam-na à última morada física.

No momento grave da inumação, visivelmente emocionada, Églantine, em nome do “*Círculo*”, orou a “Prece de Cáritas”, tocando todos os presentes.

Enquanto se cerrava a sepultura, a gentil moçoila acrescentou:

— Não é adeus, senhora! Aguardai-nos e preparai nosso lugar, vós que detendes o conhecimento da vida e lobrigais a eterna alvorada. *Au revoir!*

Encerrado o seu ciclo terreno a fiel servidora seguia ao imediato repouso, a fim de prosseguir no ministério do amor e da caridade logo depois.

Os que retornavam ao *vade-mecum* do cotidiano não sopitavam as saudades de envoltas no silêncio e na gratidão.

No lar, enquanto era servido um chá aos familiares, Suzette quebrou a prostração geral, asseverando :

— Fui a maior beneficiada pela sua preciosa existência. A sua partida, assim imprevisível, arrebenta-nos algo por dentro, produzindo imenso vazio.

— Todavia, — arguiu Julien — não aprendemos que morte é vida? Foi-se a presença física, não, porém, seguirá jamais, a presença das suas lições, ora insculpidas em nossa vida, indelevelmente sinalizando nosso procedimento moral. Todos lhe devemos muito.

Adelaide, que sempre se recatava na discrição, interferiu:

— Verifico que a vida é um contínuo dizer adeus.. . Cada dia, toda noite rumam ao passado ; alegrias e dores seguem céleres para o ontem; lutas e aspirações, paixões e ideais fogem para o pretérito... Se olhamos à frente, trazemos a alma referta do que se foi.. . Só o amor não passa.. .

“Quanto amei e amarei a suave velhinha, não saberia dizê-lo. *Au revois*, senhora. Ajude-me, desse lindo país que você nos ensinou a amar e por onde agora transita, na condição de anjo bom do Senhor.

Michel abraçou-a, ternamente. As lágrimas de carinho e gratidão, represadas, fluíram, nobres, em nome do amor.

Orvalho dos sentimentos, a lágrima é a pérola que se oculta no coração e fulge, diluindo-se pela concha dos olhos.

★

Desde então, vez que outra Suzette-Sara, quando sentia necessidade de ouvir, no silêncio, a voz de Deus, não adestrada, ainda, ao mergulho total na oração, em qualquer lugar, porquanto a Casa de Deus é a Natureza, buscava a *Madeleine* para fugir do mundo, nas asas da meditação. Sintonizava-se com as vibrações que ali impregnavam o ambiente, partidas de milhares de corações fieis e falava sem palavras à rediviva de Magdala.

Embora por veredas diferentes ambas chegaram ao sublime amor de Jesus.

A primeira saída da ilusão dos perfumes e da sensualidade para o crestado peregrinar pelo ascetismo da renúncia e da abnegação, até a oferenda total da própria vida. Ela transitara pelo labirinto da adversidade e do crime de outro matiz, defrontando o Senhor numa terrível encruzilhada, resolvendo-se segui-Lo com fervor.

Sim, seus dramas se equivaliam pela intensidade das quedas e pela força da revolução para o soergui-mento, libertando-se do caos.

Angélique acompanhava-a, distinta e afável. Irmã pelos sentimentos sublimes, substituíra Germaine, como somente podem fazer os que amam desde eras priscas...

Sabendo das homenagens que se ofereciam ao *Curé d'Ars*, em *Notre Dame*, dias após às festas e bulícios, num entardecer, a senhora de Niesenbaum

Hottsmann, debilitada, correu àquele Templo gótico a falar-lhe, num solilóquio de dor, na expectativa da sua inspiração.

— Salvai-me! — bradou de dentro da alma, — *Saint Curé d'Ars!* Ajudai-me, agora, quando eu creio, a reparar, pelo menos a reparar...

Estava diante da estátua esculpida por Marcei Spranck.¹⁰⁷

Era outono em Paris.. .

Passaram-se dez meses desde a desencarnação de Mme. de Couberville.

Suzette-Sara ia ser novamente submetida à *mas-tectomia* no lado esquerdo. O câncer reaparecera.

Deveria internar-se no dia imediato, por isso viera orar e recordar o Santo Vianney que lhe clareara a alma anos antes, na inolvidável comunicação no *Château* de Niesenbaum, através da médium querida.

Sem a sua presença física experimentava a ausência da palavra alentadora, que agora somente na Doutrina dos Espíritos oferecia-lhe resistência para os próximos lances de dor.

Rogava tempo, sim, não porque temesse a morte, antes para melhor utilizar a vida na reparação que se impunha.

Amparada à Angélique, conforme iniciamos este romance, após as orações e reminiscências que lhe perpassaram pela mente e que narramos, no

Primeiro Capítulo da Primeira Parte, demandaram Paris, a fim de seguirem à *Avenue d'Inkermann, em Neuilly-sur-Seine*.

Ao Segundo Capítulo da Segunda Parte referimo-nos à chegada das orantes ao palácio, a fim de esperarem Julien, que ultimava os trâmites para o internamento da amada paciente.

Não percebera Suzette a presença da incomparável senhora de Couberville que viera, em nome do Benfeitor, acudi-la, no momento da oração sentida e elevada.

Nenhuma súplica aos Céus se demora sem a competente resposta. Certamente, nem sempre a que se deseja receber, porém, a que traz melhores resultados e benefícios ao suplicante.

Os Divinos Ouvidos tudo registam e sua Excelsa Misericórdia a tudo provê.

Naquela noite o casal orou unido, suplicando a ajuda do Alto. O esposo sempre otimista dissimulava a preocupação que o macerava. A prece, portanto, produziu-lhe infinito bem-estar.

Deitaram-se, confiantes.

Uma amargura insopitável aninhara-se na enferma. Não conseguia equilibrar-se emocionalmente. Presságios funestos atormentavam-na. Aliás, desde há alguns dias percebia-se assediada pelas Forças Inferiores do Mundo Espiritual de que não se conseguira libertar *in totum*.

Nesse transe, necessitando de um repouso que lhe não chegava, recordou-se de Mme. de Couberville e passou a rememorar as palavras, instruções e interferências oportunas de que sempre aquela se fizera instrumento abençoado por Deus.

Ocorre, que, a Amiga Espiritual sentindo-a apreensiva e teleguiada por sicários do pretérito, acercou-se, modificando-lhe o rumo do pensamento excruciado e ajudando-a com o magnetismo salutar.

Aplicou-lhe revigorantes fluídos com poder anestésico, após o que, desdobrou-a, mediante o sono reparador.

Recebendo-a, na Esfera Espiritual, Suzette identificou-a, jubilosa.

— É da Sabedoria Celeste — acudiu a desencarnada, — que os nossos erros sejam reexaminados, a fim de ser avaliada a extensão das nossas responsabilidades. Alguém que lhe é muito caro, dirigir-nos-á.

A médica não teve tempo para quaisquer considerações, sequer para externar o júbilo que a invadia.

— Filha: — escutou, ditosa. — (Era o amado Espírito Guia de quem se distanciara, que retornava a falar-lhe.) Nunca estivemos separados. Obstáculos vibratórios impediram-nos a comunicação. Agora, tudo já passou, e consignamos a importância das tuas valiosas conquistas e propósitos de santificação.

“Enquanto, porém, o passado estiver no presente, seremos convidados à depuração, até que somente a esperança do futuro seja o sinal à frente concitando-nos ao avanço.

“Saíamos daqui.”

Sem poder explicar como sucedera, Suzette descobriu-se no Château de Niesenbaum, amparada pelo Guia e acolitada pela amiga.

— Trouxemos, também, Espíritos que são muito amados ao teu coração para a presente entrevista. — Informou-a, compassivo.

Suzette viu dois seres em doce enternecimento, acercando-se dela.

Não se conteve: saiu a correr e abraçou-os em pranto. Eram seus pais, redivivos.

Liberta da alienação, Charlotte sorria, envolvendo a filha diletta na unção de infinito carinho. Moy-sés-Felipe continha-se a custo. Não havia palavras com que se pudessem externar todos os sentimentos, naquela hora bendita.

Também ali estavam Renet-Pierre e Germaine envoltos por um halo de tênue claridade, recebendo a amiga querida com expressões de justo contentamento.

— Reunimo-los, — advertiu, oportuno, o Instrutor Espiritual, — a fim de apresentar à nossa convidada, ainda emaranhada nos vínculos carnis, o exame do passado que lhe aclarará algumas incógnitas, ajudando-a nas últimas lutas desta atual conjuntura. ..

“Dispensando-nos antecedentes inessários, recordemos o período do *Terror*.¹⁰⁸

“Como houvesse estrugido em Nantes uma revolta procedente dos vendeanos, foi enviado a esta cidade o truculento Carrier,¹⁰⁹ cuja memória recordaria desgraça e destruição a fim de sufocar a rebelião.

“O impiedoso esbirro do *Terror* não mediu consequências para desincumbir-se da odiosa tarefa. A fim de facilitar a execução em massa, prendia os rebeldes em barcos de fundos falsos que afundava durante as noites nas águas do Loire. Seus crimes insaciáveis assassinaram mais de quinze mil vítimas comprometidas ou não em um breve período. Foram tão volumosos os afogamentos, que o Líger ficou demoradamente poluído pelos milhares de cadáveres.

“À sua chegada à cidade, nos primeiros dias de outubro do infeliz 93, foi recepcionado por respeitável casal de intelectuais que apoiavam a Revolução: Sr. e Sra. d’Attenville, por ele recompensados posteriormente com imponente Castelo na margem esquerda do Loire...”

Fez uma oportuna pausa na descrição.

Graças a um processo de mentalização hipnótica, à medida em que o Espírito narrava, as cenas se desenrolavam como em imensa tela viva de um peculiar cinematoscópio. Os presentes acompanhavam os acontecimentos, enquanto, os nele implicados, experimentavam as emoções e dramas do momento evocado.

Reviram, assim, a chegada de Carrier e a onda de crimes selvagens. Os gemidos e o horror das vítimas passavam sufocados pela galhofa e embriaguês dos bandidos.

No casal anfitrião do criminoso, Suzette se identificou e a Michel, consorciados.

Sentiu-se estarrecer. Antes que formulasse qualquer indagação, o Mentor elucidou:

— Àquele tempo te encontravas casada com a quem hoje te comparte fraternalmente a vida: Michel. Ereis, então, os genitores de quem, em Nimes, mais tarde, arrimada a uma confissão religiosa arbitrária, estimularia a matança de inocentes, conforme já vimos.

“Germaine e Renet-Pierre haviam sido respectivamente tua mãe e o genitor do teu esposo.

“Os vínculos da vida não se rompem facilmente. Mudam as paisagens, alteram-se as posições, modificam-se as personagens e a vida prossegue ensinando, educando, corrigindo, no rumo do fanal de todos: a perfeição!”

Suzette sentia-se invadida por indefiníveis sentimentos.

Desejou indagar por Julien-Paul.

Não se atreveu, porém. Receou ser importuna a interrogação. E o era.

A consciência asseverou-lhe que ele provinha de mais remota existência, na condição de benfeitor da sua vida.

As dores resignadas que ele padecera com a família e as que sofrerá na guerra, com elevação, o seu trabalho que ajudava com dignidade centenas de famílias entre técnicos e operários, afiançavam-lhe a maturidade e realçavam a sua elevação moral.

Tudo se lhe tornara claro: a desdita dos pais e a perda dos bens; a expulsão do lar com Michel e as irmãs, na calada da noite, amparada por Germaine e Margueritte ; a devoção de Renet-Pierre por Michel.. . Arrumavam-se as pedras do enigma e se resolvia o problema antes indecifrável. Ajustavam-se as peças com perfeição e se refazia o ambiente, o clima de justiça da vida.

— Pobre Humanidade! — Referiu-se Suzette, indagando. — Quando compreenderá as Divinas Leis?

— Oportunamente. — Redarguiu o Mensageiro Espiritual. — Tudo acontece no momento próprio. O Senhor não tem pressa. Consoante ocorreu conosco, cada um, a seu turno refará o caminho percorrido, fazendo a paz com o próximo e harmonizando-se com a sua e a Consciência Universal.

“Carrier e seus sequazes volveram à Terra mais de uma vez, desde então.. .

“É da Lei : o infrator recomeça no local em que perpetrou o crime.”

Os presentes encontravam-se edificadas, passadas as cenas truanescas que foram evocadas.

— Poderás compreender — prosseguiu o expositor — os rumos que seguias, adicionando pela rebeldia, aos débitos existentes os novos delitos que perpetravas ?...

— Chamou-me o Senhor na hora exata. — Concordou a desdobrada pelo sono físico. — Não escutando a sua voz, não me pude furtar à evidência através de Madame...

— ... Que conduzimos ao teu coração.

Sorriu o Benfeitor Espiritual.

— Todos nós — concluiu — nos vinculamos espiritualmente ao bem-aventurado Maria Vianney, o dispensador de graças sobre nossas vidas, em nome de Jesus.

“Expurga toda sombra, liberta-te de toda opressão do passado.

“Tem paciência, alenta os amigos e amores nossos, que te partilham a vida.

“A nossa ascensão se sustenta no soerguimento daqueles aos quais amamos.

“Por mais padeças, não ignoras a procedência dos sofrimentos e a sua necessidade atual como refrigerador e libertador da tua alma.

“Que o Senhor de todos nós te abençoe, e até breve !...”

Silenciou a voz canora. Os presentes se abraçaram. As cenas no jardim tranquilo do *Château* esmaeceram e Suzette despertou suavemente.

Amanhecia em brumas lá fora.

Orou comovida e afervorada.

Nos painéis mentais estavam vivas as cenas de que participara no formoso fenômeno onírico. Dete-ve-se, enlevada, confiante e reconhecida a Deus.

Quando o esposo despertou, revigorada pela dádiva imerecida, narrou-lhe o sonho ditoso, mediante o qual, diluídas as barreiras, conseguira penetrar na Esfera da Vida verdadeira.

★

Os médicos que procederiam à intervenção cirúrgica em Suzette não ocultaram ao engenheiro a suspeita da metástase. A récidiva fora rápida. Havia perigo de com a nova cirurgia o processo cancerígeno acelerar-se. Todavia, recomendavam-na, assim mesmo.

Para surpresa geral a paciente suportou valorosamente a nova amputação e o tratamento radioterápico.

Embora o seu emagrecimento exagerado, reagiu bem, havendo superado o inverno sob dores rudes com estóico espírito de luta pela sobrevivência.

Retirada da vida social com a discrição possível, não se conseguiu, porém, liberar à parlapatice da frivolidade em que eram hábeis as pessoas desocupadas.

Visitada pelas antigas amigas, mais por curiosidade do que por sentimento fraternal de solidariedade, comparava o seu novo com o nível mental de que eram objeto as atormentadas que a vinham desanimar, face à suprema ignorância em torno das leis da vida.

Quando lhe perguntavam como era possível suportar o acervo de tantas dores, respondia, jovialmente :

— O arrimo da fé é força na minha alma e tudo se me faz suave.

Mme. Bointreaux após visitá-la, não sopitou com outras amigas uma ácida referência:

— Está pagando o que fez, certamente, coitada !... Eu não suportaria isto. Matar-me-ia. Ora. mas isto somente acontece a quem merece, porque Deus é muito justo...

E resmungava algumas objurgatórias, na sua desmedida distonia moral e mental.

Suzette percebeu-lhe o olhar, mas não se surpreendeu sequer. Embora fosse a pessoa que a estimulava à queda, não lhe guardava qualquer rancor, antes lhe devotava um terno sentimento de piedade.

Sabia de *motu próprio* como era o transitar por aqueles caminhos.

Anelava partir da Terra sem mágoas, não levando à memória de quaisquer inimizades. Orando, não olvidava de revisar mentalmente os atos, ao enunciar: “Perdoai as nossas dívidas, assim como perdoamos ...”

Conseguira apagar todos os rancores e perdoar de coração, confiando, por sua vez, no divino perdão.

Ao desabrochar das primeiras flores, em Paris, deperecida e sentindo a inutilidade das terapêuticas, confiante na Vida, Suzette rogou a Julien a felicidade de desencarnar no lar em que nascera.

O esposo fiel que a acompanhava e permanecia ao seu lado sem cessar, lendo, distraíndo-a, confortando-a, aquiesceu prestamente, e, em ambulância, assessorado por Angélique e o médico, levando o pequeno Simon, transferiu a adorada enferma para o *Château* de Niesembaum.

As margens do rio respigavam flores coloridas na relva verdejante e o ar balsâmico da Natureza estava saturado de perfumes.

Era primavera em Nantes, nas margens velu-dosas do tranquilo Loire.

9 NO RUMO DAS ESTRELAS...

Os fieis servidores, Arthur-Marcel e Marguer-ritte, receberam os amos com efusivas demonstrações de carinho. Não puderam sopitar a dor e a surpresa ante a querida senhora cadaverizada, verdadeiro espectro lutando pelas migalhas da sobrevivência orgânica. Somente os olhos demonstravam-lhe a

presença da vida, na sua transparência verde-clara. A respiração estertorada, o cansaço da viagem, o depauperamento e as dores contínuas maceravam a arrependida. A voz débil possuía pouca musicalidade. Não obstante agasalhada, o pescoço resguardado por delicada *echarpe* de seda palha, notavam-se as marcas cirúrgicas extensivas, na cicatriz avermelhada.

Seria difícil explicar os múltiplos sentimentos que invadiram Suzette, em chegando ao *Château*.. .

Cenário antigo e atual de tantas ocorrências mais caracterizadas pelo sofrimento de outras pessoas, quanto dela própria, era, também, o berço querido, a presença da infância louçã.

Conjugava os lances hediondos das últimas luzes do século XVIII, ali acontecidos, com as amarguras dos anos passados, durante a Guerra, e louvava a celeste sabedoria.

Todas as coisas e acontecimentos ajustavam-se num quadro de perfeita harmonia.

A lapidação que arranca da gema a beleza oculta produz no homem, pelas mãos do sofrimento, a libertação da ganga moral que o impede de brilhar, na pureza que traz, inata, das Fontes Divinas donde procede.

Recordou-se da amiga de Couberville despedindo-se do local que amara, ato bem diferente do cardeal Júlio Mazarino, que antes de morrer fizera-se carregar pelos servos, despedindo-se dos tesouros que possuía através da ilicitude e se via obrigado a deixar... Não era um adeus aos objetos, mas um sentimento de gratidão às reminiscências abençoadas de alegria e de dor, aos locais onde armazenara luz e esperança. Isto, sim, desejava tributar, qual fizera Madame, no dia da precognição da sua partida...

Na tela da memória escutava a voz argentina e os verbetes bretões de que gostava Germaine, quando a advertia.

Os primeiros dias foram, então, só evocações, a viagem pelos dias do passado organizando a bagagem para os sucessos próximos, que iriam culminar no desenlace orgânico.

Sentia-se preparada para a desencarnação, no entanto, a alma se demorava retalhada pelas dores morais, pensando em Julien, o anjo da fidelidade amorosa, em Simon, o serafim das suas últimas alegrias, em Angélique, a abnegação e o respeito, em Michel e Adelaide que chegaram apressadamente, a solicitação do esposo, em Marguerritte que lhe massageava as pernas com óleos perfumados e chorava, justificando-se resfriada... Considerava-se feliz, sempre sustentada pelo puro amor em sua volta. Agradecia a Deus as dores superlativas decorrentes da metástase cruel, sob o conforto moral que desfrutava.

Instada pelo médico a sedar-se, argumentava :

— Desejo fruir o pouco tempo...

— Todavia, há que pensar no coração enfraquecido ...

— Que diferença farão poucas horas a mais ou a menos para quem vai entrar na vida inextinguível?!

Nas constrições da dor, podiam-se ver-lhe os tendões e artérias exaltados, intumescidos, e nos sucessivos vágados de que era vítima, adivinhavam--se as dores selvagens que a vergastavam. Sem embargo, sobrepondo o espírito ao corpo, recobrava alento e prosseguia diluindo-se nos fornos da purificação donde iria sair o ouro puro, refundido e brilhante...

Julien concitava-a ao repouso pelo anestésico e ela redarguia com leve delineio de sorriso na máscara mortuária, gravada na face desfeita:

— Necessito retribuir... na lucidez do sofrimento . . . com bênçãos..., os males que pratiquei.. .

— Não seja seu próprio juiz. — Confortava-a, em lágrimas. — Jesus é bondade e amor. Recorde-se. Oh!, minha amada, que será de nós, os que ficaremos no vale das sombras?

A resistência moral do devotado amor rompia-se na comunhão da dor e da saudade antecipada.

— Jamais.. . nos separaremos... — Contestava, retendo a agonia. — Há vida além... Quando possível voltarei... Já ao seu lado.. ., Deus permitindo-

me..., volverei Julien... aos seus braços... Confie e acalente a esperança... da felicidade.. .

“Recorde-se do nosso... encontro em Saint Nazaire..., do nosso eterno.. . noivado...”

Faltavam-lhe as forças.

Passaram-se dez dias desde que retornara ao *Château* e se transformara em menos que uma sombra.

Havia solicitado ao esposo exéquias simples, sem qualquer atavio e inumação no modesto cemitério suburbano de Saint Nazaire. Se possível gostaria de ouvir a oração de Cáritas.

Églantine, informada da proximidade da desencarnação da amiga, apressou-se a chegar. Madre Geneviève e mais duas amigas do “Círculo” vieram despedir-se.

No décimo primeiro dia com a Alva, já em coma despertou, tentou erguer-se do leito e balbuciou:

— Julien... Meu amado Julien...

Todos acorreram, que se encontravam em vigília pelas proximidades.

O médico preparou-se para aplicar uma injeção anestésica, mas Suzette, debilmente, falou:

— Estão aqui... Madame, oh! Madame! Mamãe ... Papai, Germaine...

“Amanhece! Apaga-se a noite.. ., começa o novo Dia... Oh ! meu Deus !...

Com toda lucidez, vagueou o olhar pelos rostos em lágrimas e concluiu:

— Não chorem... Sigo feliz... *Au revois!*...

Após uma pausa, ofegante, arrematou:

— “Deus, Nosso Pai... ”

Iniciara a Prece ditada pela jovem que fora martirizada em Roma.

Distendeu os braços trêmulos. Julien e Angélique seguraram-na.

Desencarnou Suzette-Sara d’Aiglun Furquet de Niesembaum Hottsmann, após redimir-se.

O pranto espocou em todos.

Trêmula, Marguerritte saiu da câmara mortuária, enxugando o rosto.

Ninguém se recordou de Simon.

Nesse comenos, despertando, o pequenino a choramingar, adentrou-se, chamou : — Mamãe !...

Cumpriu-se a Lei.

Églantine vivamente inspirada, retendo a angústia da hora, era a imagem viva dos cristãos primitivos ante os desencarnados queridos, que regressavam à Pátria. Prosseguiu a oração que fora psicografada por Mme. Krell:

— “Que sois todo poder e bondade, dai a força...”

Madre Geneviève ajoelhada não ocultava as lágrimas. Julien abraçou-se a Michel e Adelaide a Angélique ... Mesmo o esculápio, que se acostumara a cenas que tais, ungiu-se de respeito e deixou-se lacrimejar, sinceramente comovido.

Qual avezita necessitada e exausta na luta contra a tormenta, em tentativa inútil de salvar o ninho, Suzette estava sendo recebida com cânticos pelo

grupo que a aguardava. Entre eles, os amigos amados, encontrava-se Simone ainda em convalescença de larga duração, agradecida pelo recolhimento ao filhinho, que, agora na Terra, a aguardava para futuro consórcio de reajustamento e depuração...

Como do seu desejo foi sepultada junto às irmãzinhas e aos bretões, entre *capucines, rosier-ja-cqueminnottes e ipomoea graziovii*.¹¹⁰ O suave entardecer convidava ao recolhimento e à oração.

Églantine outra vez orando fazia-se acompanhar por desconhecidas *fauvettes e calandres* que duelavam em gorjeios de inolvidável beleza.

A Natureza que lhe fora tão amada apresentava-lhe, também, sua homenagem final.

Havia festa no ar, e, apesar dos corações saudosos que ficavam, afeiçoados amigos jubilosos, saudavam-na, despertando no país do permanente Lar.

★

Desde 36 a inquietação política prenunciava os cúmulos borrascosos, que fariam desabar a tremenda tempestade que se iniciaria três anos mais tarde.

Em França, os partidos da esquerda através de uma campanha violenta elaboraram e constituíram uma “Frente Popular”, conseguindo vencer as eleições.

Leão Blum foi convidado a formar o novo ministério, sem conseguir manter-se por muito tempo. Menos de um ano depois foi substituído por Bau-champs, que logo cedeu o lugar a Deladier...

Graças a um infeliz apaziguamento com a Alemanha hitlerista que se preparava com objetivos de recuperar-se do desastre passado, galvanizada pelo infeliz militarismo beligerante e pela paulatina extinção dos judeus ante o discreto beneplácito de muitos povos, no qual concordava Chamberlain, da Inglaterra, aquiesceu-se no retalhamento da sofrida Tcheco-Eslováquia.. .

Estava armado o esquema para a criminoso agressão que se iniciaria a 3 de setembro de 1939, obrigando a Humanidade pagar um tributo que se alonga até estes dias, através das calamitosas consequências que dilaceram todo o mundo, particularmente a atônita, violenta, sexólatra e toxicômana Juventude, ressalvadas suas respeitáveis exceções...

A situação política, portanto, naquele primeiro trimestre de 38, apresentava os sinais da crise, prenunciadores das futuras calamidades que ocorreram.

Antes de os enlutados corações volverem a Paris, Madre Geneviève solicitou a Julien e familiares passarem por “La *Villette*”, a fim de conhecerem o desdobramento do “Lar de crianças”, numa ampliação do abrigo mantido pela Ordem, na Capital.

Duas jovens religiosas belgas, convidadas pela abnegada Madre, cuidavam de alguns pequeninos ali alojados, assessoradas pelos felizes *ménagères* e duas irmãs leigas bretãs encarregadas dos misteres mais vigorosos.

Com a alma pungida pela ausência física de Su-zette, Julien prometeu à querida amiga, mãe dos orfãozinhos, providenciar que todas as despesas da Casa, doravante, correriam por sua conta e responsabilidade, como pálido tributo de gratidão, a quem lhe fora a felicidade terrena.

¥

Angélique solicitou a Julien permissão para prosseguir no lar, como ama de Simon.

— Serás em nossa Casa — respondeu-lhe o viúvo, triste, — a tia carinhosa e amada do nosso filho, a doce lembrança da minha adorada Suzette.

Compareceu à solenidade fúnebre de 30.º dia, solicitada por Madre Geneviève, ato de cortesia e de gratidão.

Ofereceu a Églantine recursos para ingressar na Faculdade de Medicina, a cujo sacerdócio desejava entregar a existência, e aquinhoou o “*Círculo Caridade*” com meios para manter o seu programa de amor.

Digamos sem rodeios: com a desencarnação de Suzette, desapareceram as emulações para Julien, exceto a presença do irrequieto Simon, que passou a tomar-lhe as atenções e exigir de Angélique redobrada atividade.

O tempo transcorre lento para a saudade e a expectativa, nunca, porém, para a alegria e a felicidade.

Com a guerra Julien teve que cerrar o Escritório, modificando a estrutura e mecanismo do seu trabalho. Embora mantendo o Solar da *Avenue d’Inker-*

mann, passou a residir no Château de Niesembaum, acompanhado pela devotada Angélique e por Simon.

Não voltou a consorciar-se. Mantinha poderoso o vínculo de fidelidade com Suzette.

Veza que outra os familiares e os amigos do “*Círculo Caridade*”, naqueles aziagos dias da Guerra, iam passar dias com ele, oravam em conjunto, liam, reviviam os dias passados.

Églantine fora convocada e auxiliava como enfermeira, em Paris.

Madre Geneviève transitava entre Paris e Saint Nazaire, que havia sido duramente castigada e jazia semi-destruída pelas bombas.

Transferira as crianças para Paris e deixou “*La Villette*” parcialmente afetada aos cuidados dos *ménagères*.

Encontrava-se cansada e avançada em idade a angélica trabalhadora de Jesus.

Transcorria o ano de 44, quando Nantes foi alcançada pelas Tropas americanas, no grande esforço de libertarem a França.

Mesmo em face das tragédias Julien cooperava na Guerra, auxiliando a amada Pátria. Não repetia os lances do passado. Ajudava, porém, quanto possível, os *partisans* e recordava a jovem loura que o ajudara há mais de um quarto de século atrás...

Anunciavam-se as vitórias dos Aliados, quando Julien, experimentando inusitada saudade de Suzette, dor que jamais desapareceu, sonhou com a amada.

Viu-a mais bela do que nunca. Parecia-lhe uma fada. Acompanhada por Mme. de Couberville, o encontro se fez repassado de incontida felicidade para os perenes cônjuges.

Mãos dadas em elevado enternecimento, repassaram os dias da saudade e as promessas de eterna afeição.

— É da vontade dos nossos Maiores — aclarou a visitante espiritual — que eu retorne à Terra.

“Necessito ajudar a recuperar outros corações que jornadaem no mundo e com os quais me encontro comprometida.

“Além disso, a sua solidão, seus pensamentos que me alcançam em cartas e mensagens de amor e saudade, pungem-me...”

— Perdoe-me! — Suplicou ele, enxugando os olhos.

— Também eu, chamo e penso em você. — Prosseguiu, comovida. — Ocorre que o Céu só nos é ditoso se estamos com os amores da alma.

“Retornarei ao seu regaço, sequiosa de ternura, de proteção e do seu carinho.

“Filha de ninguém, como se costuma dizer, suplico a felicidade de receber a sua paternidade ao lado de Simon, pensando em nosso futuro.”

— Como a encontrarei?

— Não disse o Senhor que Ele “é o Caminho?” Ele cuidará. Aguarde-me, amor da alma!

Oscularam-se. Julien desejou reter-lhe as mãos, alongar a ditosa entrevista. Não pôde fazê-lo.

As lágrimas que lhe aljofraram nos olhos acompanharam-lhe as palavras de pungente agonia:

— Até quando?

— Muito em breve, meu amor. Transformemos as nossas saudades da Terra em flores de esperança, nas alegrias dos Céus. Espere-me, confiante. ***Au revois!***

Julien desejou segui-la.

Despertou. Estava sentado no leito. Através da vidraça entreaberta, divisou diluindo-se na cortina leve e branca o ser, o sorriso luminoso da bem-amada

que lhe acenava esperança e ventura para o porvir.

O amanhã começava agora.

Do caos Suzette-Sara ascendera às estrelas e dos astros descia à Terra para caminhar com o amor, em nome da Justiça Divina, completando os sublimes resgates pelos benefícios que deveria esparzir.

“O amor cobre toda a multidão de pecados”, dissera Jesus.

Amanhecia...

FIM

Notas

[←1]

O sacerdote francês J. B. Maria Vianney nasceu em Dardilly, perto de Lyon, em 1786 e desencarnou em Ars, em 1859. Era chamado Cura D'Ars. Foi canonizado em 1925, graças aos fatos admiráveis em que sua interferência pôde ser comprovada.

[←2]

Parvenu — Nova força, recentemente engrandecido; afortunamento.

[←3]

Turlutaines — Manias.

[←4]

Voilà-tout — Não há mais nada. Acabou-se. . .

[←5]

Au petit bonheur — À sorte.

[←6]

Faire bone chère — Comer bem

[←7]

Ofélia — Personagem de Shakespeare na célebre obra trágica:

Hamlet. Após perder a razão em consequência da morte do genitor

que fora assassinado por Hamlet, que supunha matar o rei, morre afogada no rio, em cujas margens colhe flores.

[←8]

De sua própria vontade

[←9]
1917.

[←10]

Descer à arena; entrar na arena.

[←11]

Acabou-se! Não há mais nada!

[←12]

A jovem sonhadora.

[←13]

A todo o transe.

[←14]

mangas (dos vestidos) e colarinhos postiços.

[←15]

lenços de cabeça.

[←16]

Homem experimentado.

[←17]
Felizmente.

[←18]

Primeira ordem.

[←19]
Conversador.

[←20]
À parte.

[←21]

Sarampo. (Rougeole)

[←22]

Caríssimo ônus.

[←23]

Como um cadáver.

[←24]

Antes de tornar-se Imperador dos franceses, Napoleão Bonaparte assinou com o Papa Pio VII uma Concordata, em 1801, mediante a qual a França voltava a adotar oficialmente o culto católico, concedia a distribuição de novas dioceses, confirmando as imposições da Concordata anterior, de 1516, sobre a designação e nomeação de bispos e devolvia todos os bens e liberdades à Igreja que os perdera desde 1789, em troca da proteção desta aos desejos do Cônsul arbitrário, Primeiro Mandatário absoluto...

[←25]

Cidade do Departamento de Gard, ao sul da França, também chamada Nismes e a princípio Nemausus.

[←26]

Acertar na mosca (no alvo).

[←27]

Cinzento, pardo.

[←28]

“ A verdade pode às vezes não ser verossímil.” Nicolau Boileau-Despréaux, (1636-1711) poeta, crítico e acadêmico francês. Considerado um dos construtores do ideal literário com Racine, Corneille, Molière, La Fontaine fruiu de intimidade. Evitava o pedantismo da linguagem, que combatia, como da ênfase e tudo que afastasse da natureza e da razão.

[←29]

'Aquele que está sem pecado

[←30]

Xale que os judeus usam para o culto religioso.

[←31]
Criancinhas.

[←32]

Bazófia, charlatanice, bravata.

[←33]

"Feliz aquele que pode perscrutar as causas das coisas".

[←34]

Madressilvas.

[←35]

Pintassilgos, pintarroxos, canários...

[←36]

Pintores franceses do Romantismo, movimento de reação ao estilo clássico, na música, na pintura, na escultura.

[←37]

Regateador.

[←38]

Andar numa vida airada, divertida. Mener une vie de bâton de chaise — Levar vida dissoluta.

[←39]

Grande político francês, advogado e acadêmico. Após exercer a Presidência da República por vários anos durante a I.ª Grande Guerra, fora antes Presidente do Conselho. Na época — 1922/23 — era Primeiro Ministro do país. A ocupação do Ruhr se deu em janeiro de 1924.

[←40]

Guerra leal.

[←41]

Solteiro.

[←42]

Cansada de lutar.

[←43]

Desculpe-me!

[←44]

Meretrizes.

[←45]
Abortadeira.

[←46]
Aborto.

[←47]

Técnica abortiva, então em voga.

[←48]
Partos.

[←49]

Cada pedaço de beterraba da qual se extrai o açúcar. Por eufemismo : doce, dócil.

[←50]
Do oficio.

[←51]
Lenço.

[←52]
Caftina.

[←53]

Departamento de França, que tem como Capital Alençon, cidade famosa pelos tecidos, rendas e bordados, banhada pelo rio Sarte. Com o Sena Inferior, Calvados, Mancha e Eure formavam antigamente a Província da Normandia, que fora dada aos ingleses em 911, por Carlos III, o simples, o Rolão, que os governava. Retornou à França em 1204 por Filipe Augusto. Sua capital é Ruão. A Normandia foi palco de célebres batalhas durante a Segunda Guerra Mundial, sendo suas costas escolhidas para o desembarque das tropas aliadas, em junho de 1944.

[←54]

Fora do alcance.

[←55]

Célebre enfermeira inglesa que foi fuzilada pelos alemães, em Bruxelas, por ter auxiliado soldados aliados a se evadirem, em 12-10-1915 ao lado de Filipe Baucq. Nasceu em Swardeston, Norfolk, em 4-12-1865.

[←56]

Guerrilheiros.

[←57]
A Gorducha.

[←58]

Notável religioso francês nascido em Pouy, nas cercanias de Dax, região do antigo ducado da Gasconha, em 24 de abril de 1576 e desencarnado em Paris, em 27 de setembro de 1660. Fez o curso de Teologia em Toulouse. Após fatos admiráveis tornou-se capelão de Margarida de Valois, entre outros misteres. Dorido ante as misérias humanas fez-se protetor das crianças abandonadas, das mulheres infortunadas, dos camponeses ignorantes, dos prisioneiros das galés. Com Luísa de Marillac fundou a “Associação das irmãs de Caridade” — as Luíças —. Canonizado Santo, Leão XIII fê-lo patrono mundial das Obras de Caridade.

[←59]
Dito isto.

[←60]

Criada para todo o serviço.

[←61]

Frente a frente.

[←62]

Afinal de contas.

[←63]
Ora.

[←64]

Mudar de pele — Figurativamente : mudar de vida.

[←65]

Ilustre família francesa do Século XVI.

[←66]

Quem vai nisso!

[←67]

Antes assim que pior.

[←68]

Nada de pecar por palavras.

[←69]
Então!

[←70]
Até logo!

[←71]

Recém-nascido

[←72]
Aliás.

[←73]

O que o berço oferece a tumba o leva

[←74]

Rumor (boato) e mexerico.

[←75]

Com desonestas negociatas, nas quais estavam comprometidas algumas personalidades da vida política francesa, o escândalo contribuiu para a queda do ministério Chautemps, ensejando a ocorrência dos acontecimentos dos dias 6 e 12 de fevereiro de 1934.

[←76]

“ ó santa simplicidade!” Frase atribuída a João Huss, quando vira uma velha colocar uma acha na fogueira em que ele ardia.

[←77]
Trígifo.

[←78]

Descanse em paz.

[←79]

"Antes morrer do que praticar um ato vil" . Também pode ser interpretado como: "Antes a morte que a desonra" .

[←80]

Fofoqueiros, mexeriqueiros.

[←81]
Toucador.

[←82]

João Honorato, nascido em Grasse, em 5-4-1732 e desencarnou em Paris, em 22-10-1806. Célebre pelas suas pinturas, desencarnou quase esquecido. A posteridade fez justiça ao seu gênio e à sua obra.

[←83]

Carmona; ferrolho grande que prende em cima e em baixo, portas e janelas.

[←84]

“ Batei e abrir-vos-ão” .

[←85]

Violino fabricado pela célebre família Guarnerius ou Guarnéri, da cidade de Cremona, na Itália, nos séculos XVII e XVIII.

[←86]

Antiga família e Casa que ofereceu inúmeros condes e nobres a Edessa, durante as Cruzadas perdendo o prestígio após cruentas perseguições de que fora vítima no passado.

[←87]
Palradora.

[←88]

“ Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade” .

[←89]

Pequenos cantores.

[←90]

Célebre escritor, poeta e filósofo simbolista belga, nascido em Gand, em 29-8-1862 e falecido em Nice, em 6-5-1949.

[←91]

Toutinegras e calhandras.

[←92]

Chapéu de senhora.

[←93]

Janela envidraçada.

[←94]

Corpete sem manga de cachemira.

[←95]

“Fora da caridade não há salvação”.

[←96]

Filho de Laio, rei de Tebas e de Jocasta. Édipo adivinhou o enigma da Esfinge, e esta, furiosa, atirou-se ao mar. Foi aclamado rei, desposou a mãe, sem o saber. Informada por um oráculo, Jocasta suicidou-se, enforcando-se: Édipo arrancou os olhos e partiu para Tebas conduzido por sua filha Antígona.

[←97]

Léon Denis nasceu a 1.º de janeiro de 1846, em Foug, próximo a Toul, no Departamento de Meurthe-e-Mosela, em França, ao sudoeste de Nancy. Desencarnou em Tours, em 12 de abril de 1927, no Departamento de Indre-e-Loire, na região central do país.

[←98]

Léon Denis nasceu a 1.º de janeiro de 1846, em Foug, próximo a Toul, no Departamento de Meurthe-e-Mosela, em França, ao sudoeste de Nancy. Desencarnou em Tours, em 12 de abril de 1927, no Departamento de Indre-e-Loire, na região central do país.

[←99]

Motejos e escárnios.

[←100]

Personagem negromântica alemã, que vendeu a alma a Mefistófeles, em troca de bens terrenos. Lenda que apareceu por volta de 1587. Imortalizado por Goethe, Marlowe, Gounod, Berlioz.

[←101]

De si para consigo.

[←102]
Rouxinóis.

[←103]
Caseiros.

[←104]

“ Não agitar o que está sossegado.” Evitar-se despertar ódios ou dissensões adormecidas. Figurativamente sofrimentos e passado ominoso que dorme.

[←105]

“ É pegar ou largar.”

[←106]

Um patife, um tratante.

[←107]

Hoje encontra-se na Igreja de Notre Dame-du-Travail-de-Plaisance, à Av. Vercingétorix, em Paris.

[←108]

Período da Revolução Francesa que se inicia a partir da queda dos Girondinos em 31-5-1793 e termina com a morte de Robespierre em 27-7-1794, em que as arbitrariedades das execuções alcançaram índices alarmantes e desoladores.

[←109]

João Batista Carrier, nascido no Yolet, Cantal, em 16-3-1756 e morto guilhotinado em Paris, em 16-12-1794. Sua curta existência foi assinalada pela crueldade. Destinado à carreira eclesiástica, estudou Leis. Mais tarde foi eleito representante de Cantal à Convenção. Instou e votou pela morte de Luís XVI, pela prisão do duque de órléans. Mais tarde conspirou pela queda de Robespierre, sendo, por fim, guilhotinado com outros terroristas, por ordem de Romme.

[←110]

Flor de madeira.